



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

OTTO OSVALDO DA SILVA VASCONCELOS

***TRANSAMAZÔNICAS: Memórias, experiências e trajetórias de pessoas
trans na segunda metade do século XX.***

BELÉM
2022

OTTO OSVALDO DA SILVA VASCONCELOS

TRANSAMAZÔNICAS: Memórias, experiências e trajetórias de pessoas trans na segunda metade do século XX.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Souza Junior (PPHIST/UFGPA).

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela da Silva Quintela (UEPA/GESEG).

Data da defesa: _18_/_03_/_2022_

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Alves de Souza Junior (Orientador)

Doutor em História

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará

Prof^a. Dr^a. Rosângela da Silva Quintela (Co-orientadora)

Doutora em História

Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco (Membro Interno)

Doutor em História

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves (Membro Externo)

Doutor em Filosofia

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Miguel Nieto Olivar (Membro Externo)

Doutor em Antropologia Social

Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

Prof. Dr^a. Jaqueline Gomes de Jesus (Membro Externo)

Doutora em Psicologia Social

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Dedicatória

Para Luís Inácio Lula da Silva.

Para Maria Antonieta, Samantha Carrara,
Magda de Valqueire, Renata Taylor, Cléo Ferreira,
Beatriz Santorini e Symmy Larrat.

In memoriam: mamãe.

Agradecimentos

Minha gratidão e meu afeto a Ney e Jairse. Sem vocês, certamente, eu não estaria aqui.

Aos meus orientadores, José Alves e Rosângela Quintela, por terem acreditado que seria possível.

Aos membros da banca, que muito me deixam honrado de participar de um momento extremamente importante para a minha vida acadêmica.

Aos meus filhos, Théó e Ricardo, que atravessaram comigo essa jornada toda, sempre interrompendo meus estudos para que eu pudesse me distrair um pouco.

Ao querido Robson Cardoso, meu amigo, meu parceiro, meu leitor, meu incentivo constante.

Às séries Tokusatso que, desde criança me ajudam a fugir da realidade, e, durante o período mais cruel da pandemia, estavam presentes.

Ao Félix, por todo o afeto e lealdade.

Aos meus queridos amigos Nívia, Bárbara T., Karina, Teresinha, Hamilton, Winnie, Rafael, Luciana, Roberta S., Paula R., Amanda Luna, Mayara P., Felipe S., Márcio L., obrigado pela força e incentivo, mesmo à distância.

Aos amigos do PPhist, Leila, Marina, Alice, Victor, Thailana, Tayanná, Maria da Paz, Rosinda, Marcelo B., todos vocês, em maior ou menor grau, foram importantes para a minha caminhada num programa no qual eu sou o estrangeiro.

Aos professores do doutorado, Agenor Sarraf, Pere Petit, Filipe Monteiro, Leandro Lage, José Maia, muito obrigado por me apresentarem outros universos.

Ao meu querido amigo e professor e mestre Afonso Medeiros, pela paciência, pela sempre sagrada ajuda, pela amizade.

À professora Marisa Mokarzel, que desde o início acreditou na minha vitória.

À minha querida Bila Gallo, por sua discreta e importante ajuda.

Ao Danilo, Murilo, Marcos Paulo, Helena, Karen, Jarbas, Manu, Nazaré, Michele, Anne, Sílvia, tia Beca, muito obrigado por me acolherem.

Ao Akira, Leia, Noábia, Adriely e Neto, obrigado por me amarem mesmo à distância.

Ao Edilson, Aliéte, Simone, Ana Wilma, Anna Raquel, Telma, Augusto e outros amigos do trabalho pelo constante incentivo.

Por fim, mas não menos importante, muito obrigado aos professores que me orientaram e me ajudaram a chegar aqui: Maércio Matni, Nazaré Pereira, Maysa Navarro, Cátia Macedo e Danila Cal.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- V331t Vasconcelos, Osvaldo da Silva.
TRANSAMAZÔNICAS : Memórias, experiências e trajetórias
de pessoas trans na segunda metade do século XX. / Osvaldo da
Silva Vasconcelos. — 2022.
311 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. José Alves de Souza Junior
Coorientação: Prof^ª. Dra. Rosângela da Silva Quintela
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História, Belém, 2022.
1. Experiências trans. 2. Travestis. 3. Transexuais. 4.
Memórias amazônicas. I. Título.

CDD 907.2

Estive no fundo de cada vontade encoberta.

(“Força Estranha”, Caetano Veloso)

Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher

Sou a sua voz que grita, mas você não aceita

Sou o certo, sou o errado, sou o que divide

O que não tem duas partes, na verdade existe

Mas não esquece o que lhe fazem.

(“Mal Necessário”, composição de Mauro Kwitko, interpretada por Ney Matogrosso no disco “Feitiço”, de 1978).

Resumo

Esta tese tem como tema as trajetórias de vida de pessoas trans na Amazônia brasileira na segunda metade do século XX. Seu objetivo geral é compreender as experiências de travestis e mulheres trans para a formação individual e também para a formação do próprio entendimento delas sobre suas identidades de gênero. Tal proposição vai depender de um entendimento de experiência como constituinte da consciência do indivíduo sobre si baseado em suas vivências, conforme preconizado por Edward Palmer Thompson. As trajetórias aqui narradas ainda contaram com o aporte teórico dos estudos de gênero, da Teoria Queer e do transfeminismo. As narrativas, principalmente, foram analisadas tendo por base a metodologia da história oral. Este trabalho se debruça sobre as experiências mais longínquas, de quando as protagonistas ainda tentavam vislumbrar o mundo ao redor com a ingenuidade sem limites que só a mais tenra idade pode oferecer. Se debruça também sobre as pequenas implosões que elas fizeram ao começar a perceber que seus desejos e anseios não eram consoantes ao que os outros haviam imaginado para elas, além de contemplar também a construção subjetiva e política que elas elaboraram ao longo dos anos.

Palavras-Chave: Experiências trans; Travestis; Transexuais; Memórias amazônicas.

Résumé

Cette thèse a pour thème les trajectoires de vie des personnes trans en Amazonie brésilienne dans la seconde moitié du 20^e siècle. Son objectif général est de comprendre les expériences des travestis et des femmes trans pour une formation individuelle et aussi pour la formation de leur propre compréhension de leurs identités de genre. Une telle proposition dépendra d'une compréhension de l'expérience en tant que constituant de la conscience de soi de l'individu basée sur ses expériences, comme le préconise Edward Palmer Thompson. Les trajectoires narrées ici se sont également appuyées sur l'apport théorique des études de genre, de la Queer Theory et du transféminisme. Les récits, principalement, ont été analysés sur la base de la méthodologie de l'histoire orale. Ce travail se concentre sur les expériences les plus lointaines, lorsque les protagonistes essayaient encore d'entrevoir le monde qui les entourait avec l'ingéniosité sans limite que seul un âge très tendre peut offrir. Il se concentre également sur les petites implosions qu'ils ont faites lorsqu'ils ont commencé à réaliser que leurs désirs et leurs aspirations ne correspondaient pas à ce que d'autres avaient imaginé pour eux, ainsi qu'à contempler la construction subjective et politique qu'ils ont élaborée au fil des ans.

Mots-clés: Expériences trans; Travestis; Transsexuels; Mémoires d'Amazonie.

Lista de imagens

Imagem 01	Ronaldo brincando no pátio de casa.	122
Imagem 02	Ronaldo no aniversário de cinco anos de um sobrinho.	123
Imagem 03	Com uniforme escolar em Almeirim.	124
Imagem 04	Com 11 anos, ao lado de dois sobrinhos.	127
Imagem 05	Na Igreja de São Judas Tadeu.	128
Imagem 06	Com os pais e um irmão.	131
Imagem 07	Em casa.	131
Imagem 08	Charles e os irmãos.	137
Imagem 09	Charles, à esquerda da mãe, a irmã caçula no centro e o irmão do meio na direita.	139
Imagem 10	Comemorando aprovação no vestibular com amigos.	140
Imagem 11	Symmy com alguns meses de vida.	144
Imagem 12	Com a irmã na Praça da República, em Belém.	145
Imagem 13	Prof. Flávio, Lindbergh Farias e Cléo.	181
Imagem 14	Certificado de Cabeleireira.	250
Imagem 15	Festa de formatura do curso de cabeleireira.	251
Imagem 16	No trabalho.	257
Imagem 17	No privado.	257
Imagem 18	Um domingo de lazer.	260
Imagem 19	Fantasiada para o carnaval.	260
Imagem 20	Topless na ilha de Cotijuba.	261
Imagem 21	Batucada na beira do rio.	261
Imagem 22	Nas colunas sociais.	262
Imagem 23	Nos protestos.	263
Imagem 24	Renata e Bruna em campanha pelo dia da mulher.	264
Imagem 25	Campanha sobre diversidade sexual.	265
Imagem 26	Na formatura de oficial.	266
Imagem 27	Com a mãe na formatura.	266
Imagem 28	No pátio do Exército.	267
Imagem 29	Desfilando no Miss Verão 2001.	269
Imagem 30	Vencedora do Concurso Drag 1.	269
Imagem 31	Com outras concorrentes do Drag 1.	269
Imagem 32	Frame do desfile na prévia Norte/Nordeste do Miss Brasil Gay.	269
Imagem 33	Beatriz se maquiando.	270
Imagem 34	Pose no estacionamento.	273
Imagem 35	Divulgando maquiagem.	273
Imagem 36	Com o cunhado, a irmã e a mãe.	275
Imagem 37	Com os tios.	275
Imagem 38	No início da transição corporal.	277
Imagem 39	Com a governadora.	278
Imagem 40	Com o secretário da Casa Civil.	279
Imagem 41	Então Coordenadora-geral da Promoção dos direitos LGBT.	280
Imagem 42	Symmy e Haddad.	281
Imagem 43	Bendito fruto.	281

Sumário

	Introdução	12
1	A historiografia e as novas possibilidades de pesquisa	20
1.1	Experiências	22
1.2	Gêneros	41
1.3	Teoria <i>Queer</i> e Transfeminismo	49
1.4	Memória e história de vida	61
1.4.1	Memória dual: fonte histórica e fenômeno histórico	64
1.4.2	Esquecimento	66
2	Memórias Transamazônicas num mosaico infanto-juvenil	78
2.1	Maria Antonieta	80
2.2	Samantha Carrara	91
2.3	Magda de Valqueire	112
2.4	Renata Taylor	121
2.5	Cléo Ferreira	132
2.6	Beatriz Santorini	136
2.7	Symmy Larrat	142
3	Laços de família	151
3.1	Dos refugos das famílias: algumas reflexões	153
3.2	O macho patriarcal	165
3.3	“Em casa tinha mais gay que hétero”	176
3.4	As filhas de Oxóssi	184
3.5	Primeira-dama do morro	205
4	Experiências médicas: doentes, loucos e macacos	218
4.1	Os <i>doentes</i> atemporais	222
4.2	Rogéria, a travesti da família brasileira	230
4.3	O close certo de Roberta	237
4.4	Travestis e Transexuais: experiências	240
4.5	Um rio chamado Renata	249
4.6	A inesquecível voz da Miss	265
4.7	Transição balzaquiana	273
	Considerações finais	283
	Fontes	290
	Referências Bibliográficas	295

Introdução

A presente pesquisa tem como tema as trajetórias de vida de pessoas trans na Amazônia brasileira na segunda metade do século XX. Seu objetivo geral é compreender as experiências de travestis e mulheres trans para a formação individual e também para a formação do próprio entendimento delas sobre suas identidades de gênero. A palavra “experiência” será usada aqui não como mero verbete, mas como conceito proposto por Edward Palmer Thompson¹ para a construção da consciência que o indivíduo tem de si e, se diferenciando do autor, ampliar esse entendimento para que as experiências não fiquem somente na órbita do entendimento de classe e nem que gênero, raça e sexualidade sejam aportes secundários dele.

Esta tese se debruça sobre as experiências mais longínquas, de quando as protagonistas ainda tentavam vislumbrar o mundo ao redor com a ingenuidade sem limites que só a mais tenra idade pode oferecer. Se debruça também sobre as pequenas implosões que elas fizeram ao começar a perceber que seus desejos e anseios não eram consoantes ao que os outros haviam imaginado para elas, além de contemplar também a construção subjetiva e política que elas elaboraram ao longo dos anos.

O recorte cronológico utilizado neste trabalho se inicia a partir da existência das protagonistas e vai se diversificando conforme elas vão consolidando e adotando caminhos próprios. Os marcos temporais aqui adotados, da década de 1960 em diante, é consoante ao nascimento de algumas delas e vai evoluindo e se somando ao surgimento de uma mobilização trans mais organizada e disposta a lutar não somente por visibilidade, mas por direitos, oportunidades, respeito.

Ao me referir ao movimento trans, quero expressar que, embora travestis e transexuais tenham sido fundamentais para a eclosão de um movimento homossexual ao redor mundo, como será destacado em profundidade mais à frente, elas acabaram não tendo a receptividade que desejavam e essa recusa foi fundamental para o despertar de consciências das envolvidas. É a partir da década de 1970, no Brasil e alhures – também pela despatologização da homossexualidade pela American Psychiatric Association, em 1973, e pela American

¹ THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Psychological Association, 1974², permanecendo a travestilidade/transexualidade no rol das doenças mentais, situação que só foi alterada décadas depois – que estas pessoas começarão a trilhar um caminho mais particular.

É importante frisar também em relação ao movimento trans que, inicialmente, ele foi levado adiante pelas travestis, historicamente mais marginalizadas e silenciadas, e depois, quando as transexuais tiveram visibilidade, passaram a compor uma luta mais próxima. Esta relação entre travestis e transexuais nunca foi necessariamente pacífica, por conta de idiossincrasias de ambas, mas, no geral, há um apelo mútuo para uma luta unificada.

O recorte que esta pesquisa abarca diz respeito às trajetórias de vida de travestis e transexuais que, ao mesmo tempo em que lutavam para tentar compreender suas subjetividades, também lutavam por um debate público que as levassem em conta. Numa importante passagem sobre os estudos das sexualidades no Brasil a partir dos anos 1990, Richard Parker, ao encarar o surgimento de uma demanda trans reprimida, afirma que a pauta das pessoas trans não era mais por visibilidade³, isso já se tinha conseguido, mesmo que por conta da abjeção. O que as pessoas trans buscavam era um reconhecimento amplo e irrestrito, uma vez que elas haviam passado a se enxergar, acertadamente, enquanto sujeito de direitos.

Nesse sentido, em disciplinas como sociologia, antropologia, em maior grau, e psicologia, geografia e história, de maneira incipiente, para ficarmos em alguns exemplos, as pessoas trans foram contempladas com pesquisas. Muitos destes aspectos serão debatidos em momento oportuno, mas quero evidenciar que, esta tese, oriunda de um programa de pós-graduação em História Social da Amazônia, acaba tendo um discreto chamariz. Em outras áreas já foi possível encontrar as marcas deixadas por travestis e transexuais, como nos trabalhos pioneiros de Neuza Maria de Oliveira, de Hélio Silva, de Larissa Pelúcio, de Marcos Benedetti, de Berenice Bento, de Pedro Paulo Antunes, de Hugo Denizart, de Don Kulick, de

² A Organização Mundial da Saúde (OMS) só foi referendar as duas decisões em meados da década de 1990. Ver: ARANGUSUKU, Henrique Araujo; LARA, Maria Fernanda. **Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade**. *Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.)* 39 (spe3), 2019. Disponível em: [SciELO - Brasil - Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade](#). Acesso em: 02/07/2021.

³ PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 53.

Marcio Ornat, de Rita de Cássia Rodrigues, de Rafael França, de Edmar Davi⁴, para ficarmos em alguns exemplos.

Nesta parte mais ao Norte do país as pesquisas existem já faz algum tempo, nas mesmas áreas que já consagraram o tema no âmbito nacional. Mas, seguindo a incipiência nacional, a historiografia local ainda é marcada pelas ausências das pessoas trans. No programa que faço parte, fundado em 2004, inicialmente com mestrado, e a partir de 2010 com doutorado, inexistem trabalhos na temática. Há muitas explicações para isso, certamente, mesmo diante da relevância do tema. Mas isso não quer dizer que a disciplina seja impermeável a estas pessoas.

Ao me aceitar, após o processo seletivo e, de quebra, aceitar a minha pesquisa, a historiografia amazônica dá um passo significativo rumo à pluralidade. No entanto, não é confortável confeccionar o primeiro trabalho, pois na falta de alicerces internos, muitos já existentes em outras disciplinas, foi preciso descobrir novos aportes. E toda descoberta evoca medos, incompreensões, silêncios. Aliado a isso, somou-se um fator que poderia ter se mostrado um complicador. Meus objetivos de pesquisa, principalmente quando se ferem à sexualidade, não eram da seara do meu orientador. O azeitamento da parceria coube à co-orientadora, que soube com maestria facilitar os diálogos. Assim, a contribuição dos dois foi essencial para que eu pudesse elucidar muitos dos obstáculos que tive de enfrentar. E eles não foram poucos.

Em dado momento me peguei pensando na relação entre José Fábio Barbosa da Silva e Florestan Fernandes. Eles foram, na década de 1950, orientando e orientador, respectivamente. A parceria dos dois resultou numa extensa monografia de especialização cujo tema era as vivências homossexuais urbanas na cidade de São Paulo. O trabalho em questão é hoje um marco histórico nos estudos sobre gênero e sexualidade, primeiro pela qualidade, segundo pela época e terceiro pela orientação que ele tivera. Em entrevista para

⁴ Excetuando os quatro últimos autores citados, os outros aparecerão, mais adiante, quando das análises pertinentes. Sobre os outros, ver seus instigantes trabalhos: ORNAT, Marcio. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 279f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Ver também: RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo** - quando travestis, *bonecas* e homossexuais entram em cena. 372f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, 2012. Ver: FRANÇA, Rafael. **Montagens de si**: relações de amizade e experiências trans em Campos dos Goytacazes, 1990-2017. 341f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação de História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018. Ver ainda: DAVI, Edmar. **Belíssima**: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti. Tese (Doutorado em Psicologia). 183f. Universidade de São Paulo, 2013.

James Green e Ronaldo Trindade, Barbosa da Silva fala sobre a relação intelectual que tivera com o mestre e destaca a imensa capacidade de Florestan em aprender sobre aquilo que lhe era estranho⁵.

Longe de qualquer comparação, mas em diversos momentos, quando meu texto era devolvido com correções, eu lembrava da imensa capacidade de aprendizado do mestre Florestan. E me dava conta que também havia, da outra parte que compunha minha relação acadêmica, um constante aprendizado sobre realidades outras. O esforço mútuo para se aprender sobre algo que não se conhece foi mútuo. De minha parte, tendo passado por diversas outras áreas, como letras, comunicação, geografia, saúde pública, me debruçar sobre as teorias historiográficas foi um pouco assustador.

Para além disso, o caminho que esta pesquisa trilhou até chegar aqui é longo, tortuoso e, em alguns momentos, aterrorizante. De 2004, quando tudo começou, ainda na graduação, chegando em 2022, que se encerra com esta tese, as abordagens de pesquisa foram várias. Iniciou com mapeamento territorial de prostituição travesti, no bairro do Reduto, em Belém, passou por territórios das então doenças sexualmente transmissíveis, DST's, hoje conhecidas como infecções sexualmente transmissíveis, IST's, se aprofundou nas dinâmicas internas de um grupo específico de travestis que buscava reconhecimento social e chegou neste ponto em que estamos.

A incipiência, que citei alguns parágrafos atrás, já era conhecida por mim há bastante tempo. Se ainda hoje algumas disciplinas são áridas às pessoas trans, há quase duas décadas eram um pouco mais. Exemplo disso foi ter sido orientado, na graduação em geografia, por uma sábia doutora em geografia agrária, que também demonstrou imensa capacidade de aprender sobre o muito que desconhecia. Apenas no mestrado a situação foi um pouco menos rarefeita. Sendo assim, as minhas pesquisas sobre pessoas trans e eu, chegamos até aqui por meio das experiências, nem sempre palatáveis, que acumulamos ao longo do caminho.

Entretanto, estas experiências me fizeram cegar em alguns momentos. Afinal de contas, de que adianta experiência se ela não for trabalhada? Não trabalhei o suficiente em alguns momentos e exatamente por isso enveredei por caminhos nem sempre bem iluminados. Um exemplo desse período foi quando elaborei o projeto para ingressar no doutorado. Ao

⁵ GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

refletir sobre a trajetória que eu havia empreendido, acreditei que eu precisava de um tema que refletisse uma grande chegada, algo que coroasse o doutorado. Optei por analisar os processos de envelhecimentos de travestis. A ideia parecia muito boa. O programa também achou, tanto que me aprovou.

Mas, ao passar pelo obrigatório caminho das disciplinas, sem perceber, fui me desfazendo daquela ideia. Internamente, eu ainda não havia compreendido que a pesquisa precisava de significativos ajustes. Mesmo pesquisando a temática há mais de 10 anos, eu havia ignorado a recomendação mais básica de Judith Butler: identidades e desejos não são fixos⁶. A consequência mais imediata foi quando entrei em contato com as interlocutoras e algumas me disseram que não se reconheciam mais como travestis, mas sim como transexuais. Não era um simples problema de escopo, mas um belíssimo problema conceitual.

Outro ponto bastante importante foi a percepção que acabei adquirindo de que era preciso dar um passo além daquele ambiente ao qual eu estava habituado. Os muros do bairro do Reduto, que até então eu havia mantido em pé, precisavam ser derrubados. Assim, ao abrir mão de um lugar conhecido, ampliei minhas possibilidades de investigação. As protagonistas, agora, não mais teriam somente a prostituição como um pano de fundo, como nos habituamos a encerrá-las. Nesse sentido, busquei interlocutoras em outras searas, com outras experiências e trajetórias.

Ao mesmo tempo, e em virtude do número de participantes, sete no total, fazer uma biografia havia se mostrado hercúleo demais para o tempo de uma tese. Diante dos impasses principais e dos secundários, optei, em consulta aos orientadores, em manter as participantes na íntegra, abordar a travestilidade e a transexualidade e não mais priorizar a velhice, posto que é um processo, e não uma etapa estática. Especificamente sobre a velhice, outro impasse, de gravidade considerável, se impôs: como pesquisar velhice, mesmo sendo um processo, numa população que possui expectativa de vida de 35 anos⁷? Embora a informação da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) fale especificamente sobre assassinatos, a expectativa de vida em si engloba outras variáveis.

⁶ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

⁷ Os dados mais recentes, colhidos pela ANTRA, são de 2020. Ver: [boletim-2-2020-assassinatos-antra.pdf](https://www.antra.org.br/boletim-2-2020-assassinatos-antra.pdf) ([wordpress.com](https://www.antra.org.br/)).

No entanto, não é por acaso que foi sobre assassinatos que os dados se concentraram. Segundo a mesma associação, 173 pessoas trans foram assassinadas no país em 2020, mantendo o Brasil na liderança mundial, posição que ocupa desde 2008. O assassinato em si só não basta, é preciso espetacularizar a monstruosidade, como ficou tristemente famoso o caso de Dandara, morta a pedradas e tiros, tudo sendo gravado pelo aparelho celular de um dos assassinos, no Ceará, em 2017⁸; ou o caso da travesti Grampoula, morta a pauladas⁹ em Porto Velho, capital de Rondônia, em 2020; ou ainda uma travesti não identificada, também morta a pauladas¹⁰, no município de Ji-Paraná, em Rondônia, em 2021; ou da transexual Bruna Oliveira, que sobreviveu após ter sido espancada com pauladas no município de Marituba¹¹, região metropolitana de Belém, em 2021.

Dos muitos assassinatos concluídos e tentativas que por pouco não se concretizaram, há pontos em comum, independente do lugar no qual eles ocorreram. A desfiguração do alvo é um objetivo muito buscado quando determinados indivíduos se convencem de que o Outro não merece ser reconhecido como humano. Verbalizar a desumanização do corpo não é suficiente, é preciso desfigurá-lo, tirar o palatável do humanamente reconhecível, tirar o corpo do corpo¹². Nessa perspectiva, Berenice Bento, ao visualizar o assassinato de pessoas trans, questiona: “Quem está sendo morto?”¹³.

Diante de tais impasses, reformulei o projeto de modo a tentar compreender aspectos importantes de um todo e, depois, aos poucos, individualizar com as experiências e trajetórias das protagonistas que aceitaram participar desta pesquisa. Ainda neste momento havia impasses a serem resolvidos. Como encaixar os novos objetivos numa perspectiva histórica? Essas subjetividades seriam validadas num processo histórico que as mantém no limbo? Muitos dos questionamentos que tive acabaram sendo mitigados quando compreendi, através da perspectiva de Berenice Bento, de que as pessoas trans não possuem subjetividades a-

⁸ Ver: [G1 - Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário - notícias em Ceará \(globo.com\)](#).

⁹ Ver: [Travesti é morta a pauladas em Porto Velho - ROLNEWS](#).

¹⁰ Ver: [Travesti é brutalmente morto a pauladas em Rondônia – Portal de Rondônia \(portalderondonia.com.br\)](#).

¹¹ Ver: [Vídeo: transexual é agredida a pauladas por dois homens em Marituba - Portal Roma News](#).

¹² MARTINS, José de Souza. **Linchamentos**: a justiça popular no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 94.

¹³ O questionamento de Bento diz respeito ao “centro”, o agressor, cujo pânico de ser engolido pela “margem”, o corpo trans, o leva a matar física e simbolicamente aquela “aberração” que insiste em desorganizar a ordem. Ver: BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 49.

históricas, que passeiam pelo tempo sem deixar marcas. As experiências trans, continua Berenice,

revelam com toda dor e dramaticidade os limites de uma ordem de gênero que se fundamenta na diferença sexual. Quando se retira o conteúdo histórico dessa experiência, apagam-se as estratégias de poder articuladas para determinar que a verdade última dos sujeitos está no seu sexo¹⁴.

Assim, para traçar os caminhos trilhados e os objetivos alcançados, detalharei, a seguir, a ordem dos capítulos deste trabalho. O capítulo 1 está dividido em duas grandes partes. Na primeira parte, dentre os objetivos principais estão, analisar o conceito de experiência, primeiro em Edward Palmer Thompson, e, logo em seguida, fazer uma articulação deste conceito, de modo a aproximá-lo da proposta deste trabalho, com a escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, com a historiadora estadunidense Joan Scott e com a pensadora argentina Ana María Bach. Por fim, ainda neste primeiro momento, haverá a análise do conceito de gênero, da Teoria *Queer* e do Transfeminismo, dentro e fora da historiografia, com os aportes de Teresa de Lauretis, de Adriana Piscitelli, de Margareth Rago, de Joan Scott, de Jaqueline Gomes de Jesus, dentre outras/os.

Num segundo momento, analisarei e debatarei as contribuições acerca da memória, do esquecimento e da história oral para a construção de histórias de vida; usarei como condutores na análise os autores: Jacques Le Goff, Paul Ricouer, Maurice Halbwachs, dentre outros não menos proeminentes. Numa terceira etapa, apresentarei as protagonistas que terão suas vidas retratadas no decorrer do presente trabalho. Dessa forma, esta tese será ancorada no arcabouço teórico-metodológico da experiência e da cultura, em Edward Thompson, sendo este um dos caminhos que nos direciona para o estudo da memória, do esquecimento e narrativas de histórias de vida de travestis e mulheres trans.

No capítulo 2, o que se pretende é, primeiro, possibilitar que as protagonistas se apresentem, falem por si e de si. Segundo, descortinar os primeiros anos de vida nos muitos recantos da Amazônia brasileira, lançando luz para existências longínquas, muito aquém dos grandes centros urbanos. Por fim, tentarei contextualizar os mecanismos que tornaram possíveis que muitas delas pudessem, em momentos diferentes, deixar para trás muitos dos

¹⁴ BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 24.

signos masculinos que as tornavam alvo do gênero no qual permaneceram, durante bastante tempo, forçadas e estigmatizadas.

As lembranças sobre as afetividades cotidianas, muitas vezes vividas no seio familiar, carregam ideias de pertencimentos, expondo o quanto as relações familiares influenciam os rumos tomados no decorrer da vida, o que acaba se assemelhando, no geral, ao que se pretende no capítulo 3. Abordarei, seguindo sugestão da banca de qualificação, a família. Dessa forma, dividi a seção em duas grandes partes. Na primeira, discuto a formação da “família brasileira”, debatendo, sobre o assunto, as ideias dos cientistas sociais Gilberto Freyre, Antonio Candido e Mariza Corrêa, e também dos historiadores Eni Samara e Ângela Mendes de Almeida, dentre outros. Na segunda parte, também seguindo orientações da banca, reuni um grupo de quatro interlocutoras, com mais afinidade sobre a abordagem do capítulo. Ao dividir as protagonistas em dois grupos, pretendi evitar excessos e tornar o texto mais fluido.

Por fim, no capítulo 4, como forma de melhor organizar o que será debatido, também fiz uma divisão em partes. Na primeira, analisarei a patologização da homossexualidade e sua associação com a loucura. Este ponto é importante, pois as subjetividades que as protagonistas sustentam a partir de determinado ponto, passa, inicialmente, pela homossexualidade. Mesmo que tal passagem seja confusa para algumas, como ficará claro na análise, outras consideram que fazia parte da descoberta de si. Neste ponto, utilizarei os apontamentos de Michel Foucault e Jorge Leite Jr.

Na segunda parte, analisarei as criações das categorias travesti e transexual, tendo como base Berenice Bento e Jorge Leite Jr. Nesta parte, dando prosseguimento ao debate anterior, será o momento de abordar as descobertas, os novos conhecimentos sobre o corpo, as possibilidades de liberdade. Por fim, na parte final da seção, trabalharei com as narrativas de três interlocutoras, tal qual feito no capítulo anterior.

1 A historiografia e as novas possibilidades de pesquisa

*O que separa uma pessoa trans de qualquer pessoa cisgênero é oportunidade. Tu não podes contar tua história para alguém quando, simplesmente, fingem que não existes*¹⁵.

Abdellah Taïa é um escritor contemporâneo relativamente jovem. Mora em Paris. É marroquino de nascimento, de modo que, por ter nascido naquele país, que foi colônia formal da França até meados da década de 1950, não teve muita dificuldade em aprender o idioma do colonizador. Deve ter tido algum contratempo para assimilar os encantos idiomáticos que só existem em profusão na plantaçoão coloquial, mas conseguiu se fazer entender. Mas não foi entendido. Ao menos subjetivamente. Por ter nascido num país que considera a homossexualidade um crime, com detenção de até três anos, e também por ter uma relação belicosa com a família, Taïa migrou para o país francês. Em seus livros, costuma misturar ficção e vida pessoal.

Em solo parisiense, continuou os estudos. Tinha um fascínio gigantesco pela cultura francófona. Um amor sem questionamentos, como ele faz questão de frisar logo no início do livro “Aquele que é digno de ser amado”. Na obra autobiográfica, Taïa é Ahmed, e escolhe dois grandes demônios para exorcizar: a família e a francofonia¹⁶. Ao descrever os desejos que sentia por outros homens, no início da puberdade, o autor mostra o sofrimento que impingia a si por ter assimilado que era uma aberração um homem sentir desejos por outro homem. Era assim que diziam em casa, na rua, no Estado marroquino. Como forma de não deixar que ninguém desconfiasse dos seus segredos, Ahmed silenciou. Passou a falar somente o necessário e mesmo assim quando era interpelado.

Ao vislumbrar a possibilidade de migrar para a França, após flertar com um francês num cemitério, e que o convenceu a ir embora com ele, Ahmed parte para um, até então desconhecido, degredo. No início, consumido por ver de perto tudo aquilo que lia nos jornais, nos livros e via nos filmes, deixou-se seduzir pelas luzes parisienses. O então companheiro

¹⁵ Isto é uma paráfrase que fiz de um trecho do discurso da atriz afro-estadunidense Viola Davis, em 2015, quando da primeira vez que uma mulher preta venceu a categoria principal em quase 70 anos do Emmy Awards. O trecho original é: “A única coisa que separa as mulheres de cor de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que, simplesmente, não existem”.

¹⁶ TAÏA, Abdellah. **Aquele que é digno de ser amado**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

era progressista, votava na esquerda francesa e se mostrava a favor da independência dos ainda restantes protetorados que o próprio país ainda possui mundo afora. Também era vegetariano. Mas a experiência adquirida fez Ahmed passar a ver que o que antes era fascínio, seja pelo homem com quem dormia, seja pela francofonia que consumia, foi, lentamente, se transformando.

O autor reflete que, ao aprender o idioma do colonizador, assimilar a cultura dele e, mais importante, conviver com eles, aprendeu mais sobre si, pois nunca abriu mão das suas raízes. Taïa, aos poucos, conduz Ahmed na experiência cotidiana. O protagonista descobre que o Outro, representado pelo imigrante marroquino, só é visto com simpatia quando mantém a cordialidade e a paciência bovina na assimilação daquilo que não possui. O autor percebe que a homossexualidade é tolerada, não respeitada, e que ninguém ali se importava com o que os homossexuais marroquinos, por exemplo, passavam. Era mais importante, para os progressistas franceses, fazer protestos contra a globalização ao invés de conhecer as realidades miseráveis do povo que o país deles colonizou.

Você não é nem racista nem conservador, sempre vota na esquerda e não sonega imposto. No entanto, você não teve escrúpulo nenhum em reproduzir em mim, no meu corpo, no meu coração, tudo o que a França se recusa a ver: o neocolonialismo. [...] Tudo em nós acontece em francês, numa língua que não é minha, e isso parece normal para você. Que eu reflita sobre meu novo *status* (privilegiadíssimo graças a você, obrigado) terminou te deixando de saco cheio. Às vezes, você diz que compreende perfeitamente, mas que, mesmo assim, melhor não abusar. Eu deveria agradecer aos céus. Existem muitos que vêm de lá que invejam dia e noite minha sorte¹⁷.

Ao decidir cortar aqueles laços, Taïa decide, também, trazer para o debate as experiências dos marginais que só conseguem deliberar se impuserem suas urgências. Dialogar talvez não seja o primeiro passo a ser dado quando demandas são medidas pela régua da civilidade que o Outro instituiu. O autor tem consciência que o percurso é mais longo e doloroso, mas que aprendendo a usar as armas do Outro terá a segurança de que ninguém “do lado de lá” falará por ele. Após ter surgido no cenário literário com uma obra considerada muito pessoal, Taïa lançou outro livro, “Um país para morrer”, no qual aborda a situação das prostitutas africanas nas ruas de Paris e também a transexualidade das pessoas marroquinas que fogem do país natal para ter outro tipo de sofrimento na França. Aliás, este último livro

¹⁷ TAÏA, Abdellah. **Aquele que é digno de ser amado**. São Paulo: Editora Nós, 2018, p. 100. Grifo do autor.

citado, ao abordar a situação das pessoas trans no Marrocos¹⁸, nos mostra que o Brasil, cujas instituições parecem sólidas e em funcionamento, não é muito diferente do país africano na homotransfobia.

Assim, Taïa passou a utilizar a visibilidade que conquistou no meio literário, sendo considerado uma estrela em ascensão, para lançar luz sobre outras pessoas, que assim como ele, têm suas experiências silenciadas, quiçá, eliminadas. A experiência apontada pelo autor, e ele toma o cuidado de alertar, não é de se colocar como porta-voz de outras pessoas marginalizadas, mas de falar com elas, de tornar possível um palco no qual elas possam discorrer sobre suas misérias e experimentar protagonismos.

Neste capítulo, o objetivo, num primeiro momento, é refletir sobre a recepção da historiografia para novos sujeitos e o processo pelo qual a História se abriu para esses indivíduos anônimos, cujas vidas permaneceram durante algum tempo no limbo do conhecimento histórico. Para isso, analisarei o conceito de experiência, primeiro em Edward Palmer Thompson, e, logo em seguida, farei uma articulação desse conceito, de modo a aproximá-lo da proposta deste trabalho, com a escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, com a historiadora estadunidense Joan Scott e com a pensadora argentina Ana María Bach. Por fim, ainda neste primeiro momento, analisei o conceito de gênero, a Teoria *Queer* e o transfeminismo, dentro e fora da historiografia, com os aportes de Teresa de Lauretis, Adriana Piscitelli, Margareth Rago, Joan Scott, Jaqueline Gomes de Jesus, dentre outras/os.

Num segundo momento, analisarei e debatarei as contribuições acerca da memória, do esquecimento e da história oral para a construção de histórias de vida; usaremos como condutores na análise os autores: Jacques Le Goff, Paul Ricouer, Maurice Halbwachs, dentre outros não menos proeminentes. Numa terceira etapa, apresentarei as protagonistas que terão suas vidas retratadas no decorrer do presente trabalho. Dessa forma, esta tese será ancorada no arcabouço teórico-metodológico da experiência e da cultura, em Edward Thompson, sendo este um dos caminhos que nos direciona para o estudo da memória, do esquecimento e narrativas de histórias de vida de travestis e mulheres trans.

1.1 Experiências

¹⁸ TAÏA, Abdellah. **Um país para morrer**. São Paulo: Editora Nós, 2021.

As histórias de vida de pessoas anônimas, daquelas que não foram chanceladas pelo destaque político, financeiro, social, ou seja, pessoas que não eram “príncipes¹⁹” e/ou não faziam parte do minúsculo círculo da elite, quase nunca foram alvos da narrativa historiográfica tradicional, muito menos quando tais vidas não traziam a marca da masculinidade. Edward Thompson, por exemplo, no livro “Costumes em comum: estudos sobre cultura popular e tradicional”, nos mostra que a categoria cultura, superficialmente, nos remete à antiga elite inglesa.

No entanto, e esse é o mote do autor, a “cultura popular”, isto é, aquela vivenciada e transmitida entre gerações, cujos estratos sociais estão abaixo dos lordes e ladies, são diversificados e ricos na mesma intensidade. Thompson avalia que os costumes daqueles que formam a densa massa da plebe são valiosos enquanto fontes e enquanto reflexos das práticas que estão no passado. Tais práticas, aliás, quando navegam pelo tempo e permanecem vivas no presente, muitas vezes são enevoadas pela sempre brilhante luz da aristocracia e seus supostos hábitos requintados²⁰.

Nessa perspectiva, Thompson, no capítulo “A venda de esposas”, da obra *Costumes em Comum*, destaca uma peculiaridade inglesa contida já no título. Há o registro de que entre as últimas décadas do século XVIII até, pelo menos, 1880, maridos vendiam suas esposas para outros homens. Isso devidamente registrado nos jornais, nas cantigas populares e processos judiciais. O autor destaca, no entanto, que não se trata, de forma alguma, de prostituição, tráfico de pessoas, ou, simplesmente, do comércio de “quaisquer mulheres”. O caso, de maneira muito direta, é: venda de esposas para novos maridos.

Thompson destaca o aparato simbólico da ação. A dama tem seu pescoço envolvido por uma corda, enquanto é puxada pela ponta pelo esposo. O casal, ao que tudo indica, encena a cerimônia do adeus. Os dois caminham até uma feira, ou mercado, um lugar de comércio

¹⁹ BRULON, Bruno. **Normatizar para normalizar:** uma análise *queer* dos regimes de normalidade na historiografia contemporânea da homossexualidade. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de & GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.). *História e Teoria Queer*. Salvador: Editora Devires, 2018, p. 48.

²⁰ Quem nos lembra disso é Harold Bloom, ao destacar que o brilhantismo de William Shakespeare é muito mais reforçado na contemporaneidade enquanto produto da mais fina elite cultural, mas que, na verdade, é fruto da cultura popular da corte de ouro elisabetana. Bloom compreende que o dramaturgo inglês, no momento mesmo de sua crescente popularidade, não representava os hábitos culturais da elite inglesa, mas da plebe que desejava sempre fazer parte da aristocracia. No entanto, destaca o autor, da modernidade até o presente, Shakespeare é encarado e reforçado como resultado da mais alta cultura dita de elite. Ver: BLOOM, Harold. **Shakespeare:** a invenção do humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 95.

popular da cidade e, digamos assim, era iniciado o leilão da esposa. Uma aglomeração logo surgia em torno do casal e os outros homens logo iniciavam comentários elogiosos à mulher posta à venda.

Questionamentos sobre talentos culinários, hábitos de higiene, hábitos alimentares, além de outras formalidades eram feitas à mulher leiloada. Havia, ainda, questionamentos menos elogiosos, proferidos em forma de palavras de baixo calão, que iam do preço exigido pelo esposo vendedor ao do peso da mulher ofertada, que, em si, denunciavam o interesse do possível comprador. Tal qual um leilão, os lances eram oferecidos, sempre pincelados pela jocosidade de um machismo mal disfarçado. Por fim, surge um cavalheiro, à paisana, cuja presença Thompson destaca que já havia sido previamente acordada, posto que quase sempre era amante da leiloada, e faz o último lance, aquele que cobre todos os outros e que, finalmente, arremata o produto em leilão: uma esposa. Pode-se inferir, baseado nas anotações de Thompson, que leiloar a esposa, com o consentimento dela, significava uma espécie de compensação financeira e psicológica ao esposo, mesmo que isso seja fruto de uma encenação.

Nem todos os exemplos dados por Thompson são necessariamente de um casamento que virou um estorvo para ambos e, para que possam buscar novos ares, recorrem ao comércio, digamos, levemente afetivo, para dar cabo ao amor que sucumbiu à aridez sentimental. Num outro exemplo, é possível perceber que o desamor não é algo dividido entre marido e mulher, mas restrito a apenas um deles.

As trocas eram casos tristes e às vezes furtivos, fora ou dentro das tavernas. Uma testemunha lembrou uma venda diante de uma taverna em Whitechapel: o marido, "um sujeito de aparência miserável"; a esposa, "uma mulher vestida respeitavelmente, mais ou menos com trinta anos"; o senhorio fazendo as vezes de leiloeiro, e um jovem que "todos sabiam que seria o autor do maior lance". O par recém-unido saiu caminhando, "o homem com um ar de bravata, e a mulher com o nariz no ar", enquanto o ex-marido "parecia triste, e os vizinhos [dele] não demonstravam nem pena, nem aprovação". [...] A imprensa noticiou (1882) que uma mulher fora vendida pelo marido por um copo de cerveja numa taverna em Alfreton num sábado à noite. "Diante de uma sala repleta de homens, ele propôs vendê-la por um copo de cerveja, e como a oferta foi aceita por um jovem, ela prontamente concordou, tirou a aliança, e daquele momento em diante considerou-se propriedade do comprador²¹".

²¹ THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 343.

Nas óticas do marido-vendedor e da esposa-produto, essa encenação era a maneira mais adequada, simples e definitiva de divórcio. O ritual era seguido num lugar público, no qual, por sua vez, ainda era possível comercializar gado, por exemplo, na presença de possíveis compradores disfarçados, mas que também poderiam servir de testemunhas da comunidade, tudo servindo como um selo de legalidade ao ato.

Thompson destaca que havia uma aparente beneficência entre párocos e policiais dos lugares nos quais essa atividade ocorria, mas que, contudo, tais atividades eram ilegais e criminosas, uma vez que tanto ex-esposo, quanto ex-esposa, se fossem em busca de novo matrimônio em ritual oficial, seriam acusados de bigamia, crime significativo numa sociedade cuja moralidade era levada em alta consideração. No geral, destaca Thompson, apesar da ilegalidade, e das vistas grossas de praticamente todos ao redor, o comércio das esposas passava praticamente incólume pela vida inglesa.

O costume foi pouco noticiado, porque não era considerado digno de registro, a menos que alguma circunstância adicional (cômica, dramática, trágica, escandalosa) lhe conferisse interesse. Esse silêncio pode ter acontecido por vários motivos: ignorância polida (a distância entre a cultura do público de jornais e a dos pobres), indiferença a um costume tão comum que não exigia comentários, ou aversão. As vendas de esposas tornaram-se dignas de menção na imprensa junto com o reflorescimento evangélico, que, ao elevar o limiar da tolerância da classe média, redefiniu uma questão de "ignorância" popular como uma questão de escândalo público²².

Vender pessoas, destaca Thompson, numa Inglaterra vitoriana, não era privilégio apenas das colônias africanas, cujas carnes pretas estavam sempre à disposição. A corda que gentilmente envolvia o pescoço da esposa em vias de mudar de marido, guardada as devidas proporções, poderia ser assemelhada ao chicote, não exatamente do belga que o criou²³, mas de qualquer um que beijasse com violência um corpo preto que *merecesse* aquele toque mais agressivo que impossibilitava qualquer voo rumo à liberdade, ou uma pequena transgressão cotidiana.

²² THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 310.

²³ O instrumento chicote foi inventado por Monsieur Chicot, rico comerciante belga que intermediava a exploração de pretos entre o Congo e a coroa de Leopoldo I. Originalmente, o chicote foi feito com couro de hipopótamo, cujo contato com a pele humana provocava intenso sofrimento e cicatrizes que raramente sumiam. Ver: JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo**: aids uma história de todos nós. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 18.

O que Thompson procura evidenciar ao trazer à baila essa ruidosa – e curiosa – prática é seu aspecto de contravenção hierárquica, que vem do cerne dos costumes populares, ou, dito de outro modo, sobre uma forma cotidiana de divórcio entre as camadas populares. É possível, baseado nas anotações do historiador inglês, que o leilão de esposas²⁴ pudesse ser encarado como um ato de resistência frente aos costumes jurídicos da elite burguesa de então. Ao leiloar uma parte da dupla que compunha um matrimônio, é como se, para os menos abastados, houvesse uma isonomia perante à Lei. Fica evidente, ainda, que para Thompson, os leiloeiros matrimoniais, cuja origem camponesa, de escassos recursos, de casais insatisfeitos, enfim, acreditavam que seu costume -, histórico e talvez folclórico – mitigava a rigidez das leis jurídicas que balizavam o matrimônio. Olhando em perspectiva, tal constatação é aceita sem muitas ressalvas quando se sabe, ainda hoje, que os que possuem recursos têm um divórcio legal ao alcance das mãos. Ou da conta bancária.

Uma informação que chama a atenção nos registros de Thompson diz respeito a uma não exortação da causa feminista pelo autor, pois, no entendimento dele, embora fosse, na superfície, uma situação de flagrante desonra para a mulher que era colocada à venda, não era, necessariamente, uma tecla que pudesse ser batida por ele, deixando claro que nada impediria que outras pudessem fazê-la. O autor destaca que o desejo de separação, invariavelmente, era mútuo, e, em alguns casos, o futuro marido já conhecia a futura esposa na condição de amante. Há registros, ainda, de poucos casos nos quais a família da mulher vendida comprava de volta a familiar de modo a libertá-la de um enlace indesejável.

Não deixa de ser interessante notar que para essas mulheres, num olhar mais detido, o próprio corpo servia como técnica para a libertação matrimonial que as afligia de algum modo. Assim, as análises devem encarar aquela que poderia ter fugido de casa para se livrar do esposo, assim como daquela que usou o corpo como trampolim para a liberdade, mesmo que para isso tenha passado pelo constrangimento público de ser vendida.

Nesse sentido, ainda é possível capturar as nuances psicológicas pelas quais tais mulheres passaram, além de evidenciar o caráter humilhante da experiência. Talvez seja atemporal, para homens e mulheres, a constatação de fracasso afetivo e as fissuras que a morte de uma relação causa em ambos. Dentre os muitos motivos que se reúnem para a conclusão do término de uma relação, os beijos sem paixão, o não reconhecimento por parte da/do

²⁴ Eminentemente de mulheres, embora o autor acuse que homens também tenham sido postos à venda, mas que estes caberiam facilmente na soma dos dedos de apenas uma mão.

esposa/o, ou a infelicidade dos dias iguais, fica a experiência amarga de ter falhado. Para as mulheres analisadas por Thompson, aliás, ter uma corda envolvendo o pescoço, tal qual um animal indo para o abate, certamente não deve ter sido uma experiência das mais interessantes, mesmo sendo uma encenação.

Sendo assim, tendo conhecimento da situação venal pela qual muitas mulheres aceitavam passar, é possível notar que não foram apenas casos isolados, excentricidades de plebeus, mas uma fresta que Thompson abriu no cotidiano das pessoas comuns, para que se pudesse vislumbrar não somente uma significativa forma de opressão social, mas, paradoxalmente, uma forma de resistência a uma opressão econômica maior. Desse texto de Thompson, é possível concluir que, das opressões mais flagrantes às mais invisíveis, podem surgir possibilidades de análises das resistências mais esquecidas, que tiram o monopólio dos estudos que miravam o “brunch” regado a “brandy”, ou do jantar fervilhante tal qual bolhas de champanhe, e passassem a contemplar outras formas de sociabilidade e formas de vidas.

Embora eu tenha dado evidência, neste momento, ao peculiar hábito de alguns ingleses da classe popular pesquisado por Thompson, foi em outra obra que a experiência ganhou mais destaque e densidade. Tal obra foi resultado das transformações pelas quais o historiador inglês passou, como a desilusão ante o stalinismo e os rumos adotados por parte da esquerda inglesa da qual fazia parte.

Poucos anos após a Segunda Guerra Mundial, na qual lutou, Edward Thompson concluiu a graduação em História, foi admitido como professor na educação de trabalhadores adultos numa iniciativa de extensão universitária da Universidade de Leeds, e ainda se filiou ao Partido Comunista da Grã-Bretanha. O emprego de professor durou quase 20 anos e foi mais longo que sua ligação com o PC inglês, que sofreu fratura significativa ante às monstruosidades stalinistas²⁵. Thompson não rompeu com seu ideal socialista, apenas cortou laços com quem, no entendimento dele, executara de maneira distorcida o marxismo no qual acreditara. Deve ter compreendido que, naquela situação específica, os corpos fizeram a revolução e não as ideias. Então, não deve ter sido traumático romper com aqueles que manipulavam a ideologia, uma vez que continuou militando politicamente.

²⁵ MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012, p. 23.

O clima de esfacelamento ideológico reorganizou os intelectuais entre aqueles que permaneceram fieis ao marxismo então praticado, casos de Perry Anderson e Louis Althusser, que mais tarde serão alvos das críticas do historiador inglês; e aqueles que olhavam para o materialismo marxista com visão crítico-progressista, caso de Thompson e John Saville, por exemplo, que juntos fundaram uma revista que logo em seguida passou a se chamar “New Left Review”. Segundo Marcelo Badaró Mattos, esta revista serviu para que houvesse uma discussão e divulgação das novas perspectivas da dissidência comunista tanto em relação ao stalinismo, como ao marxismo estrutural e aos novos anseios de uma social democracia²⁶.

No entanto, em meados dos anos 1960, houve um arrefecimento na denominada Nova Esquerda, surgindo daí uma nova Segunda Esquerda e, por conseguinte, uma nova dissidência, estando Thompson nela. Os acalorados debates políticos entre a revista e a esquerda inglesa, com franca influência das ideias do argelino Louis Althusser, foram o estopim para que o historiador inglês trilhasse um novo caminho para si. As críticas se acirraram e Thompson partiu para o ataque teórico, primeiro com Perry Anderson, em “As peculiaridades dos ingleses”, e depois, de maneira mais contundente, com Althusser, em “A miséria da teoria”²⁷.

Nestes textos, de maneira geral, as críticas de Thompson se concentraram no dogmatismo, no teorismo e no determinismo, predominantes, principalmente, no marxismo de Althusser. Na década de 1980, Thompson retoma, de maneira mais intensa, a militância política no pacifismo inglês contra o armamentismo nuclear, não descartando, no entanto, voltar a pegar em armas, como já fizera décadas atrás²⁸.

A inquietude ideológica de Thompson é notável, assim como também é notável que alguém que possui a envergadura intelectual que ele tinha, não tenha cursado a pós-graduação, como mestrado e doutorado, mas seja um dos historiadores mais citados no mundo, assim como é bastante saudado entre aqueles que debatem sobre os rumos epistemológicos na academia. A notabilidade ganha contornos ainda mais evidentes quando se constata que praticamente toda a sua produção é voltada para a realidade inglesa. Entretanto, a representação teórica de Thompson, assim como também o método por ele empreendido,

²⁶ MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012, p. 25.

²⁷ Idem, p. 25.

²⁸ Idem.

ultrapassam as barreiras locais e acadêmicas específicas da História enquanto disciplina, servindo, inclusive, para estudos em diversas outras áreas²⁹.

O princípio da dialética marxista, ao menos em parte, para Thompson, se concentra na historicidade e na totalidade dos fenômenos sociais. A História, dentro dessa perspectiva, assume o caráter do mundo real, da vida palpável. O entendimento do mundo real, de maneira geral, pode ser assimilado à práxis, ao corpo a corpo do sujeito com o entorno. Assim, dentro do entendimento de historicidade e totalidade dos fenômenos, é possível se aproximar do raciocínio de Thompson, uma vez que assimilar um processo histórico é ir em busca, através das evidências históricas, da compreensão de como homens e mulheres exercem a capacidade de agenciamento e de como empreendem seus pensamentos no cerne de determinadas condições.

Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por “relações determinadas” indicamos relações estruturadas em termos de classes, dentro de formações sociais particulares – um conjunto muito diversificado de “níveis”, geralmente ignorado por Althusser – e que a experiência de classe encontrará expressão simultânea em todas essas “instâncias”, “níveis”, instituições e atividades. É verdade que a eficácia da experiência e do conflito de classe será diferentemente expressa em diferentes atividades e instituições, e que podemos, por um ato de isolamento analítico, escrever “histórias” distintas dessas atividades e instituições³⁰.

Sendo assim, o raciocínio de Thompson quer compreender como as experiências de homens e mulheres se constroem e quais diálogos são travados com a consciência social e com o ser social em si. A crítica que o autor faz ao althusserianismo, em particular, e ao marxismo, no geral, diz respeito aos determinismos vulgares e ortodoxos contidos em ambos. José Alves de Souza Júnior faz uma síntese do litígio travado:

[...] [no marxismo althusseriano] os homens, ao invés de assumirem a condição de sujeitos de sua própria história, estão submetidos a determinações estruturais que os reduzem à condição de *triggers* ou *vetores* do processo histórico. Althusser considera que a realidade social está dividida em *níveis* ou *instâncias* (econômica, política, social, ideológica), que, apesar de interligadas, mantêm uma *autonomia relativa* entre si, atuando o econômico como *determinante em última instância*. [...] *A prática teórica* [althusseriana], por se constituir num simples jogo de palavras, composto de conceitos estáticos, autoconfirmadores e desprovidos de qualquer

²⁹ RAMOS, Igor Guedes. **Genealogia de uma operação historiográfica**: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da década de 1980. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 51.

³⁰ THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 111.

conteúdo histórico e social, expulsa da história a experiência humana e o processo quando concebido como prática humana³¹.

Por tudo isso, o que Souza Júnior evidencia em Thompson é que através da categoria experiência é possível compreender as respostas de um indivíduo ou grupo social, a uma gama significativa de acontecimentos, relacionados entre si, ou a uma série de reproduções de acontecimentos. Em suma, é através da experiência que homens e mulheres podem (re)definir as práxis e as ideias.

A experiência não espera discretamente, fora de seus gabinetes, o momento em que o discurso da demonstração convocará a sua presença. A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais, velhos sistemas conceptuais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença³².

O entendimento de experiência, dessa forma, funciona como uma possibilidade de escapar das garras do estruturalismo professado por Althusser, que apregoa, como destacou Souza Júnior em relação à compreensão de Thompson, numa desconsideração da capacidade de agenciamento dos sujeitos na história, afeitos ao que os eventos econômicos e sociais lhes reservam. Nesse sentido, Thompson enfatiza que:

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: “experiência humana”. [...] Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentaram suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada³³.

O historiador inglês, dessa forma, recusa a proposta althusseriana de refletir sobre a experiência humana e a cultura somente no campo ideológico. A discordância de Thompson

³¹ SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Edward Palmer Thompson e a tradição historiográfica marxista**. Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. n.25, pp. 65-76, jul/set. Belém: Universidade Federal do Pará, 1991, p. 67. Grifos do autor.

³² THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 17.

³³ Idem, p. 182.

perpassa o entendimento de manifestações culturais como mera imposição pelo Estado, por meio do aparelhamento ideológico tão característico de governos de exceção.

Nessa perspectiva, a escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch afirma que fez muitas reflexões sobre o socialismo no qual nasceu e passou boa parte da vida, em Minsk, num primeiro momento, e depois em Kiev, capital ucraniana, na qual se radicou durante muito tempo. A obra na qual ela faz essas ponderações, “O fim do homem soviético”, de alguma maneira, foi fruto da “experiência negada” pelos governos soviéticos. A autora conta que, embora tenha nascido ainda durante o governo de Stálin, não pode dizer com tanta ênfase que foi contemporânea dele. No entanto, o fantasma stalinista estava de tal modo na vida dos soviéticos, que mesmo outros líderes do Partido Comunista estando no poder, o estilo de vida, a herança cultural, tinham a marca d’água de Stálin³⁴.

Com o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), diz Aleksievitch, o povo soviético vivia uma euforia estranha. Havia, de um lado, os soviéticos inconformados, filiados ao PC, e havia uma geração que conhecia e vivia apenas sob a fantasmagoria stalinista. Conforme os anos foram passando, já no governo de Boris Iéltsin, o primeiro presidente da Rússia após o fim da URSS, a ressaca moral sentida pelo povo russo foi aumentando e chegou-se a uma constatação: era preciso revisitar a história soviética e ouvir as experiências daqueles que tinham experimentado os horrores enquanto ainda estavam vivos.

[...] todos passaram a ter interesse naquela nossa vida; não importa como ela era, essa era a nossa vida. Eu escrevo, procuro nos grãos e nas migalhas a história do socialismo “doméstico”... do socialismo “interior”. De como ele vivia na alma humana. Sempre sinto atração por esse pequeno espaço: o ser humano... um ser humano. Na verdade, é lá que tudo acontece. [...] Mergulhar... perder-se numa existência separada, como acontece hoje em dia, quando o pequeno tornou-se grande. O ser humano quer apenas viver, sem um grande ideal. Isso nunca aconteceu na vida russa, e nem a literatura russa conhece isso. No geral, somos um povo bélico. Ou guerreávamos ou nos preparávamos para a guerra³⁵.

Para Aleksievitch, a vida soviética tinha e, de certa forma, ainda tem, um viés marcadamente socialista, mesmo após a chegada da democracia questionável de Vladimir Putin, na Rússia, e de Aleksandr Lukashenko, em Belarus, terra natal da escritora. O viés socialista destacado por Svetlana diz respeito aos costumes, às tradições, ao clima cultural que

³⁴ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 19.

³⁵ Idem, pp. 20-21.

sobreviveu após o colapso do governo socialista. Em Moscou, por exemplo, a autora destaca um “horror lindo e triste”, que são homens e mulheres professores e pesquisadores, com doutorado, outrora requisitados por suas notáveis sapiências nas universidades soviéticas, mas que, com a instauração capitalista, ou perderam seus empregos, ou aquilo que ganham não mais garante o sustento da família, e que são vistos limpando latrinas nos banheiros dos metrôscovitas. Constatar que a experiência russa está sendo mercantilizada a tal ponto, significa, para a autora, “um princípio de morte”.

Mas, pondera Svetlana, isso não estava presente na historiografia oficial, nem de antes, nem de agora, pois os historiadores soviéticos priorizavam os grandes feitos, as vidas proeminentes do PC, os líderes e suas preferências por caviar e vodka siberiana³⁶. As vidas invisíveis de milhares de pessoas, sobreviventes de guerras e de invernos, não tinham suas experiências evidenciadas, estando aquelas existências fadadas a tomar sopa de batata, comer frango à juliana, quando a sorte lhes presenteasse com algum galináceo, e beber anos a fio o samogon³⁷ que lhes aquecia durante os longos meses de temperatura negativa.

A história se interessa apenas pelos fatos, mas as emoções ficam à margem. Não é costume admiti-las na história. Eu me surpreendo com o ser humano. [...] Achávamos que a liberdade era uma coisa muito simples. Pouco tempo se passou, e nós mesmos nos curvamos sob seu fardo, porque ninguém nos ensinou o que era a liberdade. Só nos ensinaram a morrer pela liberdade³⁸.

A busca de Aleksiévitich para tentar compreender determinados pontos da história soviética a levou aos velhos camponeses ainda vivos. A história oficial ela já sabia, mas, como testemunha de muitos fatos, aprendeu a desconfiar das narrativas que desprezavam as pessoas que ela considerava reais, as pessoas que sobreviviam ao gulag, aos conflitos bélicos, à fome trazida pelos rigorosos invernos. Assim, a autora afirma que partiu para encontrar com a experiência dos antigos soviéticos. Dessa busca, outra obra surgiu: “Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear”.

Os fatos já não bastavam, devia-se olhar além dos fatos, penetrar no significado do que acontecia. Estávamos sob o efeito da comoção. [...] Calaram-se os filósofos e os

³⁶ O destaque para a vodka siberiana é em virtude da qualidade e preço elevados. É considerada umas das melhores produzidas na Rússia. Ver: MILNER-GULLAND, Robin & DEJEVSKY, Nicolai. **Rússia e a antiga União Soviética**. Edição brasileira. Barcelona: Ediciones Folio, 2007, p. 178.

³⁷ Bebida russa caseira, que alguns chamam de vodka. Foi e ainda é bastante apreciada pela população que não pode adquirir as vodcas mais requintadas. Ver: MILNER-GULLAND, Robin & DEJEVSKY, Nicolai. **Rússia e a antiga União Soviética**. Edição brasileira. Barcelona: Ediciones Folio, 2007, p. 178.

³⁸ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 24-25.

escritores, expulsos dos seus canais habituais da cultura e da tradição. Naqueles primeiros dias, era mais interessante conversar não com cientistas, funcionários ou militares com muitas medalhas, e sim com os velhos camponeses. Gente que vivia sem Tolstói e Dostoiévski, sem internet, mas cuja consciência de algum modo continha a nova imagem de mundo. E ela não se destruiu³⁹.

O que Svetlana Aleksiévitich perseguia ao escavar nos escombros do passado, pode ser assemelhado aos apontamentos de Thompson sobre experiência e cultura. Dito de outro modo, ele articula os dois conceitos procurando uma interseção entre estrutura e processo, entre a capacidade do sujeito de agenciamento e também de interventor. Dessa forma, Thompson, ao compreender que cultura não é algo estático, reconhece o papel do indivíduo enquanto produtor de experiências.

[...] com “experiência” e “cultura”, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua existência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral⁴⁰.

Portanto, para Thompson, os eventos sociais e culturais são alçados à visibilidade, deixando para trás a pecha determinista da vida econômica. Ao fazer tal exortação, o autor sustenta que analisar tais meandros possibilita que se percorra as reminiscências dos eventos não de maneira apressada e sem compromisso, ao contrário. Ao questionar as condições material e historicamente constituídas, é possível refletir sobre a construção das vivências e experiências.

Numa passagem de *Vozes de Tchernóbil*, Aleksiévitich ilustra, à sua maneira, algo do entendimento de Thompson. Ao contrapor o conhecimento dito elaborado e conhecimento das experiências, ela evidencia a sagacidade de um camponês ao concluir que alguma coisa ruim acontecera, embora ele não saiba exatamente o quê, mas que uma vez aprendido a identificar, ele garante que não haverá hesitação em nova oportunidade.

³⁹ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 42.

⁴⁰ THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 189.

Lembro-me também do que me contou um velho apicultor (e depois ouvi de outras pessoas): “saí pela manhã ao jardim e notei que faltava algo, faltava o som familiar. Nem sequer uma abelha... Eu não ouvia nem uma abelha! Nem uma! O que é isso? O que está acontecendo? No segundo dia, elas não voaram. E também no terceiro.... Depois nos informaram que tinha acontecido um acidente na central atômica, que era perto. Durante muito tempo não soubemos de nada. As abelhas sabiam, mas nós não. Agora, se noto algo estranho, vou observá-las. Nelas está a vida⁴¹”.

Experiência, enquanto categoria, retomando Thompson, mostra-se necessária para auxiliar homens e mulheres a refletirem sobre as imposições determinadas pelo meio e reforçadas enquanto naturais. Numa das críticas feitas a Althusser, no tocante aos “aparelhos ideológicos do Estado”, Thompson debocha da ingenuidade do argelino quando este pensa o indivíduo enquanto um “homem inocente e totalmente passivo”, que responde ao primeiro chamamento feito pelas ideologias do Estado, exaurindo qualquer possibilidade de que este mesmo indivíduo possa refletir sobre suas “reais condições de existência”⁴².

O historiador inglês reitera que os chamamentos sempre ocorreram e sempre ocorrerão nas sociedades pelo simples fato de que inexistente sociedade sem ideologia. Reitera ainda que as mudanças no ser social originarão a "experiência modificada" e que esta é fundamental a partir do momento em que se passa a influenciar a consciência social que predomina, buscando outras alternativas, possibilitando o desenvolvimento de exercícios intelectuais mais sofisticados⁴³.

A discussão que até aqui tentei empreender, em resumo, foi para evidenciar que o processo histórico, para Thompson, não é fruto de empirismos deterministas, ao contrário, pois o autor entende-o como autônomo. Entretanto, destaca que as relações de produção são intrinsicamente ligadas a diversos aspectos que a sustentam. Marcelo Badaró Mattos destaca que a forma de pensar thompsoniana trouxe um fôlego a mais aos estudos historiográficos produzidos no Brasil, a partir dos anos 1980, por exemplo⁴⁴. Essa espécie de renovação,

⁴¹ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 48.

⁴² THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 192.

⁴³ Idem, p. 202.

⁴⁴ MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

podemos concluir, empoderou as historiografias que tinham os excluídos da história⁴⁵ como protagonistas.

No entanto, analisa Badaró Mattos em outro trabalho, o entendimento thompsoniano tem, em sua essência, dois marcos fundamentais: a experiência e a luta de classes. O historiador brasileiro pondera que, segundo Thompson, as ações humanas seguem uma lógica regular – não um ditame legal – que vai moldar o ser social. No tocante à classe, continua Badaró Mattos, Thompson compreende ser um conjunto de indivíduos, cujas experiências comuns são sentidas e articuladas baseadas em seus interesses comuns, opondo-os a outros indivíduos com os quais não há afinidade classista⁴⁶.

Nesse sentido, prossegue Badaró Mattos, para Thompson a experiência de classe é resultante das relações de produção nas quais os homens nasceram e conviveram, ou entraram de maneira involuntária e ali permaneceram. Assim, a consciência de classe vem a ser a maneira como essas experiências são traduzidas na culturalidade, se são manifestas em tradições, em sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Badaró Mattos conclui que, para Thompson, se a experiência pode ser determinada, o mesmo não se percebe com a consciência de classe⁴⁷.

Em resumo, para Thompson, as classes têm origem quando, através da *luta de classes*, grupos de indivíduos passam a se comportar reiteradamente de modo classista. Tais comportamentos englobam não apenas a mesma envergadura nas relações de produção social, mas ainda em hábitos, cultura e instituições que representam seus interesses. Trocando em miúdos: a experiência, resultado direto das relações de produção, ao interagir com o pensamento e a cultura de determinado grupo de pessoas, fomenta a consciência social desse grupo.

Não seria imprudente afirmar que os postulados de Thompson até aqui debatidos sejam, de certo modo, restritos a determinados segmentos sociais. E nem que o autor tenha

⁴⁵ Faço referência aos excluídos que Michelle Perrot trabalha no livro homônimo, mas incluo, na referência, outros excluídos que permaneceram (e alguns ainda permanecem) em tal condição, como os homossexuais, as travestis, as mulheres trans, os homens trans etc. É necessário evidenciar que os homossexuais masculinos, de maneira geral, sim, já podem ser visualizados dentro da historiografia, mas outras orientações sexuais, bem como identidades de gênero que fogem ao binômio homem/mulher, ainda consideradas marginais, posto que habitam nas margens da heteronormatividade, permanecem no limbo.

⁴⁶ MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora**: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico. Outubro n.21, p. 83-117, 2º Semestre, 2013, p. 96.

⁴⁷ Idem, p. 97.

feito isso de maneira deliberada. A preferência por ter restringido boa parte dos estudos por ele empreendidos ao cenário inglês e, mais especificamente, aos trabalhadores ingleses, não nos impede de ampliar a crítica para adequar os preceitos epistemológicos em outros contextos, fazendo outras associações, novos debates. Para este propósito, trago o debate que Joan Scott travou com o conceito thompsoniano de experiência.

Joan Scott talvez tenha sido a primeira historiadora a sugerir um diálogo com o conceito de experiência, não necessariamente o de Thompson em particular, mas incluindo-o, de modo a dessencializá-lo para aproximá-lo de outras realidades. Scott, muito objetivamente, afirma ser importante tirar o véu de invisibilidade que cobre algumas experiências em benefício de outras, ou, dito em suas palavras: “tornar o movimento visível quebra o silêncio sobre ele, desafia noções prevalecentes e abre novas possibilidades para todos⁴⁸”.

De acordo com Scott, experiência é o processo pelo qual “os sujeitos são criados”, os fatores e enquadramentos que são vivenciados pelos indivíduos no transcorrer de suas vidas. O entendimento de experiência proposto por Scott foi estruturado nos pressupostos da, assim entendida, terceira onda feminista, diferente, portanto, de Thompson. Há semelhanças, contudo, principalmente quando ambos argumentam que é necessário que se rompa com o entendimento de fatos históricos, bem como as fontes que podem atestá-los.

Em relação à experiência thompsoniana, Scott afirma que, ao trabalhá-la, o historiador inglês destaca que ela, em última instância, é moldada pelas relações de produção, se transformando num fenômeno com a característica de unir e que é dominada por diversidades outras. Scott diz, ainda, que a experiência de Thompson tem seu ápice na realização e articulação da consciência social, se transformando numa unidade comum de classe⁴⁹.

A principal crítica de Scott em relação à experiência de Thompson se concentra no caráter unificador do conceito⁵⁰. A historiadora estadunidense esclarece que a unificação desejada acaba por excluir muitos domínios da atividade humana ao desconsiderá-los como experiência, ou seja, não provoca qualquer fissura na política e nem na estrutura social, o que, por fim, engrossa mais ainda o véu de invisibilidade. A classe, enquanto identidade que exclui

⁴⁸ SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Tradução: Lúcia Haddad. Proj. História, (16), fev, 1998, p. 298.

⁴⁹ Idem, p. 310.

⁵⁰ Scott não tem por objetivo desmoralizar o conceito de Thompson, muito pelo contrário, mas faz questão de dialogar com ele para ampliar o entendimento de modo a inserir nele outras demandas, como o gênero, a sexualidade, a raça.

outras categorias de articulação, acaba por colocar todas as outras à sua predominância no debate, tais como gênero, raça e sexualidade.

Como já foi destacado aqui, e, num aspecto específico pelo próprio Thompson no texto sobre a venda de esposas, não houve, da parte dele, intenção de esmiuçar o conceito de experiência para além daquilo realizado, embora ele mesmo reconheça que deixaria isso para historiadores posteriores. Entretanto, alicerçados nas contribuições thompsonianas, e nos destaques feitos por Scott em relação à experiência, delinearei um caminho que contemple o que há de mais salutar para esta pesquisa.

Nesse sentido, Scott destaca que a missão dos historiadores não ortodoxos é documentar “as vidas de pessoas omitidas ou negligenciadas em relatos do passado”, chamando a atenção de epistemologias que contemplem as “dimensões da atividade e da vida humanas normalmente consideradas indignas de menção para serem contadas nas histórias convencionais⁵¹”. Assim, entendendo, como afirma Scott, que a identidade social é produzida socialmente no cerne das possibilidades culturais de cada período e contexto, e das normas de gênero, este não explorado por Thompson, é possível analisar outros universos além do doméstico e familiar⁵².

Dessa forma, Scott – além de Ana María Bach, que será trazida para o debate mais adiante –, exorta a presença do conceito de gênero ao entendimento de experiência. Segundo a autora, não se trata de uma ontologia masculina, ou uma ontologia feminina em seus universos, mas da produção de sentidos não refratários a homens e mulheres no tempo. Os sentidos de experiências de homens e mulheres, destaca Scott, variam histórica e socialmente, contribuindo, retraindo, ampliando as identificações e solidificações dos indivíduos entre si e entre os produtores de desigualdades mais amplas.

[...] a experiência, concebida tanto por meio de uma metáfora de visibilidade, quanto por outro modo que tome o significado como transparente, reproduz, mais que contesta, sistemas ideológicos dados – aqueles que presumem que os fatos da história falam por si mesmos e aqueles que se fundamentam em ideias de uma oposição natural ou estabelecida entre, digamos, práticas sexuais e convenções sociais, ou entre homossexualidade e heterossexualidade. Histórias que documentam o mundo escondido da homossexualidade, por exemplo, mostram o impacto do silêncio e repressão nas vidas que foram afetadas e trazem à luz a história de como foram suprimidos e explorados. [...] Práticas homossexuais são vistas como resultado do desejo, concebido como força natural operando fora ou em oposição a regras sociais. Nessas histórias, a homossexualidade é apresentada como um desejo

⁵¹ SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Tradução: Lúcia Haddad. Proj. História, (16), fev, 1998, p. 300.

⁵² Idem, p. 301.

reprimido (experiência negada), feita para parecer invisível, anormal e silenciada por uma sociedade que legisla a heterossexualidade como a única prática normal. Uma vez que esse tipo de desejo homossexual não pode, em última instância, ser reprimido – uma vez que a experiência existe – instituições são inventadas para acomodá-lo. Essas instituições realmente não são reconhecidas, muito embora não sejam invisíveis; na verdade, é a possibilidade de que possam ser vistas que ameaça a ordem e, em última instância, supera a repressão⁵³.

Dentre as instituições que Scott evidencia, a linguagem é aquela que ela usará para tornar mais robusto o argumento de uma experiência que tire muitos indivíduos da zona cinzenta do esquecimento. Em busca da experiência contida na linguagem, Scott afirma que não busca historicizar, via palavras e coisas, mas destacar aquilo que está por trás dos discursos, dos que falam pelos outros, dos que falam por si, dos que deixam que falem por si, dos que são impedidos de falar, dos que se recusam a falar. Scott destaca que a “experiência é a história do sujeito”, concordando em parte com Thompson, mas também acrescentando que é a “linguagem o local onde a história é encenada” e que “a explicação histórica não pode separar as duas⁵⁴”.

A pensadora argentina Ana María Bach, na obra “Las voces de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista”, problematiza o conceito de experiência, evidenciando os aspectos dos estudos culturais e decoloniais de maneira a destacar que as experiências marginais têm, sistematicamente, sido invisibilizadas por privilégios epistêmicos. No entanto, Bach entende que, teoricamente, a experiência está restrita a nichos solidamente estabelecidos, sendo preciso romper com tal tradição de maneira a colocar dentro dela, experiência, os processos de subjetivação, que, de acordo com ela, são pouco analisados academicamente⁵⁵.

Bach defende que aqueles que habitam as margens assumam seu protagonismo enquanto deliberadores de conceitos, não permitindo que suas experiências sejam moldadas a conceitos que foram erguidos sem que suas vozes fossem ouvidas. A autora afirma, dentro desta perspectiva, que as mulheres começaram a tornar valioso o pensamento contextual e narrativo em detrimento da formalidade e da abstração tipicamente masculina, comprovando que, sim, a desnaturalização das posições dos sujeitos e, por conseguinte, suas experiências

⁵³ SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Tradução: Lúcia Haddad. Proj. História, (16), fev, 1998, pp. 302-303.

⁵⁴ Idem, p. 319.

⁵⁵ BACH, Ana María. **Las voces de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista**. Buenos Aires: Biblos, 2010, p. 9.

negadas e/ou denegadas, causam transformações na produção do conhecimento⁵⁶. A ideia de Bach, nesse ponto específico, é que não se naturalize os vivos e os mortos, atingidos pelos “epistemicidas cotidianos”, mas que se desnaturalize o que se pretende natural desde sempre.

De acordo com Bach, houve, a partir da década de 1970, uma significativa teorização, dentro e fora da academia, permeada por nuances políticas, surgindo daí fortes epistemologias feministas, que tiveram sua validação com a criação de diversos departamentos cujas mulheres eram não apenas líderes, mas produtoras de conhecimentos. A autora assegura que a “experiência das mulheres”, ferozmente reivindicada pelas feministas acadêmicas, serviu tanto para as mulheres em geral, como para outras categorias invisíveis, como as homossexualidades.

A autora, no entanto, destaca as desigualdades contidas no cerne das lutas feministas, que acabam fossilizando algumas lacunas, como, por exemplo, os privilégios de fala e a autoridade da experiência de mulheres cis brancas do Norte quando comparadas às mulheres do Sul, notadamente as latinas, bem como as mulheres transgênero. Bach destaca que o que alimenta a desigualdade na autoridade da experiência são justamente as conexões e desconexões entre as produções acadêmicas e as condições de classe, de orientação sexual, de sexualidade, de raça, de migração, a biografia do indivíduo, além de sua experiência de vida⁵⁷.

Dessa forma, Bach entende que a “experiência sexualizada”, quando situada no cerne dos debates políticos e históricos, tende a ser mais produtiva e combativa, pois os processos de formação da subjetividade, bem como da produção do conhecimento, necessitam da alteridade para se contrapor às “experiências de quase sempre”. A autora destaca na experiência uma dimensão tripartite, cujas faces são a cognitiva, a política e a psicológica. Bach entende que para se construir a alteridade no marginal é preciso que ele/ela/elu tenha consciência da sua experiência e história negadas, bem como da real possibilidade de se inserir no debate de modo a alterar a lógica da produção epistemológica⁵⁸.

A partir desse entendimento, Bach entende que é preciso que se problematize a sempre tensa relação entre experiência e política. O destaque que a autora dá, ao ilustrar esse ponto da análise realizada, é evidenciar as vozes das experiências de mulheres negras, trabalhadoras,

⁵⁶ BACH, Ana María. **Las voces de la experiencia**: el viraje de la filosofía feminista. Buenos Aires: Biblos, 2010, p. 10.

⁵⁷ Idem, p. 12.

⁵⁸ Idem, p. 31.

latinas, indígenas, lésbicas, mulheres trans, de modo a desestabilizar a lógica epistêmica cujo itinerário sempre foi “do centro para a margem”. A autora propõe, dessa forma, que o pensamento teórico feminista desnude a farsa de imparcialidade que as feministas brancas do Norte apregoam⁵⁹.

Bach percebe, e aqui nessa tese não será diferente, que os preceitos epistêmicos vindos do Norte são bem vindos, desde que sejam devidamente protagonizados por quem se fala. Assumir a condição de marginal, de indivíduo produtor de conhecimento e experiência marginais, talvez seja, pondera a autora, a subversão necessária aos conhecimentos produzidos mais ao Sul do mundo. Bach defende que experiências construídas e evidenciadas a partir das margens podem historicizar qualquer grupo/indivíduo invisibilizado⁶⁰.

Em outro trabalho, Ana María Bach relata sobre como foi capaz de compreender, por meio da obra de Marc Bloch, a importância de se questionar não apenas o passado, mas os vestígios deixados à guisa de atenção. Bach aponta fissuras significativas nas iniciativas revolucionárias dos Annales, mas enaltece a iniciativa, pois compreende que, embora ainda reforçasse determinados estereótipos epistêmicos, como a ocultação feminina na academia⁶¹, foi de suma importância para uma ampliação da produção não apenas historiográfica, mas das ciências humanas.

Embora houvesse uma história de mulheres que mostrava que não somos inferiores aos homens, como se acreditava e em alguns casos ainda se acredita, considera-se que essa reivindicação começa com o Iluminismo e a Revolução Francesa, que rapidamente mostrou que seu lema "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" não se aplicava a todos os seres humanos, pois para mulheres e membros de algumas classes sociais isso não prevalecia⁶². (tradução minha).

⁵⁹ BACH, Ana María. **Epistemología, feminismo y los saberes de las gentes indígenas**. Descentrada 2 (2), e051, 2018. Disponível em: <http://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe051> Acesso em: 25/10/2020.

⁶⁰ BACH, Ana María. **Las voces de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista**. Buenos Aires: Biblos, 2010, p. 48.

⁶¹ As mulheres só passaram a ter espaço na corrente dos Annales na terceira geração dos seus historiadores, quando se tornaram membros do grupo Mona Osuf e Michele Perrot.

⁶² No original: Aunque hubo antecedentes de mujeres que mostraron que no somos inferiores a los varones, tal como se creía y en algunos casos se sigue creyendo, se considera que esta reivindicación se inicia con la Ilustración y la Revolución francesa, que rápidamente mostró que su lema “Libertad, Igualdad, Fraternidad” no se aplicaba a todos los seres humanos, ya que para las mujeres y los miembros de algunas clases sociales este no regía. BACH, Ana María. **Género, estereotipos y otras discriminaciones como puntos ciegos**. In: BACH, Ana María (org.). Para una didáctica con perspectiva de género. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2015, p. 17.

Da ruptura causada pelos *Annales* até a contemporaneidade houve uma profusão de novos caminhos e temáticas historiográficas. A revolução capitaneada por Marc Bloch e Lucien Febvre trouxe consigo temáticas inovadoras, como a morte, a loucura, a infância, o gênero e as mulheres, que passaram a ser encaradas como sujeitos, sendo as trajetórias desses agentes sociais, até então anônimos, analisadas e debatidas enquanto sujeitos secundários na historiografia⁶³.

Tornando mais claro, a discussão passou a ser medida pela régua das escolas históricas, pelas análises sobre o real ofício do historiador⁶⁴, pela intensa reflexão do papel do historiador para com a disciplina, bem como para o fazer-se historiador.⁶⁵ Ainda há de se colocar no caldeirão epistemológico os quentes debates entre história e verdade, e, principalmente, sobre os estudos das mentalidades.

1.2 Gêneros

As preconizações dos *Annales* se fizeram sentir, mudando a nomenclatura, ora sendo conhecida como miséria da teoria, micro-história, história em migalhas, história enquanto areia da praia, resultado da erosão das falésias epistemológicas positivas.⁶⁶ Os nomes são muitos, bem de acordo com a pluralidade que se fazia sentir desde que a fissura passou a existir na historiografia tradicional.

Nessa efervescência epistêmica, muitos temas/objetos de reflexão histórica e historiográfica vieram à tona, tornando visíveis grupos que passaram anos, quiçá, séculos, de obscurantismo, de opacidade, de negação, de subalternização, de negligência. Foi daí que a História das Mulheres surgiu e, conseqüentemente, o que logo depois passou a ser denominado de *gênero*⁶⁷.

⁶³ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 24-25.

⁶⁴ BLOCH, Marc. **A apologia da história:** ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002, p. 14.

⁶⁵ LOPES, Fábio Henrique. **Cisgeneridade e historiografia:** um debate necessário. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de & GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.). *História e Teoria queer*. Salvador: Editora Devires, 2018, p. 80.

⁶⁶ Idem, p. 80.

⁶⁷ O recorte que faço, neste momento, é sobre mulheres/gênero na historiografia. Há um amplo debate acerca da luta das mulheres no ambiente acadêmico como um todo, e abordarei alguns pontos mais adiante, mas o que quero frisar é que não objetivo fazer uma reflexão mais fidedigna e linear sobre o assunto. Em relação a isso, ver: PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de & SZWAKO, José Eduardo (orgs.) *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. Ver também:

As mulheres, tendo sido deixadas à margem, ausentes dos relatos historiográficos enquanto protagonistas ou enquanto produtoras de conhecimento historiográfico, passaram a modificar tal percepção. Há de se levar em consideração o importante papel que as mulheres têm como historiadoras, assim como filósofas e cientistas sociais, vide os importantes trabalhos de Natalie Davis e Michele Perrot. A partir de então, as mulheres começaram não apenas a protagonizar lutas e narrativas, mas também a produzir discursos. Em outras palavras, pode-se dizer que as mulheres, tão hostilizadas pelos silêncios da historiografia tradicional, passaram a, paulatinamente, ocupar espaços antes marcados pela ausência delas.

A historiadora feminista Margareth Rago, ao analisar alguns argumentos de Michele Perrot quanto às características da ótica feminina ao fazer historiográfico, destaca um ponto importante sobre o porquê da resistência epistêmica ante os questionamentos das historiadoras:

Mais recentemente, outro prestigiado historiador francês advertiu contra os perigos de se investir a diferença entre os sexos de uma força explicativa universal; de se observar os usos sexualmente diferenciados dos modelos culturais comuns aos dois sexos; de se definir a natureza da diferença que marca a prática feminina; e da incorporação feminina da dominação masculina. Muito preocupado em reconhecer a importância da diferenciação sexual das experiências sociais, Chartier revelava certo constrangimento em relação à incorporação da categoria gênero, numa atitude bastante comum entre muitos historiadores, principalmente do sexo masculino⁶⁸.

O constrangimento que Rago destaca também foi percebido, mas de forma mais ampla, por Raewyn Connell, historiadora trans australiana, quando esta analisa um movimento chamado “Movimento pela liberação dos Homens⁶⁹”, que, dentre outras coisas, elaborava críticas ao “papel masculino”. Diz Connell:

O reconhecimento da historicidade do gênero, de seu caráter histórico, constitui agora um pressuposto estabelecido e não mais uma heresia. Mesmo os conservadores que se transferiram para esse terreno estão envolvidos num pensamento histórico sobre masculinidade. Eles aceitam o fato da transformação social do gênero, embora deplorem ou tentem revertê-lo. Essa consciência histórica

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, Leila Mezam (org.) A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2002.

⁶⁸ RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e História.** In: PEDRO, Joana & GROSSI, Miriam (orgs.). Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 3.

⁶⁹ Embora eu tenha informado que a autora é uma mulher trans, o texto citado foi produzido quando ela ainda assumia a identidade de gênero masculina e assinava suas produções com o nome de registro, de modo que usarei a referência daquele período.

constitui a característica distintiva da política de masculinidade contemporânea e o horizonte do pensamento contemporâneo sobre masculinidade⁷⁰.

Em outro texto, Rago argumenta que tais incômodos deixaram, ao menos, dois pontos para reflexão: 1) a significativa transformação temática e metodológica, alargando a percepção graças também às contribuições das outras ciências, o que possibilitou uma sólida contestação dos cânones tradicionais; 2) a maior participação de intelectuais feministas na academia. Sobre este último ponto, Margareth Rago afirma que, mesmo na academia (inseridas nesse ambiente) e perfeitamente capacitadas, as mulheres produtoras de conhecimentos historiográficos eram classificadas como aquelas que queriam “tornar os saberes acadêmicos em saberes femininos”⁷¹.

Sobre o segundo ponto, Adriana Piscitelli argumenta, ampliando a análise para além da historiografia, que a perspectiva aventada era de que as mulheres comungavam uma realidade diferente da dos homens. Destaca, ainda, que se argumentou que a “dominação masculina excluía as mulheres da história, da política e da reflexão teórica”. Diante disso, continua Piscitelli, as teóricas feministas promoveram um revisionismo das produções disciplinares, questionando-se como seriam diferentes as ciências se “o ponto de vista feminino” tivesse sido levado em consideração⁷².

Joan Scott, historiadora também das questões de gênero, mergulha mais fundo no ponto levantado por Margareth Rago, em particular, e de Adriana Piscitelli, no geral, ao precisar o momento em que as mulheres passaram a protagonizar autoria e atuação dentro da disciplina, chamando atenção para o fato de que a presença das mulheres na historiografia é resultado direto das lutas feministas empreendidas por teóricas de outros campos do saber, como os estudos literários e a filosofia, por exemplo, e, principalmente, na figura de Simone de Beauvoir, representante do que se convencionou chamar de “segunda onda feminista”⁷³.

Segundo Scott, as ativistas feministas reivindicavam uma história que as colocasse como heroínas e também que trouxesse à tona todo o processo de subalternização pelo qual

⁷⁰ CONNELL, Robert. **Políticas da masculinidade**. Educação e Realidade. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995, p. 187.

⁷¹ RAGO, Margareth. **Descobrimos historicamente o gênero**. Cadernos Pagu. Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998, p. 94.

⁷² PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de & SZWAKO, José Eduardo (orgs.) Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlandis & Vertecchia, 2009, p. 135.

⁷³ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995, p. 73.

passaram ao longo dos séculos, mas, tal exortação às ativistas, principalmente por conta das transformações sexuais pelas quais a Europa passava, trouxe consigo uma carga política significativa⁷⁴. No entanto, continua a autora, no final da década de 1970, a história das mulheres afastou-se da política⁷⁵.

A princípio, pode-se pensar como um recuo estratégico, haja vista a intensa pressão sexista no âmbito acadêmico do período. Assim, para se evitar confrontos ideológico e político, a história das mulheres alterou a nomenclatura, desviando para o conceito de gênero:

Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres” [...] dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa do feminismo) [...]. Enquanto o termo “história das mulheres” proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos, o termo “gênero” inclui as mulheres sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. [...] O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro⁷⁶.

Scott afirma que essa mudança foi definitiva, uma vez que tudo aquilo que havia sido construído em prol das mulheres, no âmbito acadêmico, corria o sério risco de ser pulverizado com o levante masculino de resistência. Essa opção pelo conceito de gênero foi, antes que qualquer apelo epistemológico, de sobrevivência, pois, naquele contexto – década de 1980 -, gênero era encarado como um termo neutro, desprovido de essência ideológica mais imediata, o que salvaguardou a luta política das mulheres dentro da historiografia⁷⁷.

No entendimento de Scott, a produção acadêmica surgida após a luta das mulheres para uma revisão historiográfica, ao substituir “mulheres” por “gênero”, fez uma substituição emblemática e pertinente. Segundo ela, essa alteração não possui nada de inocente, pois o objetivo seria a retirada da carga política que o termo “mulheres” possui, e uma adequação mais neutra trazida pelo termo gênero⁷⁸. Em outras palavras, gênero passou a ser o verniz científico que a história das mulheres carecia, segundo a visão dos mais tradicionalistas.

⁷⁴ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995, p. 74.

⁷⁵ Idem, p. 75.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, pp. 78-81.

⁷⁸ SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 64-65.

Recuando um pouco no tempo para se compreender como o conceito de gênero passou a germinar, Donna Haraway, num ensaio intitulado “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”, afirma que o psicanalista Robert Stoller cunhou o termo “identidade de gênero”, apresentando-o num congresso sueco. Segundo Haraway, Stoller formulou o conceito de identidade de gênero baseado no binômio “biologia/cultura”, no qual o sexo era intrínseco à biologia (hormônios, genes, morfologia etc) e gênero à cultura (psicologia, antropologia, história). Assim, para Stoller, de acordo com Haraway, o resultado da interação entre cultura e biologia resultava num centro, ou seja, “a pessoa produzida pelo gênero – um homem ou uma mulher⁷⁹”.

Haraway prossegue e destaca que tal raciocínio rápido provocou críticas das feministas, principalmente aquelas da denominada segunda onda feminista, cuja uma das principais expoentes e combatentes foi Simone de Beauvoir. No entanto, como argumenta Haraway, as críticas, por mais válidas que fossem, ao invés de atacar pontos específicos, esbarraram em abstrações e/ou conceitos sem tanta densidade analítica⁸⁰, como o entendimento de “patriarcado”, também destacado por Piscitelli⁸¹. Dessa forma, conclui Haraway:

Fatalmente, nesse clima político limitado, aquelas primeiras críticas não historicizaram ou relativizaram culturalmente as categorias “passivas” de sexo ou natureza. Assim, as formulações de uma identidade essencial como homem ou como mulher permaneceram analiticamente intocadas e politicamente perigosas⁸².

Também confrontando esse entendimento acerca do gênero e reverberando as críticas ao entendimento de Stoller, não necessariamente ao conceito por ele empregado, mas pelos usos disseminados que vieram posteriormente, Raewyn Connell faz uma síntese:

[...] o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o Estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional. O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos “papeis de sexo” ou a biologia reprodutiva sugeririam. [...] as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. [...] o gênero é sempre uma

⁷⁹ HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. cadernos pagu (22): pp.201-246, 2004, p. 216.

⁸⁰ Idem, p. 218.

⁸¹ PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, Leila Mezam (org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2002, p. 19.

⁸² HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. cadernos pagu (22): pp.201-246, 2004, p. 220.

estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias⁸³.

Por sua vez, Scott afirma, também, que refletir sobre homens e mulheres nos contextos históricos que concernem a cada um, requer, antes de qualquer coisa, cruzar outras categorias, como etnia e classe, por exemplo, pois, não levar em conta a interseccionalidade, é reforçar a hegemonia masculina enquanto detentora de poder e verdade⁸⁴. No entanto, se, por um prisma, estas categorias tiram as máscaras das desigualdades quando do confronto com as relações de poder em sua interação social, econômica e cultural; por outro, denunciam falhas quanto à falta de limpidez e coerência na deliberação acadêmica quanto à problematização de tais conceitos.

Assim, Scott afirma que será essencial reconhecer o gênero nos mais diversos âmbitos, seja de etnia, seja no de classe, por exemplo, objetivando visibilizar desigualdades e experiências sociais diametralmente diferentes nos mais diversificados recantos sociais⁸⁵. Pretende-se, dessa forma, solidificar e ampliar o uso do gênero enquanto categoria de análise que dê sentido e sistematização ao conhecimento histórico.

As problematizações sinalizam para afirmar que a lógica binária da diferença sexual macho/fêmea e homem/mulher, mesmo que hegemônico, não é eterno nem fixo e tem seus alicerces em contextos históricos e sociais. Nesse sentido, para além de compreender as dinâmicas da dominação, é necessário refletir sobre as construções de gênero e suas respectivas ramificações, isto é, naquilo que a nomeia, significa, nas regulações, nas criações de papéis sociais, nas subjetividades, nas práticas sexuais dos indivíduos, para, enfim, elevar o gênero a uma categoria que seja além de visível, também intensamente debatida dentro das ciências humanas de modo geral.

O gênero, enquanto categoria analítica e teórica, apesar da polissemia e amplitude, tem limitações. O indivíduo é encarado como parte essencial do gênero, mas não somente em sua alteridade sexual, que escancaram suas complexidades e possibilidades sociais. Nessa

⁸³ CONNELL, Robert. **Políticas da masculinidade**. Educação e Realidade. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995, p. 189.

⁸⁴ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995, p. 83.

⁸⁵ Idem, p. 82.

perspectiva, os limites do gênero estão justamente por ele estar no cerne da deliberação da alteridade sexual.

A história científica produzida pelos historiadores/as é um campo de saber atravessado por relações de poder, resultado das escolhas pessoais do pesquisador, bem como do lugar para e no qual determinado saber é produzido⁸⁶. Somente quando entendido que o saber científico é uma construção social e também quando este entendimento é envolvido pela crítica sobre os modos do “fazer historiográfico”, questionando a soberania das “verdades” cristalizadas estabelecidas pela hegemonia difundida na historiografia, é que será possível perceber as ausências, os esquecimentos, as subalternizações de determinados sujeitos/as enquanto agentes que protagonizam e produzem discursos historiográficos⁸⁷.

As invisibilidades e os silêncios de determinados grupos sociais não foram pontos fora da curva, mas projetos de dominação, principalmente masculina⁸⁸, que são responsáveis por hierarquias e dependências que ratificam a supremacia de privilegiados grupos hegemônicos e, conseqüentemente, das teorias científicas por eles elaboradas⁸⁹. Muito embora a epistemologia historiográfica contemporânea, tendo sua estrutura secular abalada pela crise de objetividade dos postulados científicos, já tenha reconhecido que as teorias são sistemas de pensamentos derivados de culturas que se propagam por meio da linguagem e que marcam indelevelmente os saberes difundidos e assimilados pelo pesquisador⁹⁰.

Entretanto, ainda há a carência por parte de muitos historiadores, pesquisadora/res do gênero ou não, de uma prática científica reflexiva acerca do “conhecimento do conhecimento”. Muito dos hiatos existentes na produção científica historiográfica diz respeito não ao que se deixou de analisar, mas por que se ignorou, num questionamento tão ao gosto daquilo que Marc Bloch vaticinou no desenvolvimento da primeira geração dos *Annales*⁹¹.

⁸⁶ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 152.

⁸⁷ COLLING, Ana Maria. **Dos silêncios da história ao desejo de liberdade**. In: SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Sociedade, História e Relações de Gênero*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 12.

⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 43.

⁸⁹ Como os conhecimentos e práticas culturais do Ocidente acabam influenciando os comportamentos do restante do mundo, que perpassam, por exemplo, as relações de gênero, o feminismo, as masculinidades, as homossexualidades, o saber. Sobre isso ver: BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no pós-colonial**. *Rev. Estud. Fem.* vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000200018 Acesso em: 11/08/2020.

⁹⁰ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001, p. 55.

⁹¹ BLOCH, Marc. **A apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

Pensando nos diversos silêncios reservados às mulheres na produção historiográfica e trazendo para o debate as problematizações de Gayatri Spivak, que analisou o papel reservado às mulheres indianas de determinadas camadas sociais, podemos ampliar o debate ao pensar na subalternização de determinados indivíduos em alguns contextos sociais. Assim, para Spivak, o indivíduo subalterno é aquele que faz parte das camadas sociais mais vilipendiadas, caracterizadas como aglomerados humanos de exclusão, com raras possibilidades de alterar o *status* social no qual nasceu⁹².

As reflexões da autora indiana têm como ponto inicial a história de uma mulher viúva, que é duplamente impedida de falar por si, primeiro por ser mulher, segundo por sua situação de viuvez. No entendimento de Spivak, a marginalidade do subalterno é mais acentuada quando a vítima é do sexo feminino, pois a “mulher subalterna não pode falar e quanto tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir⁹³”.

O sentido transdisciplinar que Spivak caracteriza o próprio pensamento, ao analisar a subalternização pelos prismas filosófico, literário, cultural e histórico, transforma o aspecto meramente local da situação indiana para uma situação maior, mais marcadamente global. Um dos pontos mais nevrálgicos abordados por Spivak diz respeito à “violência epistêmica”, que tem por objetivo, se não a eliminação social, pelo menos a “neutralização do outro”, impedindo que esse outro tenha capacidade de representação, silenciando-o⁹⁴.

Dos pontos já apresentados até aqui, expostos, principalmente, no papel da mulher dentro da produção historiográfica, e, ao ampliarmos o entendimento de gênero, não será tarefa das mais complexas perceber que das homossexualidades e identidades de gênero divergentes do princípio heteronormativo, travestis e mulheres trans podem ser imaginadas enquanto sujeitos dos mais subalternos. Os silenciamentos denunciados por Spivak encontram reverberações nos enunciados de Eni Orlandi quando esta afirma que o silêncio do subalterno é “relegado a uma posição secundária [...] como resto de linguagem⁹⁵”, logo, com chances quase nulas de se produzir discursos que contemplem as próprias trajetórias de vida.

⁹² SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p. 12.

⁹³ Idem, p. 15.

⁹⁴ Idem, p. 16.

⁹⁵ ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2002, p. 12.

Da forma como Scott questionou, o gênero, enquanto categoria de análise historiográfica provocou fissuras na historiografia tradicional⁹⁶ e, após a querela gerada, foi o conceito em si, enquanto sinônimo de homem/mulher, que entrou em crise, uma vez que, talvez não tenha imaginado a autora, do binômio surgiu mais caos, não no sentido destruidor, mas pura e simplesmente desestabilizador de mais verdades. Dessa forma, se as mulheres questionaram a historiografia em relação à invisibilidade que esta lhes dedicava^{97a}, confrontando o paradigma tradicional cimentado no domínio masculino, as teorias externas à História, como a teoria *queer*, por exemplo, também entraram no debate reclamando uma maior ampliação da noção de gênero que englobassem as pessoas LGBTQIA+⁹⁸.

1.3 Teoria *Queer* e Transfeminismo

O corpo de Marsha P. Johnson foi encontrado boiando nas águas do rio Hudson, em pleno verão novaiorquino, no dia 6 de julho de 1992. A polícia, após retirar o cadáver das águas, rápido declarou que a vítima se suicidara e, pouco tempo depois, o inquérito fora encerrado. Houve um silêncio dominante, mas os ruídos que a aquela morte causou não deixaram de existir, e o caso foi reaberto em 2017, por insistência de uma antiga amiga, Victória Cruz, ativista trans porto-riquenha que, assim como outras pessoas que conviveram com Marsha, acreditam que não foi um suicídio. A crença, entre aqueles que discordavam da conclusão dada pela polícia, era de que Marsha havia sido assassinada.

O enredo acima é uma das facetas do documentário “A morte e a vida de Marsha P. Johnson”, lançado em 2017, mundialmente distribuído pela Netflix. Abrir esta seção contando um trecho da morte de Marsha é significativo, pois seu desaparecimento está diretamente relacionado à sua luta incansável pela vida. Em vários momentos da produção audiovisual, o

⁹⁶ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995, p. 87.

⁹⁷ A historiadora Ana Paula Vosne Martins aponta “os problemas de ordem conceitual” como o alvo das críticas mais contundentes, pois, destaca, é possível criar “possibilidades analíticas” para abarcar as demais categorias que não fazem, ou não são muito presentes, na historiografia. Ver: MARTINS, Ana Paula Vosne. **Possibilidades de diálogo: classe e gênero**. História Social. Campinas, SP, n° 4/5, 135-156, 1997/1998.

⁹⁸ Lésbicas/Gays/Bissexuais/Travestis, Transexuais ou Transgêneros/Queer/Intersexo/Assexual/+. Pensamos que os três primeiros termos são de conhecimento amplo, de modo que o T da sigla faz referência às pessoas que se identificam com outro gênero que não aquele atribuído no nascimento; o Q são pessoas que transitam entre os gêneros conhecidos (masculino e feminino), ou a algum outro no qual esse binarismo não se aplica; o I são pessoas que têm desenvolvimento sexual corporal (hormônio, cromossomos, genitálias etc.) que não se encaixam na lógica binária. No passado, essas pessoas eram conhecidas como hermafroditas; o A são pessoas que não sentem atração sexual/afetiva por outras pessoas, independentemente do gênero; o + abriga todas as formas de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam.

desejo de sair da invisibilidade, de ser respeitada, de ser aceita, de ser amada, saltam da tela, seja por trechos nos quais ela fala, seja por trechos em que suas amigas trans falam sobre ela. Aludindo ao termo que se popularizou mundo afora, batizando o nome da teoria agora trazida ao diálogo, é possível pensar em Marsha como *alguém queer*?

A teoria *queer* começou a ser desenvolvida em meados da década de 1980, ainda sem ter esse nome, em várias partes do mundo, ganhando visibilidade, inicialmente, as produções dos Estados Unidos. Os textos produzidos, e ainda não organizados em coletâneas, buscavam romper a hegemonia da matriz heterossexual – que dita normas e comportamentos em vários aspectos da vida, incluindo o conhecimento acadêmico – objetivando desconstruir os discursos da sexualidade e seu pretense curso natural⁹⁹. Tais discursos, concentrados, num primeiro momento, nos estudos literário e cultural, exortavam o debate para o predomínio de dispositivos heteronormativos que continuavam a excluir determinados sujeitos.

Quando a pensadora italiana Teresa de Lauretis publicou o ensaio “Queer Theory - Lesbian and Gay Sexualities: an introduction”, em 1991, há anos aquilo que ela nomeou já existia em vários lugares do mundo, inclusive nos Estados Unidos, lugar no qual o *queer* parece ser considerado lócus, embora haja controvérsias. De Lauretis, para além da importância do que escolheu analisar em seu texto, acabou figurando como aquela que nomeou os estudos, sempre sendo lembrada também por isso. Segundo ela, a teoria *queer*, objetivamente, era um projeto crítico que tinha por premissa resistir a uma homogeneização cultural dos “estudos de gays e lésbicas” que transitavam pela universidade, encarados como seara de estudos singular e unificado¹⁰⁰.

Mais de duas décadas após a publicação do texto, De Lauretis retomou aquela ideia e refez algumas críticas ao próprio trabalho, não exatamente por ter discordado do que dissera, mas por ter concluído que a recepção que o texto teve e o que fizeram com aqueles pressupostos, não era exatamente o que ela havia imaginado. A autora explica, por exemplo, que o termo *queer*, embora exista na língua inglesa há mais de quatro séculos, foi adotado por ela muito pela influência de um determinado lugar, em Londres, que o escritor Charles

⁹⁹ BUTLER, Judith. **Críticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras: Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81. Ver ainda: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Ver também: BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

¹⁰⁰ DE LAURETIS, Teresa. **Queer Theory - Lesbian and Gay Sexualities**: An Introduction. Indiana University Press, 1991, p. 5.

Dickens classificava em seus contos e romances como “queer street”, no qual pessoas consideradas estranhas, doentes, pobres e endividadas moravam¹⁰¹. Além disso, continua a autora, após a condenação e prisão do escritor Oscar Wilde, a palavra foi associada à homossexualidade e transformada em estigma¹⁰².

A ideia de De Lauretis era cultivar um diálogo crítico entre lésbicas e homens gays sobre as experiências dessas pessoas e sobre seus históricos sexuais. Ainda nessa linha de raciocínio, a autora pensou numa união que pudesse romper o silêncio incômodo sobre as vidas que eram vividas e continuavam nas margens de uma lógica dominante, ou seja, de uma ordem heterossexual. No entanto, como já demonstrado no início desta seção, houve um descompasso entre os convidados ao diálogo, uma vez que determinados indivíduos permaneceram de fora, ou seja, pessoas como Marsha não foram contempladas.

Contudo, a nomeação que faz De Lauretis encontrou em Marsha P. Johnson a personificação que mais próxima seria daquele nascente conceito, embora Marsha não apareça em momento algum daquele texto, bem como em muitos outros textos que seguiram os rastros deixados pela teórica italiana. Marsha P. Johnson foi uma mulher transgênero, afro-estadunidense, que trabalhou, dentre outras coisas, como prostituta e “drag queen”. Durante muitos anos ficou invisível, talvez isso explique não ter figurado em vários estudos que falavam também sobre a realidade dela.

O bar “Stonewall”, local frequentado majoritariamente pela comunidade gay de Nova Iorque, tinha entre seus frequentadores justamente Marsha, e sua presença foi fundamental para tudo o que surgiu depois que o lugar fora invadido por policiais. Os confrontos que se seguiram à invasão culminaram num levante da comunidade gay contra a opressão que sofriam pela polícia local. Daquele levante, iniciado em junho de 1969, em Nova Iorque, os ecos se fizeram sentir mundo afora¹⁰³, embora também sobre isso haja discordâncias temporais¹⁰⁴.

¹⁰¹ DE LAURETIS, Teresa. **Género e teoría queer**. Revista Mora, Buenos Aires, 2015, p. 109. Disponível em: [Género y teoría <i>queer</i> | Mora \(uba.ar\)](http://www.mora.uba.ar) Acesso em: 10/05/2021.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ MACRAE, Edward. **Os respeitáveis militantes e as bichas loucas**. In: Colling, Leandro (org.). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011.

¹⁰⁴ Segundo Regina Facchini, o movimento homossexual brasileiro teve início em finais da década de 1970. A autora entende o movimento como algo politicamente constituído o que só passou a ocorrer após o início da ditadura militar. Ver: FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. Já para o historiador James Green, as homossexualidades podem ser percebidas, como movimento ou não, no Brasil, em praticamente toda a sua

De maneira geral, após o confronto entre policiais e frequentadores do bar “Stonewall”, várias manifestações ocorreram e, tempos depois, uma grande manifestação, a “Gay Liberation Front”, começou a figurar como evento anual. A manifestação pela liberdade gay que ocorreu no ano de 1973 – exatamente no mesmo ano em que a Associação Psiquiátrica Americana [Estadunidense] despatologizava a homossexualidade, ou seja, que retirou esta orientação sexual do grupo das doenças mentais¹⁰⁵, passando a ser repatologizada em termos epidemiológicos¹⁰⁶ - mostrou, dentre outras coisas, que havia uma fissura interna, exposta aos gritos por Sylvia Rivera, mulher trans estadunidense de origem latina, amiga e parceira de ativismo de Marsha P. Johnson.

Diante de um público imenso, em sua maioria composto por gays e lésbicas, Sylvia Rivera, ao relembrar daquele ano, no documentário sobre a morte da amiga, diz:

Prometeram que eu poderia falar. E estava havendo brigas sobre ter drag queens no palco. Éramos considerados estereótipos. Mas se não fosse por uma drag queen, não haveria movimento de libertação gay. Fomos as pioneiras. Eu disse: "Vou falar de um jeito ou de outro"¹⁰⁷.

Embora Sylvia faça referência a si e a outras como “drag queens”, em vários outros momentos ela assume a identidade de gênero trans, explicando que ser mulher trans não a impede de performar uma “drag queen”. Assim, após ter sido deixada esperando por muitas horas pelos organizadores da Parada Gay, num claro esforço de evitar que ela falasse, Sylvia mostra irritação com a demora, externalizando que havia reservas dos homossexuais cis a pessoas como ela, por isso evitavam que elas fizessem parte daquele momento que ela

constituição, ganhando maior destaque com a ditadura militar, mas não sendo fruto dela. Ver: GREEN, James: **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000. Ver também: GREEN, James. **Apesar de vocês**: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Ver também: GREEN, James & QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

¹⁰⁵ PELÚCIO, Larissa & MILKOLCI, Richard. **A prevenção do desvio**: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.1, pp.125-157, 2009. Disponível em: [A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes | Pelúcio | Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana \(uerj.br\)](#) Acesso em: 28/04/2021.

¹⁰⁶ Segundo Néstor Perlongher, o surgimento da epidemia provocou um acirramento dos cuidados, mostrados como forma de se proteger da contaminação, mas que, efetivamente, serviram para excluir determinados indivíduos considerados potencialmente transmissores. Alguns símbolos, destaca o autor, como o sangue contaminado e a magreza que muitas pessoas adoentadas mostravam, foram usados como propaganda para estigmatizar, no espaço e no tempo, os indivíduos marcados por sexualidades dissidentes. Ver: PERLONGHER, Néstor. **O que é Aids?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

¹⁰⁷ As falas de Sylvia Rivera foram retiradas do documentário: “Vida e morte de Marsha P. Johnson”. Direção de David France, Netflix, 2017.

considerava importante. Após conseguir subir ao palco, Sylvia pega o microfone, ainda vacilante, e inicia sua fala: "Oi, queridos!". É vaiada. E reage.

É melhor ficarem calados. Passei o dia tentando subir aqui por seus irmãos e irmãs gays na cadeia! Eles me escrevem toda maldita semana pedindo sua ajuda. E vocês não fazem nada por eles. Eles escrevem para a Star, não para o grupo de mulheres. Não escrevem para mulheres nem para homens. Escrevem para a Star porque estamos tentando ajudá-los. Mas vocês me dizem para sair com o rabinho entre as pernas. Eu não vou tolerar essa merda. Eu já fui espancada. Já quebraram meu nariz. Já fui presa, perdi meu emprego. Perdi meu apartamento por causa da libertação dos gays. E vocês me tratam assim? Qual é a porra do problema de vocês? Pensem nisso. Eu acredito no poder gay. Quero que tenhamos nossos direitos, do contrário eu não estaria lutando por eles. Era isso que eu queria dizer a vocês. Vão ver sua gente na Star House, na rua 12. São as pessoas que estão tentando fazer algo por todos nós, e não homens e mulheres que pertencem a um clube de brancos de classe média! Esse é o lugar de vocês! Revolução agora. Poder gay!

A partir de 1970, Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera fundaram a Street Travesti Action Revolutionaries (STAR), organização que dava abrigo e apoio para pessoas trans que eram expulsas de casa por conta da sua identidade de gênero¹⁰⁸. Na fala acima citada, o desabafo de Sylvia expõe a situação marginal na qual se encontravam as pessoas transgênero quando da eclosão do movimento homossexual. Agueridas, as duas enfrentavam os obstáculos cisonormativos para que pudessem ter visibilidade e reconhecimento social.

Richard Miskolci afirma que após a euforia da despatologização da homossexualidade, a situação das pessoas transgênero continuou inalterada, situação que analisarei num capítulo posterior, mas que com o advento da Aids, no início da década de 1980, é possível identificar uma repatologização epidemiológica. Por conta disso, homossexuais cis e pessoas transgênero ficam confinadas no estigma da doença, forçando o próprio movimento a buscar soluções para se enfrentar os muitos impasses que a epidemia trouxe.

¹⁰⁸ A série estadunidense "Pose", do canal FOX, aborda esse tipo de organização. O principal criador da obra, o diretor/produtor Ryan Murphy, homossexual, procura demonstrar como a vivência gay nas décadas de 1980/90, numa Nova Iorque tomada pelo pânico da Aids, teve forças para continuar lutando, ganhando destaque as personagens trans negras e latinas, interpretadas por atrizes trans, que criam lares, cuja mãe é uma mulher trans, e passam a adotar pessoas, trans ou não, que são expulsas de casa e/ou não estão de acordo com as normas vigentes. No Brasil, três iniciativas pioneiras parecidas foram implementadas: uma pela ativista travesti Brenda Lee, que abordarei no terceiro capítulo; uma por Luana Muniz, ativista travesti que criou um lar de acolhimento para pessoas trans soropositivas e que também capacitava para o trabalho formal. Muniz faleceu em 2017. Outra é a Casa Nem, fundada pela ativista travesti Indianarae Siqueira, que além de acolher pessoas trans em situação de vulnerabilidade social, implementou um cursinho pré-vestibular. A iniciativa de Brenda Lee ocorreu na cidade de São Paulo, as outras duas são da cidade do Rio de Janeiro.

Ao destacar a importância dos estudos sobre minorias para a produção dos discursos científicos, Miskolci abre um flanco para tecer uma crítica que pode ser estendida à história: “A despeito das boas intenções [...] terminavam por manter e naturalizar a norma heterossexual”¹⁰⁹. Um ponto a ser considerado nesse novo debate não é apenas a invisibilidade de determinados grupos sociais, mas, sobretudo, a universalidade da matriz heterossexual na produção historiográfica. A bem da verdade, a matriz heterossexista não é um privilégio da história, mas das diversas disciplinas do campo do conhecimento como um todo e é justamente sobre a “heterossexualidade compulsória”¹¹⁰ na e da produção historiográfica que se precisa refletir e problematizar.

De maneira geral, o próprio termo *queer*, que De Lauretis já sinalizava em seu texto, trazia em seu cerne uma carga considerável de significados. No Brasil, via Guacira Lopes Louro, o *queer* manteve a aura, mas englobou outros sinônimos¹¹¹ como o “estranho”, o “bizarro”, o “anormal”. A antropóloga Larissa Pelúcio sintetiza a recepção do termo no Brasil:

Pensadoras e pensadores *queer* fizeram uso, desde o início da conformação desse campo de proposições teóricas, dessa potência. Adotaram a ofensa, a identidade atribuída e nunca reivindicada, como seu lugar político: *queer*. Em inglês, já sabemos, o termo é ofensivo. [...] As incompreensões, em contexto nacional, vão além da sonoridade do “*queer*”. O fato é que o termo nada quer dizer para ouvidos leigos e, mesmo em ambiente acadêmico, ainda é bastante desconhecido como campo de reflexão. De maneira que a intenção inaugural desta vertente teórica norte-americana de se apropriar de um termo desqualificador para politizá-lo, perdeu-se em alguma medida no Brasil, onde o termo passa a circular, de fato, pós-coquetel antirretroviral¹¹².

A autora argumenta que, ao contrário do ocorrido nos Estados Unidos, os estudos *queer* adentraram, no Brasil, pela seletiva porta das universidades, e não como fruto do movimento social organizado. O motivo disso, continua a autora, deriva de questões históricas, políticas e culturais que são os responsáveis pelos pressupostos locais. Para

¹⁰⁹ MISKOLCI, Richard. **A Teoria *Queer* e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun. 2009, p. 150-182, p. 151. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf> Acesso em: 12/08/2020.

¹¹⁰ No ensaio clássico de mesmo nome, a feminista estadunidense Adrienne Rich entende a heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres. Pode-se pensar, para além disso, e englobar as pessoas LGBTQIA+, que muito flagrantemente são os alvos dos discursos e práticas heteronormativos. Ver: RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Revista Bagoas, Natal (RN), nº 05, 2010, p 17-44. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742> Acesso em: 10/08/2020.

¹¹¹ LOURO, Guacira. **Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas, v2, 2001.

¹¹² PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil**. Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2016, p. 126. Disponível em: [Pelucio o Cu de Preciado PDF | PDF | Teoria Queer | Estudos LGBTQIA+ \(scribd.com\)](https://www.scribd.com/document/58484848/PDF-Teoria-Queer-Estudos-LGBTQIA-) Acesso em: 04/02/2021.

Pelúcio, além de repensar o papel do *queer* no Brasil, é preciso adequá-lo e nomeá-lo, propondo, para isso, a expressão “teoria cu”, uma vez que um dos propósitos da teoria original é ressignificar o insulto, então que seja feito de maneira a ser compreendido por um público além dos muros da universidade¹¹³.

No entanto, continua a autora, agora citando a antropóloga novaiorquina de origem venezuelana Márcia Ochoa, é preciso que se tenha reservas ao termo *queer*, uma vez que embora ele tenha ganhado o mundo, sua origem é local, estadunidense, e guarda, por conta disso, especificidades que precisam ser notadas. Ochoa afirma, continua Pelúcio, que ser xingado de *queer* nas escolas mundo afora pode ser compreendido de diversas formas, pois a ressonância do insulto pode assumir mais ou menos relevância dependendo do local no qual o insulto é desferido¹¹⁴.

A recepção do *queer* em terras brasileiras, segundo a antropóloga Regina Facchini, pode ser encarado de duas formas distintas: pelo ambiente acadêmico e por quem não faz parte da academia. A autora compreende que a partir dos anos 1980 e boa parte dos anos 1990, o movimento homossexual brasileiro teve forte visibilidade, ganhando, inclusive, pautas significativas em debates na esfera pública, mas que, por outro lado, a partir da virada do milênio, o movimento se fragmenta, ganha mais potência política e consciência crítica. Essa fragmentação, continua Facchini, é um dos resultados da institucionalização dos movimentos sociais¹¹⁵, principalmente a partir do primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, iniciado em 2003.

Facchini argumenta, ainda, que boa parte das críticas aos estudos *queer*, no Brasil, partiu de pessoas mais jovens, frutos de uma maior inserção no ambiente universitário¹¹⁶. Por conta da ampliação no número de vagas no ensino superior, muito disso devido às políticas implementadas pelo governo Lula, como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), o Financiamento Estudantil (FIES), a Reestruturação das Universidades (REUNI) e,

¹¹³ PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado** – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2016, p. 126. Disponível em: [Pelucio o Cu de Preciado PDF | PDF | Teoria Queer | Estudos LGBTQIA+ \(scribd.com\)](#) Acesso em: 04/02/2021.

¹¹⁴ OCHOA, Márcia, citada por Larissa Pelúcio: **Ciudadanía perversa**: divas, marginación y participación en la “localización”, Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización, in Daniel Mato (coord.), Caracas, FACES, Universidad Central de Venezuela, p. 239-256, 2004.

¹¹⁵ FACCHINI, Regina. **De homossexuais a LGBTQIAP+**: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina & FRANÇA, Isadora. Direitos em disputa: LGBTI+ - poder e diferença no Brasil contemporâneo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 50.

¹¹⁶ Idem, p. 51.

principalmente, a institucionalização das cotas universitárias, inicialmente para negros, depois ampliadas para alunos de escola pública, indígenas e pessoas trans, o ambiente universitário sofreu uma importante e ampla inserção da diversidade.

Aliado a isso tudo, continua Facchini, houve a difusão da internet e a disseminação de conhecimentos e demandas tanto sobre pautas relacionadas às sexualidades, bem como sobre as demais categorias de articulação que se interconectam, como a raça, a etnia, o gênero e a geração. Especificamente em relação às pessoas trans, a autora denomina de “emergência trans” ao aprofundamento das demandas reclamadas por travestis e transexuais¹¹⁷, por exemplo, que coincide, aliás, com os eventos caracterizados nos dois parágrafos anteriores.

Retomando a provocação feita por Larissa Pelúcio à recepção dos estudos *queer* no Brasil, a autora pontua algo consoante ao destacado por Facchini, pois as críticas partiam daqueles sobre quem se falava, ou seja, dos homossexuais cis e pessoas trans, formados, aliás, na intensa luta contra a discriminação, por tratamento contra a Aids (Sidadanização¹¹⁸) e cidadania¹¹⁹. Ou seja, conclui Pelúcio, as críticas contra o *queer* partiram, sobretudo, dos atingidos pelos discursos, não necessariamente por quem os deliberava na academia.

Richard Miskolci, ao profundar o debate sobre a receptividade da teoria *queer* no Brasil, destaca que:

[...] quando se diz “nós” no movimento LGBT brasileiro, isto com maior força em alguns Estados do que em outros, parece operar – para aqueles que dividiram o movimento mentalmente em dois grupos antagônicos – um dualismo: “nós” os LGBT em oposição ao “eles, os *queers*”. Tal divisão entre “identitários” e “*queer*” pouca diferença faz para o resto da sociedade brasileira, a qual só conhece um único movimento, o atual LGBT, e esta divisão interna, onde ela opera, esconde uma luta entre os estabelecidos que temem perder sua hegemonia e os supostamente recém-chegados que a ameaçariam. [...] Infelizmente, dentro do movimento LGBT

¹¹⁷ FACCHINI, Regina. **De homossexuais a LGBTQIAP+**: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina & FRANÇA, Isadora. *Direitos em disputa: LGBTI+ - poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 61.

¹¹⁸ O termo é uma junção de SIDA, nome dado à Aids na França e em Portugal, por exemplo, com a palavra cidadania. Quem o cunhou foi Larissa Pelúcio, em sua tese de doutorado, transformada em livro, para fazer referência à construção da cidadania dos sujeitos homossexuais cis e pessoas trans que eram encarados como os criadores e possuidores do vírus da Aids. Pelúcio sustenta que o Estado, por meio de interesses biopolíticos, de natureza epidemiológica, ao promover e espetacularizar o acesso aos antirretrovirais pelos supostos “grupos de risco”, como eram então conhecidos homossexuais, travestis, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo, acabou promovendo a estigmatização da doença, sempre associada aos LGBTQIAP+. Ver: PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o mundo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

¹¹⁹ PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado** – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2016, p. 128. Disponível em: [Pelucio o Cu de Preciado PDF | PDF | Teoria Queer | Estudos LGBTQIAP+ \(scribd.com\)](#) Acesso em: 04/02/2021.

brasileiro atual, pouc@s realmente leem ou se interessam pelas reflexões *queer*. Daí, nas raras ocasiões em que surgem alguma referência a essa vertente teórica, fica patente sua trágica vulgarização, fato que convida com um paralelo ao que se passou anteriormente com o marxismo no movimento operário. Em muito papo supostamente *queer*, a palavra abjeção poderia ser intercambiada por alienação e heteronormatividade por capital resultando no mesmo uso descritivo e superficial de termos originalmente analíticos¹²⁰.

O ponto de vista de Miskolci esbarra na memória que guardo do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES), ocorrido em 2007, na Universidade Federal de Goiás (UFG). A socióloga Berenice Bento ministrou um minicurso que versava sobre algo que para muitos de nós, então estudantes de graduação, soava como novidade: “teoria *queer*”. Como toda novidade, aquilo prendeu nossa atenção. Os debates que ocorreram durante e após a fala de Bento provocaram euforia nos que lá se encontravam, afinal de contas, aquele entendimento preliminar sobre o assunto era potencialmente explosivo e poderia muito bem ser usado em nossas pesquisas. A teoria *queer* havia impregnado o evento e durante todo o período no qual este ocorreu, não se falava em outra coisa.

No entanto, uma suspeita que surgiu em muitos de nós, anos depois se confirmou: a teoria *queer* ainda se mostrava refratária ao indivíduo de fora da universidade, cuja participação continuava a ser de objeto de pesquisa. E mesmo muitos dos que participavam dos debates nas universidades, ainda não haviam compreendido muito bem como aquilo tudo poderia se materializar. Corroborando tal reflexão, outra lembrança me ocorre.

No evento “Desfazendo Gênero”, ocorrido em 2015, na cidade de Salvador, na Bahia, após uma palestra da teórica *queer* Judith Butler, no palco de teatro Castro Alves, houve um momento para questionamentos. “Uma mulher trans, preta, periférica e gorda”, nas palavras que a própria usou para se definir, questionou Butler sobre o porquê de se fazer um evento para falar de pessoas também como ela, mas que não estavam ali assistindo tudo aquilo, pois além de muitas dessas pessoas não estarem inseridas na academia – apenas se falavam delas –, ainda custava um valor muito caro para se pagar e poder assistir ao evento. A plateia, me incluindo, ovacionou a inquiridora. Butler também. Concordou com cada frase dita. E problematizou aquela fala.

¹²⁰ MILSKOLCI, Richard. **Não somos, queremos** – reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: Colling, Leandro (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011, p. 43-44.

Tal caracterização traz, novamente, a figura de Sylvia Rivera, a mesma que confrontou o público na Parada Gay, em 1973, exigindo que as pessoas trans fossem respeitadas e amparadas também pelos homossexuais cis. No entanto, após a fala emblemática de Rivera, por quase duas décadas ela se manteve afastada da militância, machucada por ter sido colocada à margem da margem. Faleceu em 2002 vitimada por um câncer no fígado.

O impasse, diante do exposto, encontra similaridade nas problematizações que Pelúcio faz sobre o real impacto da teoria *queer* no Brasil. A autora pondera que muitas das teorizações feitas aqui sobre os postulados *queer* procuraram “aplicar os achados teóricos e conceituais, mais que tencioná-los e, assim, produzir nossas próprias teorias¹²¹”. Tal postura, continua a autora, tem sofrido significativa mudança, mas ainda mantemos relativa subserviência ao que é produzido na parte Norte do mundo. Pelúcio conclui que, a despeito das semelhanças que comungamos com nossos vizinhos latinos, cultivamos pouco diálogo epistemológico, como se nosso idioma tivesse sido trago pelo “volumoso idioma espanhol¹²²”.

É nesse cenário de combates e disputas que surge o denominado “transfeminismo”, pois uma das pautas mais aventadas quando da disseminação da teoria *queer* é justamente sobre o papel dado às pessoas trans. Uma pergunta feita por Viviane Vergueiro Simakawa pode ilustrar este momento:

O que significaria, para aquela pessoa que, até seus vinte e poucos anos, era auto+identificada enquanto um homem cis branco-asiático hetero agnóstico de classe média, saber que alguns anos depois se situaria a partir do ‘lugar de fala’ de uma travesti branco-asiática bissexual atea de classe média¹²³?

A professora Jaqueline Gomes de Jesus, considerada uma das pioneiras nos estudos sobre transfeminismo no Brasil afirma, na Apresentação do livro intitulado “Transfeminismo: teorias e práticas”, por ela organizado:

É reconhecido que a população transgênero está à margem dos processos sociais, excluídas por discursos e práticas de ordem sexista, especificamente cissexistas (que invisibilizam ou estigmatizam as pessoas trans) e transfóbicos (que promovem o medo e/ou o ódio com relação às pessoas transgênero). [...] O transfeminismo é uma

¹²¹ PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado** – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Iberic@l, Revue d’études ibériques et ibéro-américaines, 2016, p. 127. Disponível em: [Pelucio o Cu de Preciado PDF | PDF | Teoria Queer | Estudos LGBTQIA+ \(scribd.com\)](#) Acesso em: 04/02/2021.

¹²² Idem.

¹²³ SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Considerações transfeministas sobre linguagem, imaginação e decolonialidade**: a identidade de gênero como categoria analítica. Cadernos de linguagem e sociedade. 21(2), 2020, p. 455.

categoria do feminismo que surge como uma resposta à falha do feminismo de base biológica em reconhecer plenamente o gênero como categoria distinta da de sexo¹²⁴.

O ponto frisado por Jesus diz respeito aos entraves enfrentados pelas pessoas trans não somente em relação às pessoas hétero-cisnormativas, mas também no seio das homossexualidades, fato que já havia sido denunciado por Sylvia Rivera, na década de 1970, conforme citado anteriormente. Ainda nesse aspecto, Thiago Coacci destaca que há uma fissura entre transexuais e travestis oriundas de um movimento social mais de vanguarda e as mulheres trans com declarada identificação com o transfeminismo¹²⁵.

Em outro trabalho, Jaqueline esclarece que o movimento transfeminista bebeu na fonte das produções feministas, que por sua vez já haviam provocado uma significativa fissura interna ao repensar a ideia do que é ser:

mulher branca, abastada, casada com filhos, e passou a acatar a humanidade e a feminilidade de mulheres outrora invisíveis: negras, indígenas, pobres, com necessidades especiais, idosas, lésbicas, bissexuais, solteiras, e mesmo as transexuais¹²⁶.

Nesse sentido, as tensões já evidenciadas anteriormente, acompanham o nascente movimento transfeminista. Mas, para destacar um ponto de inflexão já percebido por Facchini, e destacado aqui, foi por meio da internet que o transfeminismo se alavancou para o debate¹²⁷ e é por meio dele que muitas pautas são travadas, inclusive quando há o confronto de ideias entre as transfeministas e uma parte do feminismo de ordem mais radical, que, por sua vez, rechaça similaridades¹²⁸.

¹²⁴ JESUS, Jaqueline Gomes de. **Apresentação**. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro, Metanoia, 2014, s/p.

¹²⁵ COACCI, Thiago. **Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão**. *História Agora*, São Paulo, n. 15, p. 134-161, 2014. Disponível em: [Encontrando-o-transfeminismo-brasileiro-um-mapeamento-preliminar-de-uma-corrente-em-ascensao.pdf](https://www.researchgate.net/publication/3215021201) (researchgate.net) Acesso 01/05/2020.

¹²⁶ JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. *Revista do programa de pós-graduação em ciências da Ufrn | dossiês | 8*. Disponível em: [2150-Texto do artigo-6341-1-10-20121201.pdf](https://www.ufrn.br/revista-do-programa-de-pos-graduacao-em-ciencias-da-ufrn-dossi%C3%AA7s-8-2012/2150-texto-do-artigo-6341-1-10-20121201.pdf). Acesso em: 10/05/2021.

¹²⁷ JESUS, Jaqueline Gomes de. **Apresentação**. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro, Metanoia, 2014, s/p.

¹²⁸ SARMENTO, Rayza. **Feminismo, reconhecimento e mulheres trans***: expressões online de tensões. *Pensamento Plural*. Pelotas [17]: 129 – 150, julho-dezembro 2015. Disponível em: [Feminismo, reconhecimento e mulheres trans*: expressões online de tensões | Sarmiento | Pensamento Plural \(ufpel.edu.br\)](https://www.ufpel.edu.br/revista-do-programa-de-pos-graduacao-em-ciencias-da-ufrn-dossi%C3%AA7s-8-2012/2150-texto-do-artigo-6341-1-10-20121201.pdf) Acesso em: 01/05/2020.

Assim, travestis e mulheres trans formam a parte mais visível da população trans, e, como tal, enfrentam as violências cotidiana e epistêmica de maneira direta, de modo que é no referencial feminista que se buscou uma forma de resistência¹²⁹ aos mais diversos obstáculos encontrados não somente para ter visibilidade, mas para ter influência nas tomadas de decisões, principalmente sobre aquelas que versam sobre as suas próprias existências.

Evocando uma inflexão na produção historiográfica, sem, contudo, deixar de reconhecer as conquistas da então História das Mulheres, nem os estudos de gênero dentro da historiografia, o historiador Fábio Henrique Lopes propõe uma ampliação do debate para englobar a inclusão de pessoas que não se identificam com os discursos cisnormativos¹³⁰. A reflexão não é para que falemos sobre elas como se fossem exóticas e mantidas sempre na terceira pessoa do plural, mas para que a discussão lhes ouça, que leve em consideração as histórias dessas pessoas, para que o fazer historiográfico possa ser produzido não necessariamente sobre elas, mas a partir delas e também por elas¹³¹.

O autor argumenta que as pessoas cis são as únicas que deliberam sobre o fazer historiográfico, principalmente no Brasil, tornando, dessa forma, suas concepções de normalidade a regra e transformando seus privilégios de gênero em discursos “historicamente cristalizados”. Lopes ainda argumenta que mesmo pessoas cis não-hétero gozam de parte desse prestígio, na academia, produzindo conhecimento científico que, na maioria dos casos, não contempla a população trans¹³².

Como consequência, destaca o autor, tais discursos, que poderiam romper o discurso cisnormativo na produção do conhecimento, acabam “naturalizando o discurso histórico perpetuador de binarismos eurocêtricos”, reforçando hierarquias que em nada contribuem para uma produção historiográfica que seja, de fato, vista de baixo. Lopes reforça, ainda, que é necessário reconhecer a pertinência de uma mudança epistemológica para que os discursos, concretamente, sejam modificados e uma “resistência epistêmica” seja reforçada e ampliada, uma vez que:

¹²⁹ JESUS, Jaqueline Gomes de. **Apresentação**. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro, Metanoia, 2014, s/p.

¹³⁰ Discursos que privilegiam as pessoas cis, ou seja, pessoas que se conformam com o sexo biológico de nascimento, independente de orientação sexual.

¹³¹ LOPES, Fábio Henrique. **Cisgeneridade e historiografia**: um debate necessário. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de & GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs). *História e Teoria queer*. Salvador: Editora Devires, 2018, p. 83.

¹³² Idem, p. 85.

[...] articular inserção daquelxs até então excluídxs com análise das estratégias e implicações dos processos de apagamento e subalternização, não esquecendo as mudanças e resistências epistêmicas, pois demandará “a legitimação destas vozes diversas enquanto produtoras de conhecimento crítico”, de corpos e identidades de gênero inconformes. A proposta é incluir xs marginalizadxs e excluídxs, ou seja, histórias, experiências e memórias trans no discurso historiográfico, mas também reconhecer e fazer uso do conceito de cisgeneridade como um elemento de potencialização de criticidades¹³³.

E é justamente sobre a história daqueles que resistem, daqueles que sobrevivem mesmo diante da invisibilização sistemática de boa parte do conhecimento dito científico, que também se precisa olhar e historicizar. Berenice Bento nos lembra que as “precariedades existenciais”, que sujeitos à margem internalizam como totalmente suas, na verdade, não são, pois “aquilo que julgamos mais nosso, a propriedade última que nos define, nossas memórias, não são totalmente nossas¹³⁴”.

No entendimento da autora, precisamos questionar nossas vivências e devolver ao outro aquilo que ele, material e simbolicamente, nos obrigou a aceitar como nosso. De acordo com Bento, tal acerto de contas só é feito, continuamente, quando se rompe com as regras e o sujeito assume o comando da própria história, pois a história:

[...] ao tornar-se memorável termina por funcionar como um potencializador do poder através da circulação de interpretação dita verdadeira e universal de fatos que evocam personagens históricos, transformando-os em sujeitos exemplares [...] A nossa disputa deve voltar-se para o passado. As disputas que nos atravessam no tempo presente ligam-se ao que fizeram de nós¹³⁵.

Nesse sentido, a operação historiográfica de aspecto *queer* pode ser encarada como ferramenta para a dissolução da construção histórica dos binarismos, seja de gênero, seja de quaisquer outras formas de invisibilização de subjetividades e/ou movimentos que não se enquadrem naquilo que se encara como normal. A ideia de se agregar conhecimentos produzidos em outras ciências é justamente pela deficiência epistemológica percebida no seio

¹³³ LOPES, Fábio Henrique. **Cisgeneridade e historiografia**: um debate necessário. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de & GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs). *História e Teoria queer*. Salvador: Editora Devires, 2018, p. 91.

¹³⁴ BENTO, Berenice. **Prefácio**. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de & GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs). *História e Teoria queer*. Salvador: Editora Devires, 2018, p. 15.

¹³⁵ Idem, p. 16.

de qualquer ciência, pois se há algo que cada uma delas produz, não somente na História, é poder; e onde há poder, há resistência¹³⁶.

1.4 Memória e história de vida

Na obra “História e Memória”, Jacques Le Goff defende que a memória é um conceito determinante para que se compreenda o entendimento de muitas construções históricas, pois “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”¹³⁷. Assim, podemos pensar, baseados na reflexão de Le Goff, que, a história, e, por conseguinte, a produção historiográfica, se constrói alicerçada em diferentes memórias, registros que o recordar, ato tão humano, consegue juntar, agregar para fazer com que a “história possa ser útil para libertar o homem e não para ser o claustro de sua servidão¹³⁸”.

Nesse sentido, a memória, enquanto fonte histórica ampliou sua presença na historiografia. No entanto, o desejo pela quebra dos silêncios de determinados grupos sociais, como as travestis e mulheres trans que a presente pesquisa contempla, encontrou na memória, via testemunhos, uma fonte que passasse a retratá-las enquanto protagonistas, bem diferente das demais fontes historiográficas conhecidas¹³⁹, que, além de escassas, ainda reforçam sobre as homossexualidades uma análise sobre a história não dos vencedores, mas as dos costumeiros vencidos. Ou esquecidos.

Segundo Le Goff, os intelectuais que faziam parte dos Annales proporcionaram à História viver uma “revolução documental”, destacando não somente a própria ideia de documento, mas a crítica que se passou a fazer dele¹⁴⁰. O autor sustenta que, já na primeira geração, os historiadores faziam levantes contra a lógica da História Política¹⁴¹ entendida

¹³⁶ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 72.

¹³⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 423.

¹³⁸ Idem, p. 432.

¹³⁹ Embora haja um acervo de fontes historiográficas escritas organizadas por alguns pesquisadores acerca das homossexualidades no Brasil, há lacunas significativas quanto a determinados sujeitos, como as travestis e mulheres trans, sendo os homossexuais masculinos, maioria, e femininas, minoria, os que protagonizam certas fontes, principalmente naquelas que se preocuparam em estigmatizá-los enquanto portadores de doença mental, como a homossexualidade era então vista pelo saber médico de meados do século XIX até 1973, ano que a orientação sexual foi despatologizada pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Sobre essas fontes, ver: GREEN, James & POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. Ver também: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2011.

¹⁴⁰ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 78.

¹⁴¹ Idem, p. 83.

como “história narrativa/acontecimentos/factual”. Peter Burke destaca que Lucien Febvre, integrante desta primeira geração, concentrou uma crítica em relação ao materialismo histórico que embasava as análises sociais, rechaçando o simplismo daquele tipo de história, que se sustentava na dicotomia estrutura-totalidade¹⁴².

Ao romper com o positivismo historiográfico, os Annales possibilitaram analisar não apenas os objetos de investigação, mas os meios pelos quais tais análises se fazem existir. A ampliação foi tamanha que passou de geração em geração produzindo uma ampla e sofisticada gama de recursos para se pensar não apenas o ofício do historiador, mas o fazer historiográfico¹⁴³. Assim, da predominância de fontes escritas, diversas outras passaram a estar à disposição do historiador, como a fotografia, os filmes, a oralidade, a arqueologia.

Ao destacar que a realidade histórica é inacabada sempre, Le Goff afirma que com a reconstrução, via construção científica do documento, é possível explicar o passado¹⁴⁴. Nessa perspectiva, a produção historiográfica passa a contemplar artefatos como a literatura, a produção jornalística e demais arquivos que testemunhem a favor da realidade de todos os sujeitos, príncipes ou não. Esse ampliar de horizontes possibilitou, ainda, que a História, enquanto campo do conhecimento se aproximasse das demais ciências humanas¹⁴⁵. Ou, dito de outro modo pelas palavras de Le Goff, a ampliação de fontes historiográficas possibilitou que a cronologia dos hábitos dos historiadores fosse continuamente revista¹⁴⁶.

Incrementando, José Costa Barros conclui que, concretamente, não importa se o foco do historiador é este ou aquele passado, ou se o presente é seu lócus de pesquisa, fazendo que ao lado se dispute espaço com sociólogos ou antropólogos. O que faz do pesquisador um historiador é se seus sujeitos estão submersos na temporalidade, “vivendo, percebendo e produzindo o tempo”. Assim, conclui o autor, o mesmo historiador que se debruça sobre o passado, pode refletir sobre o presente, o contrário também sendo possível¹⁴⁷.

¹⁴² BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 34.

¹⁴³ BARROS, José Costa D'Assunção. **Os historiadores e o tempo: a contribuição dos Annales**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, 1º sem. 2018, p. 182. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/16344> Acesso em: 14/08/2020.

¹⁴⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 58.

¹⁴⁵ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 87.

¹⁴⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 58.

¹⁴⁷ BARROS, José Costa D'Assunção. **Os historiadores e o tempo: a contribuição dos Annales**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, 1º sem. 2018, p. 202. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/16344> Acesso em: 14/08/2020.

Diante da importância das gerações dos Annales e da crítica à noção de fato histórico, bem como das fontes históricas, um destacado reconhecimento de realidades históricas emergiu do esquecimento. A partir das ressalvas feitas às histórias social, política e econômica, surgiu a história das representações, que assumiu faces múltiplas ao receber a influência das diversas áreas de conhecimentos sociais, sendo também identificada como história das ideologias, história das mentalidades e história do imaginário¹⁴⁸.

Como já foi explicitado até aqui, a historiografia, desde o surgimento dos Annales, ao problematizar o fazer historiográfico, fez a produção histórica gravitar ao redor das discussões que se estabeleceram nas percepções do cultural, do político, entendendo tais dinâmicas como a fluidez das ações humanas tanto no espaço como no tempo. Dessa forma, a percepção da relação entre história e memória, agora suscitada, busca nas discussões que reflitam a memória enquanto canalizadora das atividades humanas, enquanto fonte historiográfica, mas que, paralelo a isso, torna imprescindível, por parte do historiador, uma sensibilidade para olhar e compreender a constante (re)atualização do passado a partir do presente, com idas e vindas.

Para o presente debate teórico, analisaremos a discussão científica tendo a memória como principal ferramenta, seja na versão negativa, para aqueles que a encaram não tão frutífera, seja na versão positiva, para aqueles que a veem como importante fonte para a construção do conhecimento histórico. Assim, para os propósitos deste trabalho, a prioridade será dada à memória como alteridade, como produção historiográfica que torna robusta a voz dos indivíduos enquanto artesãos de suas próprias trajetórias a partir das suas respectivas histórias de vida.

1.4.1 Memória dual: fonte histórica e fenômeno histórico

A dualidade aventada diz respeito ao debate surgido na década de 1980 - numa espécie de *revival* daquilo que a terceira geração dos Annales já havia intensamente questionado, criticado e debatido acerca da ampliação de fontes históricas e da dessacralização das fontes escritas para a produção historiográfica¹⁴⁹ – com a publicação de “Les lieux de mémoire”,

¹⁴⁸ REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 134.

¹⁴⁹ VILLAS-BÔAS, Lúcia. **História, memória e representações sociais**: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. Cadernos de Pesquisa v.45 n. 156 p. 244-258 abr./jun. 2015, p. 248. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v45n156/1980-5314-cp-45-156-00244.pdf> Acesso em: 12/08/2020.

cuja liderança coube a Pierre Nora. Alicerçado nos apontamentos de Maurice Halbwachs no tocante às formas de estruturas sociais, espaço e memória, Nora reacende dicotomias que haviam arrefecido, tais como escrito/oral, práxis social/operação intelectual, cultura/natureza, analítico/empírico, razão/emoção.

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às comunidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo¹⁵⁰.

As oposições destacadas por Nora, cujo objetivo é diminuir a importância da memória, ao mesmo tempo em que sacraliza novamente o fazer historiográfico tradicional, lembram a aridez com que Ciro Flamarion Cardoso encarou a luta por uma história feminista empreendida por Joan Scott¹⁵¹. No entanto, tais embates, por mais anacrônicos que sejam suas demandas, necessitam de algum tempo para que se aprecie não a eliminação de um lado, mas a possibilidade de comunhão com pontos convergentes.

Dessa forma, Paul Ricouer, partindo desta premissa, destaca que a memória faz parte da essência da história, acenando que a união de memória e história não só é inevitável como é infrutífero tentar separá-las, numa crítica direta ao entendimento de Nora. Assim, para Ricouer, história e memória se alimentam continuamente¹⁵².

¹⁵⁰ Embora seja citada a obra em francês (*Les lieux de mémoire*), cujo ano de lançamento é 1984, a citação feita é de uma tradução brasileira. Ver: NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. Proj. História. São Paulo, Dez/1993, p. 7. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763> Acesso em 12/08/2020.

¹⁵¹ “Uma historiadora feminista como Joan Scott julga a metodologia científica e a epistemologia ocidentais irremediavelmente contaminadas pela dominação masculina e opta por pregar militantemente para a História de Gênero uma postura política radicalmente desconstrucionista. É justo dizer, no entanto, que, refletindo a crise atual do pós-modernismo, a História de Gênero não comunga em geral com posições epistemológicas radicalmente negativas (posto que a desconstrução, quando adotada com exclusividade, é absolutamente negativa) como esta de Scott”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 160.

¹⁵² RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 490.

Nessa perspectiva, continua o autor, tanto memória quanto história estão unidas, ainda, pelas arestas de ambas rumo ao modelo considerado ideal de produção do conhecimento. Com isso, uma das arestas da memória, talvez a que mais se destaca, é sua finalidade em se manter fidedigna ao passado, e a história, por sua vez, cuja pedra fundamental é a necessidade de conhecimento, possui a aresta de ser, sempre, o local da verdade¹⁵³.

Também refletindo sobre a importância da memória e da história oral, Daphne Patai destaca que, primeiro na Antropologia, e depois para as demais ciências humanas, incluindo a História, a questão dos testemunhos orais foram ganhando destaque ao longo das gerações, mas pontua que:

A nova História Social, desejando transpor a história feita de cima para baixo, estimulou o estudo de pessoas comuns, não apenas de figuras proeminentes. Ela também privilegiou os métodos qualitativos diante dos quantitativos. Nesse contexto, a história oral se afirmou naturalmente: por facultar acesso às histórias e perspectivas de indivíduos até então ignorados, poderia oferecer oportunidades únicas para a abordagem tanto da subjetividade individual como da memória coletiva¹⁵⁴.

Dessa forma, destaca Patai, a História foi se abrindo a novos protagonistas, criando, por conseguinte, novos protagonismos. A história de vida, continua a autora, passou a ser o hábitat do anônimo, que passou a discorrer, por si, dos trajetos feitos, sem se debater com as armas que a História oferecia para criar narrativas:

A história oral, concentrada em acontecimentos ou problemas particulares, viu-se abrindo caminho para a *história de vida* – uma longa narrativa pessoal que consiste de fato numa revisão da própria vida [...]. O método assentou-se, de forma mais evidente, na facilidade do ato de falar, em comparação à escritura (que excluiria de imediato os indivíduos e grupos analfabetos); no compromisso pessoal com o outro ser humano; e/ou nos problemas e temas de pesquisa perseguidos pelo pesquisador¹⁵⁵.

Assim, guardadas as devidas ressalvas, a memória, como pretendida por este trabalho, aparece como um instrumento de pesquisa eficaz para a produção do conhecimento historiográfico, ainda mais quando se considera que as vidas que aqui importam são de travestis e mulheres trans, que carregam consigo uma trajetória caracterizada pelo apagamento

¹⁵³ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 492.

¹⁵⁴ PATAI, Daphne. **História Oral, Feminismo e Política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 136.

¹⁵⁵ Idem, p. 137. Grifo da autora.

social. O uso de tal instrumento se mostra, ainda, mais necessário quando se constata que esse apagamento social lhes retira da visibilidade que poderia atestar a veracidade de suas existências, restando, primordialmente, o recurso da fala, alicerçada na memória, para que tais trajetórias não ganhem uma camada extra de silêncio.

1.4.2 Esquecimento

O ponto de partida desta tese, como já mencionado, é a memória, que Le Goff considera ser de significativa importância para que se compreenda a identidade, seja ela individual, seja ela coletiva¹⁵⁶. Nesse sentido, corroborando tal premissa, a memória adquire a materialização da ausência¹⁵⁷, daquilo que perdeu o frescor do presente genuíno, vindo a ser um presente reconfigurado, revisitado.

As protagonistas deste estudo, ao lançarem mão das lembranças, fazem o que Cornélia Eckert e Ana Luiza da Rocha preconizam como “rememorar” e “antecipar”, pois resgatam, protagonistas e pesquisador, as memórias para a fluidez das experiências do vivido. As autoras ainda afirmam que os atos de rememorar e antecipar realizam um movimento dialético, possibilitando que as memórias venham à tona¹⁵⁸.

Ainda no campo da memória, Michael Pollak sustenta que, nesse fascinante ambiente, os silêncios e “não-ditos”, não devem ser encarados como meros esquecimentos, pois o indivíduo angustiado, sem um Outro que o ouça, por medo de julgamento ou retaliação, modifica, conscientemente ou não, as lembranças¹⁵⁹. Sendo assim, há uma matização entre o que é dito e o que não é dito, deixando no vácuo entre os dois uma memória pautada no segredo, coletivo ou individual. O autor sustenta que as memórias também são silenciadas pela cidade e seus componentes concretos, como a arquitetura, as paisagens; mas também pelos seus componentes abstratos, como as artes, as experiências individuais e/ou coletivas¹⁶⁰.

¹⁵⁶ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 419.

¹⁵⁷ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 448.

¹⁵⁸ ECKERT, Cornelia & ROCHA, Ana Luiza da. **O tempo na e da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 70.

¹⁵⁹ POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15, p. 12. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> Acesso em: 12/08/2020.

¹⁶⁰ Idem, p. 13.

As lembranças, para Ricouer, representam a “presença da ausência e da distância”, num embate não para esquecer aquilo que se viveu, mas, pondera o autor, para resistir. Segundo ele, lembrar é radicalizar a sobrevivência, é lutar por reconhecimento, pois “reconhecer uma lembrança é reencontrá-la. Reencontrá-la é presumi-la principalmente disponível, se não acessível¹⁶¹”. A resistência, pode-se concluir do raciocínio de Ricoeur, é para não esquecer, para que o indivíduo não esqueça do entorno, para que o indivíduo não esqueça de si, daquilo que esteja ao alcance das mãos, “como as aves do pombal de Platão, que é possível possuir, mas não agarrar¹⁶²”.

Ricoeur, insistindo na sobrevivência da lembrança, destaca que ela não resiste íntegra, pois na sobrevivência ao longo do tempo, a memória é acometida por um fenômeno universal, a “erosão da memória, e acrescentamos essa experiência à do envelhecimento, da aproximação da morte”. Entretanto, declarar a morte da lembrança, logo, seu esquecimento completo, não é um entendimento sadio, pondera o autor, acrescentando que “o esquecimento designa então o caráter *despercebido* da perseverança da lembrança, sua subtração à vigilância da consciência¹⁶³”.

Dessa forma, afirma Ricouer:

[...] procura-se um nome conhecido, outro vem em seu lugar; a análise revela uma sutil substituição motivada por desejos inconscientes. O exemplo das lembranças encobridoras, interpostas entre nossas impressões infantis e as narrativas que delas fazemos com toda confiança, acrescenta à simples substituição no esquecimento dos nomes uma verdadeira produção de falsas lembranças que nos desnorream sem que o percebamos; o esquecimento de impressões e de acontecimentos vivenciados (isto é, de coisas que sabemos ou sabíamos) e o esquecimento de projetos, que equivale à omissão, à negligência seletiva, revelam um lado ardiloso do inconsciente colocado em postura defensiva [...]. É essa mesma habilidade, aninhada em intenções inconscientes, que se deixa reconhecer numa outra vertente da vida cotidiana, que é a dos povos: esquecimentos, lembranças encobridoras, atos falhos assumem, na escala da memória coletiva, proporções gigantescas, que apenas a história, e mais precisamente, a história da memória é capaz de trazer à luz¹⁶⁴.

O esquecimento, consciente ou não, afirma Márcio Seligmann-Silva, faz com que a memória tenha uma “concepção topográfica”, ou seja, a memória, ao invés de buscar uma verdade incontestável, busca recriar um universo no qual determinados acontecimentos serão

¹⁶¹ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 441.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Idem, p. 448, grifo do autor.

¹⁶⁴ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, pp. 454-455.

destacados, como montanhas do vivido, de origem positiva ou não, enquanto outros permanecerão em depressões e vales, quase nunca vindo à tona, mas que formam uma cartografia memorial, que comporão um sentido à memória e à trajetória de alguém¹⁶⁵.

Desse modo, a história oral é o recurso que nos possibilita encarar o passado como um prolongamento, um processo histórico inacabado, vindo desaguar no presente as lacunas, os acontecimentos ocultos, que acabam se tornando a razão de ser da história. Diante dessa realidade, essa metodologia oferece não apenas uma alternativa para o conceito de história, mas amplia tal perspectiva, pois valoriza, singulariza as memórias das testemunhas, imprimindo uma razão de ser ao indivíduo, fazendo com que eles, como afirma José Carlos Meihy, façam parte e atuem no contexto social no qual estão inseridos¹⁶⁶.

Philippe Lejeune, ao analisar as narrativas de si, diz que publicizar uma história de si é aproximar o leitor/ouvinte, mas não apenas isso. Narrar uma história é lançar luz sobre um passado, tornar mais transparente o que se julgava turvo, ampliar o conhecimento sobre si e de si¹⁶⁷. A credibilidade da narrativa de alguém que fala por e de si, destaca Beatriz Sarlo, é um valor reconhecido quando se encara o indivíduo enquanto autor da vida que escolheu e decidiu seguir. No entendimento da autora, “a história oral e o testemunho reconstituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar a identidade machucada¹⁶⁸”.

Ora, testemunhos de travestis e mulheres trans sobre momentos de suas vidas, expõem não somente para essas pessoas, mas para a pesquisa em si, a vivência percorrida até ali, reconfigurando um futuro sem deixar de lado as dores e marcas do passado centrado em seus corpos em trânsito e suas orientações sexuais em formação justificando o caminho percorrido. Segundo Judith Butler, as identidades, bem como as orientações sexuais não são estanques, mas móveis¹⁶⁹. Dito de outro modo, é possível estar numa determinada identidade de gênero/orientação sexual em determinado momento, e migrar para outras.

¹⁶⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 79.

¹⁶⁶ MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 49.

¹⁶⁷ LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 102.

¹⁶⁸ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 18.

¹⁶⁹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Nessa perspectiva, recorreremos ao pensamento de Maurice Halbwachs, pois as memórias aqui lembradas, mesmo que tenham sido vividas na coletividade, dentro da lógica com a qual o autor dividiu as memórias, mantém a aura individual, ora insular, ora hermética¹⁷⁰. As protagonistas, ao falarem sobre si, vão referenciar suas vidas tendo por base os pressupostos exteriores ditados por uma ordem que já existia antes delas. Dessa forma, ao (re)visitar suas memórias, as travestis e mulheres trans construirão pequenos blocos de experiências que, por sua vez, se encaixarão a subjetividades várias, mas que juntas farão o sentido da vida, das suas vidas.

No intuito de corroborar tais enunciados, pensamos que a História Oral, como método, é adequada a esta pesquisa, que prioriza as memórias. Tal método é bastante utilizado nas pesquisas historiográficas que lançam mão das narrativas individuais para pesquisar grupos, socialmente visíveis ou não, sendo bastante presente no estudo de pessoas que os documentos oficiais não contemplaram, suas vozes servindo, desse modo, como principal testemunho de si. Assim, a história de vida, enquanto questionadora do fazer historiográfico concentrado em fontes documentais oficiais, realça uma constatação feita por Paul Celan: “Ninguém testemunha para a testemunha¹⁷¹”. Ou seja, o sujeito espoliado de sua individualidade, dispõe de seu próprio testemunho para confirmar sua existência.

Seligmann-Silva destaca, ainda, que por mais críticas que se faça ao testemunho usado pela história oral para se compreender os meandros da memória, é perfeitamente possível interpretá-la, pois o que está em jogo não é se a história testemunhada é verdadeira ou não, mas se a testemunha tem credibilidade para testemunhar sobre si. O autor sustenta que mesmo a suposta credibilidade é questionável, pois a história oficial não desconfia dos relatos de Primo Levi sobre os horrores vividos no campo de concentração em Auschwitz, na Polônia, afinal de contas, destaca o autor, ninguém jamais voltou do inferno para contar sua própria morte, pois é desnecessário, uma vez que cada indivíduo pode ter visitado o inferno ainda em vida¹⁷², caso de Levi.

A história pode não ter questionado os testemunhos de Primo Levi¹⁷³, como sustenta Seligmann-Silva, mas não deixou de desconfiar, decerto. E essa desconfiança é essencial para

¹⁷⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 61.

¹⁷¹ CELAN, Paul. **Poemas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

¹⁷² SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 79.

¹⁷³ O autor, italiano, foi prisioneiro em Auschwitz e dessa traumática experiência nasceu o livro “É isto um homem?”, no qual ele descreve, por meio do próprio testemunho e usando da experiência de pesquisador, para

encarar os testemunhos em sua organicidade¹⁷⁴, pois eles se sustentarão, agora, sim, com outros artefatos tão ao gosto da historiografia oficial, como fotografias, cartas, roupas, enfim, vestígios daquilo que esteve ao lado do indivíduo quando seu passado era presente. Ou, sendo mais preciso, como afirma Regina Weber, em relação aos grupos subalternos¹⁷⁵, como as travestis e mulheres trans desta pesquisa, que são os alvos mais frequentes da História Oral, exatamente por sobre os subalternos haver poucos registros escritos, é preciso que, além dos testemunhos e fotografias e outras fontes similares, se recorra, também, aos levantamentos estatísticos e relatórios produzidos pelo Estado¹⁷⁶, muito embora estas fontes sejam raras quando se trata de determinados sujeitos.

Tais ponderações, continua Weber, servem como resposta aos que entendem que a História Oral não é suficiente por si mesma. A autora salienta que o historiador, deve, rigorosamente, buscar o máximo possível as fontes documentais em relação a determinado alvo de pesquisa, mas destaca que, dependendo do alvo, há um limite documental, não raro bastante escasso¹⁷⁷. No entendimento da historiadora, algo que pode ser aventado contra os testemunhos é que eles são “fontes privilegiadas”, em alguns casos até únicos, para que se possa empreender em dada pesquisa, mas também salienta que tais questionamentos também podem servir como respostas, pois as “representações, as vivências, as identidades, relativas a determinados grupos contemporâneos”, são por si, a matéria-prima mesma da História Oral, não sendo, portanto, plausível recusá-las, muito menos invalidá-las¹⁷⁸.

analisar os meandros do modelo nazista de extermínio. Além deste livro, ele ainda publicou mais oito, todos como testemunhos. Ver: LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

¹⁷⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença:** ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 80.

¹⁷⁵ A referência que faço aqui é consoante a que Regina Weber entende por grupos subalternos, que vem a ser a mesma de Gayatri Spivak, pois determinados sujeitos ou ainda são forçadamente silenciados, ou quando falam não são ouvidos, ou, prática comum em diversos aspectos das ciências humanas, como destaca Danila Cal, têm um interlocutor que falam por eles, distorcendo em muitos casos seus relatos e/ou demandas verbalizadas. Um dos objetivos, aliás, da história oral, também, é romper com tal estrutura, evitando o “falar por” em privilégio do “falar com”, daí soar estranho a conhecida “dar a voz a alguém”, quando se entende que todos têm direito a falar, logo, o adequado é buscar fortalecer as estruturas para que os sujeitos falem de si e por si, e não que se perpetue essa dependência apontada por Spivak, na qual o sujeito, historicamente dependente material e economicamente, ainda perpetua a dependência linguística ao testemunhar sobre si. Sobre tais ponderações ver: SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Ver também: CAL, Danila. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico:** política, poder e resistências. Salvador: EDUFBA, 2016.

¹⁷⁶ WEBER, Regina. **Fontes Cruzadas.** IX Encontro Estadual de História, promovido pela ANPUH/RS e realizado em julho de 2008 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/nph/arquivos/Regina%20Weber%20-%20Fontes%20Cruzadas.pdf> Acesso em 11/08/2020.

¹⁷⁷ Idem, p. 2.

¹⁷⁸ Idem, p. 3.

Ainda nessa perspectiva, Weber destaca que, se antes a História Oral e seus suportes (depoimentos, testemunhos etc.) careciam de justificativa por parte da tradição acadêmica, atualmente percebe-se uma sensível cobrança para que se utilize tal metodologia, mas também indaga: “Mas seria a fonte oral, em alguns casos, a fonte principal e exclusiva?”¹⁷⁹. Utilizando o fio de entendimento da autora, que pesquisa a imigração polonesa no Rio Grande do Sul, podemos elencar argumentos que possam tentar responder tal questionamento com mais dúvidas que certezas, pois as protagonistas desta pesquisa, que durante muito tempo sequer apareciam nos registros oficiais enquanto sujeitos de direitos¹⁸⁰, de modo que durante boa parte da pesquisa utilizaremos seus testemunhos como fonte. Também serão usados jornais, que de longa data retratam as homossexualidades corroborando, por um lado, os discursos médicos¹⁸¹, e, de outro, os pensamentos patriarcais heteronormativos e quase sempre com a marca da homotransfobia¹⁸².

Mas, se esta pesquisa tivesse acesso, por exemplo, a cartas trocadas entre as protagonistas e seus familiares?¹⁸³ Se fosse possível encontrar registros documentados das práticas de bombaço?¹⁸⁴ Estas, caso existissem e fossem acessíveis, também não seriam

¹⁷⁹ WEBER, Regina. **Fontes Cruzadas**. IX Encontro Estadual de História, promovido pela ANPUH/RS e realizado em julho de 2008 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, p. 3. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/nph/arquivos/Regina%20Weber%20-%20Fontes%20Cruzadas.pdf> Acesso em 11/08/2020.

¹⁸⁰ Esse ponto será mais adiante explorado, mas pode-se deixar registrado que algumas conquistas de pessoas LGBTQIA+, notadamente as pessoas transgênero, são de há bem pouco tempo, como o direito a nome social, inicialmente nas escolas paraenses, cuja iniciativa pioneira partiu da administração da então governadora do Pará, Ana Júlia Carepa, do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo expandido para o restante do país; logo seguida dos documentos pessoais, como certidão de nascimento e Identidade. Ainda incorre em tentação acrescentar a cirurgia de redesignação sexual (antes conhecida erroneamente como “de mudança de sexo”) e o “processo transexualizador” (responsável por consultas e ingestão de hormônios) como direitos, mas tal afirmação é problemática, pois não são conquistas advindas de lutas, empenho de movimentos sociais, ou de reconhecimento social por parte do Estado, mas serviços que o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece desde 2008, pois a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a transexualidade como “incongruência de gênero”, embora até 2018 fosse considerada um transtorno mental. Logo, por mais que seja uma vitória das pessoas transgênero poder utilizar o SUS para conseguir alterar um corpo que as aflige, tais práticas são oriundas de uma obrigação para com algo considerado doença. Sobre isso ver: GOVERNO DO PARÁ. **Portaria** nº 16/2008, estabelece, que a partir de 02 de janeiro de 2009. Disponível em: http://www.ioepa.com.br/pages/2008/04/14/2008.04.14.DOE_81.pdf Acesso em 13/08/2020. Ver também: MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015. Ver ainda: BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3ª Edição. Salvador: Editora Devires, 2017.

¹⁸¹ GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

¹⁸² PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

¹⁸³ O nível educacional de muitas travestis e mulheres trans é baixo e muitas cortam os laços familiares tão logo a identidade pretendida começa a aflorar. Isso também será abordado em momento posterior.

¹⁸⁴ Muitas travestis e algumas mulheres trans usam, com o objetivo de transformar o corpo então masculino em feminino, silicone industrial, mais barato e acessível. As sessões de aplicação desse silicone são dolorosas e realizadas, quase sempre, por travestis que também passaram pelo processo. A pessoa que faz a aplicação é

fontes privilegiadas, uma vez que revelariam reações daqueles momentos, devidamente filtrados pela memória, contendo a caracterização de situações enfrentadas em dado momento, mas que ficaram no campo da experiência? Os registros podem não existir fisicamente, o que nos possibilita questionar se os testemunhos venham a ser os únicos e mais adequados métodos de acessar determinadas informações¹⁸⁵.

Nesse sentido, ao adotarmos a História Oral, via testemunhos, temos ciência de que precisamos aprofundar nosso conhecimento não apenas na literatura pertinente, mas também nas subjetividades dos sujeitos, sempre a partir das realidades vividas. A metodologia adotada, por conseguinte, é convidativa para que entendamos os movimentos das dinâmicas sociais interior e exterior aos protagonistas. Pretendemos fazer dos testemunhos, bem como das demais fontes documentais que temos acesso, um diálogo para tentar compreender um todo.

Neste capítulo, discutimos as transformações pelas quais a historiografia passou ao longo dos anos, principalmente pós-Annales, tornando possível que estudos como este, que tem como protagonistas travestis e mulheres trans, fosse realidade. Vimos como foi e ainda é árduo forçar a ampliação epistemológica para que indivíduos considerados marginalizados, posto que vivem à margem, pudessem narrar suas próprias trajetórias, utilizando, para isso, os aportes da história oral, bem como destacando a importância da memória para que tal empreitada se torne realidade.

A partir deste momento, apresentarei as protagonistas desta pesquisa. De maneira geral, farei uma reconstituição baseada nos testemunhos e, sempre que possível, pontuarei, neste e nos capítulos vindouros, trechos de tais falas, sempre respeitando a forma como foi relatada. Antes, queremos frisar que as transcrições obedecem a alguns apontamentos, como os de Alessandro Portelli, no tocante às transcrições em si, pois o autor destaca que este momento é de fundamental importância, pois a linguagem exige perícia para que os relatos não percam o sentido, ou mudem do percurso pretendido pela testemunha¹⁸⁶.

conhecida como “bombadeira” e a prática como “bombaço”. Abordaremos isso com profundidade em capítulo posterior.

¹⁸⁵ WEBER, Regina. **Fontes Cruzadas**. IX Encontro Estadual de História, promovido pela ANPUH/RS e realizado em julho de 2008 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, p. 4. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/nph/arquivos/Regina%20Weber%20-%20Fontes%20Cruzadas.pdf> Acesso em 11/08/2020.

¹⁸⁶ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, v. 14, fev. 1997, p. 27. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240> Acesso em 11/08/2020.

O autor sustenta que os testemunhos, antes de serem transcritos, precisam passar por exaustiva audição, uma vez que a transcrição em si se tornará um documento, ainda lembrando que este documento é uma versão de outro documento, o áudio gravado, que carrega consigo a potência da narrativa, a força da oralidade¹⁸⁷. O apelo feito em relação à exaustão da audição chama atenção ao fato de que toda transcrição é uma construção de proximidades, de modo que transcrever é uma etapa da interpretação¹⁸⁸. Assim, a opção adotada neste trabalho, engloba o que foi verbalizado, bem como os silêncios e os sentimentos manifestos em interrupções e lágrimas.

Maria Antonieta foi travesti e se declarava preta com traços indígenas. Protagonizou um trabalho por mim realizado no ano de 2016¹⁸⁹. Foi também uma das protagonistas da minha dissertação de mestrado, na qual pesquisei as hierarquias, os conflitos e as tensões nas lutas por reconhecimento social entre travestis que se prostituem no bairro do Reduto, em Belém. Com ela, para aquela pesquisa, realizei oito entrevistas, entre março de 2015 e agosto de 2017¹⁹⁰. Para a atual pesquisa, realizei quatro entrevistas, nos dias 04 de maio, 21 de maio, 10 de novembro de 2019 e a última em 12 de janeiro de 2020.

Detalhes das entrevistas antigas e das mais recentes aparecerão ao longo deste trabalho. Não se prostituiu por “comprovada falta de talento”, como ela destaca, mas fez fama e fortuna agenciando travestis e mulheres trans no comércio do sexo no Brasil e também a encaminhar outras travestis para prostituição no exterior¹⁹¹. Maria Antonieta faleceu no dia 10 de abril de 2020, aos 56 anos, vítima da Covid-19, a pandemia que ceifa milhares de vidas pelo mundo, notadamente em nosso país. Aqui não permitirei que ela vire apenas mais um número. Aqui ela continuará viva.

Tal qual a interlocutora anterior, Samantha Carrara também perdeu a batalha para o coronavírus no dia 01 de maio de 2020, aos quase 53 anos. Era travesti e se declarava indígena, pois a avó materna era índia da tribo dos Mapuás. Para a presente tese, entrevistei Samantha

¹⁸⁷ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, v. 14, fev. 1997, p. 30. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240> Acesso em 11/08/2020.

¹⁸⁸ Idem, p. 31.

¹⁸⁹ VASCONCELOS, Osvaldo; CAL, Danila; MOKARZEL, Marisa. **Tinha Travesti Brincando de “Pira”**: Construção Simbólica de Hierarquias e Territorialidades na Prática da Prostituição. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 46 - 58, jan. / jul. 2016. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7641/Artigo>

¹⁹⁰ VASCONCELOS, Osvaldo. **Trajatórias (re)vividas**: hierarquias, conflitos e tensões na luta por reconhecimento entre travestis que se prostituem no Reduto, em Belém (PA). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. Belém: Universidade da Amazônia, 2016.

¹⁹¹ Entrarei em detalhes sobre isso em momento oportuno mais adiante.

nos dias 02 de maio e 10 de junho de 2019 e 05 de janeiro de 2020. Aproveitei, ainda, duas longas entrevistas usadas na dissertação de mestrado, realizadas nos dias 07 de maio de 2012 e 10 de junho de 2016.

Samantha Carrara dividiu o protagonismo dos meus trabalhos, juntamente com Maria Antonieta. O ano era 2005 e nosso primeiro contato se realizava quando eu a entrevistei para o meu trabalho de conclusão de curso em Geografia. Desde então, passou a fazer parte de praticamente toda a minha vida acadêmica e, assim como Maria Antonieta, também não permitirei que ela seja um frio número. Também aqui neste trabalho será protagonista.

Magda de Valqueire, atualmente, se identifica como “transmonstra”, mas já foi travesti e mulher trans. As entrevistas de Magda, para essa pesquisa, foram todas gravadas em vídeo, mas a protagonista não autorizou o uso de imagens, nem de nomes, autorizando apenas o uso dos áudios. Morando na Vila Valqueire, bairro da zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, Magda foi entrevistada por mim nos dias 22 e 27 de janeiro; 04 de fevereiro; e 03 e 27 de julho de 2017; 24 e 25 de fevereiro; 03 e 04 de março de 2018. Além de Magda, entrevistei, ainda, Luciana, proprietária do salão de beleza no qual Magda exerce a função de ajudante de contabilidade, nos dias 03 e 04 de março de 2018.

Todas as entrevistas foram realizadas na capital fluminense. No momento, Magda tem 55 anos e, mesmo sem saber ler e escrever, possui um talento nato para controlar gastos, característica que analisaremos em momento posterior, bem como outros aspectos da vida da protagonista, além de respeitar os limites por ela estabelecidos.

Renata Taylor é mulher trans, cineasta, cabeleireira, ativista dos direitos LGBTQIA+ e, em 2020, candidata à vereadora na capital paraense pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). A pedido da protagonista, os nomes, de registro e social, não serão substituídos por pseudônimos, mantidos os originais. Aparecerão, ainda, certificado de curso de cabeleireiro, bem como fotografias da infância, da adolescência, da juventude, da vida adulta (incluindo o período de transição de gênero), recortes de jornal que a trazem como alvo de reportagens e um cartaz de campanha do governo do estado do Pará contra a homofobia, no qual Renata é uma das garotas-propaganda.

A primeira entrevista com Renata Taylor, para esta pesquisa, foi realizada no dia 13 de janeiro de 2019, apenas em áudio. A segunda entrevista ocorreu no dia 21 de março de 2019, também apenas com áudio. A terceira entrevista foi realizada no dia 09 de agosto de

2020, com permissão da protagonista para filmar, de modo que há registro em áudio/vídeo. A quarta entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2020, também com registro em áudio/vídeo. A quinta entrevista foi realizada no dia 19 de maio de 2021 em áudio.

Cléo Ferreira é mulher trans, formada em psicologia e sociologia. Foi secretária-executiva da Secretaria de Educação, na gestão de Iracy Gallo, no governo de Ana Júlia Carepa (PT), tendo, inclusive, influência direta na criação do decreto citado na nota 179, sobre o uso do nome social por pessoas transgênero nas escolas públicas do Pará. Tem intensa atuação na luta pelos direitos de pessoas LGBTQIA+. É funcionária da Universidade Federal do Pará, tendo ocupado diversos cargos. Atualmente, é secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, na mesma instituição.

A primeira entrevista para essa pesquisa foi gravada em áudio no dia 01 de abril de 2019. A segunda ocorreu no dia 10 de agosto de 2020, em áudio/vídeo. A terceira no dia 18 de agosto de 2020 somente em áudio. A quarta no dia 24 de maio de 2021. Não será usado o nome de registro de Cléo, nem pseudônimo fazendo referência, pois a protagonista entende que como sempre foi mulher, basta Cléo. No entanto, a protagonista autorizou o uso de algumas fotografias que aparecerão ao longo do trabalho, especificamente na fase adulta.

Beatriz Santorini é travesti e tem 45 anos de idade. É funcionária concursada do Departamento de Vigilância Sanitária de Belém, ligada à Secretaria Municipal de Saúde. As entrevistas para esta pesquisa foram todas gravadas em áudio/vídeo, nos dias 17 de fevereiro e 16 de março de 2019; 11 de agosto de 2020 e 21 de maio de 2021, tendo sido autorizado pela protagonista o uso dos nomes de registro e social, os nomes dos pais, bem como das fotografias que aparecerão ao longo desta pesquisa.

Symmy Larrat é travesti, publicitária e presidenta da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) desde 2017. A primeira entrevista com ela, para esta pesquisa; foi feita no dia 17 de fevereiro de 2019, em áudio, ela estando em Salvador, cidade que, à época, ela residia. A segunda, no dia 16 de março de 2019, em áudio/vídeo, em Belém, na casa mãe. A terceira, por vídeo, foi realizada no dia 19 de agosto de 2020, ela estando em São Paulo, cidade na qual atualmente mora. A protagonista autorizou o uso dos nomes, de registro e social, bem como das imagens que aparecerão ao longo do trabalho.

Dentre os objetivos deste capítulo, primeiro foi o de evidenciar a importância da experiência para a construção de entendimentos não somente de classe, como então havia imaginado Thompson, mas ampliar para contemplar diversas outras subjetividades, cujos objetivos vão muito além de pertencimento de classe. Em segundo lugar, dialogar com as produções que se dispuseram a debater os gêneros, buscando na pluralidade novas formas de existências. Procurei estabelecer conexões sobre as diversas teorias detalhadas para encontrar um fio no qual pudesse ser possível manter uma trilha segura para se seguir. Em outro momento, detalhei o percurso metodológico escolhido, explicando que por meio dos usos da memória é possível reconstruir determinados aspectos das vidas dos indivíduos, e, logo em seguida, apresentei, brevemente, as protagonistas desta pesquisa. No capítulo seguinte, tentarei mostrar como as infâncias delas foram construídas numa Amazônia de múltiplas facetas.

2. Memórias *Transamazônicas* num mosaico infanto-juvenil

*El cuerpo trans es el Amazonas brotando inagotable a través de la selva, saltando las presas y los embalses*¹⁹².

Uma pergunta, incômoda para muitos, mas energizante para outros, foi nomear o título do livro de Gayatri Spivak: “Pode o subalterno falar?”. Um livro pequeno no tamanho, mas imenso no alcance. Início este capítulo fazendo alusão a esta obra, pois quero iluminar o caminho desta seção com outra pergunta, oriunda da pergunta formulada pela autora indiana: “Pode um cu mestiço falar?”¹⁹³, é o que questiona Jota Mombaça, descendo degraus para chegar aos níveis mais baixos da subalternidade apontada por Spivak.

Em capítulos posteriores, analisarei a perspectiva da subalternidade em Spivak, que é salutar em alguns pontos aqui debatidos. Por ora, quero enfatizar a também inquietante pergunta feita por Mombaça, uma “bicha não binária”, como elx¹⁹⁴ mesmx prefere se autointitular. Ao formular tal questionamento, em diálogo com a obra de Spivak, Mombaça prefere invadir lugares nos quais os LGBTQIA+ estão presentes, mas quase sempre silenciados, principalmente as pessoas trans: a academia e a família.

Os silenciamentos apontados por Mombaça dizem respeito, basicamente, à violência epistêmica da sempre dominante cisnormatividade e também aos silêncios da pessoa que não fala por si, ou seja, daquele ser invisibilizado que pode falar, mas tem sua voz terceirizada, quase nunca tendo protagonismo de fato ao falar sobre si.

Se consideramos o fato de que, no caso de pessoas trans*, a frequência escolar se torna, por diversas vezes, inviável, dadas as inúmeras violências físicas e simbólicas às quais essas pessoas estão expostas nos espaços de estudo que frequentam, o que implica elevados índices de evasão (melhor seria dizer “expulsão”) escolar entre sujeitos inconformes com o ideal binário de gênero, como poderíamos mensurar a ausência dessas pessoas nos âmbitos acadêmicos? Mensurável ou não, esta ausência

¹⁹² PRECIADO, Paul B. **Yo soy el monstruo que os habla**: informe para uma academia de psicoanalistas. Barcelona: Editorial Anagrama, 2020, p. 47.

¹⁹³ MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** Monstrx Erratik, 2015. Disponível em: [PODE UM CU MESTIÇO FALAR?. “Eu não vou mais sentir vergonha de... | by Monstrx Erratik | Medium](#) Acesso em: 28/01/2021.

¹⁹⁴ Sempre que eu fizer alusão à linguagem neutra, estou atendendo ou a vontade da pessoa citada, ou reproduzindo algum trecho no qual o autor utiliza tal preferência.

de vozes trans* nas universidades não cessa de ser reiterada e produzida ativamente por procedimentos acadêmico-políticos¹⁹⁵.

Há uma proximidade entre os questionamentos de Spivak e Mombaça, mas o que este último pretendeu enfatizar foi sobre silêncio e ausência nas mais diversas formas. Ausência nos espaços de sociabilidade, ausência nos espaços escolares, ausência nos lares, ausência nas deliberações, o que, por sua vez, acaba perpetuando um silêncio que se traduz no grau mais baixo de subalternidade, o da morte social.

A oportunidade que se reclama não é exatamente de falar, pois Spivak mesmo responde à pergunta formulada no título do livro, que, sim, o subalterno pode, mas entre falar e ser ouvido existem camadas de concessões nem sempre disponíveis aos que precisam negociar suas oportunidades de deliberação. Essa mesma inquietação teve o jornalista Chico Felitti, quando, ao se encontrar diante de uma história complexa sobre indivíduos também complexos, preferiu ir em busca das vozes originais, das vozes que poderiam narrar as próprias histórias¹⁹⁶, a ter de ouvir e destacar as vozes secundárias daqueles que falam do/pelo outro, vozes, aliás, acostumadas a usurpar o protagonismo de quem se narra.

Felitti se defrontou com impasses parecidos aos meus, pois, suas protagonistas, também pessoas trans, gostariam de falar sobre si? As protagonistas gostariam de revisitar períodos vividos para refletir sobre eles, como a infância e a adolescência, por exemplo? Havia/há interesse externo sobre o que pessoas trans viveram quando eram crianças? Sobre quando eram adolescentes? Havia/há interesse na vida de pessoas trans? É importante possibilitar que pessoas trans falem? É possível ouvir pessoas trans falarem sobre em quais alicerces suas vidas foram construídas?

O que se pretende, com este capítulo, é, primeiro, possibilitar que as protagonistas se apresentem, falem por si e de si. Segundo, descortinar os primeiros anos das protagonistas nos muitos recantos da Amazônia brasileira, lançando luz para existências longínquas, muito aquém dos grandes centros urbanos. Por fim, tentarei contextualizar os mecanismos que tornaram possíveis que muitas delas pudessem, em momentos diferentes, deixar para trás

¹⁹⁵ Mombaça, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** Monstrx Erratik, 2015. Disponível em: [PODE UM CU MESTIÇO FALAR?. “Eu não vou mais sentir vergonha de... | by Monstrx Erratik | Medium](#) Acesso em: 28/01/2021.

¹⁹⁶ Felitti, Chico. **Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor.** São Paulo: Todavia, 2019.

muitos dos signos masculinos que a tornavam alvo do gênero no qual permaneceram, durante bastante tempo, forçadas e estigmatizadas.

2.1 Maria Antonieta¹⁹⁷

Antes de Maria Antonieta florescer, quem veio ao mundo foi Ernesto. Nasceu de nove meses, numa madrugada chuvosa, em casa, com o auxílio de uma parteira, no dia 31 de março de 1964, exatamente no mesmo dia e ano em que o Brasil morria democraticamente mais uma vez, cuja primeira experiência fúnebre já havia ocorrido com Getúlio Vargas décadas antes. Ernesto foi o sétimo a nascer de uma prole de dez filhos, todos do sexo masculino, destino que em poucos anos o então bebê alteraria. O pai, agricultor, tornara hábito comemorar mais um filho homem nascido, bradando pela casa que “não sabia fazer filha mulher, só macho”, conta Maria Antonieta ao lembrar uma frase que uma tia – que terá uma função importante na vida adolescente dela – gostava de falar ao exortar a lembrança do irmão, pai do menino Ernesto.

A mãe, também agricultora, mal dava à luz e já retornava para a lavoura de arroz. Engravidava com a mesma velocidade. As crianças menores eram cuidadas pelas maiores, enquanto os pais labutavam na roça, e assim a vida seguia seu curso. Ernesto sobreviveu aos cuidados de crianças pouco mais velhas que ele, assim como passou a exercer a mesma função, anos depois, com os três irmãos que vieram ao mundo após ele. Sobreviveu à difteria contraída aos cinco anos. Sobreviveu aos longos períodos em que todos permaneciam com fome. Sobreviveu aos abusos que Maria Antonieta afirma ter sofrido por parte de “alguns meninos de perto de casa que viviam me chamando pro mato”. O pequeno Ernesto virou especialista em sobreviver.

Quando veio ao mundo, Ernesto, obviamente, não sabia em que parte deste mundo havia fincado sua presença, mas o lugar lá estava, com nome pomposo, Melgaço, cidade localizada na Ilha do Marajó, no Pará. Diferente de sua homônima, a Melgaço rica, portuguesa e europeia, a localidade marajoara jazia empobrecida e era tão infante quanto o pequeno

¹⁹⁷ Participou da minha pesquisa de mestrado e agora volto a usar o mesmo pseudônimo daquele trabalho, acrescentando novo pseudônimo para o nome de registro.

Ernesto, pois fora fundada quase três anos antes do rebento. O destino da cidade natal de Ernesto não mudou tanto, pois a pobreza de nascimento, continua até os dias atuais¹⁹⁸.

Embora o município natal de Maria Antonieta desde sempre tenha a pobreza como uma das características mais marcantes, tal condição não é exclusividade de Melgaço, muito menos da Ilha do Marajó como um todo, mas da região amazônica de modo geral, mesmo que se tire do cálculo os grandes centros urbanos que enriqueceram com a exploração da borracha, como Belém e Manaus, e mesmo aí é problemático homogeneizar a fatura.

No entanto, o próprio entendimento de pobreza, quando relacionado à Amazônia, é discutível. A jornalista e documentarista Eliane Brum, ao analisar os governos Lula e Dilma, ambos do PT, e os projetos energético e ambiental de ambos, quando direcionados à região amazônica, vai em busca da voz dos atingidos por barragens. São eles que falam por si, que explicam o que é ser amazônica, o que é ser rico, o que é ser feliz num lugar tão distante dos centros do poder¹⁹⁹.

A jornalista explica que, em 2011, quando houve a abertura do canteiro de obras da hidrelétrica de Belo Monte, na região de Altamira, no Pará, ela esteve com um chefe de uma das famílias que seriam forçadas a deixar a terra na qual viviam há décadas para que a maior obra física dos governos do PT pudesse existir.

A certa altura, ele abraçou uma castanheira e chorou. Não como garoa, mas como rio. Tentava me explicar por que ele não podia ser – sem ser ali. Ou a impossibilidade de habitar um mundo sem aquela árvore específica, aquela árvore que era também pessoa. De repente, o choro estancou e sua voz foi grilada pela raiva: “Fico revoltado quando Dilma diz que somos pobres. Por que ela pensa que somos pobres? De onde ela tira isso? Essa é a maior mentira”. Aquele homem quase nada tinha de bens materiais, nem os desejava. Sequer os conhecia e, se os conhecesse, não teriam propósito no seu cotidiano. Seu conceito de pobreza e de riqueza era totalmente outro, incompreensível para os fazedores de política do momento. Rotulá-lo como pobre, no discurso de Brasília, o ofendia, porque se considerava rico. Não como um discurso abstrato ou mesmo poético, mas porque era de fato como rico que se enxergava, na medida em que a floresta lhe dava tudo de que precisava. Para ele, a vida que ali tinha era a melhor que conhecia. Era, afinal, a sua vida²⁰⁰.

¹⁹⁸ De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, Melgaço é a cidade brasileira com o pior índice de desenvolvimento humano (IDH), ocupando o último lugar entre os 5556 municípios do país. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/melgaco_pa Acesso em: 12/08/2020.

¹⁹⁹ BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas** – um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019, p. 65.

²⁰⁰ Idem, pp. 66-67.

A visão do caboclo, que foi obrigado a se retirar de uma terra que ele e sua família habitavam há décadas, sobre seu lugar no mundo, não é singular, ou seja, não pertence somente a ele, mas a uma extensa comunidade que, em pleno século XXI, continua girando a ciranda da vida pautada no tempo da natureza. Edward Thompson, analisando as transformações na Europa a partir do século XVII, percebe no relógio um signo da revolução que alteraria para sempre os rumos de maior parte do mundo. No entanto, há um destaque, feito pelo autor, acerca do tempo do camponês, que podemos usar para ilustrar o entendimento do amazônida sobre alguns aspectos aqui levantados. O “camponês” parece não enxergar muita diferença entre o trabalho e a vida, uma vez que as relações sociais são misturadas²⁰¹.

Não enxergar muita diferença entre trabalho e vida é consoante com o respeito que o amazônida tem pela natureza e pelo universo em si²⁰², daí não tentar controlar o tempo. Uma vez entendido que a natureza é sábia, o homem amazônico tende a enxergar como dádiva aquilo que está à sua disposição, como rios caudalosos e perenes, alimentos abundantes e toda a sorte de outros benefícios naturais. No entanto, a partir da chegada do colonizador, passando pela exploração da borracha e pela chegada dos militares à região após 1960, o fator migratório passou a ter uma função determinante na organização social da Amazônia.

Amazônia e paliativo se conjugam. A Amazônia dos excessos há tanto explorada com parques proveitos a si. Obstante uma Amazônia não mítica, povoada por legiões de brasileiros muito pobres e que guarda na cultura, na fisionomia e na intimidade com os elementos da floresta, a memória viva do índio ancestral, hoje o quase índio ou quase nada, o errante dos lugarejos encravados no íntimo da mata, em margens sem registro em nenhuma carta, nas beiras de rios, igarapés; ontem destribalizado com violência, deculturado, hoje o desgarrado, a pairar num tempo sem calendas, a gente dos entrancados de verdes e águas, caudais do superlativíssimo rio Amazonas. É esta Amazônia da escassez que convive com o *el dorado* real, de fauna, flora, riqueza, cujas contas do inventário jamais se fecharam²⁰³.

O diagnóstico conferido por Amarílis Tupiassu, mesmo vindo enevado dos estudos literários, transcende o ficcional para desaguar nas realidades. Os escritores amazônicos mais aclamados, para ficarmos em alguns exemplos, como Edyr Augusto, Bruno de Menezes e

²⁰¹ THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 272.

²⁰² SILVA, Jaime & PACHECO, Agenor Sarraf. **Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina**. Horiz. antropol. vol.21 no.43 Porto Alegre Jan./June 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100129 Acesso em: 23/09/2020.

²⁰³ TUPIASSU, Amarílis. **Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora**. Estud. av. vol.19 no.53 São Paulo Jan./Apr. 2005, p. 299. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100019 Acesso em: 23/09/2020.

Eneida de Moraes, ambos nascidos em Belém, Márcio Souza e Milton Hatoum, oriundos de Manaus, Inglês de Souza, de Óbidos, região Oeste do Pará, e Dalcídio Jurandir, este natural de Ponta de Pedras, mas criado em Cachoeira do Arari, ambas na Ilha do Marajó, retrataram em suas obras a Amazônia, mesclando ficção e realidade, mas pendendo sempre para um retrato cru, talvez cruel, mas nunca indiferente, das mazelas pelas quais, ainda hoje, a região atravessa.

Dos exemplos citados, Dalcídio Jurandir, até por retratar em quase todos os seus livros a Ilha do Marajó, lugar de origem da maior parte das protagonistas desta tese, merece um destaque. As infâncias, de Maria Antonieta, como de outras que virão a seguir, se aproximam das peripécias vividas por Alfredo, o protagonista de vários romances do escritor marajoara, dos mergulhos nos rios, das secas das várzeas durante o verão, dos búfalos pacíficos que percorrem quilômetros diariamente, mas, talvez, principalmente, na obra de Dalcídio, a figura do caboclo amazônico, do ribeirinho dos confins dos inúmeros braços d'água, seja o que melhor traduz o espírito daquilo que as protagonistas marajoaras, principalmente, narram sobre suas próprias existências.

A ceguinha se embalava com os olhos mortos para o teto e as mãos quase extintas tecendo paisagens e desejos no ar. Podia ir para Muaná. Agora se lembra do sítio de seu tio. O tio cachimbando, mole, na rede, imaginando os mandiocais, brotando da terra, os canaviais, canoas cheias de cana para as garapeiras de Belém e cheia de farinha para o Arari [...]. Eutanázio leu embaixo do cupuaçuzeiro. A erva de passarinho floria nas aflitas laranjeiras sem flor. Na beira do igarapé que vinha sem nome da raiz da terra morna e misteriosa o miritizeiro saído era a velha estiva para os viajeros. As montarias encostavam. As sementes paravam na espuma da preamar, se oferecendo. Uma rede de sombra caía n'água [...]. As bacabeiras subiam, direitas e conscientes de seu ar magnífico, na monotonia hostil das capoeiras. Seringueiras mostravam as suas velhas feridas saradas²⁰⁴.

A descrição marajoara feita por Dalcídio Jurandir, que abarca a topografia da ilha, a hidrografia local, o calor intermitente, os hábitos alimentares, as agruras dos seringueiros na extração do látex, ainda são presentes, mesmo a história da referida obra se passando na segunda década do século XX. Como poderá ser constatado, conforme as memórias das protagonistas forem sendo tecidas nestas páginas, a Amazônia não permanece intacta, embora ainda mantenha certa semelhança com o período narrado pelo autor, mas muito do

²⁰⁴ Trecho do primeiro livro de Dalcídio Jurandir, lançado em 1941, e que inaugura a série “Ciclo do Extremo Norte”, composta de mais nove livros, tendo Alfredo como protagonista, da Ilha do Marajó até sua ida para Belém. O ciclo se inicia na infância de Alfredo, em Cachoeira do Arari, cidade na qual o autor também passou a meninice. JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Belém: Editora Cejup, 1995, pp. 139-140.

comportamento e das subjetividades amazônidas ainda se mostram sólidos. Nessa perspectiva, as pessoas ribeirinhas costumam sedimentar suas existências não apenas ancoradas nas próprias idiossincrasias, mas dentro da lógica que a região amazônica impõe aos povos que nela habitam. Assim, as populações tradicionais, e os caboclos em particular, articulam e alimentam suas subjetividades nos valores socioculturais e políticos locais.

Em paralelo ao autor marajoara, o escritor contemporâneo Edyr Augusto busca no mais puro realismo mostrar uma Amazônia para além das belezas naturais e de imensidão amplamente conhecidas. Não que a região retratada por Dalcídio tenha permanecido num passado distante, mas em Edyr Augusto há as tintas fortes das vidas que escorrem pelas esquinas das grandes, médias e pequenas cidades amazônicas. Em duas de suas obras em particular, “Pssica” e “Belhell”, é mostrada uma Amazônia com rios caudalosos, mata densa, fartura alimentícia, mas há também o outro lado, e é este lado que Augusto prefere narrar²⁰⁵.

Nas duas obras citadas, a prostituição infantil e adulta é apresentada como corriqueira, quase naturalmente pertencente ao cenário. Em “Pssica”, os horrores e truculências de políticos e empresários, em cidades mais desenvolvidas ou não da região, mostram uma Amazônia extremamente perigosa, bem longe dos idílios criados mundo afora. Morte, violência e sexo são imperativos na vida amazônica imaginada por Augusto. Um dado que salta aos olhos nas obras do autor é a perda da inocência do caboclo, encarado como um guardião da flora e da fauna por uma legião de pessoas, mas que nas obras de Augusto é expulso do paraíso amazônico e viceja pela vida, sendo, ao mesmo tempo, caça e caçador.

De acordo com Karl Arenz, os caboclos são originários de índios e mestiços, historicamente submetidos aos ditames, inicialmente dos colonizadores portugueses e, posteriormente, do Estado brasileiro independente. Nesse sentido, o caboclo amazônida é resultado direto de uma matriz étnica comum, que traz a resistência em sua trajetória²⁰⁶. No entendimento de Emílio Morán, o caboclo pode ser entendido como aquele que habita os sertões amazônicos, bem como o ribeirinho que vive nas margens das águas da região²⁰⁷.

²⁰⁵ As obras de Edyr Augusto, notadamente as duas que citei, costumam ser classificadas como novelas, bem de acordo com alguns critérios literários estabelecidos, pois o autor está mais preocupado com a fluidez da narrativa e não com artifícios descritivos. No entanto, mesmo assim é possível vislumbrar o cenário amazônico nas econômicas descrições que ele faz. Ver: AUGUSTO, Edyr. **Pssica**. São Paulo: Boitempo, 2015. Ver também: AUGUSTO, Edyr. **Belhell**. São Paulo: Boitempo, 2020.

²⁰⁶ ARENZ, Karl. **Anticaboclisto**. Revista de Estudos de Cultura. Nº 03 | Set.Dez./2015, p. 29. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/4770> Acesso em: 17/09/2020.

²⁰⁷ MORÁN, Emílio. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. São Paulo: Vozes, 1990, p. 71.

Arenz, por sua vez, destaca que o caboclo forma uma população numericamente considerável, levando-se em conta que nos registros demográficos nacionais funde-se caboclo com o “pardo”. O ribeirinho, segundo Arenz, foi percebido, durante bastante tempo, pela sociedade amazônica dos centros urbanos, enquanto indivíduo “incompleto”. Essa incompletude, afirma o autor, podia ser vista tanto na característica étnica, quando entendidos como índios “não genuínos”, quanto políticos, quando vistos como pouco civilizados, logo, não muito integrados ao convívio cidadão²⁰⁸. Esse contato mais próximo com as urbes amazônicas foi – e ainda é, talvez menos que antes – bastante dificultado pelas agruras econômicas dessa população e também pela questão da malha de transporte dentrítica, na qual o meio fluvial ainda é bastante presente.

Nessa perspectiva, Mark Harris faz uma leitura social do caboclo/ribeirinho pautada na complexidade. O autor entende essa população como paradoxal, permeada de ambivalências, tornando difícil uma descrição mais linear. Harris encara o caboclo/ribeirinho pela ótica da antítese, pois, para ele, “são cosmopolitas, mas regionais”, “sortidos, mas peculiares”, “tradicionais, mas modernos”. O autor percebe essa população como que nascida de um colapso cultural que veio no bojo de uma economia marcadamente mercantilista, num cenário político absolutista, mas que essas sociedades absorveram de maneira muito rápida tal assimilação econômica. O reforço do autor para caracterizar e reforçar um caráter marcadamente peculiar dessa população é percebido quando há o destaque para a capacidade do grupo em sobreviver, em se adaptar, em se recriar, em se reinventar, mesmo quando a crise econômica pós-ciclo da borracha se instalou na região²⁰⁹.

Os caboclos/ribeirinhos, ainda de acordo com Harris, não possuem uma história colonial de triunfo para se orgulhar, sentem-se à margem dos centros decisórios de poder e estão imersos em um contexto marcadamente volátil de alterações históricas nos aspectos político-econômico, global ou não. O autor destaca muitas convergências e muitas (des)continuidades nas sociedades amazônicas caboclas, mas reforça a inesgotável capacidade que tais populações têm para reinventar um presente diferente. As subjetividades ribeirinhas,

²⁰⁸ ARENZ, Karl. **Anticaboclisto**. Revista de Estudos de Cultura. Nº 03 | Set.Dez./2015, p. 29. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/4770> Acesso em: 17/09/2020.

²⁰⁹ HARRIS, Mark. **Presente ambivalente**: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades Caboclas Amazônicas*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006, p. 89.

para o autor, desse modo, é um produto do presente, ou de um passado recente, em constante mutação, traduzindo um “presente ambivalente”²¹⁰.

Maria Antonieta, ao se lembrar de quando era performada por Ernesto, não demonstra muito apreço por si, mas os olhos brilham ao lembrar-se dos irmãos, de quando brincavam soltos pelas ruas, de quando mergulhavam no rio ao longo da tarde, de quando podiam curtir a companhia uns dos outros. Afirma que não se recorda de coisas ruins envolvendo os irmãos, que sempre a protegeram, pois era uma criança muito magra, com ossos salientes, talvez por fome, talvez por um organismo acelerado, não sabe precisar. Dos pais, sim, conserva alguma mágoa. Em seus relatos é sempre sucinta ao se reportar a eles, principalmente do pai, cuja severidade e poucas demonstrações de afeto com todos, ainda são nítidas em suas recordações.

Sem o carinho paterno e com a ausência da mãe que se desdobrava entre muitas crianças, a lavoura, o marido e ainda existir, o pequeno Ernesto aguardava a hora de brincar com os irmãos, prática que cultivou por alguns anos, até que, um a um, os irmãos mais velhos foram se deslocando para a lavoura junto com os pais, destino que ele entendia ser o seu também. Maria Antonieta recorda que não apenas ela e os irmãos, mas todas as pessoas daquele lugar trabalhavam na roça, de modo que nascer, crescer e cultivar arroz era o ciclo natural da vida por aquelas bandas.

Ernesto ainda não ia para a lavoura, mas já pisava em arroz num pátio ao lado da casa de madeira na qual morava. Os pés miúdos e magros do garoto roçavam com alguma agressividade os inúmeros grãos para deles retirar a palha que não poderia ir parar nas sacas que seriam mandadas para a cidade de Belém, a capital do estado do Pará.

Pisar em arroz talvez fosse o preâmbulo da vida na roça, a parte mais suave no cotidiano de um lavrador, ao menos era assim que Maria Antonieta pensava que Ernesto encarava as coisas, pois era só falar em pisar em arroz e “lá ia eu, mano, era fácil demais”. Tal prática não foi exatamente um preâmbulo para Ernesto, mas um epílogo, pois os pais, especificamente a mãe, haviam imaginado um futuro melhor para o garoto. Em deliberação com o esposo, a mãe decidiu que o pequeno Ernesto não iria para a roça, mas para a escola, pois “alguém nessa casa precisa saber ler e escrever”.

²¹⁰ HARRIS, Mark. **Presente ambivalente**: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades Caboclas Amazônicas*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006, p. 104.

Eu morava em Melgaço, lá no Marajó, e meus pais queriam que eu estudasse, que fosse gente com carteira assinada, essas coisas. Vim morar na casa de uma tia, irmão do meu pai. Chegando aqui, ela não foi com a minha cara e nem eu com a dela. Ela vivia me chamando de bichinha, viadinho, essas coisas. Beata do caralho. E eu sempre fui nojenta. No início, ela falava essas coisas e eu ficava calada. Depois, virei o diabo e a gente discutia. Um dia, ela veio me bater com uma vassoura, me chamando de chupa pica, aí dei na cara dela, peguei minhas coisas e nunca mais voltei. Também nunca mais voltei a falar com meus pais. E até onde sei eles também não fizeram caso de mim. Se ninguém sente falta, ninguém briga, né? (Maria Antonieta, Belém, 2019).

A tia paterna, que ficaria responsável pelo jovem Ernesto, morava no bairro do Jurunas, em Belém. Mulher de hábitos religiosos, a tia criou antipatia assim que viu o sobrinho pela primeira vez no Porto da Palha²¹¹, quando este chegou de Melgaço trazido pelo pai. Maria Antonieta se recorda que a tia, já no porto, batia com um leque de madeira nas costas do garoto, ordenando que ele andasse “igual homem” e que não colocasse “a mão na cintura” porque isso quem faz é “mulher, e mulher tem parte rachada de nascença”.

O pai ainda permaneceu alguns dias na capital, até que chegou o momento de retornar para Melgaço. Após a partida dele, a relação entre tia e sobrinho, que já começara tensa, passou para a constante beligerância. Antonieta lembra que a tia vivia com um terço nas mãos, rezando o tempo todo, fazendo o sinal da cruz quando fechava alguma porta. Afirmou, inclusive, que o fato de não ter sentido simpatia pelo sobrinho se devia ao fato de que ela, temente a Deus e São Sebastião, sentiu, quando o viu pela primeira vez, que o garoto trazia os encantos da floresta no corpo.

De acordo com Raymundo Heraldo Maués, o catolicismo popular praticado em diversos lugares da Amazônia misturou-se com a pajelança de muitas comunidades caboclas da região. Dessa fusão, nasceram algumas crenças e associações entre santos católicos e espíritos da floresta. Assim, Maués destaca que no catolicismo popular nacional e, mais especificamente naquele praticado na região amazônica, “o Menino Deus é um ‘santo’ como os outros, já que Deus é uma figura distante, pouco lembrada e pouco invocada pela população²¹²”.

²¹¹ Porto localizado no bairro da Cremação, em Belém, situado às margens do rio Guamá. Por eles, diariamente, há o embarque e desembarque de pessoas e mercadorias vindas dos mais diferentes lugares do estado do Pará.

²¹² MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico**: a religião. *Estud. av.* [online]. 2005, vol.19, n.53, pp.259-274, p. 261. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000100016&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19/09/2020.

Tais entendimentos acerca do catolicismo popular, segundo Maués, são corriqueiros entre os caboclos amazônicos, sendo comum não apenas nas áreas mais afastadas da região, mas presente nos grandes centros urbanos. No entanto, pondera o autor, nas localidades mais rurais a predominância das pajelanças é mais nítida que nas cidades mais desenvolvidas. Para ele, essas percepções têm mais a ver com a “pajelança rural ou de origem rural (cabocla)”, cuja matriz está na figura dos “encantados²¹³”.

Os encantados, de acordo com Maués, são diferentes dos santos, pois não morreram, são seres humanos que ficaram “encantados”. O autor afirma que essa crença tem origem europeia, estando intimamente relacionada com as ideias sobre príncipes e princesas. Contudo, tais percepções sofreram forte influência indígena, “de lugares situados ‘no fundo’, ou abaixo da superfície terrestre²¹⁴”.

A cosmologia apresentada por Maués é consoante com as análises de Jaime Silva & Agenor Sarraf Pacheco, pois os encantados possuem a capacidade de transitar nos mundos, dos humanos e dos animais não-humanos, além de percorrer diversos outros lugares. Os encantados, de acordo com os autores, têm a capacidade de estar presentes no ar, em terra e na água. Tais elementos não são fixos para a estadia dos seres encantados, aparecendo ao prazer das circunstâncias, sempre em movimentação²¹⁵.

No entanto, Antonieta não sabe precisar o que a tia queria realmente dizer com “encantos da floresta”, mas levanta a possibilidade de que seu comportamento matreiro, desinibido e atrevido tenha alguma relação. Não havia passado muitos meses após a chegada à capital e o jovem Ernesto já era popular na rua, fazendo amizades com vizinhos e bastante integrado à vida social daquele pedaço do bairro do Jurunas. Ela recorda que a tia abominava “ajuntamento de gente” e que não era dada a “mexericos com vizinho”.

Os meses foram passando e a relação entre tia e sobrinho, que nunca fora amistosa, chegou ao limite. Antonieta recorda, desse período, que a tia vivia convidando o sobrinho para rezar, para ir à missa, estimulando o então jovem a fazer a primeira comunhão. Diante das

²¹³ ²¹³ MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico**: a religião. *Estud. av.* [online]. 2005, vol.19, n.53, pp.259-274, p. 262. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000100016&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19/09/2020.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ SILVA, Jaime & PACHECO, Agenor Sarraf. **Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina**. *Horiz. antropol.* vol.21 no.43 Porto Alegre Jan./June 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100129 Acesso em: 23/09/2020.

sucessivas negativas do sobrinho, a tia deu o ultimato: “Ou faz o que eu mando, ou vai embora daqui”, recorda Antonieta. Nesse ínterim, ela havia feito amizade com uma mãe de santo, que era dona de um depósito de bebidas. Após ser colocado contra a parede pela tia, Ernesto iniciou uma virulenta discussão, que culminou com a sua expulsão de casa.

A gente discutiui, né? Já te disse esse babado. Então, eu tinha feito amizade com a Dona Chiquinha, minha mãe de santo, meu elo com Oxóssi. Eu já tinha conhecido o sexo com os meninos da rua, tudo rápido, muito rápido. Eu fazia de tudo pra não ficar em casa. Aquela velha controlava tudo, menino. Magra pra caralho, um passarinho comia mais do que ela. Eu cansei de dormir com fome porque não tinha comida porque ela guardava tudo com cadeado. Eu fiz amizade com o pessoal da rua todo. Passei a comer um pouco na casa de uma, depois na casa de outra, varria casa dos outros pra poder comer. Lá em Melgaço não era assim. Tinha muita comida lá. Aqui em Belém, até hoje, o povo é mão de vaca e passa fome. Não entendo. A velha queria eu fosse beata que nem ela. Doida. Não sou religiosa. Nunca fui. Meu único compromisso é com Oxóssi. (Maria Antonieta, Belém, 2019).

Durante a discussão, entre palavras ásperas de ambas as partes, Antonieta recorda que após chamar a tia de “beata do caralho”, em resposta às acusações de que Ernesto “era um viadinho que vivia chupando a pica dos meninos da rua”, a tia avançou para o sobrinho com uma vassoura e deu-lhe nas costas. Antonieta diz que ficou “cega de ódio” e revidou, esbofeteando a tia até que esta caiu no chão, entre lágrimas e palavras mais raivosas ainda. Ela afirma, por fim, que enfiou suas poucas roupas numa sacola plástica e saiu para nunca mais retornar.

Uma vez saído de casa, Ernesto foi procurar abrigo na casa de Dona Chiquinha. Esta, sensibilizada com a história contada pelo jovem, abrigou-o em casa, informando que sempre cabia mais um na casa de Oxóssi. Assim, Ernesto ficou trabalhando no depósito de bebidas que Dona Chiquinha possuía e a ajudar na arrumação do terreiro sempre que os festejos aconteciam. Antonieta afirma que morou de favor por quase cinco anos. E foi na casa de Dona Chiquinha que Ernesto conheceu Olga, amiga e frequentadora do terreiro de Oxóssi. Sobre Olga e o impacto que esta causou no jovem Ernesto, Antonieta diz:

Eu tava lá, né? Ficava atendendo o pessoal no depósito, sempre faceira. Eu sempre fui faceira. Sempre podia aparecer um sexo [gargalhadas]. Um dia, eu tava espalhando folhas secas no terreiro, era dia de festa pra Oxóssi. Dona Olga surgiu belíssima, loira, imensa de alta, uma varapau. Foi super educada comigo. Aí ela disse assim: “Qual teu nome, viadinho?”. Falei meu nome. Ela disse que a gente ia mudar de nome, que nome de bicha é diferente. Menino, eu ainda lembro da bicha Olga como se ela não tivesse morrido, sabias? Devo muita coisa pra bicha. Ela sempre levava roupa e sapato que ela não queria mais e eu guardava tudo como se fosse sagrado. Demorei pra usar aquilo tudo porque era só lama onde a gente vivia. (Maria Antonieta, Belém, 2019).

A relação de amizade estabelecida, inicialmente, entre Ernesto e Dona Chiquinha e, por meio desta, entre ele e Olga e, posteriormente, entre Maria Antonieta, já travesti, e Samantha Carrara, outra interlocutora deste trabalho, se insere na “amizade como modo de vida”, como sugere Didier Eribon. O sociólogo francês destaca este aspecto, fazendo um percurso entre o “meio rural e a vida na cidade”, tão comum a muitos homossexuais²¹⁶.

No entanto, afirma Eribon, antes do homossexual estabelecer contato com outros homossexuais e criar uma rede de sociabilidades, ele estabelece uma dolorosa relação com a injúria.

No começo, há injúria. Aquela que todo *gay* pode ouvir num momento ou outro da vida, e que é o sinal de sua vulnerabilidade psicológica e social. “Viado nojento” (sapata nojenta) não são simples palavras lançadas *en passant*. São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo²¹⁷.

Assim, antes do homossexual ter consciência do que é, já o é pela nomeação do outro. A injúria é, para Eribon, um “enunciado performativo”, que inscreve o alvo do agressor num lugar abaixo, reduzindo esse outro ao mais abjeto²¹⁸. O abjeto, esse ser desprezível, internaliza a injúria como parte integrante de sua personalidade, conclui Eribon. E vai além:

Logo, o insulto é um veredito. É uma sentença quase definitiva, uma condenação perpétua, e com a qual vai ser preciso viver. Um *gay* aprende a sua diferença sob o choque da injúria e seus efeitos, dos quais o principal é seguramente a conscientização dessa dissimetria fundamental instaurada pelo ato de linguagem: descubro que sou alguém de quem se pode dizer isto ou aquilo, alguém a quem se pode dizer isso ou aquilo, alguém que é objeto dos olhares, dos discursos e que é estigmatizado por esses olhares e esses discursos. A “nomeação” produz uma conscientização de si mesmo como um “outro” que os outros transformam em “objeto”. [...] Aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E este poder é primeiramente de me ferir [...] e inscrever a vergonha bem no fundo da minha mente²¹⁹.

²¹⁶ ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 37.

²¹⁷ Idem, p. 27.

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ Idem, p. 28.

Nesse sentido, ao ser, de maneira sistemática, alvo da injúria por parte da tia, o jovem Ernesto teve de lidar com essas classificações que o reduziam, primeiro, a um ser maligno vindo da floresta, depois, de ter sua orientação sexual como mote para enclausurá-lo mais ainda num nível bem abaixo que o da agressora. No entanto, afirma Eribon, a injúria pode, em muitos casos, unir os “moralmente rebaixados”, que invariavelmente se conectam nas cidades, e que, em virtude de passados dolorosos e de sexualidades semelhantes, se unem para sobreviver no novo lócus, a cidade²²⁰.

Voltarei a esses aspectos inicialmente analisados sempre que possível, ao longo dos capítulos, mas, por ora, foi necessário contextualizar esse ponto. Maria Antonieta, já em pleno exercício da cerimônia do adeus àquele corpo masculino, encontrará em Olga – que mais tarde ela saberá também ser travesti, e que terá importância fundamental na vida dela, bem como na vida de Samantha Carrara, a próxima protagonista – uma aliada para a transição de gênero.

2.2 Samantha Carrara²²¹

“Já nasci pintosa²²²”. É assim que Samantha se refere ao próprio nascimento, no dia 19 de julho de 1967, em Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, poucos dias após a mãe completar oito meses de gestação. Afirma que “tava com pressa de sair pro mundo”, por isso “chutei logo a barriga da mamãe pra gritar minha chegada”. Logo em seguida, Samantha pondera que não sabe ao certo se nascera de oito meses, antes da hora, ou de nove mesmo, na hora marcada pelo tempo da gestação, pois a mãe era analfabeta, cega das letras e distraída dos números. Na dúvida, aposta na narrativa de oito meses, encarando a chegada antecipada como uma digna efeméride.

A criança, visivelmente identificada como sendo do sexo masculino foi batizada como Getúlio, como exigia o pai, também Getúlio, em homenagem ao “pai dos pobres”, o inesquecível estadista nacional, presidente golpista, num primeiro momento, e eleito democraticamente, num segundo momento, alegoria fiel ao mantra das jabuticabas

²²⁰ ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 31.

²²¹ Usarei os nomes social e de registro da protagonista autorizado por ela. Na minha dissertação de mestrado ela também esteve presente, mas lá fora identificada enquanto “Maria de Médici”, nome social, sendo o de registro usado ao longo do trabalho.

²²² O termo faz referência à afeminação, comportamento afetado.

brasileiras²²³. Para diferenciar pai e filho, o primeiro permaneceu Getúlio e o segundo Getinho.

Samantha ressalta que esse cuidado com o nome foi apenas uma quimera, sonho de uma noite de verão, pois os pais viviam às turras, bêbados, ele ameaçando a esposa de morte, ela jurando amor e fidelidade ao marido. No geral, ela afirma que foram pais indiferentes, até egoístas, viviam a vida deles e “eu ficava na casa dos meus tios direto”. Nas recordações de Samantha, o cheiro de cachaça era o cheiro da casa dela. Ela diz que os pais bebiam bastante, mas associa a embriaguez diária à mãe.

Das lembranças de Samantha, um produto simples ganha contornos de extremo valor: sabonete. Ela diz que tinha por volta dos sete anos quando viu um pela primeira vez, trazido juntamente com outros produtos pela embarcação do “regatão”. “Era muito cheiroso. Tinha cheiro de coisa boa. Eu só tomava banho de limão galego. Todo dia”.

Márcio Couto Henrique & Laura Trindade de Moraes destacam a importância e a imensidão da hidrografia amazônica para os ribeirinhos, uma vez que a massa hídrica assume, literalmente, a personificação da rua, “estradas líquidas”. Em virtude de uma *sui generis* cartografia, a população ribeirinha precisou se adaptar, aí incluindo ter acesso a bens de consumo inexistentes pelas redondezas. Surge, então, a figura do “regatão”²²⁴.

Regatão é o comerciante que desliza pelos rios amazônicos, levando nas embarcações diversos produtos – secos e molhados²²⁵ -, oriundos quase sempre das cidades de Belém e Manaus, para os lugares mais recônditos da região amazônica²²⁶. Esse importante personagem amazônico, segundo Henrique & Moraes, já era percebido em meados do século XIX, tendo

²²³ Alegoria que brinca com o fato de a jabuticaba ser endêmica do Brasil e determinados casos político-jurídicos considerados pitorescos acontecerem aqui com muito mais frequência.

²²⁴ HENRIQUE, Márcio Couto & MORAIS, Laura Trindade de. **Estradas líquidas, comércio sólido: índios e regatões na Amazônia (Século XIX)**. Rev. Hist. (São Paulo) n°.171 São Paulo July/Dec. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-83092014000200049&script=sci_arttext Acesso em: 18/09/2020.

²²⁵ Henrique & Moraes assim identificam os produtos no século XIX.

²²⁶ MCGRATH, David. **Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional**. Novos Cadernos NAEA vol. 2, n° 2 - dezembro 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/109/163> Acesso em: 21/09/2020.

sido bastante perseguido pelos governantes do período²²⁷. No entanto, o regatão continuou exercendo sua atividade, inicialmente por meio do escambo²²⁸.

A monetização das relações comerciais entre regatões e ribeirinhos foi se estabelecendo lentamente, como afirmam Deborah Lima & Nelissa Peralta²²⁹. Essa evolução foi sendo construída com uma incipiente e lenta entrada por parte dos últimos nos centros urbanos amazônicos, mas nada muito significativo, pois precisa-se levar em consideração o caráter continental da região.

Em relação a este último ponto, Fiorelo Picoli afirma que antes de 1960 a região amazônica era eminentemente dendrítica, ou seja, a locomoção era feita, majoritariamente, por embarcações. Mas, continua o autor, com os militares no poder, a ditadura criou o Plano de Integração Nacional (PIN), cujo objetivo, dentre outros, era integrar a região amazônica ao restante do país, uma vez que no entendimento dos generais, a região, além de ser um “vazio demográfico”, também estava isolada. A solução militar para tais *problemas* foi, inicialmente, a abertura de estradas, capitaneada pela Transamazônica, e, logo em seguida, pelo chamamento de migrantes para povoar o suposto vazio amazônico com os projetos de colonização dirigida, instalados nas margens das novas rodovias²³⁰.

Os projetos de colonização dirigida reforçaram o desmatamento iniciado com as estradas, que, por sua vez, foram abertas sem qualquer estudo de impacto ambiental²³¹. As agrovilas, agrópolis e ruropólis, em disposição hierárquica, tiveram uma participação importante na alteração da malha dendrítica, não exatamente causando algum dano com o objetivo de exterminar a malha, mas alterando a logística de mobilidade das pessoas. As novas

²²⁷ HENRIQUE, Márcio Couto & MORAIS, Laura Trindade de. **Estradas líquidas, comércio sólido: índios e regatões na Amazônia (Século XIX)**. Rev. Hist. (São Paulo) n°. 171 São Paulo July/Dec. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-83092014000200049&script=sci_arttext Acesso em: 18/09/2020.

²²⁸ O regatão entregava os produtos (secos e molhados, no século XIX) e recebia “produtos regionais, agrícolas e extrativistas” em troca. Posteriormente, ao longo do século XX, houve alguma monetização nas trocas, mas o escambo continuou sendo praticado. MCGRATH, David. **Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional**. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/109/163> Acesso em: 21/09/2020.

²²⁹ LIMA, Deborah de Magalhães & PERALTA, Nelissa. **Programas de transferência de renda em duas Unidades de Conservação na Amazônia brasileira e Sustentabilidade**. Novos Cadernos NAEA. v. 19 n. 2, p. 43-67, maio-agosto 2016, p. 51. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2379> Acesso em: 17/09/2020.

²³⁰ PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 89.

²³¹ Idem, p. 91.

idades surgidas ao longo das novas rodovias passaram a ganhar notoriedade, enquanto outras, que estavam localizadas há tempos nas margens dos rios, fizeram o caminho contrário²³².

Houve, dessa forma, não a eliminação da malha dendrítica, mas o surgimento da malha rodoviária, mais em virtude da expansão do capital sobre a floresta do que necessariamente para atender aos novos povos migrantes que passaram a compor o quadro social amazônico. As duas malhas passaram a conviver, a dendrítica mantendo sua importância, mesmo com as novas estradas²³³. Aqui, é preciso ressaltar o caráter geográfico da região para explicar a hegemonia, ainda hoje, da malha hídrica. Além de inúmeros caminhos fluviais compostos por rios, igarapés e furos d'água, o relevo amazônico propicia alguns fenômenos, como os três tipos de solos predominantes na região: igapó, várzea e terra firme.

Dessa forma, a região amazônica é atravessada por três tipos topográficos, no qual o igapó permite que parte da região permaneça constantemente alagada, mesmo no verão, cujos benefícios podem ser percebidos nos baixos índices de desmatamento para criação de pastos, bem como de queimadas para favorecer o plantio de grãos, além dos baixos índices de mazelas sociais, pois esta parte da Amazônia, lado Ocidental, é relativamente pouco habitada, seja pelos motivos naturais citados, seja por uma parte considerável da região ser formada por áreas indígenas demarcadas, bem como áreas de proteção ambiental²³⁴.

Na várzea, área considerada de transição, há um revezamento de cheias e secas, mediado pelo inverno/verão amazônicos. Por fim, há a cobiçada área de terra firme. Neste tipo de solo, há a concentração da maior parte de desmatamentos e queimadas, avanço da fronteira agropastoril, acentuados índices de assassinatos pela posse da terra, dentre outros conflitos agrários, além de problemas sociais daí advindos²³⁵.

Nesse contexto, mesmo com a presença nociva das estradas para o ecossistema amazônico, os ribeirinhos, que pouco foram afetados pela malha rodoviária, continuaram a viver tendo o rio como aliado. Lima & Peralta destacam que essa população, com o passar dos anos, foi beneficiada por programas de transferência de renda do Governo Federal, cujo maior exemplo é o Bolsa Família. Ter acesso a esse recurso alterou a relação do ribeirinho com o

²³² PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 94.

²³³ KZAM, Áthila & PINTO, Lúcio Flávio. **Amazônia decifrada**. Belém: Edição dos autores, 2013, p. 127.

²³⁴ Idem, p. 142.

²³⁵ Idem, p. 143.

regatão. O curioso é que a relação passou a se fortalecer, destacam as pesquisadoras, pois a exigência por produtos mais elaborados forçou o regatão a se modernizar²³⁶.

A autonomia trazida pelos programas de transferência de renda, afirmam Walquíria Leão Rego & Alessandro Pinzani, foi de crucial importância para os beneficiários. No entendimento dos autores, autonomia e reconhecimento social possibilitaram ao beneficiário ter um encontro efetivo com um mínimo de cidadania, pois as políticas públicas, quando existiam, não contemplavam o indivíduo dos rincões, estando ele no Nordeste ou na Amazônia²³⁷.

A modernização exortada por Lima & Peralta diz respeito aos produtos ofertados, não necessariamente ao nível de sofisticação deles²³⁸. O contato com absorventes, por exemplo, pode ser emblemático nesse contexto, uma vez que muitas mulheres, quando estão menstruadas, usam pedaços de pano, de rede, lavável, para substituir algo considerado acessível nas grandes cidades²³⁹. O mesmo pode ser dito de Samantha e o sabonete. Um encontro que demorou sete anos para ocorrer e que deixou uma marca na memória, uma vez que serviu para demarcar uma inflexão sobre as diversas formas de se (con)viver com um produto, sem esquecer a forma como esse contato se deu.

Nessa perspectiva, a presença do regatão na Amazônia é de fundamental importância, pois, em muitos casos, foi através dele que se teve contato com produtos industrializados pela primeira vez. Mesmo sendo perseguido por diversos governos ao longo dos últimos séculos, como já destacado, ainda hoje ele se mostra imprescindível para inúmeras famílias ribeirinhas que estão localizadas em partes da Amazônia cujo acesso às maiores cidades, mesmo com os delírios rodoviários dos militares, jamais se concretizou.

A essência mesmo da presença dos militares na região amazônica é mais sobre um fantasma do que necessariamente pelos problemas alegados. O comunismo, que havia se

²³⁶ LIMA, Deborah de Magalhães & PERALTA, Nelissa. **Programas de transferência de renda em duas Unidades de Conservação na Amazônia brasileira e Sustentabilidade**. Novos Cadernos NAEA. v. 19 n. 2, p. 43-67, maio-agosto 2016, p. 52. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2379> Acesso em: 17/09/2020

²³⁷ REGO, Walquíria Leão & PINZANI, Alessandro. **Vozes do bolsa família: autonomia, dinheiro e cidadania**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 192.

²³⁸ LIMA, Deborah de Magalhães; PERALTA, Nelissa. **Programas de transferência de renda em duas Unidades de Conservação na Amazônia brasileira e Sustentabilidade**. Novos Cadernos NAEA. v. 19 n. 2, p. 43-67, maio-agosto 2016, p. 52. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2379> Acesso em: 17/09/2020

²³⁹ BRUM, Eliane. **Mulheres de ouro**. In: ICASSATTI, Miguel (org.). Um sábado no paraíso do swing e outras reportagens sobre sexo. São Paulo: Panda Books, 2006, p. 70.

instalado em Cuba, amedrontava os governos militares, que temiam uma contaminação brasileira vinda pela fronteira amazônica. Então, foi necessário construir uma narrativa triste para a Amazônia para que fizesse um pouco de sentido rasgar estradas mata adentro com o objetivo inicial de trazer calor nacional para uma região supostamente carente de gente.

Mais de 50 anos depois da chegada dos militares à Amazônia, as estradas imaginadas oscilam entre lama e poeira, dependendo da estação climática. Os problemas sociais jamais foram mitigados, ao contrário. E o comunismo, mesmo tendo sido praticamente erradicado no nível global, ainda assombra os militares, tirados do poder pelo nascimento da democracia brasileira, mas que permanecem em evidência²⁴⁰, no atual governo, como uma marca d'água. Dessa forma, o caboclo amazônico, historicamente instalado na região, pouco ou nada ganhou com o surto desenvolvimentista dos generais, o que reflete a inalterada capacidade produtiva da região, que sempre se destacou pela produção primária, em detrimento dos demais setores produtivos, resultando num precarizado desenvolvimento humano, com destaque para saneamento básico e nível educacional bem aquém do restante do país²⁴¹.

O espaço escolar foi um lugar que Samantha passou boa parte dos seus mais de 50 anos de vida sem frequentar. Ela afirma que simplesmente não a levavam para a escola, de modo que saber ler e escrever não eram fantasmas amedrontadores, uma vez que desconhecia que ensinavam isso na escola. Os dias de Getinho se consumiam entre brincar, dormir e se alimentar, num eterno ciclo. E esse ciclo compreendia, dentre outras coisas, correr pela várzea, perseguir os búfalos soltos e se pendurar nas incontáveis mangueiras da ilha marajoara.

Samantha diz que só sentou numa cadeira escolar quando fez 51 anos e se deu de presente uma matrícula numa escola estadual no bairro no qual mora, Guamá, em Belém, para cursar a primeira etapa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo ela, os progressos foram rápidos e em pouco tempo aprendeu a escrever seu nome de registro e seu nome social repleto de consoantes. A alegria por ter aprendido a escrever o próprio nome sozinha a fez correr para a casa de conhecidos pelo bairro com vários pedaços de papel no bolso. Sempre

²⁴⁰ O psicanalista Tales Ab'Sáber faz referência ao comunismo, sempre lembrado na política brasileira, desde a ditadura militar, classificando-o como “dispositivo do delírio”. Embora fosse comum na boca dos políticos chamados do “Centrão”, diz o autor, os chamados “políticos sérios”, como aqueles do PSDB e DEM, não faziam troça dos colegas, talvez prevendo que o delírio fosse servir de arma em algum momento da vida partidária. Quando Ab'Sáber publicou o livro, estava chegando a um prematuro fim o governo Dilma e o fenômeno Bolsonaro ainda não havia mostrado totalmente suas garras. Ver: AB'SÁBER, Tales. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.

²⁴¹ PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 143.

que parava na porta de alguém, sacava um pedaço, escrevia com imperturbável paciência e, uma vez concluído, mostrava o papel e dizia, separando em sílabas: “Ge-ti-nho Sa-man-ta Car-ra-ra. Tá vendo? Meu nome”.

O pequeno Getinho não teve irmãos, ao menos não conheceu nenhum. Também não conhecia criança alguma por perto para poder brincar, interagir, escapulir do mundo dos adultos e ser criança na pluralidade. O pai era policial militar, a mãe “sei lá o que ela era, vivia bêbada”. Samantha assegura que o pai ia trabalhar e a mãe sumia logo em seguida, deixando Getinho na casa do irmão do pai, também policial, também casado, mas com esposa presente em casa. Dessa forma, os dias passavam, o menino sendo cuidado pela esposa do tio, os pais revezando entre a ausência e a embriaguez, e o tio policial cada vez mais afeiçoado ao menino, que por sua vez, já aos sete anos, “era uma criança viada²⁴²”, como afirma Samantha, já evidenciava uma feminilidade que incomodava o pai, nas poucas vezes que este prestava atenção ao filho.

Por meio das lembranças, Samantha não consegue precisar que tipos de ataques verbais recebia do pai por conta da feminilidade que demonstrava e que, reforça, era algo “natural, sempre fui feminina”. Ela recorda que a repreensão do pai era mais visual, pois sempre que andava ou colocava as mãos sobre a boca ao sorrir, ele lhe lançava um olhar reprovador e se retirava. Nem todos os homossexuais masculinos evidenciam a feminilidade condenada, mas a busca por desvios comportamentais, como destaca Guacira Lopes Louro, é constante.

Um homem ou uma mulher “de verdade” deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso [...]. Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo de imediato de redobrada vigilância, ficam “marcados” como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes [...]. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia²⁴³.

²⁴² Esta expressão é uma das tantas que ganharam proeminência ressignificativa quando a Teoria *Queer* se difundiu pelo debate acadêmico, pois algo que era usado para ridicularizar, inferiorizar o outro, agora é usado por este outro, antes alvo da injúria, para reclamar sua identidade e constranger o interlocutor, de modo que a ofensa perca seu sentido. Ver: RIOS, Pedro Paulo de Souza; DIAS, Alfrancio Ferreira; BRAZÃO, José Paulo Gomes. "As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada": o gênero "fabricado" na infância. *Revista Educação em Questão*, v. 57, n. 54, p. 1-21, Natal/RN, out./dez. 2019.

²⁴³ LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, pp. 26-27.

Guacira Louro, que é historiadora e uma das responsáveis pela popularização da Teoria *Queer* no Brasil, traduzindo os primeiros textos de Judith Butler para o português, destaca essa vigilância corporal no ambiente escolar, mas, neste momento, tanto com Samantha, como Maria Antonieta e Magda de Valqueire, principalmente, por não terem frequentado a escola quando crianças, foram alvo das vigilâncias heteronormativas em casa, pela família. O cerceamento destacado por Louro vai desde a repreensão pelo olhar, como Samantha afirma que o pai fazia com ela, ou por castigos físicos mais elaborados. No entanto, Louro afirma, em outra obra, que, em muitos casos, os corpos não são educados, escapam, sendo percebidos como “corpos estranhos”.

Apesar de tudo isso, a sequência é desobedecida e subvertida. Como não está garantida e resolvida de uma vez por todas, como não pode ser decidida e determinada num só golpe, a ordem precisará ser reiterada constantemente, com sutileza e com energia, de modo explícito ou dissimulado. Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso. [...] Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões. [...] Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões²⁴⁴.

Tendo escapado dos métodos corretivos da heteronormatividade, Samantha, por exemplo, mesmo sem saber, era uma transgressora. Tal transgressão seria elaborada com o passar do tempo, mas naquele momento da infância, na Ilha do Marajó, evidenciar uma feminilidade que não se parecia com a masculinidade do pai policial, foi, talvez, crucial para aumentar o distanciamento entre eles, ela pondera. Samantha ressalta que era uma criança travessa, mas não contestadora, muito menos refletia sobre o incômodo que sua afeminação causava aos pais.

A exclusão do ambiente escolar pode ter adiado o contato mais efetivo de Samantha com a homofobia, aliado ao fato de ter sido criada num ambiente sem outras crianças e convivido com adultos a maior parte da infância. Em relação ao ambiente escolar e as agruras de não se encaixar na lógica heterossexista por conta da evidente afeminação, foi evidenciada pela travesti preta, doutora em Educação, Megg Rayara de Oliveira:

²⁴⁴ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pp. 16-17.

A bicha nasce do discurso. Antes mesmo de adquirirmos consciência do potencial repressivo que esse termo tenta impor, ele é lançado como um torpedo que tenta um aniquilamento. Um grito que ecoa do outro lado da rua ou no pátio da escola, um desenho tosco na parede de um banheiro público, uma pregação religiosa: “Bicha!”. [...] Ser chamada de bicha na infância exigia uma tomada de posição. O silêncio, o pouco caso diante de tal provocação redundava em reprovação. “Por que você não reage quando o chamam de bicha?” – a pergunta indignada de um garoto que era quase um espelho, mas que tinha a seu favor a cis heterossexualidade que o colocava em lugar de privilégio. “Eu não ligo! O que é que tem?” – perguntei, protegendo meus olhos do sol com a mão direita para poder olhar a cara do meu inquiridor. [...] “Você sabe o que é bicha?” – a pergunta seguida de uma explicação tentava me desnudar, e cada palavra que saía da boca daquele “bostinha” da quinta série, com 10 ou 11 anos, com ares pastorais, em uniforme de educação física, revelava uma interação a respeito dos papéis sociais e sexuais que o termo trazia²⁴⁵.

É na escola, destaca Guacira Louro, que a heterossexualidade compulsória mostra as garras. Na família, há o carinho de algum membro da família que pode proteger aquele alvo abjeto das correções, mas na escola há os falantes/praticantes da heteronormatividade de um lado, e do outro, algum LGBTQIA+²⁴⁶, solitários moribundos²⁴⁷, em franca associação com aqueles exortados por Norbert Elias, pois sofrer ataques por simplesmente não ser e nem demonstrar ser heterossexual, é um tipo de morte. Morte enquanto substantivo, não definitiva, uma morte social, muito embora se saiba que não ser heterossexual pode aproximar o divergente com o morrer, verbo, definitivo.

A afeminação, causa apontada por Samantha para o abismo afetivo entre ela e o pai, também foi apontada por Giancarlo Cornejo na relação deste com o genitor, mas também com boa parte daqueles que conviviam com ele no espaço escolar, como algo que o atormentava, mesmo que ele tivesse pouca ciência do que estava ocorrendo ao redor. O antropólogo peruano relembra uma passagem da infância escolar:

Quase todos os meus professores me adoravam, mas me lembro que os que lecionavam Educação Física eram particularmente hostis a mim. Um desses professores falou com meu pai, porque estava preocupado comigo, e disse a ele que eu era muito afeminado, e que todos os meus colegas zombavam de mim. Meu pai, ao chegar em casa, me repreendeu, e não hesitou em me culpar pela hostilização sistemática pela qual eu passava no colégio. Quando este professor chamou meu pai para falar sobre meu afeminamento, tornou-se inevitável e óbvia a patologização do meu corpo, como das minhas performances de gênero. O que não era óbvio é que, naquele momento, este jovem e atlético professor estava reconhecendo a sua própria

²⁴⁵ OLIVEIRA, Megg Rayara de. **Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil**. In: CAETANO, Marcio & SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 132.

²⁴⁶ Não usei a palavra homossexual por entender que há homens e mulheres trans, por exemplo, que não se reconhecem enquanto tal. A reflexão, embora cause algum embaraço, é de fácil assimilação, pois identidade de gênero não é a mesma coisa que orientação sexual, logo, não pode ser equiparada.

²⁴⁷ ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

impotência para modificar meu afeminamento, sua impotência para me fazer o homem que se supunha que eu deveria ser, e sua impotência para marcar claramente os limites entre ele e eu²⁴⁸.

Como não conheceu o ambiente escolar, Samantha não sofreu os constrangimentos pelos quais Megg Rayara de Oliveira e Giancarlo Cornejo, por exemplo, passaram, embora tenha sido vítima de retaliações corretivas pelo olhar do pai. Estando privada desse ambiente, a afeminação de Getinho acabou proporcionando outro tipo de violência, a sexual, que veio, inicialmente, disfarçada de afeto familiar por parte do tio, irmão do pai, igualmente policial militar.

A afeição do tio, que todos pensavam como algo próximo ao fraterno, acabou se mostrando carnal. Samantha diz que o tio a levava para brincar no fundo do quintal, “um quintal grande, muito grande mesmo, cheio de mangueira, jambeiro”. No início, Samantha afirma que o tio só brincava, mas com o passar do tempo, as brincadeiras passaram a ganhar contornos lascivos, até que fora obrigada a fazer felação no tio. “Eu tinha oito, nove anos, por aí. Eu não entendia bem, sabe, mas ao mesmo tempo não conseguia achar aquilo ruim”. Firmado uma espécie de acordo com o tio policial, Samantha passou a aguardar ansiosamente o momento de ser levada para brincar nos fundos do quintal densamente arborizado.

De acordo com suas lembranças, não houve penetração no início. Ela assegura que isso foi ocorrer por volta dos 11 ou 12 anos e que não se recorda de o tio policial ter sido violento, ao contrário, ela afirma que ele lhe cobria de carinhos nesses momentos²⁴⁹. O “relacionamento” durou alguns meses, até o trágico desfecho²⁵⁰.

²⁴⁸ CORNEJO, Giancarlo. **A guerra declarada contra o menino afeminado**. Tradução de Larissa Pelúcio. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012, p. 71.

²⁴⁹ Embora não seja o objetivo deste trabalho e que fique evidente pelas lembranças que a protagonista não entenda a atuação do tio como nociva, alegando que ele era carinhoso e que sexo com penetração demorou a ocorrer, é preciso destacar que legalmente sexo com menor de 14 anos, mesmo consensual, é considerado crime, estupro de vulnerável, com até 15 anos de reclusão, como destaca a Lei [12.015](#), de 7 de agosto de 2009. Ainda nesse contexto é importante destacar que Danila Cal atesta que crianças exploradas, seja por trabalho infantil, seja por abuso sexual, podem assumir a ambivalência em relação ao explorador, podendo sentir medo, ou certa atração, como resultado direto da ação praticada contra si. Ver: CAL, Danila. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico: política, poder e resistências**. Salvador: EDUFBA, 2016.

²⁵⁰ Em aproximativo, é possível estabelecer uma relação entre Getinho/Samantha e o tio policial, aqui entendidos como “torturador-vítima”, na qual foi estabelecido, como afirma a protagonista, um vínculo identificatório, transferencial, de significativa intensidade, potencializados pela “situação limite mesma”, no qual, em diversas situações, os torturadores se aproveitam para seduzir a vítima. Dessa forma, cria-se um laço afetivo de proporções, ao menos naquele momento, indefiníveis, levando a vítima a se identificar mais ainda com o violador, surgindo um sentimento que ela julgará verdadeiro e delicado. A esse transtorno deu-se o nome de

Eu era uma pintosa ultra pintosa, pintosa mesmo. Só que sempre fui perigosa, sabe? Já te falei que sou viciada em homem. Um tio meu, irmão do papai, ficava mostrando o pau dele pra mim direto. Eu tinha uns 11, 12 anos, por aí. Ele passou a me comer sempre. Um dia papai pegou nós. Bateu no meu tio, bateu em mim, pegou minhas coisas e me mandou embora de casa. Mamãe me viu ir embora e nem disse nada. Ninguém disse nadinha. (Samantha Carrara, Belém, 2019).

Samantha, embora destaque o que aconteceu com certa frieza, é denunciada pelos olhos rasos d'água. Ser expulsa de casa ainda criança, depois de ter sido estuprada sistematicamente pelo tio, e tendo de se virar no mundo, sozinha, sem alfabetização, sem orientação, ainda é, mais de 40 anos depois, uma chaga aberta. Infelizmente, a combinação estupro/expulsão de casa não foi *privilegio* do garoto Getinho, muito menos um caso isolado no município de Ponta de Pedras²⁵¹. Especificamente em relação aos rios amazônicos e, mais específico ainda, aos rios da Ilha do Marajó, os casos de exploração sexual de crianças e adolescentes não são raros, muito pelo contrário²⁵². A extrema pobreza de muitos municípios, a fiscalização insuficiente e ineficaz, a colaboração de muitos pais, e, principalmente, a ação de muitos barqueiros, se misturam e desnudam a situação de extrema vulnerabilidade de muitas crianças e adolescentes na ilha amazônica²⁵³.

A exploração sexual de crianças e adolescentes na Amazônia, embora pouco publicizada, possui registros contundentes acerca do problema. O jornalista Gilberto Dimenstein, em 1992, fez um longo relato sobre a situação na Amazônia brasileira no livro “Meninas da noite: a prostituição de meninas-escravas no Brasil”. A análise engloba casos de violência sexual doméstica no âmbito familiar, bem como de meninas sendo forçadas a fazer sexo em troca de alimentos e/ou dinheiro para ajudar no sustento familiar.

Síndrome de Estocolmo, um entendimento baseado na situação criada, também entre torturadores (sequestradores) e vítimas, numa forçada convivência na qual brotou algum sentimento logo absorvido pelas vítimas. Para mais informações, consultar: MARTÍN, Alfredo Guillermo. **As sequelas psicológicas da tortura**. Psicol. cienc. prof. vol.25 no.3, Brasília, 2005. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300008 Acesso em: 19/09/2020.

²⁵¹ Situação um pouco parecida aconteceu com Josy Kimberly que, depois de ser estuprada e expulsa de casa, ainda foi violada sexualmente durante todos os dias pelo barqueiro que a atravessou de Ponta de Pedras até Belém. Ver: VASCONCELOS, Osvaldo. **Josy Kimberly – narrativas em travessia**: gênero, corpo, prostituição e ativismo solitário em Belém (PA). História Oral, v. 20, n. 2, p. 193-213, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=722&path%5B%5D=pdf>

²⁵² PINTO, Ivany & VIEIRA, Andréa. **Exploração sexual juvenil nas águas amazônicas e suas interfaces com a escola**. Revista Amazônia, Manaus, AM, vol. 03, n 02. p. 117-138, 2018, p. 117. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/amazonida/article/view/4508> Acesso em: 11/08/2020.

²⁵³ Idem, p. 121.

Percorrendo diversas cidades pequenas e também capitais, Dimenstein mostra os antecedentes da exploração sexual de crianças, como lares degradados e pobreza extrema, o que, afirma o autor, contribui sobremaneira para a situação de vulnerabilidade social na qual crianças e adolescentes amazônicas estão inseridas²⁵⁴. Na mesma perspectiva, e também vindo do jornalismo, Nadia Cohen destaca crianças que trocam sexo por óleo diesel. Nos vilarejos mais distantes da Ilha do Marajó, que possuem geradores, as crianças se transformam, afirma a jornalista, em moeda de troca para que muitos tenham acesso à energia elétrica²⁵⁵.

Afirma a jornalista:

Entre o passado, marcado pela frugalidade de uma vida extrativista, e o vislumbre, via televisão, de um mundo cheio de produtos sedutores, como tênis e celulares, aqueles que vivem à margem dos rios amazônicos em povoados sem eletricidade parecem confinados a um ciclo de pobreza relativa. O diesel tornou-se moeda de troca, pois apenas os geradores garantem algumas horas de eletricidade por dia. “Para assistir à novela, são até 2 litros”, diz uma moradora. Sem energia, a preservação de alimentos é difícil, assim como a adoção de equipamentos que poderiam proporcionar novas atividades econômicas. Com o litro de diesel cotado entre 2,50 e 3,00 reais (contra 1,90 em Belém), as casas que possuem geradores gastam de 200 a 300 reais por mês com o óleo. Esse quadro potencializa um mercado de sexo peculiar, que conta com a aprovação tácita de pais, maridos e comunidade em geral²⁵⁶.

A situação de pobreza evidenciada pela jornalista já foi destacada em parágrafos anteriores, mas é preciso ressaltar a diferença entre a prostituição e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Não é uma escolha consciente da criança/adolescente lançar seu corpo para que sirva de moeda em troca de alimentos ou óleo diesel. Dimenstein, acerca deste aspecto, vai mais fundo e afirma se tratar de uma “rede de tráfico de pessoas”, a princípio para deleite local, mas nada impede que seja ampliada.

Na rota do tráfico, a virgem vale mais e é disputada até mesmo em leilões [...] uma casa que se especializara em comercializar hímen, traduzido na região por "selo" ou, mais popular, cabaço. As meninas são embebedadas e depois entregues aos homens²⁵⁷.

²⁵⁴ DIMENSTIEN, Gilberto. **Meninas da noite**: a prostituição de meninas-escravas no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 19.

²⁵⁵ COHEN, Nadia. **Amazônia proibida**: balseiras – sexo por óleo diesel. National Geographic, ano 12, nº 152, nov, 2012. Disponível em: <https://silotips.com/download/90-national-geographic-novembro-2012-balseiras-91> Acesso em 22/09/2020.

²⁵⁶ Idem, p. 96.

²⁵⁷ DIMENSTIEN, Gilberto. **Meninas da noite**: a prostituição de meninas-escravas no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 124.

No entanto, Nadia Cohen prefere evitar abordar o problema e não vaticina o que pesquisou como “prostituição”, preferindo:

Apesar disso, o termo “prostituição” soa inadequado para descrever o que ocorre na foz do Amazonas. A troca de favores sexuais por alimentos, dinheiro e diesel nos navios cargueiros de passagem não é novidade na região. “Na década de 1940, quando a madeira passou a ser a principal força econômica de algumas áreas, o hábito das ribeirinhas de sair em canoas para pedir a passageiros de barcos de grande porte algum presente intensificou o complexo mundo das trocas de mercadorias por relações afetivas. As teias e os sentidos desses comportamentos não são facilmente identificáveis”, argumenta o historiador social Agenor Sarraf Pacheco, da Universidade Federal do Pará. Ou seja, praticado em silêncio, o comércio de sexo na Amazônia se tornou tolerável. Há famílias em que até três gerações de mulheres vivem da atividade²⁵⁸.

O antropólogo Leonildo Guedes, assim como Cohen, também pesquisou a exploração sexual na Ilha do Marajó, mas deu enfoque às “balseiras”, mulheres e adolescentes que se dirigem de rabetas (pequenas canoas movidas a motor) aos grandes navios e balsas que passam pela ilha rumo ao oceano Atlântico, ou vindo dele. Os cenários de pobreza extrema são os mesmos evidenciados por Pinto & Vieira, Dimenstein e Cohen, mas Guedes vai além e destaca um importante fator intensificador: a abertura da Zona Franca de Manaus.

Esse empreendimento foi planejado no governo de Juscelino Kubitschek, mas só foi concretizado dez anos depois, no governo militar de Castelo Branco. A Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) é um grande centro de montagem de produtos industrializados que, para atrair filiais de grandes empresas globais, lançou mão de generosos incentivos fiscais, do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) passando pelo Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), até o Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU). Tudo isso para tornar a longínqua Manaus mais atraente para os grandes empresários, que, de quebra, ainda teriam a seu dispor um gigantesco mercado consumidor interno para os produtos que na região amazônica seriam montados²⁵⁹.

Assim, com a instalação da Zona Franca de Manaus, afirma Guedes, houve um significativo aumento no número de embarcações pelos rios da Amazônia. Como resultado disso, a pobreza financeira da região, que existe desde sempre, pôde visualizar uma fresta de luz em meio à escuridão. No entanto, como efeito colateral do aumento do fluxo de pessoas,

²⁵⁸ COHEN, Nadia. **Amazônia proibida: balseiras – sexo por óleo diesel**. National Geographic, ano 12, nº 152, nov, 2012, p. 96-97. Disponível em: <https://sil0.tips/download/90-national-geographic-novembro-2012-balseiras-91> Acesso em 22/09/2020.

²⁵⁹ PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 154.

a exploração sexual também se avolumou, fazendo com que as balseiras pudessem ter uma opção a mais de garantir um pouco de alimento, ou um pouco mais de óleo para abastecer o gerador de energia²⁶⁰.

No tocante à energia elétrica, é preciso destacar o caráter prioritário que tal fonte de energia adquire, principalmente quando o público consumidor alvo diz respeito ao amazônica, mais especificamente aquele distante dos grandes centros urbanos. A Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT), localizada no rio Tocantins, no município homônimo, no Pará, foi a maior e mais importante produtora de energia elétrica da região até 2016, quando a controversa Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, também no Pará, foi inaugurada.

Em notícia do dia 14 de junho de 1998, o jornal Folha de São Paulo informava que o então presidente Fernando Henrique Cardoso, junto com o então governador do Pará, Almir Gabriel, ambos do Partido da Social Democracia Brasileira, (PSDB), estiveram nas cidades de Tucuruí e Altamira, para inaugurar um linhão do Tramoeste (linhão responsável por levar energia à região Oeste do estado), que ampliará o número de domicílios com acesso à energia elétrica. Ainda durante o encontro, houve a assinatura de um documento autorizando a ampliação da UHT, além da construção de eclusas que facilitarão a navegabilidade pelo rio Tocantins. No entanto, na mesma reportagem, o governo afirma que 51% da energia produzida em Tucuruí fica no Pará, destes, a maior parte é destinada ao setor industrial para o beneficiamento de minérios. O que sobra é destinado para a população, mas a prioridade são os grandes centros e cidades médias²⁶¹.

Ainda nesse sentido, em notícia da Agência Pará, em abril de 2017, o então governador do Pará, Simão Jatene, do PSDB, inaugurou duas subestações de energia elétrica na Ilha do Marajó, que beneficiaria dois municípios, Cachoeira do Arari e Salvaterra, que ainda utilizavam termelétricas, econômica e ecologicamente não recomendáveis. O governador destacou os esforços para que um maior número de pessoas tenha acesso cada vez mais à

²⁶⁰ GUEDES, Leonildo. **SOCIABILIDADES RIBEIRINHAS, RECIPROCIDADE E MORALIDADE NO MARAJÓ: A VIDA ENTRE BALSAS E BEIRAS**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

²⁶¹ INDRIUNAS, Luís. **FHC inaugura obras em viagem ao Pará**. Folha de São Paulo. São Paulo, 14/06/1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc14069828.htm> Acesso em: 20/09/2020.

energia, mas nada disse sobre a maior parte das cidades pequenas, que, ainda hoje, não possuem acesso nem ao menos às poluidoras termelétricas²⁶².

Dessa forma, com a carência de uma série de serviços essenciais, como o acesso à energia elétrica, por exemplo, dispor de acesso irregular a alimentos, além de outros fatores de cunho familiar, muitas mulheres e adolescentes, e alguns meninos, como destaca Dimenstein, ficam vulneráveis à situação de exploração sexual nos rios amazônicos, mais especificamente nas cercanias da Ilha do Marajó. E os barqueiros, sejam locais ou estrangeiros, como destaca Guedes, diante da carência material e afetiva, acabam se aproveitando dessas pessoas, oferecendo alguns trocados, bens materiais de valor relativo²⁶³ e até caronas em embarcações para Belém, caso tanto de Josy Kimberly²⁶⁴, quanto de Samantha Carrara.

Após expulsar o filho de casa, Getúlio ordenou que ninguém conhecido desse abrigo ao garoto, lembra Samantha, o que aumentou o grau de tensão que surgiu depois do escândalo sexual familiar. Ela afirma que perambulou pelas ruas, ainda confusa diante de tudo o que ocorrera, e se abrigou na zona portuária do município de Ponta de Pedras. Conterrânea de Josy Kimberly, protagonista de um trabalho realizado por mim, cuja abordagem também retratou abuso sexual envolvendo menor de idade por parte de um adulto, Samantha percorreu quase o mesmo roteiro de Josy para poder fugir da Ilha do Marajó, sendo, inclusive, forçada a fazer sexo com o barqueiro durante o trajeto até a capital paraense.

Uma vez na capital, sozinho no mundo aos 12 anos, Getinho teria de fazer alguma coisa, mesmo que não tivesse nada em mente. E fez. Samantha Carrara, ao se recordar desse momento, mostra indisfarçável alegria, seja por qual motivo for. Talvez ter sobrevivido seja o motivo do orgulho. Embora sobreviver seja um verbo de conjugação embaraçosa para alguém expulso de casa aos 12 anos e não tendo onde se abrigar, nem em quem confiar, estando numa cidade grande pela primeira vez.

²⁶² SECOM, Agência Pará. Cachoeira do Arari e Salvaterra recebem energia de qualidade. Belém, 03/04/2017. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/2482/>. Acesso em: 20/09/2020.

²⁶³ GUEDES, Leonildo. **SOCIABILIDADES RIBEIRINHAS, RECIPROCIDADE E MORALIDADE NO MARAJÓ: A VIDA ENTRE BALSAS E BEIRAS**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

²⁶⁴ VASCONCELOS, Osvaldo. **Josy Kimberly – narrativas em travessia: gênero, corpo, prostituição e ativismo solitário em Belém (PA)**. História Oral, v. 20, n. 2, p. 193-213, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=722&path%5B%5D=pdf>

Samantha recorda que após aportar em Belém, na Escadinha do Cais do Porto, zona portuária da capital paraense, possuía uma surrada mochila com algumas mudas de roupa, além da que usava, chinelos de dedo e a certidão de nascimento. Era dezembro de 1979, embora Samantha não saiba precisar o dia. Ela recorda que chegou na manhã de um dia de dezembro e que, da Escadinha do Cais, andou até o Ver-o-Peso²⁶⁵. Uma vez na feira, perambulou ao longo do dia, se alimentando com punhados de farinha que pegava escondido dos sacos que estavam expostos nas barracas.

Eu não gosto de lembrar dessa parte. Eu tinha medo. Faz tempo, né? Faz tempo, muito tempo. Tempão já. [longo silêncio entrecortado por choro]. Eu fiquei batendo perna o dia todo. Eu era transparente porque ninguém falava nada pra mim. Eu pegava punhados de farinha escondido e colocava na bolsa. Roubei umas mangas, tinha muita manga, muita manga mesmo. Roubei manga também. Quando ficou de noite eu fui me esconder debaixo das barracas, sabe. Naquela época era tudo de madeira, tinha muito rato, eu via os rato tudo, fedia. Quando ficou de noite eu me entoquei por debaixo das barraca de madeira e dormi ali mesmo. Naquele dia foi ruim, minha bunda ainda doía das coisa do barqueiro, né? Depois eu me acostumei. Ficava por ali mesmo, já tinha feito amizade com os feirante. Só guardava num saquinho plástico minha certidão. Era tudo o que tinha de meu mesmo, né? (Samantha Carrara, Belém, 2019).

O jovem Getinho, sem ter um lar e alguém que lhe protegesse, passou a morar no Ver-o-Peso, entre as barracas de madeira. Samantha não é precisa quanto ao tempo que ficou nessa situação, mas diz que foram alguns meses. Com o passar dos dias e tendo de se adaptar à nova realidade, Getinho fez amizades pela feira, ajudando alguns vendedores e, depois, vendendo sacolas plásticas forradas de papel para quem comprava peixe no mercado. Os abusos sexuais, relembra Samantha, continuaram, pois na vida livre na feira não havia proteção disponível, algo que já não havia dentro do próprio lar, no Marajó.

Assim, tendo de adquirir traquejo diante dos inúmeros perigos, Getinho passou a internalizar, de maneira controversa, as técnicas da vida que agora se mostrava, ou, dito nos termos de Pierre Bourdieu, Getinho precisou transformar suas necessidades, que eram muitas, em virtudes²⁶⁶, e assim reverter o quadro de abandono no qual se encontrava. Samantha lembra que alguns feirantes e também homens que faziam segurança dos inúmeros estabelecimentos

²⁶⁵ Grande feira pública inaugurada em 1625 e um dos principais pontos turísticos da cidade de Belém, sendo considerado, ainda, uma das 7 Maravilhas do Brasil por ter um dos mercados mais antigos do país.

²⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria prática** – precedido de Três Estudos de Etnologia. São Paulo: Editora Celta, 2002, p. 77.

comerciais nas ruas Marechal Hermes, 15 de Novembro e Oriental e Ocidental do Mercado, com alguma frequência a chamavam para oferecer algum dinheiro ou comida por sexo.

Fiz muito boquete neles. Muito mesmo. Não só boquete, né? Eu precisava comer e dormir, mano. Claro que hoje eu sei que eu era uma criança, mas naquela época eu nem me tocava nisso. Eu tava na rua, sem porra nenhuma, nada mesmo, eu precisava fazer. Fiz várias vezes, tô te dizendo. Os feirante me davam comida. Os segurança me comiam e deixava eu dormir em algum lugar protegido da chuva. (Samantha Carrara, Belém, 2019).

E assim Getinho passou os dias e as semanas. Tomava banho no banheiro dos peixeiros no mercado de peixe, ou na parte de trás do Solar da Beira, prédio que faz parte do Complexo Ver-o-Peso juntamente com o Mercado de Ferro e o de Peixe. Quando não podia se banhar em nem um destes, tomava banho na fonte da Praça Dom Pedro, localizada em frente à Praça do Relógio, ambas contíguas à feira. A sorte de Getinho começou a mudar quando conseguiu emprego para lavar o salão da boate “Moonlight”. Samantha lembra que não era exatamente uma boate, mas um “inferninho” localizado na Travessa Sete de Setembro.

Na boate Moonlight, de acordo com Samantha, ela passou a ter contato com mais feirantes, barqueiros, prostitutas e, o que mais chamaria sua atenção, travestis. Pelo acordo com o dono do estabelecimento, Getinho poderia dormir nos fundos da boate desde que lavasse o salão todos os dias pela manhã bem cedo, pois o lugar fechava apenas na parte da manhã. Dessa forma, o garoto passou a morar na boate, dormindo nos fundos, e lavando o salão assim que acordava. Sentiu-se feliz por não ter mais que dormir embaixo das barracas de madeira da feira, relembra Samantha.

Pouco mais de dois anos após ser expulsa de casa pelo pai, Getinho foi se acostumando ao degredo. O breve período tomando banho em fontes de praças, em banheiros públicos, dormindo sob barracas de madeira, tinha ficado para trás. Ter um colchão e um teto serviram de bálsamo para aliviar o frio passado ao relento. Na boate Moonlight também não houve grandes problemas. Samantha recorda que ninguém notava a presença dela ali, pois além do ambiente ser relativamente escuro, as pessoas normalmente estavam bêbadas, principalmente os homens.

O tempo passado no interior da boate possibilitou que Getinho fizesse amizades. Uma mulher que aqui chamarei de Sílvia foi a que mais se aproximou do garoto. Ali, ressalta Samantha, foi a primeira vez que ela pôde não sentir medo de alguém. Sílvia era prostituta e

frequentava a boate com assiduidade. Amizade estabelecida, Sílvia estabeleceu um frutífero contato com Getinho, levando pequenos potes com comida sempre que chegava ao trabalho para que o garoto pudesse se alimentar com comida feita em casa.

Com o tempo, Getinho havia sido adotado pelas prostitutas da boate Moonlight. O garoto ajudava a limpar as camas na parte de trás do estabelecimento, que além de bar também servia como motel. Samantha diz que se sentia acolhida pelas mulheres todas, além das poucas travestis que por ali apareciam. Lembra, inclusive, que foi na convivência com as mulheres e travestis que se prostituíam que aprendeu a ludibriar os clientes que elas levavam para os quartos e, enquanto elas distraíam os amantes, ele aproveitava para afanar pequenos objetos dos bolsos e algum dinheiro das carteiras.

Sílvia me ensinou a tirar aqué [dinheiro] de gente escrota. Eu ficava na entoca só olhando pras meninas se engraçando com os boy. Se eu sacasse que a trepada tava acertada, eu me mandava pra parte de trás. Lá era um espaço grande, tinha umas placa de madeira separando, então ficava parecido com quatinhos. Cada um tinha cama e ficava de olho pra saber qual cama a mana ia levar o boy. Quando eles se deitavam eu me arrastava pra baixo da cama. Pronto. Elas mordiam eles tipo carinho forte, sabe, que era pra eles gritar e eu poder me arrastar sem eles ouvir o barulho. Pronto. Depois a gente dividia as coisas. Eu fazia isso pras meninas e pras travestis. (Samantha Carrara, Belém, 2019).

Esse tipo de prática que Samantha relata, com alguma variação, foi ou ainda é praticada em vários lugares do Brasil, com prostituição de mulheres ou de travestis. James Green & Ronald Polito descrevem uma prática parecida, entre os anos de 1930 e 1950, realizada por homossexuais que se prostituíam nos arredores da Praça Tiradentes, na cidade do Rio de Janeiro. O “conto do suador” consistia, basicamente, no “furto de objetos e dinheiro de seus parceiros²⁶⁷”.

Os autores são mais minuciosos na descrição, usando as conclusões do criminologista Edmur Whitaker:

Um pederasta passivo convida determinado indivíduo, que encontra ocasionalmente a transitar pela rua, para práticas homossexuais e o leva para seu quarto (ou quarto de um colega); já de prévia combinação entretanto com mais companheiros, um deles acha-se escondido no quarto sob uma mesa recoberta de toalha suficientemente comprida, de modo a ocultar o móvel até o pavimento; a vítima coloca sua roupa em uma cadeira, próxima à mesa referida, entre esta e a cama; deita-se com a cabeça voltada para a mesa; enquanto se entrega às práticas homossexuais, o indivíduo escondido examina a sua carteira e retira-lhe o conteúdo.

²⁶⁷ GREEN, James & POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 93.

Somente mais tarde a vítima, cuja carteira foi reposta no respectivo bolso, descobre o furto²⁶⁸.

Green & Polito destacam o poder aquisitivo dos clientes, ponderação que Samantha também faz, de que a prática do conto do suador só faz sentido quando há uma relativa diferença socioeconômica entre aquele que busca sexo e pode pagar e aquele que tem apenas o corpo para oferecer. Assim, é nessa perspectiva de poder que a travesti Vanusa Morinoto, em depoimento a João Nery, destaca a variação desse delito, classificando apenas como “suador”:

A cafetina ficava escondida dentro do armário do quarto, que tinha um fundo falso, como se fosse outra porta escondida. Enquanto o cliente estava lá, suando em cima da gente, ela chegava por trás e tirava a carteira, sacava o dinheiro e deixava a carteira caída no chão. Não tirava tudo para o cliente não fazer escândalo, mas sempre rolava uma grana extra. Depois que ela roubava, voltava pela porta secreta, saía do quarto e gritava um código no corredor: “Três litros”. Significava que tinha conseguido trezentos cruzeiros do cliente, e aí a gente sabia quanto ia ganhar a mais. Era tudo muito bem armado. Antes de ir pro quarto, levávamos o cliente no bar da zona pra tomar algo, justamente para dizer depois que, provavelmente, ele havia perdido o dinheiro no bar ou em outro lugar. “Ah, você me roubou!”, diziam eles. “Mas como, se você estava o tempo todo em cima de mim?”. Eu era a mais danada, espertíssima. Quando eles chamavam a polícia, a cafetina jogava, escondido, o dinheiro perto deles, ou então, o próprio policial tinha acordo com a cafetina e nada acontecia²⁶⁹.

Ainda nesse sentido, mas para situar a prática dentro de vários contextos históricos, o escritor Mário Vargas Llosa, numa busca histórico-biográfica do diplomata irlandês a serviço da coroa britânica, Roger Casement, relata algo muito parecido quando este esteve no Pará no início do século XX. O diplomata regressava do Peru rumo a Grã-Bretanha, mas fez uma parada em Belém para rever amigos.

Sua segunda e terceira noites no Pará foram mais frutíferas que a primeira. Ao anoitecer do segundo dia, um rapaz descalço que estava vendendo flores praticamente se ofereceu a ele quando Roger o sondou perguntando o preço do buquê de rosas que tinha na mão. Foram para um descampado onde, nas sombras, Roger ouviu casais gemendo. Esses encontros nas ruas, em condições precárias e sempre cheios de riscos, lhe provocavam sentimentos contraditórios: excitação e nojo. O vendedor de flores tinha o cheiro de sovaco, mas o seu hálito denso, o calor do seu corpo e a força do seu abraço o inflamaram e o levaram logo ao clímax. Quando entrou no Hotel do Comércio, notou que estava com a calça cheia de terra e de manchas e que o recepcionista o olhava desconcertado. “Fui assaltado”, explicou²⁷⁰.

²⁶⁸ WHITAKER, Edmur, 1938, p. 244 *apud* GREEN, James & POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 94.

²⁶⁹ NERY, João. **Velhice transviada**: memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019, p. 156.

²⁷⁰ LLOSA, Mário Vargas. **O sonho do celta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, pp. 259-260.

Roger Casement, de acordo com Llosa, ainda passou por outras situações embaraçosas com os rapazes que encontrava para encontros fortuitos em hotéis baratos, ou nas moitas da Praça do Palácio²⁷¹, atual Praça Dom Pedro. Os lugares pelos quais o diplomata circulava em busca de sexo, que serviam também para camuflar sua figura proeminente, nas cercanias do bairro da Cidade Velha, atual Centro Histórico de Belém, o tornavam alvo daqueles que, ao oferecer o corpo, aproveitavam para também extrair do cliente algo que pudesse ter algum valor, prática que atravessou o tempo e continua ainda a ser exercida por algumas pessoas na prática da prostituição.

Dessa forma, se aliando às mulheres e travestis que frequentavam a boate Moonlight, Getinho foi aprendendo a sobreviver na noite. Numa dessas incursões aos quartos para surrupiar algo, o garoto foi surpreendido por um cliente que rápido o pegou pela camiseta e desferiu alguns socos. Samantha recorda que a situação só não foi pior porque uma travesti enfrentou o cliente e salvou Getinho. A travesti, que num primeiro momento não era tão próxima do garoto, embora frequentasse o lugar não para se prostituir, mas para conversar com as pessoas, após o acontecido, como num lampejo de lucidez, aproximou os dois.

Olga, a travesti que circulava pelo salão da boate, era a cafetina do lugar, embora Getinho só fosse saber o que isso significava tempos depois, ressalta Samantha. O garoto passou a ser a sombra de Olga, estando em todos os lugares nos quais ela pudesse estar quando a boate abria. Samantha lembra que Olga ficava olhando fixo para ela, com malícia, um olhar parecido ao olhar dos homens que a chamavam para fazer sexo em troca de comida. Contudo, Samantha destaca que errou na análise, pois Olga olhava para ela com cobiça, mas não sexual.

Um dia ela disse: “vai, viadinho, dá uma volta pra tia te observar direito”. Dei uma volta. Ela disse: “Olha, viadinho, acho que podemos nos dar bem”. Do nada ela apertou os peitão dela e disse: “Quer ter peitão também, viadinho?”. Eu disse que sim, que queria ter peitão, bundão, bocão. Ela disse assim: “Viadinho, a tia aqui vai te transformar numa mulher. A senhora vai ter um corpo igual o meu. A senhora vai arrasar na Europa”. Eu não sabia o que era Europa, mas eu queria ir pra lá arrasar também. (Samantha Carrara, Belém, 2019).

A nascente relação entre Olga e Getinho evidenciava que ela, por já ter transformado o corpo com cirurgias e silicone, poderia proporcionar o mesmo para o jovem. No entanto,

²⁷¹ LLOSA, Mário Vargas. **O sonho do celta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 264.

como já evidenciado por Luísa Marilac, a relação que se estabelece entre uma travesti que cafetina, ou seja, que agencia outras pessoas, travestis ou não, na prática da prostituição, engloba vários aspectos, mas, no bojo de tal relação, existe a dependência financeira que, tal qual uma bola de neve, vai se avolumando velozmente, sobrando para a travesti iniciante todos os ônus que a transformação traz consigo²⁷².

Marilac, no entanto, faz algumas ponderações que podemos assemelhar ao jovem Getinho. Luísa Marilac, antes de partir para a prostituição na Europa, teve o corpo transformado de maneira rudimentar, tomando hormônios por conta própria, ouvindo alguns conselhos de travestis mais velhas.

O corpo é a peça de arte da travesti. É nosso pedaço de pedra-sabão, nossa tela em branco. É nele que expressamos nossa visão de beleza, de transgressão às normas, nossa leitura do feminino. É um processo de digestão: a gente pega a mulher que nos é dada pela sociedade, a interioriza, elabora, dá cara própria – enfim, digere – e a exterioriza de novo, modelando-a no próprio corpo. [...] Não tinha informação ou recursos para tal. Tomei hormônios sozinha, sob a consulta das travestis mais velhas²⁷³.

Assim, diferente de Getinho, Marilac não foi cortejada por uma cafetina quando ainda era “uma *gay*”, isto é, enquanto a Luísa Marilac foi oferecido um empréstimo em dinheiro para passagens e hospedagem na Europa, Getinho foi um corpo infante imaginado para ser transformado. Samantha recorda que Olga dizia que o garoto era “um viadinho que nasceu homem por um minúsculo detalhe”. A feminilidade, que no berço familiar causava repulsa nos pais, para Olga era uma benção, percepção que foi internalizada por Getinho.

Dessa forma, Olga, de acordo com Samantha, passou a tratar Getinho como uma preciosidade, levando o garoto para morar consigo. Foi com Olga, lembra Samantha, que o menino passou a andar de salto alto, a conter os gestos manuais, tornando-os mais suaves, “nunca passando da altura do ombro”, recorda. Os gestuais, ou “atos performativos”, como destaca Butler²⁷⁴, têm a função de evidenciar uma transgressão de gênero através de sucessivas repetições. Nessa perspectiva, ao ensinar Getinho a dominar o gestual corporal, Olga estava

²⁷² MARILAC, Luísa & QUEIROZ, Nana. **Eu, travesti**: memórias de Luísa Marilac. Rio de Janeiro, 2020, p. 82.

²⁷³ Idem, p. 71.

²⁷⁴ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ensinando o garoto a solidificar uma identidade de gênero que estava prestes a ganhar contornos mais evidentes.

Samantha recorda que quando fez 15 anos, Olga lhe presenteou com um corte de cabelo. Por recomendações dela, Getinho, que nesse momento não mais frequentava a boate Moonlight, deixara o cabelo crescer. No instante em que Olga achou que estava grande o suficiente, o garoto foi cortá-lo. Samantha lembra que ao sair do salão com os cabelos cortados na altura do ombro, já se sentia mais feminina ainda. Por fim, além do corte de cabelo novo, Getinho deixava para trás também este nome. A partir daquele momento, ela recorda, por sugestão de Olga, ela se chamaria Samantha Carrara.

Ela me falou o nome. Disse assim: “Viadinho, o que a senhora acha de Samantha?”. Eu disse que era bonito. Perguntei: “Mas quem é essa já?”. Ela disse: “Samantha é a senhora a partir de agora. Chega de Getinho. Esse nome só te trouxe desgraça”. Fiquei um pouco confusa, mas foi rápido. Aí a bicha ainda disse: “E teu sobrenome, viadinho, vai ser Carrara, um lugar na Itália que a senhora vai conhecer logo, logo”. Eu fui pra Itália, mas não conheci esse tal de Carrara aí. Mas gostei do som Carrara. É luxo, né? (Samantha Carrara, Belém, 2019).

A partir desse momento, Getinho seria guardado na memória e Samantha Carrara iniciaria sua jornada de transformações físicas que culminaria com sua partida para a Europa, inicialmente Barcelona, na Espanha, para logo depois fixar residência em Áquila, na província italiana de Abruzos.

2.3. Magda de Valqueire²⁷⁵

Magda de Valqueire nasceu no dia 10 de novembro de 1965, na vila Vista Alegre, no município de Chaves, Ilha do Marajó, no Pará. Não recebeu um nome. A criança que nasceu seria chamada pelo pai, e pelas poucas pessoas ao redor, de “garoto”. Não conheceu a mãe, sabendo pelo pai que ela “morreu pra sempre”. Por outras bocas, também no ritmo da incerteza, soube de várias versões acerca do paradeiro daquela que a trouxe ao mundo. Uma pessoa disse que ela morreria no parto. Outra disse que fugiu com um pescador amigo do pai. Magda, no entanto, tende a acreditar naquilo que uma tia disse num momento de cólera: “Não

²⁷⁵ Pseudônimo usado a pedido da protagonista. Todos os outros nomes que aparecerão ao longo dos testemunhos foram escolhidos por ela, de modo que apenas reproduzirei. Mais adiante explicarei, através das narrativas, os porquês da escolha da protagonista em adotar nomes falsos.

é que tua mãe não tenha te quisto, tua mãe era empelicada, foi levada pra dentro da água, foi levada e deixou a maldição pra ti”.

Magda, por algum motivo pessoal, quer acreditar no relato da tia, assim como muitas pessoas acreditaram, em meados da Idade Média, na Europa, em relatos diferentes na forma, mas parecidos no conteúdo. Ou ainda acreditam, na contemporaneidade. Carlo Ginzburg nos esclarece, no livro “Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII”, que pessoas empelicadas exerciam/exercem horror, fascínio e credices onde existissem/existem. O empelicado é aquele que, durante o nascimento, ao rompimento do saco amniótico, permanece envolvido pela membrana que separa bebê e líquido amniótico. Ginzburg afirma que na Itália medieval, quando um caso assim ocorria, aquilo poderia ser interpretado, pelo lado popular e pagão, como um sinal de boa sorte, mas também interpretado, pelo lado cristão, como satanismo, evocação do mal, uma ameaça ao catolicismo²⁷⁶.

Grosso modo, Ginzburg afirma que os empelicados, auto identificados como *benandanti*, quando chegada a hora de se encarar enquanto tal, se reuniam, em espírito, para guerrear contra os *malandanti*, os primeiros lutando com ramos de erva doce a favor da boa safra agrícola, os segundos provocando danos ao toneis de vinho e armazéns de grãos²⁷⁷. Apesar das ações dos empelicados do Friuli, região pesquisada por Ginzburg, serem encaradas pela dureza da realidade enquanto algo fantástico, uma vez que os espíritos *benandanti* eram levados para guerrear pendurados no lombo de um cachorro, coelho, libélula etc., na cultura popular, nos lembra o autor, as pessoas não apenas acreditavam, como temiam o não cumprimento das obrigações para com os espíritos²⁷⁸.

Além, é claro, da estreita vigilância da Igreja Católica, que, mesmo desconfiando da verossimilhança dos métodos empreendidos pelos *benandanti*, foi implacável na perseguição aos adeptos de tais práticas, condenando muitos à cadeia por meio do Tribunal do Santo Ofício, enquanto outros morriam nas fogueiras, acusados de feitiçaria²⁷⁹. Essa premissa de perseguição religiosa existiu na Amazônia colonial, ainda que não tenha sido tão implacável quando comparada aos europeus²⁸⁰, embora o olhar do amazônida em relação ao empelicado

²⁷⁶ GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 20.

²⁷⁷ Idem, p. 49.

²⁷⁸ Idem, p. 68.

²⁷⁹ Idem, p. 110.

²⁸⁰ SILVA, Arthur Narciso Bulcão da. **Magia e Inquisição: o “mundo mágico” do Grão-Pará e Maranhão (1763-1769)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Amazonas,

seja relativamente diferente, pois, como afirma Josebel Akel Fares, os mitos amazônicos são tratados no campo do mágico, da proteção individual e espacial, cujas leituras e epifanias variam de pessoa para pessoa, embora a urdidura da trama seja, no geral, rigorosa²⁸¹.

Assim, se considerar empelicada, embarcando em algo pautado na incerteza e no fantástico, fez Magda encarar a vida sem a mãe como algo que já existia antes dela própria nascer, algo que já havia sido planejado pelos espíritos da floresta²⁸², de modo que aceitar essa premissa talvez fosse mais emocionalmente aceitável do que aceitar que a mãe tenha fugido com outro homem, ou que tenha morrido para que ela, Magda, pudesse nascer.

Além de não ter conhecido a mãe, a criança também não conheceu um nome para chamar de seu. Magda recorda que o pai, homem taciturno e de raras palavras, quando a chamava dizia apenas “vem aqui, garoto”, de modo que “garoto” passou a ser o nome que as pessoas a chamavam, servindo, ainda, para Magda aceitar como o *seu nome*.

Magda recorda que sua casa era na beira da praia, na vila Vista Alegre, “um lugar longe, muito, muito longe”. A distância lembrada por ela faz referência a muitas coisas, seja pela falta de um vizinho perto, que ela afirma que existia, mas as casas ficavam distantes, como também pelo fato de sua vista só enxergar água por todos os lados. A casa trazida pela memória era de galhos de árvores, coberta de palha, com paredes revestidas também por palha. Não havia divisão interna, havendo uma fusão entre quarto, sala, cozinha, com chão de terra batida. Não existia banheiro.

A vida do menino sem nome em convivência com o pai sem palavras foi, aos olhos de Magda, tranquila e calma. Por não ter frequentado a escola, a criança vivia andando pelas longas praias desertas do vilarejo, nadando, ou ia pescar com o pai no “Iansã, a rainha”, nome do barco que o pai possuía. O garoto sem nome cresceu entre caminhadas/corridas pelas praias desertas, camarões, peixes e um pai economicamente verbal. Magda garante ter herdado o silêncio do pai, sempre se lembrando dele com carinho, pois, afirma, mesmo que ele não fosse

Manaus/AM, 2016, p. 34. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6289/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_%20Arthur%20Bulc%C3%A3o.pdf Acesso em: 10/08/2020.

²⁸¹ FARES, Josebel Akel. **A matintaperera no imaginário amazônico**. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLA-CORTA, Gisela Macambira (orgs.). Pajelanças e religiões africanas na Amazônia. Belém: Edufpa, 2008, p. 315.

²⁸² Ter a vida tecida e organizada pelos espíritos da floresta é algo muito comum no interior da Amazônia, uma vez que longe dos hábitos e vícios urbanos, as pequenas localidades ainda conservam a visão da vida baseada nos mitos e imaginários amazônicos. Sobre isso ver: PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: EdUFPA, 2010.

carinhoso, nem conversasse, nem lhe tivesse dado um nome, ele era o pai dela, aquele que não a deixou morrer de fome, sozinha no mundo.

Nunca fui pra escola. Nunca. Papai dizia que eu já sabia o que era necessário pra vida: nadar e pescar. Um homem só precisa saber disso. Eu fui conhecer uma escola na vida já adulta quando fui com uma amiga que ia matricular o filho. Fiquei olhando pras salas, corredor, cadeiras. Fiquei pensando como era ir pra escola. Eu não sei ler... [longo silêncio] Só sei escrever meu nome. (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

Outras recordações de Magda dizem respeito aos odores das plantações de abacaxi que sempre visitava para pegar algum escondido. Ela diz que pode estar em qualquer lugar, mas que “sempre que sinto cheiro de abacaxi eu choro”. O cheiro da fruta permaneceu intacto em algum lugar na memória, assim como o queijo que o menino sem nome aprendeu a fazer com o pai. Magda recorda que quando perguntou ao pai por que não frequentava a escola, ele respondeu: “Já sabe cozinhar, nadar e pescar. Não precisa de mais nada”.

Por ter medo do pai, talvez pelo silêncio onipresente, o menino nunca questionou qualquer coisa falada por ele. Tudo o que ele dizia, Magda lembra, era certo. No entanto, como nunca recebeu um nome, nem frequentou a escola, ainda hoje Magda permanece ligada ao pai, ao menos nas heranças deixadas, como o silêncio e o fato de não saber ler e escrever.

Tais heranças foram sacramentadas quando, no dia 25 de maio de 1982, enquanto almoçavam em casa, o pai abre bem os olhos, como se quisesse dizer coisas, e logo em seguida tomba para frente, mergulhando o rosto no peixe cozido contido no prato. O menino sem nome correu para cima do pai, mas o ataque cardíaco fora mais rápido. O garoto, que não tinha nome, não tinha mãe, a partir daquele momento, também não tinha mais pai. Além de ter ensinado o filho a nadar, a cozinhar e a pescar, o pai ainda deixou a casa de palha e “Iansã, a rainha”, o barco, bens que o filho vendeu assim que descobriu que existia uma tia, irmã do pai, em Belém, que já sabia do falecimento e que já se movimentava para receber o sobrinho.

Não ter frequentado a escola e, por conseguinte, não ter sido alfabetizada, é uma chaga aberta na trajetória de Magda, pois essa lacuna intelectual acabou sendo explorada por inúmeras pessoas que atravessaram o caminho dela. Um dos primeiros infortúnios nesse sentido ocorreu após a morte paterna. Um conhecido do pai se ofereceu para comprar o barco e a casa, aceito por ela sem maiores obstáculos. O problema ocorreu no pagamento, pois ela pouco conhecia de dinheiro e garante que foi enganada, pois recebeu o pagamento e quando

foi comprar a passagem para Belém, descobriu que metade do dinheiro havia sido gasto nessa ação.

Hoje eu conheço dinheiro por causa dos números e das cores, mas na época eu não conhecia. E acreditei nele. Era amigo do meu pai. Confiei. O safado me enganou. Mas mesmo assim, eu nem sabia o que fazer direito. Papai morreu e eu fiquei sozinha. Mas ele tinha me falado que tinha uma irmã em Belém e que se alguma coisa acontecesse com ele era pra mim procurar ela. Cheguei em Belém e fiz isso mesmo. (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

Ela conta que quando chegou ao Porto da Palha, trazia o pouco dinheiro que restara, uma sacola com roupas e um pedaço de papel contendo o endereço da tia que devia procurar. Ela recorda que não havia ninguém à sua espera, diferente do que uma vizinha, conhecida da tia, dissera. No entanto, ela lembra que antes de entrar em pânico ao se encontrar sozinha numa cidade na qual nunca estivera antes, ficou observando o entorno, entre maravilhada, curiosa e assustada, semelhante a Alfredo, de Dalcídio²⁸³, ao aportar em Belém, também, tal qual Magda, vindo do Marajó.

Os cheiros do lugar, afirma, detiveram sua atenção por determinado período do tempo. Uma mixórdia aromática de manga, açaí, taperebá²⁸⁴, cupuaçu, bacuri. Os atravessadores gritando, homens carregando caixas de peixe, paneiros de açaí, pessoas embarcando, outras desembarcando. A tudo isso Magda ficou observando, pois nunca havia visto tantas pessoas juntas e escutado tantos ruídos ao mesmo tempo, contrastando com o silêncio quase que absoluto do pequeno vilarejo do qual saía.

Perambulou pelo lugar segurando a sacola que levara. Sua presença ali não despertou a atenção de ninguém, pois é comum a presença de pessoas vindas do interior, notadamente daquelas que chegam à cidade pela primeira vez e assumem a mesma postura de Magda – ao menos era assim na época que ela chegou à cidade de Belém, nos idos de 1980 –, ou, nos dizeres locais, assumem a postura de matuto, de caboclo vindo do interior²⁸⁵. Ela afirma que não consegue precisar o tempo que passou andando pelo lugar, mas lembra quando alguém a puxou de maneira brusca pelo braço, gritando coisas numa forma de falar que ela rápido

²⁸³ Protagonista do romance “Belém do Grão-Pará”, de Dalcídio Jurandir, escritor marajoara, lançado em 1960. Este é o quarto de dez livros contidos no “Ciclo do extremo Norte” que narra a saída de Alfredo da vila de Cachoeira, no Marajó, e sua chegada a Belém.

²⁸⁴ Também conhecida como cajá.

²⁸⁵ OLIVEIRA, Robson Cardoso de. **Éguas e Caboclos**: as representações de uma paraensidade a partir de anúncios publicitários e vídeos compartilhados nas mídias sociais. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará, 2020.

entendeu ser uma repreensão. Era a tia, muito irritada, que reclamava do então garoto ter saído do lugar que ela havia recomendado, e que ela afirmava estar escrito no papel que Magda carregava.

Ela não se recorda se tentou dizer algo em sua defesa, mas lembra que a tia saiu andando, ainda irritada, puxando-a pelo braço. Recorda ainda que sentiu um medo incontrolável quando subiu num ônibus pela primeira vez. Um ônibus que fazia a linha “Universidade-Ver-o-Peso²⁸⁶” e que, ela afirma, andava numa velocidade tão intensa que a ela parecia que a qualquer momento ele se despedaçaria. Por outro lado, ela diz que pela janela do mesmo ônibus ela pôde contemplar uma cidade grande pela primeira vez na vida e que a sensação de que não mais estava sozinha na companhia da água e da areia da praia lhe fez bem.

A estadia na capital paraense durou pouco. Magda conta que antes de chegar à cidade, já havia uma articulação, feita pela tia, para que ela fosse morar com uma conhecida daquela na cidade do Rio de Janeiro, na condição de “filho de coração”. A “adoção não formal” é uma prática comum nas grandes cidades brasileiras, e mesmo na América Latina²⁸⁷, que consiste na acomodação de meninas²⁸⁸, em sua maioria, oriundas do interior do Brasil, na casa de pessoas²⁸⁹ na condição de “afilhadas”.

As atividades domésticas nascem no seio familiar e por conta do machismo institucionalizado, acabam sendo prioritariamente direcionadas às mulheres da casa, percebidas por Danila Cal como uma iniciação aos trabalhos que muitas meninas executarão nas casas dos “pais de coração”. A autora salienta que por conta do não reconhecimento de valor de tais atividades, a prática do trabalho infantil doméstico é envolvida por uma invisibilidade de caráter ambivalente, colocando em lados opostos as percepções entre os que

²⁸⁶ Linha de ônibus atualmente extinta. O nome faz referência à Universidade Federal do Pará.

²⁸⁷ DANTAS, Luísa. **E AS “CRIAS DE FAMÍLIA”, POR ONDE ANDAM?** Um estudo sobre projetos de vida, memória e trabalho de mulheres em Porto Alegre/RS. IV Seminário de Trabalho e Gênero - Protagonismo, Ativismo, Questões de gênero revisitadas, 2016. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/E_AS_%E2%80%9CCRIAS_DE_FAM%C3%8DRIA%E2%80%9D_POR_ONDE_ANDAM.pdf. Acesso em: 25/02/2020.

²⁸⁸ Embora a maioria dos casos seja de meninas, até por conta do imaginário acerca da atividade doméstica estar atrelado ao feminino, como uma “atividade de mulher”, há uma dificuldade em retratar os casos em que meninos estejam na mesma situação, embora eles existam. Ver: CAL, Danila. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico**: política, poder, resistências. Salvador: EDUFBA, 2016.

²⁸⁹ A condição social dessas pessoas é incerta, uma vez que o trabalho infantil é ilegal, como atesta Danila Cal. No entanto, o estrato social mais evidente vem a ser aquele que se concentra entre os ricos e a classe trabalhadora, logo, a classe média. Esse tipo de modelo de estratificação social, embora tenha nuances, dependendo de autores e linhas de pensamento, grosso modo, pode compartilhar determinada semelhança. Idem, p. 36.

afirmam que estão ajudando a criança – os patrões/pais adotivos – e as crianças – que oscilam entre se sentir como serviçais e como membros da família²⁹⁰.

O aspecto que merece atenção na prática da “adoção informal”, além da polissemia do termo “adoção”, está em como tal prática é corriqueira e antiga, na Amazônia, ao menos, como é atestado por Maria Angélica Motta-Maués, cuja descoberta de que em sua própria família havia inúmeros casos de adoção informal, ocorrendo, inclusive, desde a década de 1930, causou-lhe inesperada surpresa²⁹¹. O indisfarçável embaraço da antropóloga ante a longínqua infiltração da prática, primeiro em sua própria família, depois em seu local de trabalho, como professora na Universidade Federal do Pará (UFPA), a fez constatar que a prática, é sistemática. Além de ressaltar que a atividade talvez nunca tenha sido envolvida pelos embates morais tão dignos de uma sociedade cristã e patriarcal²⁹², fato que na contemporaneidade já pode ser notado, por tudo o que a prática envolve, como a separação de filhos e pais, bem como dos benefícios moralmente condenáveis daí advindos para aquele que recebe tal criança.

A escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, num conto chamado “Velas. Por quem?”, traduz a situação de muitas crianças, em sua maioria meninas, que deixam o lar interiorano para viver uma nova vida na capital. Geralmente, as pessoas de uma cidade maior, mais desenvolvida, se encaminham às cidades pequenas e de precárias estruturas, em busca de meninas. A promessa feita aos pais é que na cidade a criança poderá estudar e batalhar por uma vida melhor para poder ajudá-los. No entanto, a realidade tem cores mais fortes, muito bem traduzidas por Medeiros.

Fatal foi teres chegado de manhãzinha, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava e teres visto o casario, as ruelas tortuosas, os homens a gritar nomes e coisas. [...] Ao saltares dessas águas barrentas, ao abandonares sem saudade, rápido se perdeu teu barco entre os tantos aportados naquele cais. Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos. [...] A família dormia ainda. Soubeste logo que havia menino, que havia menina, um doutor e sua mulher a quem devias servir, branca e alta mulher. Mas te alimentaram antes, botaram a tua frente o pão que molhaste cuidadosamente no café preto para não acordar a tua eterna dor de dentes. Fatal foi teres ignorado os deveres tantos que ressoavam nas campainhas pelo casarão inteiro e pudeste rir, sorrir e te alegrar tantas eram as correrias, o leiteiro, o padeiro, o telefone... [...] Com pouco já ninguém podia passar sem ti sendo pedaço deles, cria, cachorro fiel. Ó boa pequena! Nem cresceste tanto, alargaste sim, pernas rijas, braços fortes e com pouco

²⁹⁰ CAL, Danila. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico: política, poder, resistências**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 37.

²⁹¹ MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Uma mãe leva a outra(?)**: práticas informais (mas nem tanto) de “circulação de crianças” na Amazônia. Vol. XVI, núm. 395 (8), 15 de marzo de 2012. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/3435>. Acesso em: 01/03/2020.

²⁹² Idem.

já morria o doutor, já envelhcia a senhora, já casava a menina e já trocavas de mão e de patrão, pois a menina agora já era a mulher branca e perfumada que também enchia de urina o urinol de porcelana²⁹³.

Sendo assim, Magda afirma que passou menos de uma semana em Belém. A tia disse a ela, relembra, que uma conhecida do Rio de Janeiro havia manifestado desejo de adotar uma criança para ajudar nos estudos, educar, ser alguém na vida, e como ela, Magda, estava passando por toda essa situação da perda do pai, o destino se encarregou de unir os pontos. A conhecida da tia providenciou dinheiro para algumas mudas de roupa e também passagem aérea.

A tia ainda treinou o sobrinho para decorar a certidão de nascimento que ele levaria como se fosse sua. “Rogério”, recorda Magda, não era seu nome, até porque inexistia um, mas a tia recomendou decorar e responder caso alguém perguntasse. E assim, Magda, que andara de ônibus pela primeira vez na vida dias atrás, agora também estreava no ar, desembarcando na cidade do Rio de Janeiro de avião.

Em virtude das inúmeras perdas pessoais, Magda afirma ser desconfiada, e foi com desconfiança que ela recebeu a notícia dada pela tia, mas não manifestou contrariedade, afirmando, inclusive, que se a tia havia decidido que ela deveria ir para o Rio, então ela iria, sem problema. Dias após chegar a Belém, Magda adentrou num avião da Vasp rumo à capital fluminense, muito assustada por tudo o que seus olhos miravam. “Até hoje guardo aquela maletinha de comida que dão no avião, menino. Até hoje. Tão bonitinha”. Quando pousou no Galeão, Magda afirma que sentiu medo pela primeira vez na vida, pois as pessoas no aeroporto estavam bem arrumadas, com malas de rodinhas, e ela trajava sandália de dedo, bermuda, camiseta e uma mochila nas costas. Sentiu-se pequena.

Eu tava miada, sabe. Magra, neguinha, chinelinho, tudo muito grande, né? Ainda bem que Dona Herculana chegou logo e eu não fiquei mais só. Ela chegou e disse que eu era filha de criação dela e que tava tudo bem agora. Pra onde me mandava ir eu ia. Não conhecia nada daquilo. Entrei num carro com ela e fui embora pra casa dela. Aquilo tudo bonito pela janela, menino, o Rio de Janeiro. Eu nem sabia o que era Rio de Janeiro, mas eu tava lá. (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

Durante o trajeto, a “mãe de criação” perguntou se o então menino sabia lavar louça, passar pano, dar banho em cachorro. Magda afirma que sabia, não vendo maldade alguma nas

²⁹³ MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas. Por quem?** Belém: Cejup, 1997, pp. 11-12.

perguntas feitas por Dona Herculana. Internamente, alimentava a fantasia de que, como não conheceu a mãe, Herculana poderia assumir esse papel, afinal de contas, ela a chamara para estar ali. No entanto, o idílio pensado por Magda durou bem menos que a estadia dela em Belém. Um dia após chegar ao Rio, Herculana a chamou para uma conversa. Na verdade, não foi uma conversa, mas um monólogo. Magda conta que Herculana disse que ela poderia começar a mostrar os dotes lavando a louça do café da manhã. E que a escola só seria no início do ano seguinte, pois estavam no meio do ano e não havia mais possibilidade de matrícula.

Assim, Magda iniciou os trabalhos domésticos. Lavou pratos, xícaras, depois banheiro e pátio. Foi apresentada ao restante da família, “o pai e a irmã de criação”. Os dias foram passando e Magda, que pouco falava, se consumia entre pratos, água e sabão. Nas poucas conversas que travava com Dona Herculana, uma frase ficou pululando na mente dela: “Não quero você dando confiança pra esses meninos da rua. Só querem te comer”. Magda diz que estava na pia lavando louça quando ouviu essa frase. Nem pensou na possibilidade de virar e encarar Dona Herculana. Ficou muito assustada com a forma que a frase foi dita. Já havia percebido que quando ia comprar alguma coisa no mercado, ou pão na padaria, sempre via um grupo de homens numa das esquinas, mas nunca houve problema quanto a isso. Ao contrário. Um deles sempre a encarava, mas não passava disso.

Pouco menos de seis meses após chegar ao Rio, no início do mês de dezembro de 1982, enquanto descia uma ladeira para ir à padaria, Magda afirma que foi abordada por dois homens que a mandaram não fazer alarde e segui-los. Subiu uma ladeira e quando chegou ao topo viu o rapaz que sempre a encarava ao passar. Ela lembra que já notara o interesse dele, mas que não sabia dizer o que era, nem o que sentia.

O sorriso era grandão. Cheio de dente grande. Ainda consigo sentir a mesma coisa. A mesma coisa [Levanta e fica de costas. Chora]. É estranho, né? Faz muito tempo, muito. Aqui na minha cabeça é como se ele não tivesse ficado velho. Ele me chamou e perguntou meu nome. Como eu ia dizer pro cara que eu não tinha nome? Fiquei olhando pro meu pé. Eu tinha vergonha. Eu era uma pessoa feia e, ainda por cima, não tinha nem a porra de um nome. Não consegui olhar pra ele. [Longo silêncio]. Ele mandou os cara embora. Ficou eu e ele. Pegou minha mão e disse que bateu o olho em mim e viu uma passista. Na mesma hora. Eu não sabia o que era passista, mas devia ser uma coisa boa, então eu ri. (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

Foi necessário voltar para a casa de Dona Herculana apenas para pegar sua sacola com poucos pertences, escondida de todas as vistas. Após subir o pequeno morro para encontrar Lanhoso, o primeiro homem da vida dela, Magda renunciou, mais uma vez, ao que haviam

reservado para ela. E assim, passou a morar no Morro do Urubu, em Pilares. O processo de transformação corporal, a inserção de Magda no cotidiano do morro do Urubu e o casamento com Lanhoso, o primeiro homem que ela se relacionou, serão abordados no capítulo seguinte. Ainda serão analisados a escolha do nome, as dúvidas sobre a identidade de gênero, além da descoberta de um novo amor: o samba.

2.4 Renata Taylor

Ronaldo de Azevedo Andrade nasceu às 14h de uma sexta-feira, no dia 06 de dezembro de 1968, em casa, com auxílio de uma parteira, em Almeirim, cidade localizada no Oeste do estado do Pará, na mesorregião do Baixo Amazonas. Foi o nono e último filho de Maria Jarina e Manuel, ela dona de casa, ele carpinteiro, pedreiro, marceneiro e pescador. Dos oito irmãos, Ronaldo conheceu, nos primeiros anos apenas cinco, vindo a manter contato com os três restantes anos depois, quando estes passaram a cuidar do menino, relembra Renata Taylor. A cidade natal foi fundada em 1620 pelos colonizadores portugueses, tendo sofrido ataques de conquista por parte dos holandeses, muito embora já fosse habitada pelos índios Tupinambás²⁹⁴, tendo, oficialmente, 400 anos.

Renata afirma que a casa na qual cresceu ficava localizada no final de uma rua, sobre o rio Paru, o que nos remete a uma autêntica palafita²⁹⁵, de modo que boa parte da infância foi vivida tendo a água fluvial por testemunha. Por conta da cheia da maré, a casa fora construída mais alta que o nível da rua, tendo como conexão entre casa e rua, uma ponte de madeira, da qual o menino Ronaldo se acidentara algumas vezes, indo parar dentro d'água.

Quando a maré subia, pescar se tornava tarefa das mais simples, bastava esticar os braços da janela de casa mesmo. Na vazante, as crianças corriam para brincar embaixo do assoalho. Além disso, havia os mergulhos no rio e brincadeiras com a canoa de Ronaldo, presente fabricado pelo pai, o que fazia o garoto ser procurado por muitas crianças, afinal de contas, não era todo mundo que tinha um pai que fabricasse uma canoa para o filho.

Renata lembra de quando percorria vários quintais e descampados em busca de cajueiros. Após sorver o suco do fruto, reuniam-se, ela e outras crianças, para assar as

²⁹⁴ DONATO, Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**. São Paulo: IBRASA, 1996, p. 65.

²⁹⁵ Casas de madeira localizadas sobre áreas alagadas.

castanhas. Fogueiras improvisadas eram acesas e o aroma inconfundível do óleo que é expelido pela castanha assada se espalhava. Brincar é um verbo que Renata sente prazer em associar à infância, de modo que conjugá-lo a faz sorrir, e lembrar desse período com felicidade. Na imagem a seguir, já na capital, a liberdade de brincar solto sofrera um retrocesso, pois, havia mais estranhos por perto do que quando saía pelas ruas de Almeirim.



Imagem 01: Rinaldo brincando no pátio de casa.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Falar sobre o cheiro das castanhas assadas leva Renata para o passado. Não é preciso mergulhar fundo nas lembranças para que as lágrimas denunciem que Renata possui fácil identificação com determinadas passagens da infância, principalmente aquelas nas quais estava entre os irmãos e os pais, ou de quando fala da canoa feita pelo pai para que ela pudesse brincar no rio que passava na parte de trás da casa.

Ainda criança, por volta dos 7, 8 anos de idade, Renata afirma que começou a sentir as primeiras percepções sobre si. Eram pensamentos complexos, que não faziam muito sentido na hora, relembra, mas que causavam algum incômodo, pois se perguntava se estava doente, se era normal se sentir daquele jeito, ou se acontecia com todo mundo. No dia a dia, ou em eventos dos quais participava, como num aniversário, na imagem abaixo, Renata se via como outra pessoa qualquer, mesmo sentindo “coisas estranhas, desejos, essas coisas”.

Na imagem, nota-se o menino Rinaldo ainda criança, rodeado por outras, numa festa, relembra Renata, que nunca tivera, na infância, somente para si. As festinhas de aniversário que frequentava pertenciam sempre a outra criança, nunca em sua homenagem. A pobreza material da família impedia uma extravagância dessa ordem, constata Renata.



Imagem 02: No aniversário de cinco anos de um sobrinho.

Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

A mãe de Renata cuidava da casa, dos filhos e ainda plantava legumes nos canteiros suspensos que cultivava. Dalí saía uma parte do que a família consumia e a outra parte era vendida, em maços que continham chuchu, quiabo, couve, tomate, cebolinha, pelos filhos, incluindo o pequeno Rinaldo. Um tio materno matava bois, que abasteciam a cidade, e com a ajuda variável do pai, da mãe ou de algum irmão, iam ajudar a desossá-los. As vísceras eram doadas pelo tio à irmã. Em casa, todos se reuniam para limpar os miúdos bovinos, salgar, enquanto a matriarca separava as “pesadas de bucho²⁹⁶”, para serem vendidas por Rinaldo e uma irmã mais velha. “Todas as crianças trabalhavam, não havia mal algum nisso, pois todos precisavam se alimentar”, pondera Renata. Alguns irmãos vendiam bolo, outros tacacá²⁹⁷. Todo mundo trabalhou na infância.

O pai, homem de múltiplos talentos manuais, fazia uso de cada um conforme as exigências apareciam, seja para a subsistência da família, seja para amparar alguém que precisasse dos seus serviços. Além disso, o patriarca era o responsável pela feitura dos caixões daqueles que morriam em Almeirim. Renata diz que em qualquer hora do dia ou da noite, batiam na porta de sua casa em busca dos serviços funerários do pai. Dependendo da ocasião, Renata afirma que o ajudava na fabricação dos ataúdes, segurando a lamparina que iluminava a produção.

²⁹⁶ Fardos; pequenos lotes.

²⁹⁷ Iguaria paraense composta de goma, tucupi, jambú e camarão seco.

Quando a energia elétrica virou realidade em Almeirim, havia hora para começar e hora para terminar, ficando circunscrita às manhãs e tardes. Se morresse alguém na madrugada e o pai fosse montar algum ataúde, o pequeno Rinaldo ia também, com as mãos pequenas sustentando a luz que iluminava o caixão sendo construído e que, em breve, seria a morada de um corpo sem vida.

Além de ajudar o pai a fabricar ataúdes, Renata diz que ajudava a mãe a salgar carne, peixe, empacotava pimenta, farinha, queijo e acondicionava tudo numa caixa para enviar, de barco, aos três irmãos que ainda não conhecia e que residiam em Belém. Quando perguntava à mãe quem receberia aquela encomenda, a resposta era sempre a mesma: “Teus irmãos”. No entanto, Renata afirma, “eu não conhecia eles”. Às perguntas que fazia sobre os irmãos se somavam as nascentes percepções que Rinaldo tinha. Renata assegura que entre os sete e oito anos, já percebia pequenas diferenças em si, “uns desejos, olhar os outros meninos, sei lá”.

Aos nove anos a família decide que Rinaldo viria para a capital para estudar e morar com os três irmãos que ainda não conhecia e que moravam na casa de parentes. Renata diz que o município era pobre e sem recursos para uma educação de qualidade. A imagem a seguir mostra Rinaldo com uniforme escolar, em Almeirim, pouco tempo antes de partir para estudar na capital e ir ao encontro dos três irmãos que ainda não conhecia.



Imagem 03: Com uniforme escolar em Almeirim.

Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Renata sentia que havia algo diferente, não com os outros meninos, mas consigo. “Eu me sentia bem diferente, mas não era estranho... porque eu só brincava, mas eu já sentia alguma coisa, uns desejos, olhar os outros meninos”, relembra. Rionaldo, continua Renata, vivia uma infância como qualquer outra, mesmo tendo de lidar com os flancos abertos sobre algo que ele não sabia decifrar, apenas sentir. Talvez por ser criança, pensar objetiva e seriamente sobre o assunto, não era algo que consumia o menino. Em meio a esses pensamentos, sua ida para Belém, que estava programada para ocorrer quando ele completasse nove anos, sofreu uma significativa reviravolta.

Os três irmãos, que Rionaldo ainda não conhecia, e que moravam em Belém, em conversas com o restante da família, incluindo os pais, tomaram uma decisão. A família decidira partir de Almeirim e se estabelecer em Belém. Rionaldo não iria mais para a capital, para morar na casa de parentes, como os irmãos. Rionaldo moraria, com os pais e os outros irmãos numa casa própria, pois foi essa a condição da mãe para poder deixar a terra natal e se radicar em outra cidade.

O apelo feito pelos filhos, para convencer a matriarca, se concentrou na questão educacional, pois era desejo dela que os filhos pudessem estudar no intuito de conseguir uma vida melhor. Para solidificar o convencimento, a prole cedeu ao desejo da mãe de morar numa casa própria. A filha mais velha, que trabalhava, na época, na prefeitura de Almeirim, contribuiu com uma parte do dinheiro que estava juntando. Outro irmão, que residia em Belém, fez um empréstimo, e assim conseguiram o montante para a compra. Uma vez concretizada a aquisição da casa, a família reuniu os pertences num camburão de ferro e rumou de navio com destino a Belém.

Assim, o menino Rionaldo, que iria sozinho para Belém se juntar aos três irmãos, foi com a família toda. Renata lembra que, como ninguém tinha emprego, o pai teve a ideia de levar os animais que criavam em Almeirim. Dessa forma, no navio, também foram os patos e as galinhas, num viveiro improvisado. Já na capital, a família se estabeleceu no bairro da Cremação, na travessa Três de Maio, esquina com a travessa Padre Eutíquio. Nos fundos da casa, o pai construiu um viveiro maior e os animais foram devidamente instalados e a sobrevivência da família assegurada por algumas semanas.

Um ano após a chegada, Rionaldo viu, pela primeira vez, uma televisão. Como não havia energia elétrica de maneira contínua em Almeirim e as condições financeiras da família

não permitiam, esse objeto não era um desejo, posto que ninguém havia visto um. Mas agora, na capital, havia uma casa própria, um viveiro no quintal com muitos patos e galinhas e um galo, e uma televisão na sala. Rionaldo pressentia que a vida estava melhorando.

No entanto, um aspecto, aquele que já havia manifestado visibilidade, resolveu se manifestar de maneira mais contundente, relembra Renata. Morando numa cidade bem maior, era natural que houvesse uma socialização na mesma intensidade, afinal de contas, Rionaldo era um adolescente em formação. Renata afirma que por volta dos 12 anos, brincando com os meninos da mesma idade, começou a sentir o peso de se sentir diferente e de ser vista da mesma forma.

Eu comecei a perceber mais que eu era bem diferente dos outros meninos. Eu não gostava muito das brincadeiras deles, tinha uns que ficavam me olhando diferente. Eu não sabia por que eles me olhavam, mas... porque pra mim era natural ser daquele jeito... uns trejeitos femininos, aquela coisa mais delicada, aquela coisinha. Aí eu fui pra aula e eu sempre ficava rodeada de meninas, era muito fácil, eu fazia logo amizade com as meninas, era com quem eu me identificava, eu ficava rodeada de meninas, era legal. Aí os meninos ficavam perguntando por que eu ficava no meio de um monte de meninas, aí eu falava que eu não sabia... só que eu tenho 1,89m, quando eu tava com 11 anos de idade eu já tava bem alta, eu já tava com 1,65m, por aí. Eu chamava muita atenção, eu sempre fui muito alta. (Renata Taylor, Belém, 2020).

A adolescência foi sendo levada entre reflexões sobre por quais razões não era igual aos outros meninos e também sobre as pequenas descobertas, como os primeiros desejos mais evidentes, os olhares que lançava para os outros garotos, a convivência na escola pública Rotary Club, as brincadeiras na rua em que morava, como evidencia a imagem abaixo. Ainda não havia asfalto e as casas eram de madeira. Nesse período, um dos irmãos, que era evangélico, convidou Rionaldo para um culto na igreja Assembleia de Deus. A afeminação do garoto já era perceptível, recorda Renata, e foi essa característica que chamou a atenção de um homem que também era frequentador do templo religioso.

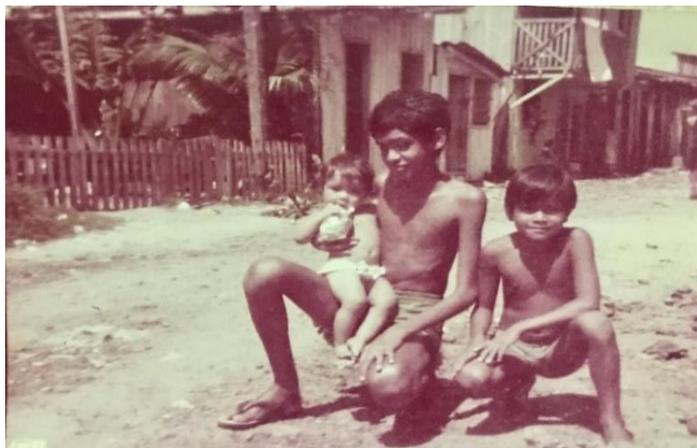


Imagem 04: Aos 11 anos, com dois sobrinhos.

Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Ronaldo passou a frequentar a igreja evangélica com assiduidade, encarando suas idas como oportunidades de poder brincar e correr atrás de pombos, que havia em profusão nas cercanias da igreja. O homem que observava o garoto, afirma Renata, era um funcionário da igreja, se aproximou e os dois iniciaram uma amizade, ele mostrando interesse nos gostos de Ronaldo. Numa oportunidade, o homem perguntou se Ronaldo gostaria de ver os ninhos dos pombos no forro da igreja. Ao sinal positivo do menino, os dois subiram. A brincadeira de observar os ninhos de pombo se repetiu algumas vezes. Numa delas:

Aí eu sempre ia lá ver os ninhos dos pombos. Aí, numa dessas vezes, ele tirou minha roupa, lá dentro da igreja [silêncio]... ele me tocava, me beijava, me chupava, eu achei estranho, fiquei com medo, foi uma experiência... não foi legal. Passou pela minha cabeça de ter sido violentada, assim, dentro de uma igreja... só não teve penetração, mas eu fiquei com medo mesmo, e eu saí de lá, não participei mais... aí as pessoas iam lá em casa, perguntavam por mim, mas eu não falava, nunca falava. Depois de anos que eu vim falar alguma coisa. (Renata Taylor, Belém, 2020).

A experiência pentecostal de Ronaldo foi atravessada por violência sexual, situação que já analisei parcialmente com outra protagonista. Renata afirma que essa situação traumática colocou um fim na passagem dela pela congregação. Por outro lado, Ronaldo morava ao lado de um centro comunitário, e lá havia, aos sábados, aulas de catecismo. Assim, assistindo às aulas eclesiais nos fins de semana, Ronaldo concluiu a primeira comunhão, como pode ser percebido na imagem abaixo. Esta fotografia, aliás, afirma Renata, ao mesmo tempo em que coroa a consagração de sua iniciação no catolicismo, também a lembra do abuso sexual sofrido. Ao me mostrar a fotografia, ficou pensativa se falaria ou não sobre o ocorrido nas dependências da igreja evangélica.



Imagem 05: Na Igreja de São Judas Tadeu.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Ter passado pela importunação sexual fez Rionaldo ficar mais confinado em casa. Aproveitou o tempo mais recluso para ajudar a matriarca. Renata diz que a mãe “sempre foi uma boa artesã” e, como tal, fazia tapetes, flores – de plástico e de arame –, sempre tendo a companhia de Rionaldo que, além de ajudar na confecção, saía às ruas para vender a produção. Renata afirma que sentia vergonha de vender o artesanato feito pela mãe, pois tinha receio de bater na porta de alguém e aparecer um colega de escola, atitude que ela credita ao fato de ser muito jovem e inexperiente.

Os pais, ambos com desenvoltura manual para trabalhos, também tinham tino para situações outras, mesmo que não soubessem da natureza do que se tratava. Renata diz que nunca houve querela entre os pais e a feminilidade nascente e evidente de Rionaldo. Os irmãos, prossegue Renata, agiam da mesma forma, nunca salientando alguma coisa, nunca tocando no assunto, de modo que Rionaldo ou passava despercebido, ou era poupado. Mais adiante, quando Rionaldo estiver frente à frente com a revelação sobre sua orientação sexual e sua identidade de gênero, saberemos qual das possibilidades se sobressaiu.

Por volta dos 14 ou 15 anos, prossegue Renata, as reflexões sobre si, surgidas alguns anos antes, ganharam contornos mais fortes, levando Rionaldo a aumentar a intensidade do

medo que sentia. Os desejos, anteriormente difusos, abstratos no entendimento, se mostraram, para o jovem, em toda a limpidez.

Eu ficava com medo porque eu não sabia aquele negócio de desejos, e meus colegas namoravam com mulher, os meninos namoravam com meninas, e eu não sentia desejo por menina, era meio estranho. Tinha meninas que queriam namorar comigo, mas eu não sentia nada por elas, mas mesmo assim.... eu ainda namorei umas duas meninas, mas era assim estranho porque a gente se beijava, se abraçava, mas eu não tinha sensação, não tinha. Aí passava um rapaz e eu tava abraçada com a menina.. aí meus olhos brilhavam, o desejo [gargalhadas]. (Renata Taylor, Belém, 2020).

No mesmo período, conforme Rionaldo se desenvolvia fisicamente, a afeminação ia no mesmo rumo. Renata pondera que não conhecia ninguém parecida com ela, pois até onde conseguia perceber, todos os outros eram *normais*. Ainda neste momento, ao relembrar do período, Renata desnuda o próprio sofrimento, que vinha tanto de não saber quem era e do que sentia, e também da reação belicosa de algumas pessoas ao notá-la.

Incrível... eu expandi um pouco, né, eu ficava... aí eu descobri o porquê desses desejos, eu nunca tinha visto ninguém, eu não tinha uma referência como hoje em dia as pessoas têm referências, eu sou uma delas, pra muitas [chorando]. Dói saber que a gente apanhou na rua, eu apanhei na rua por eu ser diferente do meio. Às vezes eu ia na feira e as pessoas ficavam gritando “olha o viado”, “olha o fresco”, aí jogavam cebola, jogavam tomate, xingavam, eu ficava com medo. Às vezes chegavam a correr pra me bater, sem eu saber por quê, só porque eu era assim [chora em silêncio]. Era muito ruim porque às vezes eu ia pra feira com a minha mãe e jogavam as coisas em mim e eu não deixava ela perceber [chorando e muito agitada]. (Renata Taylor, Belém, 2020).

Paralelo a isso, e, de certa forma, algo que acabou favorecendo Rionaldo, a família comprou uma geladeira. Ante aos flagrantes ataques homofóbicos que sofria na rua, o jovem passou a vender chopp de frutas²⁹⁸, evitando, assim, se expor, e, de quebra, não sofrer agressões. O confinamento – por não saber lidar com a recusa dos outros, por não entender o que se passava consigo e por não se sentir à vontade para compartilhar tais medos com alguém, muito menos da família – foi a solução encontrada por Rionaldo para driblar os constrangimentos pelos quais passava.

O exílio dentro de casa foi, lentamente, arrefecendo. Não por eventos internos que fizessem Rionaldo encarar os fatos, mas por elementos externos de aspecto natural. O inverno amazônico, diferente do próprio entendimento de inverno, não chega a ser necessariamente

²⁹⁸ Dependendo do lugar, essa iguaria recebe um nome diferente. No Sul, recebe o nome de “geladinho”; No Rio de Janeiro, é conhecido por “sacolê”; Na região Nordeste, é chamado de “dindin”. Ainda recebe os nomes, em diversos lugares, de “chup-chup” e “gelinho”.

frio, mas é caracterizado por um alto índice pluviométrico. Quando é chegado esse período na região, há uma sucessão de alagamentos, principalmente nas áreas mais urbanas, como Belém, cujo relevo é composto por várzeas de inundação em alguns pontos, além da cidade ser entrecortada por córregos, alguns, inclusive, aterrados para que a cidade pudesse se expandir.

Assim, Renata afirma que quando o inverno se aproximava, era tempo de levantar as coisas dentro de casa, evitando, dessa forma, que houvesse o mínimo de perdas materiais. O local que Rinaldo morava, que não é o mesmo na qual Renata, atualmente mora, embora seja próximo, ainda hoje sofre dos mesmos alagamentos de outrora. Houve melhorias, quando se compara as épocas, mas o saneamento básico, principalmente, mostra-se insuficiente ante aos constantes alagamentos da área, ainda hoje, quando a chuva se intensifica.

Aí nossa casa alagou quando chegou o inverno, como todas as outras casas, foram tudo pro fundo. Aí meu pai fez uma ponte dentro de casa, de tijolos, botou umas tábuas, pra gente andar dentro de casa, que ficava no fundo, a gente matava até cobra dentro de casa. Meus irmãos saíam pra trabalhar ou então pra estudar, aí eu pegava um balde d'água, um pano e ia embora até chegar no asfalto, pros meus irmãos lavarem os pés pra ir trabalhar, eu enxugava os pés deles e depois voltava pra casa [chorando]. Quando eles voltavam, todo mundo voltava de sapato na mão e a calça levantada. (Renata Taylor, Belém, 2020).

O inverno amazônico, com suas chuvas torrenciais, foi o responsável por retirar Rinaldo do confinamento. Ter de acompanhar os irmãos mais velhos até o início da parte asfaltada, lavar e enxugar os pés deles, e depois retornar para casa, aos poucos, foi fazendo com que o medo da rua fosse mitigado. Renata relembra que olhava assustada para os lados, sempre vigilante, com medo de ser agredida. Ao final do período invernal, os irmãos que trabalhavam e mais o pai, decidiram fazer algo para que no inverno seguinte não passassem por situação semelhante. Renata recorda que o pai construiu outra casa ao redor da casa original, cercando-a. A casa era maior, mais alta e afastava qualquer possibilidade de alagamento. Então, quando o inverno seguinte chegou “a nossa casa era a única que não ia pro fundo”, diz Renata.

Aos 16 anos, Rinaldo teve, por iniciativa própria, a primeira relação sexual, com um homem mais velho. Diferentemente do abuso sexual sofrido, dessa vez houve entrega, sem pânico. Renata recorda que o sexo em si não foi exatamente bom, mas a experiência, sim. Ter feito sexo pela primeira vez lhe possibilitou compreender melhor os próprios sentimentos.

Depois dessa experiência... depois a gente ficou outra vez, aí eu fui ver que tinha um outro rapaz também que morava na minha rua...que era assim igual eu, sabe. Eu

ficava tentando me achar, saber quem eu era, por que eu sentia aquilo, eu não tinha resposta, eu não tinha informação de nada... (Renata Taylor, Belém, 2020).

Enxergando a si de maneira menos confusa, Rionaldo, na véspera da maioridade civil, deu mais um passo rumo à descoberta da própria identidade de gênero. Num passeio de final de tarde, com amigos da escola, pela praça da República, se deparou com pessoas que ele nunca tinha visto. Renata lembra que embora não tivesse noção de quem eram aquelas pessoas, sabia, internamente, que aquilo lhe atraía.

Aí eu fiquei encantada. Aí eu disse: “Nossa, são outras pessoas que nem eu, é assim, eu sou uma mulher igual a elas”. Só que eu não tinha seios, não tinha cabelo grande. Aí eu fui perguntar pra elas. Aí eu me aproximei e elas disseram: “Tu é gay, né?”. Aí eu disse: “Não”. Elas responderam: “É, sim, tu é gay”. Aí eu não podia ficar perto delas porque elas não deixavam, lá onde elas ficavam, no lado da Assis de Vasconcelos era só elas que ficavam, ficavam muitas, aí eu ia por lá ficar com elas. Isso foi na primeira vez. Aí numa segunda vez eu fui lá de novo, aí começava a fazer perguntas pra elas, como elas tinham deixado aquele peito daquele jeito, como a bunda tinha ficado grande, os quadris, tudo, aí umas tomavam remédios, mas a maioria era silicone. Aí foi assim, um mundo fascinante. Aí eu disse pra mim: “Nossa, eu posso ficar assim também”. Porque é assim que eu sou. (Renata Taylor, Belém, 2020).

Após esse primeiro contato, enevoado pela surpresa, pela alegria de encontrar semelhantes e não se sentir mais sozinho no mundo, Rionaldo estabeleceu internamente uma paz, uma tranquilidade que jamais sentira antes. Ter encontrado travestis, se admirado com as curvas corporais, os seios, o cabelo, a feminilidade, causou um reboiço de euforia no jovem. Nas imagens a seguir, Rionaldo com quase 18 anos, primeiro ao lado dos pais e de um irmão, e depois, sozinho, ensaiando uma hipotética transição de gênero.



Imagem 06: Com os pais e um irmão.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

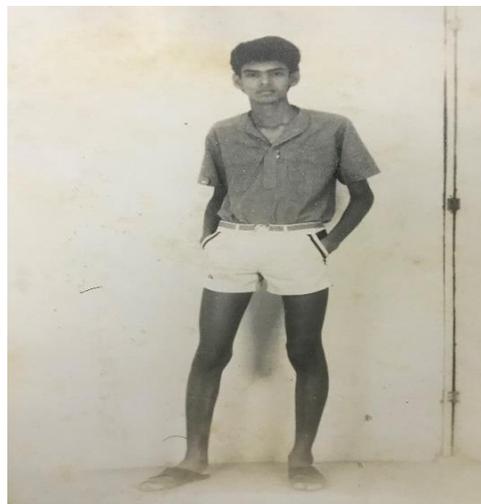


Imagem 07: Em casa.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Na imagem anterior, na esquerda, em frente à Basílica da capital paraense, Renata reflete que, naquele momento, havia uma luta interna entre se reconhecer enquanto alguém diferente e não entrar em conflito com a família. Após ter imaginado a possibilidade de ser travesti, pensou também na possibilidade de ser mandada embora de casa, pois os pais alegariam, baseado na religiosidade católica que professavam, que aquilo era contra os desígnios de Deus.

Inicialmente, para não causar conflitos, Renata decidiu que nada contaria em casa. Continuou vivendo a vida do mesmo jeito de antes, manifestando a leve afeminação, imagem anterior, na direita, que a família já estava acostumada, sem se atentar, ou não querer se atentar, ao fato de que Rinaldo já se encaminhava para um caminho. A leve afeminação que Renata ressalta era algo que ela imaginava existir, não que alguém da família tenha destacado.

A euforia foi tamanha que o jovem decidiu, a partir daquele momento, estabelecer um vínculo com aquelas pessoas, se aproximar, querer saber como poderia ficar daquele jeito, pois se sentia daquela forma também. Antes, no entanto, Rinaldo, como já havia imaginado, teria que ter duas vidas, uma para apresentar em casa, outra para cultivar e ser praticada, inicialmente, na clandestinidade.

2.5 Cléo Ferreira

Sexta-feira, 31 de janeiro de 1964, às 23h30, no Hospital dos Servidores do estado do Pará²⁹⁹, em Belém, nasceu Cléo Ferreira. Aquariana, como ela gosta de frisar. De um total de oito filhos, Cléo é a quinta, sendo que o oitavo, morreu bebê, de causas ainda hoje desconhecidas, “simplesmente morreu”, afirma. Em diversas passagens, principalmente na infância, Cléo prefere ser reticente, evitando afirmações categóricas, como se não quisesse confirmar algo. A palavra “sumiu” é uma constante em suas frases, seja para explicar algo, seja para suspender tal explicação.

O embaixador Marcos de Azambuja, em artigo na revista Piauí, explica o deleite de um amigo sueco, também diplomata, quando este conheceu, justamente, a palavra “sumiu”. De acordo com Azambuja, essa variação do verbo sumir, para o brasileiro, no entendimento

²⁹⁹ Hospital extinto em 1995. Atualmente, recebe o nome de Ophir Loyola, e é especializado no tratamento do câncer.

do embaixador sueco, “explica o inexplicável, encerra o assunto e não leva a nenhuma consequência policial ou administrativa”. Não se trata de má vontade, pondera Azambuja, mas é algo que faz parte da malemolência verbal brasileira, explicar sem querer explicar, explicando mesmo assim, lançando mão de uma única palavra para sublimar algum aspecto, ou o assunto todo, sem deixar o interlocutor sem resposta.³⁰⁰

Entretanto, o embaixador brasileiro conclui que o verbo sumir, embora intensamente difundido em bocas letradas ou não, tem seu antônimo, também usado quando for conveniente para explicar o surgimento daquilo que sumira: “Apareceu”. Nas trocas linguísticas brasileiras, de acordo com o diplomata, com a mesma facilidade que um assunto traduzido em “coisa” desaparece da boca do interlocutor, reaparece, magicamente, se alojando com tanta tranquilidade num diálogo qualquer que só uma mente muito audaciosa para notar o retorno daquilo que nunca se foi.³⁰¹

Sendo assim, Cléo Ferreira, quando tenta fugir de uma explicação, lança mão do “sumiu” para retornar ao assunto, cheia de detalhes e pedidos de ocultação de algo, pois o que estava sendo escondido, apareceu. A facilidade em se expressar por ocultamentos também é percebido na forma que Cléo explica como se via quando criança:

Minha infância foi meio... diferente. Eu era um menino... pelas fotos, poucas fotos que eu tenho de infância, só que esse menino era visto pelos amigos da minha mãe, pelos amigos do meu pai, pelos vizinhos, não como um menino, mas como uma menina. Então, se eu fosse à padaria com a minha irmã, aí o homem dizia assim: “você duas são irmãs?”. Aí ela dizia: “Não, esse aqui é o meu irmão”. (Cleó Ferreira, Belém, 2019).

Mais adiante, Cléo, que na explicação anterior se retirou do discurso, sumiu, no discurso seguinte reaparece, dona da explicação, dona da própria visão, aquela que vai nortear os discursos seguintes. O entrelaçamento de discursos sobre esse período pode ser resultado do apagamento de determinadas recordações, ou o esquecimento voluntário, ambas as possibilidades já debatidas anteriormente, mas que podem explicar uma passagem assim:

Então quer dizer, eu sempre era aquela coisa, assim, sabe, confusa. Eu mesma não me reconhecia menino, porque eu não sabia que o menino tinha pintinho e a menina não tinha pintinho, não é? Não tinha essa relação, não tinha essa conversa nessa

³⁰⁰ AZAMBUJA, Marcos de. **Videla é a mãe**: memórias pouco diplomáticas. Revista Piauí, Edição “História e Memória”, número 55, abril de 2011, s/n. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/videla-e-a-mae/> Acesso em: 10/08/2020.

³⁰¹ Idem, s/n.

época, não tinha como. Então, eu brincava de boneca, eu me vestia com a peruca da mamãe, me pintava, entendeu? (Cleo Ferreira, Belém, 2019).

O garotinho confuso, percebido por outros olhares como uma garotinha, pela delicadeza dos traços associados ao feminino, foi fruto da relação entre um paraense e uma maranhense, ambos detentores de posses, ambos determinados, ele a ser mais rico, ela a ser o melhor que poderia ser enquanto mulher e mãe. Para celebrar o enlace do casal, os pais do noivo os presentearam com uma casa na Avenida Gentil Bittencourt, bairro de Nazaré, em frente ao inexistente, à época, Centur³⁰², afinal de contas, afirma Cléo, para um casal de posses, era justo morar numa avenida que “naquela época era uma avenida elegante, moravam famílias ricas, então quer dizer, ali a mamãe tinha joias”.

Os cinco primeiros filhos, após nascerem, foram morar na elegante avenida Gentil Bittencourt. Após o idílio inicial, o casal começou a enfrentar problemas conjugais e financeiros, estes por conta de escolhas erradas do patriarca. Cléo lembra que no entendimento da mãe, casar era para a vida toda, mesmo que, em virtude de uma série de dissabores, manter uma relação não fosse o mais recomendável. Sem dinheiro e sem a casa da Avenida Gentil, a família foi morar num casebre de madeira no final da rua dos Mundurucus, parte ainda hoje bastante empobrecida da capital.

Os dias, antes caracterizados pela fartura, passaram a ser difíceis, mas, lembra Cléo, graças ao empenho da mãe, que lavava e passava roupa com ferro a carvão, para famílias de posses da capital, lentamente o cenário passou a se modificar. Ainda havia o fantasma da escassez de alimentos, como nos natais, quando Cléo afirma que a mãe fazia um bolo e dividia uma pequena fatia para cada, tendo um copo de suco desidratado como bebida. O pai ainda mantinha o emprego de administrador escolar no Colégio Moderno, mas foi graças ao dinheiro conseguido pelos serviços extras da mãe, que a família conseguiu deixar o casebre para trás e fixar residência na Vila Sobral, no bairro de Canudos.

Os períodos de infortúnios poderiam ter sido evitados, mas, uma vez acontecido, poderiam, ao menos, ter suas consequências amenizadas. No entanto, Cléo faz uso do esquecimento deliberadamente seletivo para explicar este momento, deixando para a mãe a função de emergir a família inteira da miséria na qual se encontrava. E a mãe conseguiu. Após

³⁰² Atual Fundação Cultural do Estado do Pará.

se instalarem na Vila Sobral, os filhos do casal saíram do grupo escolar Augusto Olímpio, instituição pública, e passaram a estudar o restante da educação básica no prestigiado Colégio Moderno, instituição privada que sempre abrigou muitos dos filhos da elite local, fundado em 1914, e que ainda hoje funciona³⁰³.

Cléo assegura que ela e os irmãos só passaram a estudar nesse colégio graças ao empenho da mãe, que ofereceu serviços domésticos em troca das matrículas dos filhos. O pai já era administrador da instituição há tempos. Cléo afirma que já estudando no Colégio Moderno passou, muitas vezes, pelo constrangimento de segurar a urina, sem saber que banheiro usar, pois embora tivesse pênis e fosse identificada enquanto um homem, ela se sentia do sexo feminino, então, na dúvida, segurava a vontade até chegar em casa.

Quando eu saía pra comprar roupa com a mamãe, a gente comprava roupa lá na Visão [antiga loja de departamentos], na [avenida] Presidente Vargas, e aí eu entrava e escolhia a roupa que eu queria, então a mamãe não dizia “isso aqui é pra homem e isso aqui é pra mulher”. Eu comprava a blusa que eu queria, sabe, eu comprava aquilo que eu queria. E, às vezes, eu comprava blusa de mulher, sabe. Também comprava blusa de menino, bastava a blusa me agradar, acabou-se. Se eu gostei daquela blusa eu levava a blusa, tá entendendo? [...] Quando eu ia pra festa de aniversário, a gente tinha festa de aniversário de bairro, de rua, aí chegamos na festa de aniversário, eu ficava lá na festa de aniversário paradinha, quietinha, aí chegava um menino: “Você não quer dançar?”. E a minha irmã corria e dizia: “Não, não quer”. Então, quer dizer, sabe, foi uma infância meio confusa, sabe, e desde criança, eu nunca tive as minhas funções normais, do sexo masculino, entendeu? Eu nunca tive ereção, eu nunca tive ejaculação, então quer dizer, houve uma atrofia do órgão, então, enfim, a minha infância foi uma coisa muito confusa, mas ao mesmo tempo eu tenho boas lembranças do tempo que eu... O meu cabelo era todo enroladinho, cabelo de anjo, eu era bem loirinha, sabe, então eu chamava muita atenção, né, dos gaviões que queriam porque queriam... logicamente que agora eu me lembrando disso, como existiam os meninos na rua, sabe, que me agarravam... Só que depois de um tempo que eu fui perceber o que era assédio, né? Eu era muito assediada, né? Mas nunca... engraçado eu nunca tive essa curiosidade pra essas práticas sexuais, ou então de interesse, de menino. (Cléo Ferreira, Belém, 2019).

Para Cléo, se existia alguma confusão de gênero, ela ficava restrita aos outros. Se enxergar como uma menina, que mais tarde viraria uma mulher adulta, era simples, pois diante do espelho era o que conseguia apreender: era uma menina. Ter de se desdobrar entre os ciúmes das irmãs e o assédio dos meninos foi uma tarefa das mais complexas, não pelas ações alheias, mas por não compreender tais infortúnios.

Além dos fatores externos, havia as complexidades internas, que Cléo afirma não terem sido “normais”, pois, segundo ela, não havia ereção, nem ejaculação, “não havia

³⁰³ Mais detalhes ver: <http://colegiomoderno.com.br/institucional/historico/> Acesso em 13/08/2020.

desejo”, pondera. Cléo relembra que esse encantamento se concentrava naquilo que ela considerava importante, que era o deslumbramento em ser reconhecida como uma garota, do sexo feminino. Ela enfatiza que na época não havia “esse negócio de trans, de lgbt, nada disso”, de modo que aquela criança, não apenas para os outros, mas para ela mesma, era um ponto de inflexão, resultando não necessariamente nas mesmas conclusões para ambos.

No início da juventude, Cléo afirma que o corpo que ela tanto se encantava na infância, começou a ganhar contornos masculinos, e a aura de “menina angelical de cabelos louros enrolados”, foi se desfazendo continuamente, mas, ainda assim, ela continuava se imaginando mulher. A guinada aconteceu, em meados dos anos 1980, quando um grupo de amigos a viu na rua.

Eu sempre me senti mulher, mulher cis mesmo. Depois eu encontrei um grupo de amigos, que eram gays, e eles pensavam que eu era uma menina. E aí eu fui conversando com eles e eles disseram assim mesmo: “Tu não é uma menina, tu é um menino”. E aí eu fui começando a entender o que era a coisa do gay, né? Então, eu disse assim: “Meu Deus, eu sou gay” [gargalhadas]. Eu não sabia o que eu era, então eu sou gay, sabe. Então, quer dizer, ficou aquela coisa... depois eu até comecei a comprar revistas eróticas numa banca de revista que ficava na frente da Lobras³⁰⁴, e a revista falava sobre gay... então, foi a partir desse momento que eu passei a ler sobre gay, sobre o assunto, mas eu me sentia sempre menina, embora eu soubesse que tinha uma coisa que não tava se encaixando direito, mas o tempo foi passando e eu comecei a me encaixar na categoria de gay, né? (Cléo Ferreira, Belém, 2020).

A percepção que Cléo se impôs é creditada ao fato de que não havia uma explicação, naquele momento, para o que ela era. E durante bastante tempo Cléo não precisou de explicações, uma vez que bastava o que seus olhos miravam no espelho e como aquilo tudo era assimilado por ela. Foram os outros que a nomearam, que lhe apontaram um lugar para que aquele corpo, visto como desgovernado, pudesse repousar e não mais se movimentar. Não sabendo como argumentar, nem como se fazer reconhecida, Cléo aceitou ser imaginada como gay, deixando em repouso a mulher cis que ela sempre acreditou ser.

2.6 Beatriz Santorini³⁰⁵

³⁰⁴ Lojas Brasileiras, criada para rivalizar com as ainda existentes Americanas. Encerrou as atividades em 1999.

³⁰⁵ Farei referência tanto a Beatriz quanto a Charles por escolha da interlocutora. Embora se apresente enquanto travesti, tanto no trabalho, quanto nos perfis que possui em redes sociais, e ainda em casa, com a família, ela usa o nome de registro, Charles, deixando o nome Beatriz para interações com amigos e shows.

A criança, ao ser identificada como do sexo masculino, recebeu o nome de Charles. Era 13 de julho de 1975, mesmo dia em que se comemora o dia do cantor. Nasceu na Santa Casa de Misericórdia, em Belém, às 13h. Foi o primogênito de Ivone e Tomás, ambos chegados do interior do estado do Pará para tentar, na capital, uma vida melhor. Não mostrou talento vocal para ser cantor e nem cantora, como os mais supersticiosos poderiam imaginar, mas a voz grave, que no futuro seria sua marca registrada, se desenvolveu. Ao invés do canto, a dublagem. No entanto, antes que a voz gutural aparecesse e dublar cantoras pop virasse um hábito, o pequeno Charles precisou crescer.

De temperamento retraído, não necessariamente tímido, o pequeno Charles foi uma criança calma, afirma Beatriz. Não houve muito tempo para gozar do privilégio de ser o mais velho, pois um ano depois de ter nascido, Charles teve como companhia um irmão, que seria assassinado com três tiros pelas costas, 19 anos depois, por um motivo tão estúpido quanto a própria morte. Alguns anos adiante, nasceu a última filha do casal, que passaria a dividir com Charles, tanto pela ausência do filho do meio, quanto pelo fato de ter nascido do sexo feminino, o status de filha. As três crianças, num momento de lazer, podem ser vistas na imagem a seguir, cuja disposição é: na esquerda, o irmão do meio, na direita, o pequeno Charles, e o no centro, a irmã caçula.



Imagem 08: Charles e os irmãos.

Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini.

Os pais do garoto retraído, embora tenham vindo do interior do estado com o objetivo comum de melhorar de vida, não são conterrâneos. Ele, um dos 11 filhos de um ribeirinho de Barcarena. Ela, da vila Jabaroca, distrito do município de Primavera, litoral atlântico paraense. Tomás deveria migrar para a capital para estudar e trabalhar, foi a ordem do pai, enquanto os outros dez filhos permaneceriam no sítio na beira do rio, em Barcarena. Ivone, órfã da mãe aos 14 anos, migrou para a capital para trabalhar como empregada doméstica. Permaneceu na casa que a contratou por algum tempo, até começar a trabalhar numa fábrica têxtil, na qual conheceria o futuro marido, Tomás, pai do pequeno Charles.

A Companhia Amazônia Têxtil de Aniagem (CATA), fábrica na qual o casal se conheceu, reinou absoluta na região amazônica, de acordo com o jornalista Nélio Palheta, enquanto produtora de sacas de fibras vegetais e outros derivados, produzindo para o Brasil e exterior durante muitas décadas. A empresa começou a flertar com a derrocada após o surgimento, no mercado, das fibras sintéticas. Tal aparecimento, de fato, provocou um colapso na envergadura da fábrica, que foi reduzindo a produção até quase desaparecer. Atualmente, do que restou da companhia, existe um pequeno armazém, às margens do rio Guamá, no bairro da Cidade Velha, em Belém, pelo qual os herdeiros ainda se debatem³⁰⁶.

Os dois casaram depois de algum tempo, permanecendo Ivone na fábrica, enquanto Tomás fora procurar algo melhor numa transportadora de mercadorias. Foram morar numa casa simples, na Travessa Soares Carneiro, no bairro do Telégrafo, ou, como afirma Beatriz, “a gente tem uma origem bem humilde mesmo, muita gente pensa que não, mas a gente teve uma origem muito humilde mesmo, tanto que a casa da Soares Carneiro era uma casa de madeira, uma casa bem simples”. Ali, casal e filhos permaneceram alguns anos, enquanto a sonhada casa própria ainda não se tornava realidade. O alerta que Beatriz faz ao exortar sobre uma possível dúvida acerca do passado humilde da família deve ser creditado ao fato de que, atualmente, parte da família habite uma ampla casa num condomínio de alto padrão na capital.

Nos idos de 1984, a família deixou o bairro do Telégrafo e partiu para o conjunto Cidade Nova, no município de Ananindeua, região metropolitana de Belém. Na nova casa, não mais de madeira, havia mais requinte, e a família já podia fazer churrascos e mergulhar na piscina que havia. A qualidade de vida de Charles e dos irmãos era diferente da que os pais tiveram, e esse era o objetivo do casal, proporcionar à prole aquilo que eles não puderam ter.

³⁰⁶ Ver mais em: http://www.ioepa.com.br/pages/2015/06/29/2015.06.29.DOE_2.pdf Acesso em: 18/08/2020.

Charles e os irmãos, já em idade escolar, foram matriculados no Colégio Santa Catarina de Sena, escola católica ítalo-brasileira, fundada em 1903, que goza de prestígio na cidade, além de permanecer restrita a um seletivo grupo de pessoas que pode pagar as altas mensalidades que a instituição cobra.

Beatriz diz que, atualmente, ao se recordar, tem noção do status que estudar ali pode proporcionar, mas que quando era criança, não conseguia acompanhar esse raciocínio, pois o “Santa Catarina era só uma escola que eu ia todos os dias”. Ela assegura que, embora tenha estudado numa instituição católica e de ter tido uma formação religiosa consoante, como pode ser percebido na imagem a seguir, durante a primeira comunhão, a família em si nunca foi religiosa. Mas mesmo não sendo católicos praticantes, Beatriz afirma que passar pela primeira comunhão foi uma tradição cumprida por todos os filhos, sendo que os outros dois irmãos também possuem uma fotografia como a dela.

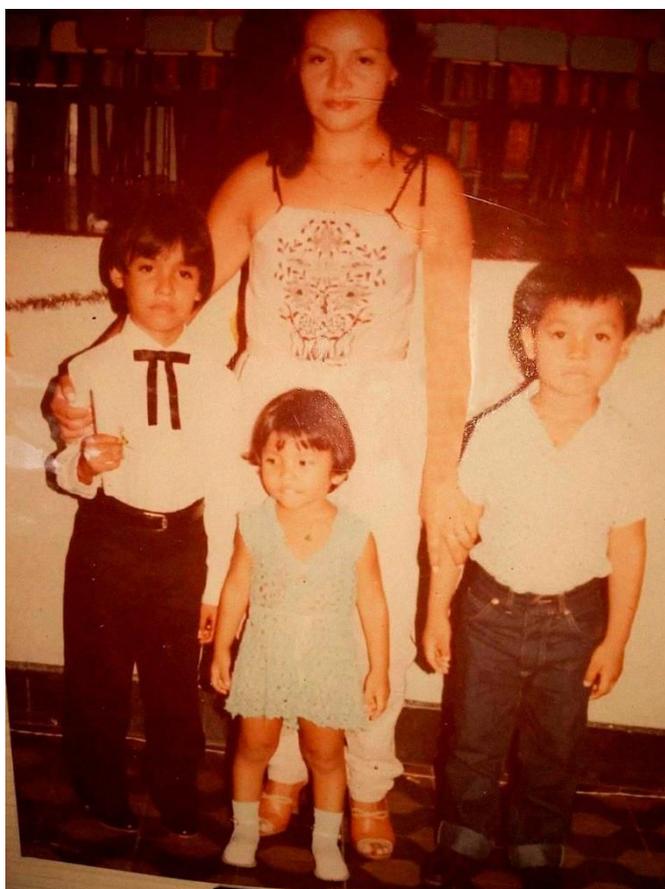


Imagem 09: Charles, à esquerda da mãe, a irmã caçula no centro e o irmão do meio na direita.

Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini.

Ela afirma que, como ela e os irmãos estudaram a vida escolar inteira nesse colégio, com o tempo foi percebendo alguma coisa no comportamento do irmão do meio, sobre “calças de marca, Zoomp, Forum, essas marcas, mas eu não. Eu era simples, nem ligava pra isso de marca”. Beatriz recorda que quando era criança, no Colégio Santa Catarina, por ser uma criança retraída, tinha verdadeiro pavor de socializar em coletividade, principalmente se houvesse meninos por perto. Essas restrições aos meninos ainda não eram nítidas para Beatriz, de modo que ela não buscava explicações para isso, apenas não se aproximava.

A pior parte pra mim era educação física, porque quando o professor ou a professora pediam pra gente fazer algum tipo de esporte coletivo como vôlei ou basquete ou alguma coisa relacionada e que tinha que envolver os meninos, eu não conseguia fazer parte daquele grupo. Não sei, eu tinha meio que aversão a estar junto de outros meninos, eu queria sempre estar do lado das meninas, eu me sentia melhor com elas porque eu me identificava mais com as meninas no colégio. Eu tinha poucos amigos homens. Eu era muito conhecida como o cdf da turma e como eu não queria saber de esportes, eu ficava mais interessada em querer saber de estudar. (Beatriz Santorini, Belém, 2019).

Em retrospecto, Beatriz lembra que Charles não era uma criança afeminada, não apresentava trejeitos que pudessem ser motivo de alguma implicância. Ao contrário, o jeito reservado, sem afeminação e com uma potente voz grave, o menino Charles passava praticamente incólume aos olhos vigilantes dos outros, mas, internamente, a percepção era outra. “Eu lembro que eu gostava muito de brincar com as meninas sempre, aquela história de brincar de boneca, não suportava jogar futebol, qualquer coisa que fosse esporte coletivo eu evitava”. A proximidade feminina, relembra Beatriz, era mais adequada à subjetividade do menino.

Em casa, Beatriz afirma que não era notada pela vigilância dos pais, principalmente no tocante às percepções que ela mesma tinha de si. Depois de trocar de emprego novamente, o pai foi trabalhar em outra transportadora, o Grupo Di Gregório, também no bairro do Telégrafo, de modo que ele costumava levar Charles e o irmão do meio para a sede da transportadora. Levava as crianças, também, para o sítio do patrão, com piscina, lago, futebol, churrasco. Foi durante esses momentos de diversão que Charles, pondera Beatriz, começou a perceber que sua aversão aos meninos não se estendia aos homens como um todo.

Ela diz que sentia “coisas estranhas” pelos amigos do pai. Beatriz é enfática ao dizer que não era desejo, apenas uma “curiosidade” em olhá-los. Ter descoberto que a aversão que sentia por meninos não se estendia aos homens mais velhos fez Beatriz se tranquilizar. Não

falar com alguém sobre isso, tendo de decifrar os sinais em sua mente infantil talvez não fosse a melhor opção no momento, mas constatar que os amigos do pai lhe atraíam foi libertador.

Eu lembro dessa época. De eu olhar pra homens com outros olhos [gargalhadas]. Eu tinha uns oito pra nove anos. Eu não sei, eu sentia, eu via que tinha algo diferente, não era o mesmo olhar que... Eu olhava pra uma mulher, achava bonita, mas não sentia a mesma coisa que eu tinha quando eu olhava pra um homem. E aí quando eu via os amigos do meu pai, sei lá, alguma coisa batia. Isso com nove, dez anos, eu acho. (Beatriz Santorini, Belém, 2019).

Os questionamentos que o jovem Charles fazia a si mesmo não chegavam a espriar outros interlocutores. Em casa, ela assegura, não havia um clima de repressão, mas também não havia clima propício a um diálogo dessa natureza, de modo que da adolescência até a maioridade civil, Charles pouco foi incomodado. Beatriz não se imaginava rompendo as fronteiras do gênero pelo simples fato de que não tinha conhecimento sobre o assunto. Embora se imaginasse diferente e não sentisse interesse afetivo-sexual por mulheres, mas, sim, por homens, as reflexões, de certa forma, respeitavam os limites do desejo sexual.

Dessa forma, a primeira experiência sexual de Charles enveredou por esse caminho, aos 18 anos, mesmo ano da aprovação no vestibular em medicina veterinária, na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP), atual Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Desse momento, visto na imagem abaixo, Charles, entre dois amigos, comemorando a aprovação.



Imagem 10: Comemorando aprovação no vestibular com amigos.

Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini.

Beatriz afirma que não pensava muito sobre sexo enquanto prática, enquanto algo factível. A primeira relação sexual se materializou por iniciativa de um amigo, Marcos, que, após inquiri-la sobre orientação sexual e ter se sentido satisfeito com a resposta, propôs iniciarem esse momento juntos.

Ele me perguntou: “Tu já beijou um homem?”. Eu disse: “Eu não!”. Eu já tinha beijado menina? Eu já tinha beijado menina... Aí ele me perguntou se eu tinha curiosidade. Fiquei todo nervoso³⁰⁷ na hora, aí eu disse: “tenho, tenho curiosidade”. Aí ele perguntou se eu queria beijá-lo. Aí eu me peguei aceitando e a gente começou a se beijar. Aí foi a partir daí que eu comecei a perceber que eu gostava bem mais, que eu sentia atração de meninos que de meninas. (Beatriz Santorini, Belém, 2019).

O amigo, que acabou se tornando fundamental por ter sido um dos protagonistas da primeira relação sexual de Charles, também foi o responsável pela desconfiança da mãe em relação ao filho, pois afeminação de Marcos, relembra Beatriz, acendeu a fagulha da desconfiança em Ivone. A mãe questionou Charles de maneira muito direta sobre se o filho era homossexual e a resposta deste, tão direta quanto, deixou a mãe triste, relembra Beatriz. Não houve uma crise familiar por conta da revelação e a tristeza, sentida apenas pela mãe, logo passou e tudo voltou ao normal em casa, finaliza Beatriz.

Assim, a partir daquele momento, aos 19 anos, Charles assumia para a família sua orientação sexual, acreditando, afirma Beatriz, que “era apenas isso”. Mas não era apenas isso. Beatriz conta que por muito tempo após a revelação, a situação dela em casa permaneceu inalterada, não pela família ter assimilado tudo com extrema naturalidade, mas pela emergência de outras demandas, como as infidelidades conjugais do pai e o assassinato do irmão, com três tiros, na véspera do dia das mães, além do divórcio dos pais.

2.7 Symmy Larrat

Marcelo foi o representante de Symmy Larrat, principalmente na questão física, por quase 30 anos. Foi ele, por exemplo, quem chorou quando veio ao mundo na capital do Pará, no Hospital Belém, no dia 25 de fevereiro de 1978, um sábado, mesmo dia em que se comemora a fundação do Ministério das Comunicações – criado durante a ditadura militar

³⁰⁷ Em alguns momentos, nas falas de Beatriz, ela fará referência a si no feminino e também no masculino. Respeitarei o percurso linguístico da protagonista, sempre reproduzindo fielmente o que foi dito. Mais adiante abordarei estes aspectos em profundidade.

brasileira –, o que se mostrou auspicioso, pois, muitos anos depois, seria a área, comunicação, na qual Marcelo, ensaiando um adeus no protagonismo daquele corpo, se formaria na universidade.

Concordando com algumas das interlocutoras até aqui mostradas, Symmy faz questão de dividir o espaço de sua trajetória com Marcelo, que foi quem, durante boa parte da vida, lhe representou até o momento que a transição de gênero teve início, décadas depois. A insistência em não excluir Marcelo das memórias é pelo simples fato de que no entendimento da protagonista, “não existe Symmy sem Marcelo e não existiria mais Marcelo se eu, Symmy, não tivesse iniciado a transição de gênero”.

Pra mim é o seguinte. A sociedade adora uma data. Pesquisador e repórter, então, adoram. Não existe isso na vida real. Isso não existe. As coisas não são determinadas dessa forma, certo? Na vida humana, pelo menos na minha. Na minha vida tudo é muito híbrido. Então, assim, eu não acredito que há um dia em que você passa a ser outra pessoa. Quando é que tem que tá pronto? Quando eu coloquei minha prótese? Quando eu deixei meu cabelo crescer? E antes disso eu não tinha esse sentimento? Então, eu já era essa pessoa. O Marcelo foi um nome que me emprestaram por um tempo até eu identificar o meu eu. Eu sou essa pessoa, eu sou a mesma pessoa. Eu não sou outra pessoa. A gente quer fazer isso porque a gente quer diferenciar o homem da mulher. É por isso que nós, travestis, gostamos do nome travesti, porque para com isso de que você tem que ser homem, você tem que ser mulher. Isso é na cabeça de vocês, pessoas cisgêneras. É por isso que eu não digo que sou mulher trans. Eu sou uma mulher, mas eu sou uma travesti antes de ser qualquer coisa no mundo. Então, uma coisa não tá dissociada da outra, certo? Agora, a sociedade vai entender que o Marcelo virou a Simmy? Não! A Symmy viveu o Marcelo por um período. Tá entendendo a diferença? (Symmy Larrat, São Paulo³⁰⁸, 2020).

A desenvoltura em explicar quem é e como se descobriu, nem sempre existiu. Symmy afirma que antes de ser a “mulher incrível e fantástica” que é, foi vítima, principalmente quando criança, de sucessivas repressões e perseguições. As táticas corretivas partiam de professores, de colegas, da mãe, da irmã, menos, ironicamente, do pai, que ela diz que era mais compreensivo, ou indiferente, à afeminação da criança. A ironia destacada por Symmy diz respeito ao fato de não ter tido uma relação muito harmônica com o pai, fato que ainda estará presente em várias falas, mesmo que seja ressaltado que alguns conflitos tenham sido sanados antes dele morrer.

Os pais, ele oriundo do Acre, migrou ainda garoto para Belém, ela oriunda do município de Cametá, interior do Pará. Da união dos dois nasceram duas crianças, a mais velha, reconhecida de imediato como mulher, posto que logo identificaram uma vagina, sexo

³⁰⁸ O trecho citado foi extraído de entrevista realizada por vídeo, Symmy estando na cidade de São Paulo.

feminino, concluíram. A segunda criança, num primeiro momento, por não ter vagina, logo foi identificada como menino, o representante de Symmy, chamado de Marcelo a partir daquele momento. Na imagem a seguir, Marcelo com alguns meses de vida.



Imagem 11: Symmy com alguns meses de vida.

Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

Nas recordações de Symmy, Marcelo era uma criança amedrontada, sempre fugindo do contato com as pessoas, como se, a qualquer momento, fosse ser alvo de alguma agressão. Na pré-escola, no Centro de Estudos Objetivos (CEO), escola privada que ela afirma ter estudado até a 5ª série, Symmy diz que Marcelo possuía um único amigo, o garoto Abílio, que o defendia das brincadeiras ofensivas e agressões mais evidentes.

[...] as professoras já lidavam comigo de uma forma diferente, né, porque é coisa de menino, é coisa de menino; é coisa de menina, é coisa de menina. E eu não costumava fazer coisa de menino, então na hora de jogar bola eu não queria, na hora de brincar com carrinho eu não queria, não tinha essa vontade, até podia fazer, mas não tinha vontade. [...] Então, eu lembro, que todas as vezes que eu não ia, que tinha alguma coisa, tinha uma criança que me defendia, o nome dele é Abílio e era um menino gordinho. Era isso e um outro momento em que a minha irmã tinha que me defender, porque os meninos mexiam comigo e a minha irmã tinha que sair da sala dela e ia pra minha e teve um dia que ela disse assim pra mim: “Eu tô cansada de parar pra te defender porque você é diferente, então você tem que deixar de ser diferente”. (Symmy Larrat, Belém, 2019).

A defesa do pequeno guarda-costas durou pouco, pois Abílio logo desapareceria das vistas de Marcelo após salvá-lo por dois anos dos infortúnios escolares. “Talvez tenha mudado de escola, não sei”, Symmy especula. Após o desaparecimento de Abílio das vistas de Marcelo, a irmã, como destacado por Symmy, assumiu a função, mas deixando claro que não apenas estava incomodada com a tarefa, como também destacava o fato de que as agressões ocorriam por ele ser “diferente”, logo, deixar de ser diferente resolveria a questão, enfatizou a pequena. Na imagem abaixo, Marcelo e a irmã, que cedo exortara o garoto a se proteger dos ataques das demais crianças.



Imagem 12: Com a irmã na Praça da República, em Belém.

Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

O início dos estudos foi na escola CEO, instituição privada até a quinta série; após isso foi para a escola Madre Zarife Sales, que funcionava e ainda funciona em regime de convênio público-privado. Estudou, ainda, na escola pública Ulysses Guimaraes e fez convênio no colégio privado Teorema, conseguindo, após concluir o ensino básico, passar no vestibular, no curso de publicidade e propaganda, na Universidade Federal do Pará, em 1996.

O pai de Marcelo trabalhava com mineração, de modo que vivia constantemente viajando, e, quando ficava em casa, lembra Symmy, devotava mais atenção para a irmã mais velha, ficando o então garoto mais afeito à atenção da mãe. Esta, por sua vez, era professora de história e, após o divórcio, ocorrido quando Marcelo tinha oito anos, ficou cuidando, sozinha, das duas crianças. Symmy afirma que na relação com o pai havia muitos hiatos, amenizados muitos anos depois quando este retornou ao lar, doente. Antes de morrer, pontua, o pai e ela tiveram muitas conversas e puderam, enfim, ter alguns diálogos confortadores. Não houve a reconciliação de uma vida, reitera, mas, enquanto o pai se debatia num paroxismo pessoal, foram pai e filha.

As lembranças escolares de Symmy perpassam por questionamentos que eram feitos, diretamente, sobre quem ela era. As indagações, relembra, evocavam uma resposta que ela, então criança, não sabia responder objetivamente, embora sentisse o significado de possíveis respostas.

As pessoas me perguntavam na escola se eu era menino ou menina, né? Então, as pessoas que me perguntavam, eu não tinha esse sentimento do que ser homem, do que ser mulher, eu tinha meu sentimento, então eu não encarava esse sentimento como errado. Eu sabia que as pessoas o tinham como errado. Eu lembro que eu me trancava... eu tinha um LP do Balão Mágico, eu era apaixonada pelo Mike³⁰⁹, e eu fechava a janela pra escutar na minha eletrolazinha, aquele vinil, e ficava deitada sonhando com o Mike. Agora, eu não tava fazendo nada de errado, ninguém sabia o que tava se passando na minha mente, mas eu fechava as janelas. Porque eu não via nada errado, mas eu sabia que as pessoas julgariam, então eu sempre criei uma proteção em torno de mim pra que as pessoas não... (Symmy Larrat, Belém, 2019).

As primeiras impressões sobre si podem ter partido tanto dela, quanto de terceiros, Symmy não deixa muito claro, mas, independentemente da origem dos questionamentos, ela tinha certeza que ser diferente não era algo ruim. As pessoas, ela constata, poderiam achar errado, mas ela, ainda criança, discordava. Em capítulos posteriores abordarei com mais profundidade este debate.

Além dos questionamentos que se fazia, havia, ainda, os questionamentos que os outros faziam acerca do comportamento social de Marcelo. Symmy relembra de que, por sofrer muitas retaliações por conta do “jeito mais delicado”, passou para uma quase completa introspecção, de modo a evitar um contato mais direto com as pessoas, evitando, dessa forma, sofrer mais ainda. Ficar enclausurada em casa, foi, para Symmy, uma solução apazível,

³⁰⁹ Integrante que, junto com Simony, Tob e Jairzinho, formavam o grupo infantil Balão Mágico, que fez muito sucesso na década de 1980.

mesmo que momentânea. Bastava enfrentar a hostilidade externa quando precisava ir para a escola. No mais, percebeu que podia evitar exposição. Ela ainda era uma criança, ressalta Symmy, mas foi obrigada, por conta da inabilidade dos outros em tentar compreender alguém não normativa/o, a ser constantemente vigilante.

Eu tive problema em casa quando eu comecei a me relacionar com o mundo externo, quando eu comecei a fazer amigos na rua... porque o primeiro momento é família, né? É família. Depois, quando você começa a se relacionar com o fora... isso é algo que passa, isso é algo que começa a incomodar porque eu tinha dificuldades em fazer amizade, por conta do meu jeito de ser. [...] Eu só fui começar a ter amigos quando eu me tornei violenta, quando eu comecei a responder ofensivamente. Eu comecei a agredir, eu comecei... então, isso me deu respeito, e aí eu comecei a me relacionar. (Symmy Larrat, São Paulo, 2020).

A solidão sempre constante, resultado do medo de ser vítima de algo que uma criança ainda não compreendia, transformou a personalidade do pequeno Marcelo. Como destacado por Symmy, em virtude da inevitável tarefa de se expor ao mundo externo, de ter de conviver socialmente, ela se viu obrigada, novamente, a tomar decisões. E ser continuamente belicosa foi a solução, pois, dessa forma, pondera Symmy, ela conseguiria se sentir respeitada.

Marcelo não era vítima somente de táticas corretivas físicas, mas de correções linguísticas, uma forma de subalternização do outro de extrema eficácia, como pontua Eribon, que entende que “a linguagem só é performativa por ser sustentada, atravessada, orientada por todas as forças que organizam a sociedade e os modos de pensamento³¹⁰”. O imbróglio, continua Eribon, é que a performatividade linguística de redução do outro provoca uma reação, que pode não ser tão suave, além de acentuar as percepções negativas do ofensor em relação ao ofendido.

Nem sempre a agressividade exortada por Symmy Larrat é uma forma de estancar as agressões sofridas na infância, por uma série de motivos, que vão da subjetividade do indivíduo até a autoria da agressão. As práticas corretivas heteronormativas, como já vimos anteriormente com Guacira Louro, partem, quase sempre, de ações cometidas na família, na escola e na vida social de modo mais amplo. No entanto, há de se destacar a natureza ambígua de determinadas correções.

³¹⁰ ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 100.

Eliane Brum retrata, num ensaio contido no livro “A menina quebrada e outras colunas”, os mundos similares e discrepantes de Pedro e João. Ambos são homossexuais e estudavam juntos quando criança. Pedro sentia atração por homens desde a mais tenra idade. João também. Eles eram próximos, amigos até. O que os diferenciava era que Pedro conseguia heterossexualizar sua performance, enquanto João era afeminado em ações e falas. Os dois passaram a sofrer perseguição na escola por parte dos outros colegas.

Pedro, que desde cedo aprendera a ocultar qualquer traço que denunciasse sua orientação sexual, encontrou no ataque a melhor defesa. De modo a não ser denunciado pela afeminação de João, passou para o lado dos algozes e, juntos, decidiram que João era alguém que merecia sofrer práticas corretivas, não necessariamente para que ele “voltasse a ser um homem”, mas por encontrar na diferença um prazer inexistente na socialização dos que se reconhecem enquanto iguais.

Quando era criança, o melhor amigo de Pedro era João. E João não conseguia esconder dos colegas de escola que era gay. Pedro posicionou-se ao lado dos mais “fortes”, como tantos de nós a vida toda, e mais ainda na infância. Alinhou-se ao lado dos pequenos machos quando eles tornaram a vida de João um inferno humano. Tão humanamente infernal que ele acabou mudando de cidade no início do ensino médio. Como acontece ainda hoje em muitas escolas, nem professores, nem pais, nem colegas, ninguém fez gesto algum na direção de João. Todos permitiram, por ação ou omissão, que João fosse agredido, acuado, encurralado e, por fim, exilado. [...] Contar sua história talvez seja a forma encontrada para inverter o curso dessa memória dentro de si. Pronunciar o que virou silêncio sem ser [...]. É espantosa a quantidade de dor que pode caber numa vida apenas por causa da ignorância. Da nossa ignorância³¹¹.

Pedro, após o exílio forçado de João, continuou levando uma vida heteronormativa, socializando com os amigos heterossexuais – se todos macaqueadores³¹², não se pode afirmar –, sublimando, por muito tempo, a contribuição dele para o rebaixamento moral de João. Pedro e os colegas escolheram João para ser o inimigo e “ser inimigo da diferença ainda implica

³¹¹ BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013, pp. 260-261.

³¹² O sentido de macaqueador que faço referência é o mesmo de Márcio Seligmann-Silva: “O macaqueador é uma releitura sem caráter próprio e identidade. Não nasce da semente germinal, fonte da ipseidade autêntica, mas sim copia a casca, a superfície”. Ver: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 13.

querer aniquilar ‘o outro’³¹³”, não aniquilação física, no caso em questão, mas há casos que levam tal premissa em consideração³¹⁴.

Nessa perspectiva, Symmy, transitando em ambientes cujas beligerâncias variavam, mas que mesmo assim lhe impediam de ser livre, decidiu contra-atacar, agindo com o opressor da mesma forma. As reações de Simmy não foram explosões aleatórias de ira, muito pelo contrário. Ela afirma que, já adolescente e tendo ciência de que coisas aconteciam em seu ser, passou a calcular os lugares de embate, tendo em mente que aquele corpo, aquela identidade de gênero, aquele nome, não eram seus e deveriam, portanto, deixar de protagonizar a vida dela.

Aos 16 anos eu descobri que essas transições [de gênero] eram possíveis de acontecer, ainda não todas, mas eu sabia, por exemplo, do uso do hormônio já. Eu tomei escondido um pouquinho de hormônio, só que é o seguinte: eu não contei pra minha família da minha identidade de gênero, porque eu sabia que eles não entenderiam, e eu sabia que eu não ia ser ninguém, que eu sabia que eu não ia ser alguém se eu fizesse a transição naquele momento, porque eu tinha que estudar. Então, o que eu contei pra minha família, o que eu verbalizei, era essa identidade, que pra mim era uma identidade de proteção. Eu não sou o que as pessoas pensam, mas eu não posso chegar e bater a real, então, eu falei sobre homossexualidade. Me coloquei no lugar de gay e vivi ali essa imagem. Eu só verbalizo a minha necessidade de transição de gênero aos 30 anos [...]. Eu contei num dia... porque é o seguinte. Vou te explicar a expulsão [de casa]. Eu te expulso abrindo a porta e te mando sair. Eu te expulso também se eu coloco um prego na tua cadeira, se eu coloco sal na tua água... tu não vai querer ficar nesse lugar, tu vai sair. Então, é isso, assim, a minha mãe falou coisas do tipo, assim: “Ah, você é um monstro; ah, não é isso; tu precisa experimentar outras coisas”. Então, isso é uma forma de te convidar a sair. Como eu não queria conviver dentro dessas regras, eu saí, entendeu? E aí, quem se colocou como possível de me abrigar, foi meu tio. Ele disse: “Aqui você pode ficar, fique à vontade”. Eu me senti confortável. Na verdade, eu ia pro mundo, mas ele falou “fica aqui”. (Symmy Larrat, São Paulo, 2020).

O embate travado dentro de casa, por conta da homossexualidade que Simmy anunciou, foi a certeza que ela teve de que se tivesse anunciado que não era Marcelo e tudo o que ele representava, a tensão poderia ter sido elevada a níveis inimagináveis. No entanto, a mãe, professora de história, também não soube reagir da forma como Symmy imaginava e, após algumas frases duras, decidiu, não de forma direta, convidar o filho a se retirar, como Simmy destaca.

³¹³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 9.

³¹⁴ BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016, p. 83.

Simmy ressalta que, mesmo tendo ciência de que aquele corpo masculino e tudo que havia nele, não lhe pertenciam, decidiu, ainda, como forma de amainar a situação familiar, assumir enquanto homossexual, que, no seu entendimento, era menos grave que se assumir transexual, muito embora eu já tenha destacado a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Portanto, é plenamente possível que uma transexual seja lésbica, por exemplo.

Mas o raciocínio de Simmy Larrat faz sentido quando se compreende que, de maneira geral, a homossexualidade engloba todas as orientações e identidades divergentes da heteronormatividade e que seja, de fato, vista socialmente dessa forma. Sendo assim, numa situação limite, foi uma forma de “proteção” ter se assumido homossexual para a mãe, ação que pessoas transgêneros costumam fazer quando se começa a refletir sobre si. O período a partir da maioridade civil de Symmy, ainda enquanto Marcelo, será analisada mais adiante.

Neste capítulo, procurei evidenciar boa parte da infância e adolescência das protagonistas, além de mostrar os lugares nos quais elas nasceram e cresceram. Busquei destacar as várias Amazônias contidas na região, pois se algumas são de localidades distantes e sem o mínimo de infraestrutura, outras nasceram na capital do estado do Pará. Tal destaque não deve ser visto como um mero detalhe geográfico, pois as trajetórias que todas elas traçarão ao longo da vida estão diretamente relacionadas aos seus lugares de origem, muito embora isso não seja uma regra. No próximo capítulo, tornarei essas discussões mais densas, inserindo a análise no aspecto familiar de algumas delas. Nos dois próximos capítulos, diferente do atual, como já destaquei na introdução, dividi as protagonistas em grupos, de modo a não tornar a leitura estafante e possibilitar uma melhor exploração das respectivas trajetórias.

3 Laços de família

*De onde nascera esta criaturinha vibrante, senão do que sua mulher e ele haviam cortado da vida diária*³¹⁵.

“Limpe São Paulo, mate um travesti por noite”³¹⁶, é assim que Fernanda Farias de Albuquerque, num livro coescrito com Maurizio Jannelli³¹⁷, explica a situação que viveu na capital paulista junto com outras travestis. Segundo ela, havia o terror que as travestis causavam nas famílias, aliado ao “pânico moral” advindo com o surgimento da Aids, na década de 1980. Ela afirma que essa frase era pichada em alguns muros da metrópole e não era uma simples ameaça.

Alguns anos antes, no entanto, as travestis residentes na cidade de São Paulo, principalmente, mas também usuários de drogas, mulheres que se prostituíam, homens e mulheres homossexuais cis que frequentavam bares e boates, eram vítimas constantes de uma cruzada a favor da “moral e dos bons costumes”. O escritor e ativista LGBTQIA+ João Silvério Trevisan, no livro “Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, dentre outras abordagens, relata como a polícia paulista, chefiada pelo delegado José Wilson Richetti, empreendeu uma verdadeira caçada a essas pessoas, dando destaque para as travestis³¹⁸.

Em duas seções da obra, cujos títulos são significativos – “Uma guerra santa, em nome da família e da moral” e “Finalmente, a querida paz nos cemitérios” –, Trevisan pontua como a moral heterossexista-cristã-familista agia para “limpar” da cidade a sujeira representada por pessoas que não se enquadravam dentro dessa moral. O autor destaca os grandes jornais e

³¹⁵ LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 102.

³¹⁶ ALBUQUERQUE, Fernanda de Farias & JANNELLI, Maurizio. **A Princesa**: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 92.

³¹⁷ Este livro será mais detalhado no próximo capítulo, pois, como afirma Luciana Ulgheri, na tese de doutorado dedicada especificamente a esta obra, ele nunca foi devidamente assimilado nos estudos sobre transgêneros no Brasil. Há, destaca a autora, citações esparsas, mas o valor histórico e social da obra ainda carece de reconhecimento. Ela sustenta que, durante certo período, talvez o idioma italiano, no qual a obra foi originalmente publicada, tenha criado uma barreira, mas que tal justificativa não se sustenta por muito tempo, uma vez que em dois anos uma versão traduzida para o português foi lançada no Brasil. Ver: ULGHERI, Luciana. **Princesa**: natureza, cultura, acaso e liberdade. 255 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016.

³¹⁸ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2011.

revistas de circulação nacional, que veiculavam notícias sobre a abordagem policial sem, no entanto, ressaltar a importância daquelas vidas.

Um³¹⁹ travesti relata como Richetti abriu uma gaveta e fechou-a violentamente, prendendo seus seios. Naturalmente, esses infelizes são acusados de inventar tudo, porque não estão do lado da lei, que cria a verdade. Mas nestes dias não é preciso muito esforço para ver surras em público. Na esquina da Rego Freitas com Major Sertório, investigadores tentam tirar a dentadura de um travesti, para recolher a gilete aí escondida. Como ele jura aos berros que seus dentes são naturais, é espancado e metido por mentiroso³²⁰.

As agressões, afirma Trevisan, não eram somente às travestis, mas, frisa o autor, eram nelas que o ódio subia de tom, chegando ao ponto de suas vidas nem serem consideradas dessa forma. Eram pessoas anormais que representavam a desmoralização, a possibilidade real de destruição do que havia de mais sagrado: a família³²¹. Naturalmente, ele pontua, a família continua na desordem que a faz continuar existindo, com a exceção do fato de que é nelas, nas famílias, que as travestis são oriundas.

No universo de matança indiscriminada, a figura de Brenda Lee, homenagem da travesti à cantora homônima, é central. Natural do sertão pernambucano, Brenda era filha de um usineiro de cana de açúcar falido. Em entrevista, não datada, mas disponibilizada em vídeo no Youtube pelo canal Rede TVT, Lee afirma que sua família era a típica de engenho nordestino, numerosa, com filhos legítimos e muitos agregados. Após um desentendimento familiar, fugiu de casa e nunca mais retornou.

Já na cidade de São Paulo, demitida da Mesbla, extinta rede de departamentos, Brenda decidiu se prostituir. Diante das agruras vividas nas madrugadas e também pelo clima belicoso da sociedade para pessoas como ela, Lee comprou uma casa e passou a receber outras travestis que eram espancadas pela polícia. A família foi aumentando dia após dia, conta Brenda, e chegou a ter mais de 50 pessoas, todas travestis, sob sua responsabilidade.

³¹⁹ No próximo capítulo, abordarei o uso dos artigos, definido e indefinido, no masculino, bem como palavras derivadas deste entendimento, quando determinados autores, até meados dos anos 2000, fazem referência às travestis. Não é somente um deslize de épocas, como será detalhado. Mantive a grafia original dos autores citados, mas entendo ser importante fazer esta observação.

³²⁰ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 505.

³²¹ Idem, p. 410.

Quando o delegado Richetti iniciou a matança de travestis, foi em Brenda, com a ajuda do então deputado estadual pelo estado de São Paulo, Eduardo Suplicy, que a comunidade recorreu para se abrigar. Paralelo a isso, a explosão dos casos de Aids aumentou significativamente os óbitos entre travestis. Brenda afirma, na entrevista, que se ela não atendesse às vítimas, “elas morreriam nas calçadas, como bichos³²²”.

O lar de Brenda foi personificado em família para muitas que não mais tinham as suas de origem. Tendo onde se abrigar do frio, do abandono, da falta de comida e da morte em praça pública, muitas travestis da cidade de São Paulo, vindas das mais diversas partes do Brasil, assim como ela, viram em Brenda uma mãe. Infelizmente, Lee foi assassinada, em 1996, com tiros na boca e no peito por dois homens, um ex-funcionário que tentara dar um golpe financeiro na instituição, e um então policial militar³²³.

As afetividades cotidianas, muitas vezes vividas no seio familiar, carregam ideias de pertencimentos, expondo o quanto as relações familiares influenciam os rumos tomados no decorrer da vida, o que acaba se assemelhando, no geral, ao que se pretende nesta seção. Abordarei, seguindo sugestão da banca de qualificação, a família. Dessa forma, dividi a seção em duas grandes partes. Na primeira, discuto a formação da “família brasileira”, debatendo, sobre o assunto, as ideias dos cientistas sociais Gilberto Freyre, Antonio Candido e Mariza Corrêa, e também dos historiadores Eni Samara e Ângela Mendes de Almeida, dentre outros. Na segunda parte, também seguindo orientações da banca, reuni um grupo de quatro interlocutoras, com mais afinidade sobre a abordagem do capítulo.

3.1 Dos refugos das famílias: algumas reflexões.

Um avô e uma neta. Ele, pela própria condição, é um homem de idade avançada. Ela, uma garota de seios mal formados – e mal disfarçados pela curta blusa, aparentemente, de algodão. Os dois estão muito próximos, num local escuro, ao lado da igreja do vilarejo no qual moram. Ele retira as duas peças de roupa que a garota usa, uma blusa puxada por sobre a cabeça dela, e uma saia, que é descida até os pés. Após isso, enquanto o avô se afasta, a câmera vai ampliando o espaço para que seja possível visualizar melhor o local no qual a garota, agora

³²² As informações referentes a Brenda Lee estão disponíveis em: [\(398\) Memória e Contexto: Travestis e Transexuais - 2/4 - YouTube](#) Acesso em: 28/06/2021.

³²³ Ver mais em: [Trans: Brenda Lee, o anjo da guarda das travestis na luta contra a Aids | Brasil | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#)

nua, está. Homens adultos estão com o olhar fixo na menina despida, enquanto se masturbam, tudo sendo observado de perto pelo avô.

A cena descrita acima é antecedida por outra, um pouco psicodélica, de usinas de cana de açúcar deterioradas, algumas abandonadas, descortinando uma riqueza que durante séculos foi responsável pela opulência de muitos lugares no Brasil, notadamente a região Nordeste. As usinas são mostradas em preto e branco, num primeiro momento, depois vão alternando cores, como que descolorindo para se chegar ao que se pretende dizer.

A terceira cena é composta por dois homens idosos, o primeiro já mencionado, o segundo um costureiro de fantasias do Maracatu, manifestação religiosa-artística-musical nascida em Pernambuco. Os dois estão sentados, olhando para uma das poucas ruas que existem, de costas para a câmera. O costureiro inicia o diálogo afirmando que ouvira no rádio sobre os costumes mundanos das pessoas do presente.

- É muita safadeza, num é? (Costureiro)

- Com a putaria que anda hoje no meio do mundo, visse? Sei não (Avô)

- Ontem mesmo na televisão tavam transmitindo o programa lá dos prêmio, e a moça que atendia o pessoal parece que nem tinha dinheiro pra comprar o tecido. Rebolava e ficava jogando o bundão de um lado pra outro. Pense num rabo! Era uma lapa de rabo que só vendo.

- É, meu filho, acabou-se o respeito. Mas sabe o que é, Mário? Falta de homem. Falta de homem que tenha moral, que tenha vergonha, que grite alto, que tenha autoridade. Mas hoje... hoje só tem uns cueca melada. Antigamente não. Antigamente, a coisa era resolvida ali no cipó de boi, aí, sim, tinha vergonha. A rapariga tinha vergonha, o corno tinha vergonha. Hoje não, virou foi moda³²⁴.

O filme brasileiro “Baixio das Bestas”, do diretor Cláudio Assis, do qual as descrições acima foram retiradas, se propôs a falar sobre coisas que muitos creem fazer parte de um Brasil remoto, colonial, arcaico, mas que está tão presente, embora muitas vezes assintomático – nos dá a impressão de que o mal está no outro, sempre – que ao falar sobre ele, parece que estamos

³²⁴ Os diálogos foram retirados do filme “Baixio das bestas”, dirigido por Cláudio Assis, 2006.

lidando com fósseis de um costume não mais praticado: o patriarcalismo e sua matéria-prima, o machismo; o mandonismo; a submissão de tudo o que não for feito do e para o macho.

Curiosamente, antes de adentrarmos um pouco mais na temática fílmica, o diretor Cláudio Assis e seu conterrâneo, Lírio Ferreira, ambos pernambucanos, foram banidos do festival de cinema de Recife por atitudes consideradas... machistas. O filme “Que horas ela volta?”, da diretora Anna Muylaert abocanhava prêmios por onde passava no ano de 2015 e conseguiu a façanha de ser indicado, pelo Ministério da Cultura, ao Oscar naquele ano³²⁵, algo que uma mulher não conseguia em três décadas de indicação. A euforia – por conta do sucesso do filme, que retratava uma empregada doméstica, vivida pela atriz Regina Casé, e seu duplo sentimento em ter a filha aprovada no vestibular da Universidade de São Paulo, USP, e a reprovação do jovem que ela cuidava desde o nascimento – teve um prolongamento controverso.

Ao ser convidada pela Fundação Joaquim Nabuco para falar sobre o sucesso de sua produção, Anna Muylaert, diante de inúmeros convidados, dentre eles Cláudio Assis e Lírio Ferreira, bêbados, foi, sistematicamente, impedida de concluir algum raciocínio pelos dois diretores. Os excessos da dupla resvalaram em Regina Casé, chamada por um deles de “gorda”. Como retaliação ao comportamento dos diretores, o festival de cinema de Recife os baniou por um ano³²⁶, classificando o comportamento de ambos como “inaceitável”.

Ao falar sobre o ocorrido, tempos depois, Muylaert afirmou que seu filme, quando foi comprado para ser distribuído na Europa, não contou com sua participação. Os detalhes foram travados entre homens e para homens, nada restando para a participação dela. A diretora conta, ainda, que Walter Salles, o conhecido diretor de “Central do Brasil” – este, de fato, concorrente ao Oscar em duas categorias, melhor filme estrangeiro e atriz, para Fernanda Montenegro -, quando da exibição de “Que horas ela volta?”, em Berlim, Alemanha, convidou o coprodutor para falar sobre o filme. Ela, a idealizadora e diretora, não fora convidada³²⁷.

Meses depois, na premiação do festival de cinema de Brasília, desta vez sendo o protagonista e vencedor por outra obra, Cláudio Assis foi vaiado pelo público, parte dele composto por mulheres, por conta da agressividade dele para com Anna Muylaert. O diretor,

³²⁵ O filme acabou não sendo escolhido pela Academia para disputar o prêmio.

³²⁶ O ponto de vista dos diretores, que reconhecem, mas amenizam as acusações, pode ser visto em maiores detalhes em: [A ressaca moral dos cineastas Cláudio Assis e Lírio Ferreira \(uol.com.br\)](http://uol.com.br)

³²⁷ Entrevista de Anna Muylaert para Carolina Nogueira. Disponível em: [No mundo do cinema, mais uma garota interrompida - AzMina.](http://AzMina.com.br)

quando da reação negativa do público, usava uma camisa com os dizeres “Gays, Lésbicas, Travestis, Transgêneros”, talvez uma versão, em 2015, da camisa branca, jeans e terço, que algumas pessoas flagradas em atos criminosos/condenatórios, usam para pedir desculpas e manifestar arrependimento. Ao longo deste capítulo voltarei a abordar o filme.

A explicação para o filme “Baixio das bestas” ter iniciado este capítulo é importante para que o que se pretende fazer *a posteriori* seja ilustrado não como velharias sem maiores problematizações, mas como um autêntico fruto do contemporâneo gestado há muito tempo, criador de espaços sombrios e repleto de hiatos. O sombrio, nos diz Hannah Arendt, está ao alcance, “precisamos apenas olhar em torno para ver que nos encontramos em meio a um verdadeiro monte de entulhos daqueles pilares³²⁸”. Os pilares, que neste momento tratarei, estão fincados na ideia de família, especificamente a família brasileira, inicialmente no singular, tal qual imaginou Gilberto Freyre, pioneiramente, Antônio Candido logo em seguida; depois, no plural e sob a forma de entulho, um monte de entulho que reclama existência, como sugerem Mariza Corrêa, Eni Samara e Ângela Mendes de Almeida.

Mais importante que ter uma família, talvez seja o privilégio de ter sua família reconhecida. Digo privilégio, pois é esse o entendimento, ainda mais quando a padronização instituída não contemplou – nem se deu ao trabalho – as diversas outras formas existentes. Aqueles que não obtiveram o reconhecimento de suas formas familiares, tiveram, por outro lado, o *privilégio* onipresente de ser constituído pela ideia, mais que pelo nome, de uma noção de família, a família patriarcal.

Por tal entendimento, o patriarcalismo foi/é democrático na constituição de famílias, não deixando indivíduo algum de fora. Essa ideia, embora não tenha sido fartamente discutida pelo idealizador, foi inculcada por Gilberto Freyre, inicialmente em “Casa-Grande e Senzala”, na edição inicial de 1933, depois em “Sobrados e Mucambos”, de 1936. O entendimento de família patriarcal, idealizado por Freyre, é aquele que nascia para contemplar os domínios do senhor de engenho e todos aqueles que giravam na órbita dele, ou seja, ele era o Sol que iluminava os corpos que dele dependiam, seja os mais próximos, como a esposa e filhos legítimos, ou os agregados, amantes, criados e filhos considerados ilegítimos. Por tal raciocínio, a ideia, mais que o conceito objetivo, era de que a família patriarcal era, antes de

³²⁸ ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 18.

qualquer coisa, extensa, para conseguir aglutinar os mais variados elementos que ao senhor estavam ligados³²⁹.

Por conseguinte, por mais que tenha havido alterações na estrutura dos elementos que fazem parte da ideia inicial, a família patriarcal ficando cada vez menor, o entendimento de família brasileira continuou bebendo na fonte disponibilizada por Freyre que, permanece sendo, quase cem anos depois, uma passagem obrigatória para os estudos da família no Brasil, independente da área. É certo, ainda, que muitos daqueles que por ele passam, deixam registrado a discordância em relação ao que foi imaginado, mas, mesmo assim, não deixou de ser relevante.

No geral, Freyre se transformou, ao menos nos estudos sobre a família, “o saco de pancadas predileto”, como afirma Barth Barickman, num ensaio que questiona o real tamanho da casa-grande pensada por Freyre, aliás, o criador do termo, segundo o mesmo autor³³⁰. Foi na casa-grande, refletindo na senzala, que Freyre estabeleceu as estruturas familiares que criaram o imaginário cristalizado na sociedade nacional do período colonial e boa parte do século XIX. Barickman ressoa e questiona determinados pontos, ressaltando uma divisão, entre os historiadores, nos estudos sobre família, consoante ao imaginado por Marisa Teruya, a de que há uma grande divisão nos estudos sobre a família, de um lado a visão a-histórica da ideia, cuja fonte é freyreana, e a outra na qual este modelo é revisto e fortemente questionado³³¹.

O caráter revisionista partiu não exatamente sobre a família patriarcal, mas sobre outro ponto, também bastante conhecido de Freyre: o mito da democracia racial. Florestan Fernandes, numa conhecida contestação a Freyre, aborda não a criação e nomeação do mito, que ele afirma não serem de Freyre, este sendo responsável pelo amadurecimento e difusão da ideia, mas a participação efetiva do sociólogo na constituição de um mito nacional³³². Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga, ratifica a afirmação de Fernandes, acrescentando que o

³²⁹ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 52ª Edição. São Paulo: Global, 2013, p. 80.

³³⁰ BARICKMAN, Barth. **E se a casa-grande não fosse tão grande?** Uma freguesia açucareira do Recôncavo Baiano em 1835. *Afro-Ásia*, 28/30, pp. 79-132, 2003, p. 79. Disponível em: [baric.p65 \(ufba.br\)](http://baric.p65.ufba.br) Acesso em: 10/05/2021.

³³¹ TERUYA, Marisa. **A família na historiografia brasileira**: bases e perspectivas teóricas. *Revista Brasileira de Estudos de População / Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. – v. 32, n. 2 – Rio de Janeiro: Rebec, 2000. Disponível em: [A FAMÍLIA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA. BASES E PERSPECTIVAS TEÓRICAS | Teruya | Anais \(abep.org.br\)](http://A_FAMÍLIA_NA_HISTORIOGRAFIA_BRASILEIRA_BASES_E_PERSPECTIVAS_TEÓRICAS_Teruya_Anais(abep.org.br)) Acesso em: 08/05/2021.

³³² FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da "raça branca". V. 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008, p. 29.

alemão Karl Martius ganhara um concurso promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB, cuja intenção era de criar “apenas *uma* história, e que fosse (por suposto) europeia em seus argumentos, imperial na justificativa e centralizada³³³”, e foi assim, com a mistura das três raças, imaginadas tendo por analogia três rios, um mais caudaloso que o outro, simbolizando uma hierarquia, que nasceu a ideia da mixórdia harmônica entre o branco, mais caudaloso, o negro, medianamente caudaloso, e o índio, dos três, o menos caudaloso.

Se Martius imaginou a história, coube ao sociólogo Artur Ramos, continua Schwarcz, batizar a criança, cunhando o termo “democracia racial”, num enlace perfeito entre o que fora imaginado sobre as origens nacionais, fruto de uma harmonia natural, e o nome, mais tarde acrescido do substantivo “mito”. Assim, quando Freyre elaborou seus apontamentos sobre a construção de uma ideia nacional de família, foi acrescentando outros elementos, que não eram de sua autoria, mas que acabaram a ele sendo associados, grande foi o alcance dos seus trabalhos.

Dessa forma, a crítica de Florestan Fernandes aos mitos perpetuados por Freyre, acabam corroborando a crítica que muito se faz ao entendimento que dele emanou sobre a formação da família brasileira, tendo como cerne o patriarcalismo. No resumo, as críticas, embora sejam de várias ordens, tendem a focar a família, no singular, como já destacado anteriormente, como se toda família brasileira fosse descendente de uma base específica, o que acaba não procedendo sob perspectiva alguma, quando se leva em consideração que a mistura de raças é genuína e visível, mas nem de longe fora amistosa e harmônica, como sugere Freyre.

No entanto, antes dos revisionistas se apropriarem da obra freyreana, outra obra fez com Freyre o que ele fizera com as ideias de Martius e de Artur Ramos. Antonio Candido, que se tornou célebre por seus estudos literários, publicou, no início da década de 1950, um ensaio, escrito em inglês³³⁴, para uma coletânea publicada nos Estados Unidos. Estranhamente, a obra nunca foi traduzida para o português³³⁵.

³³³ SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das letras, 2019, p. 14. Grifo da autora.

³³⁴ RAMASSOTE, Rodrigo. **A sociologia clandestina de Antonio Candido**. Tempo Social. Revista de sociologia da USP, v. 20, n.1, pp. 219-237, 2008. Disponível em: [A sociologia clandestina de Antonio Candido | Tempo Social \(usp.br\)](#) Acesso em 03/04/2021.

³³⁵ A tradução do ensaio foi feita por mim, não tendo a pretensão de ser plenamente correta sob a perspectiva da tradução técnica. Assim, sempre que eu fizer uma citação direta desta obra, colocarei, nas notas, o mesmo trecho no original para averiguação.

Este ensaio de Candido é considerado, ainda hoje, mesmo escrito muitas décadas atrás, como um marco importante nos estudos sobre a família brasileira e também no pensamento de Gilberto Freyre, de quem Candido, sem criticar abertamente, acaba enaltecendo muitos pontos, e revisando outros. Logo no início, como para não cometer a homogeneização de Freyre, Candido afirma que:

Embora este capítulo tente dar um esboço geral do problema, o autor deve declarar no início que sua própria experiência e também os exemplos dados se referem principalmente às partes centro e sul do país, principalmente à área de influência histórica *Paulista*. No entanto, esta seção inclui aproximadamente metade da população brasileira e é a área onde as influências da urbanização e industrialização em curso são mais acentuadas³³⁶.

Seguindo o caminho traçado por Freyre, Candido pontua que a família brasileira descende da organização familiar portuguesa, que, em território nacional, sofreu transformações, dadas as misturas raciais empreendidas, principalmente, pelas uniões irregulares, uma vez que, continua o autor, a permissividade sexual, já pontuada por Freyre, era uma constante, seja pela licenciosidade dos nativos daqui, seja pela compulsão sexual dos portugueses, por muito tempo reprimida, porém alimentada pela influência moura³³⁷.

Quando a colonização, de fato, ocorreu após 1532, emergiu a figura do patriarca, aquele cuja autoridade era ilimitada e por quem todos ao redor, direta ou indiretamente, temiam e respeitavam, habitando ou não sua área de influência mais imediata. No entanto, diferente de Freyre, Candido abriu um flanco na autoridade do patriarca para inserir a mulher, esposa deste, como figura que também lançava mão dos artifícios autoritários, seja para punir alguma escrava que daquele fosse usada sexualmente, seja para punir outras pessoas que no seu entendimento não atendiam aos reclames da autoridade³³⁸.

Outro ponto de fundamental importância destacado por Candido diz respeito a algo que mais tarde será alvo de intensos questionamentos, a influência da “periferia”, ou seja, dos núcleos urbanos que não se encaixavam na ideia de família patriarcal, tal qual fora imaginada,

³³⁶ No original: Although this chapter attempts to give a general outline of the problem, the author must state in the beginning that his own experience and also the examples given refer principally to the central and southern parts of the country, principally to the area of historical Paulista influence. However, this section includes approximately one half of the Brazilian population and is the area where the influences of urbanization and industrialization now under way are most accentuated. CANDIDO, Antonio. **The Brazilian Family**. In: SMITH, Lynn & MARCHANT, Alexander (eds.). *Brazil: Portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951, p. 291. Grifo do autor.

³³⁷ Idem, p. 295.

³³⁸ Idem, p. 297.

seja por Freyre, seja por Candido, mas que conservava uma ligação entre a casa-grande e a senzala, aqui representado pelos aglomerados populacionais que não estavam próximos ao patriarca: o mandonismo. Aliás, em termos práticos, mandonismo, patriarcalismo, machismo, familismo, em maior ou menor grau, acabam tendo participação efetiva dentro da ideia de autoritarismo como agregador familiar, pois eles aparecem nas narrativas sobre os estudos da família, historiográficos ou não, sendo que em Freyre, todos estão presentes, embora não sejam gradação de uma mesma ideia.

Nesse sentido, Candido afirma:

A história da família brasileira durante os últimos 150 anos consiste essencialmente em uma série ininterrupta de restrições às suas funções econômicas e políticas e à concentração nas funções mais específicas da família (do nosso ponto de vista) - a procriação e o disciplinamento do impulso sexual. Enquanto o núcleo privilegiado perdia sua posição de liderança e diminuía a amplitude e a rigidez de sua estrutura, os elementos heterogêneos tendiam cada vez mais a se separar de suas localizações periféricas e a adquirir autonomia doméstica e social; finalmente, a grande massa amorfa gradualmente se organizou, fundindo-se com a massa antes anômala de pessoas degradadas para formar as classes mais baixas da nova sociedade, a maioria das quais agora estão incluídas no regime familiar monogâmico mais ou menos estável, seja por meio do casamento legal ou em união estável. Assim, de uma forma ou de outra, a família atual provém da família patriarcal, cujas características foram mais ou menos alteradas pelas ações ou pelos processos sociais, culturais e econômicos como urbanização, industrialização, proletarianização, imigração e aculturação³³⁹.

Ou seja, o autor inicia consoante a Gilberto Freyre, no tocante ao entendimento de família em boa parte do período colonial, mas considera, diferente da lógica freyreana, que o que antes era visto como singular, a família, passou a ser imaginada no plural, famílias, o que só foi possível, de acordo com Candido, por conta das transformações pelas quais o país passou, como a independência da Coroa, a abolição da escravidão e uma nascente industrialização. Tais transformações provocaram reorganizações na clássica família

³³⁹ No original: The history of the Brazilian family during the last 150 years consists essentially of an uninterrupted series of restrictions upon its economic and political functions and the concentration upon the more specific functions of the family (from our point of view) – procreation and the disciplining of the sex impulse. While the privileged nucleus lost its position of leadership, and while the breadth and rigidity of its structure were being diminished, the heterogeneous elements tended more and more to separate from their peripheral locations and to acquire domestic and social autonomy; finally the great amorphous mass gradually became organized, blending with the previously anomalous mass of degraded persons to form the lower classes of the new society, the majority of whom are now included in the more or less stable monogamic family regime, either through legal or common-law marriage. Thus in one way or another the present day family stems from the patriarchal family, whose characteristics were more or less altered by the actions or the social, cultural, and economic processes such as urbanization, industrialization, proletarianization, immigration, and acculturation. CANDIDO, Antonio. **The Brazilian Family**. In: SMITH, Lynn & MARCHANT, Alexander (eds.). Brazil: Portrait of half a continent. New York: The Dryden Press, 1951, p. 294.

patriarcal, que se viu enfraquecida, e um aumento significativo das massas periféricas que passaram a ser notadas, posto que já compunham a base familiar há tempos, mas não eram contabilizadas.

A observação que Candido faz no início do ensaio, não querendo ter a pretensão de elaborar um entendimento homogêneo, acabou se desfazendo no ar, não exatamente por causa dele, mas por conta do acolhimento que o texto teve nos meios intelectuais. A longevidade da ideia de família patriarcal, primeiro com Gilberto Freyre, depois com Antonio Candido³⁴⁰, principalmente, acabou se cristalizando no imaginário nacional, daí advindo uma das explicações para o seu vigor.

As contribuições, seja de uma identidade nacional, também divulgada por Freyre, salientado anteriormente, como a construção de uma ideia de família patriarcal, não somente por ele, mas por muitos pensadores, contemporâneos ou não, acabaram, durante muitas décadas, circunscritas às ciências sociais, especificamente aos sociólogos, incluindo as críticas destes. A não presença da História sobre os debates acerca da família, por exemplo, é explicada pela historiadora Sheila de Castro Faria:

Antes da década de 1950, os estudos sobre a família, como se entende hoje, praticamente não existiam, restringindo-se a análises genealógicas, quase sempre de grupos de elite, e baseados em fontes subjetivas. A vida familiar da grande massa da população não era contemplada³⁴¹.

Segundo Faria, os historiadores eram refratários aos estudos sobre a família por dois motivos básicos: o primeiro, por conta da falta de fontes consideradas confiáveis, uma questão de método, portanto; o segundo, por uma questão conceitual considerada elástica, ou seja, havia dificuldade, por parte dos historiadores, em se debruçar sobre um conceito pelo qual, eles julgavam, se tinha pouco rigor conceitual, além da elaboração do qual os historiadores não tinham participado³⁴².

³⁴⁰ Cito os dois autores, em específico, mas sei da contribuição, para o assunto, de Oliveira Vianna, e o estudo do patriarcalismo para a formação da família, em “Populações Meridionais do Brasil”; de Caio Prado Junior, e a ideia da família urbana em “Formação do Brasil contemporâneo”; bem como de Sérgio Buarque de Holanda e seu “Raízes do Brasil”. Com exceção deste último, que utilizarei mais adiante, os demais não foram utilizados por uma questão de recorte.

³⁴¹ FARIA, Sheila de Castro. **História da família e demografia histórica**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 354.

³⁴² Idem, p. 356.

A mudança, continua a autora, começou a ocorrer, timidamente, ela destaca, após 1930, quando alguns historiadores, na revista do *Annales*, passaram a inserir dados demográficos em suas análises, mas os efeitos dessa inserção só começaram a aparecer na década seguinte. Até 1970, continua Faria, já havia, ao menos, duas linhas de pesquisa histórica sobre a família, uma inglesa e uma francesa, ambas alcançando bastante fertilidade no Brasil. A inovação, pontua a autora, se concentrou nas “massas nominais”, isto é, nos registros paroquiais, nos matrimônios registrados e nos censos³⁴³.

No entanto, diz a autora, os limites dos historiadores esbarravam em questões metodológicas, uma vez que a quantidade de fontes não conseguia compreender todos os períodos, seja por conta da inexistência de alguns, seja por conta da delimitação dos que existiam. Outro ponto, destacado por Faria, diz respeito ao recorte territorial que possibilitou a história repetir os mesmos erros das ciências sociais, embora tenham incluído o Nordeste brasileiro no escopo. O ponto destacado enfatiza as mesmas áreas, Centro-Sul, com o acréscimo da nordestina, mas não consegue explicar a Amazônia, por exemplo, embora haja trabalhos nessa temática³⁴⁴, mas também seguindo as “massas nominais”.

A ampliação do escopo historiográfico, nos estudos sobre a família, veio por conta da popularização da chamada “história das mentalidades” – brevemente analisado no primeiro capítulo – e da micro-história, que possibilitaram que a família pudesse expandir o imbróglio metodológico no qual se debatia. Aliado a isso, no mesmo período, no início da década de 1980, um debate surgido nas ciências sociais acabou favorecendo a história. A antropóloga Mariza Corrêa, seguindo os questionamentos sobre a família freyrena, turbinada pelo ensaio de Candido, respondeu aos dois, mais a Candido, pois ela entendeu que foi ele o responsável pela sedimentação, no meio acadêmico, da dominância patriarcal e, mais importante, que fora ele o responsável pela ampliação de tal ideia.

A história das formas de organização familiar no Brasil tem se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica – a “família patriarcal” –, um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco onde brotam todas as relações sociais. [...] Este é o modelo tradicionalmente utilizado como parâmetro, é a história da família brasileira, todos os outros modos

³⁴³ FARIA, Sheila de Castro. **História da família e demografia histórica**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 357.

³⁴⁴ CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica**. Belém: Ed. Açai, 2011.

de organização familiar aparecendo como subsidiários dela ou de tal forma inexpressivos que não merecem atenção³⁴⁵.

A crítica de Corrêa se concentrava, particularmente, na redução das relações sociais e suas estruturas às reminiscências da família patriarcal, independente se ela foi elaborada como resultado direto do que se passava nos domínios do engenho ou pela ampliação dos domínios do sertão, via atividade mineradora. A autora destaca em Freyre, mas também em Candido, que mesmo que houvesse outras formas de constituição familiar, elas não se encaixavam nas propostas de ambos, não ficando claro se por desconhecimento, ou deliberadamente provocada.

Em outro momento, Corrêa sublinha que muitas dificuldades encontradas pelos autores que vieram depois, independente de linha de pesquisa, residia na aceitação daquele modelo de família, que alimentava o que se entendia por secundário. A autora chama de “padrão dominante” essa linha principal, cuja função sempre foi fortalecer a historicidade da família patriarcal como sendo uma contribuição genuinamente brasileira ao mundo. Nesse sentido, Corrêa apontava que foi nesse embalo, “ignorando que foi através de uma luta suja, de infinitos pequenos conflitos e manipulações, e da violência, que este modelo, afinal, se impôs³⁴⁶”.

A grande contribuição de Candido, ainda assim não positiva, continua Corrêa, foi afirmar que nos lugares que foram pouco afetados pela urbanização advinda da nascente industrialização brasileira, tiveram mais dificuldade em assimilar a ideia do patriarcalismo familiar. Os lugares - citados nominalmente por Candido, são a Amazônia e partes generosas no Nordeste não litorâneo - mostraram, segundo ele, “resistência substancial” aos sistemas de valores criados pela família patriarcal³⁴⁷.

Ainda de acordo com Candido, devido a essas resistências, partes do território permaneceram agrárias ante à urbanização do Centro-Sul, fato que pode ser constatado, diz o autor, na permanência de famílias que se sucedem no poder, elas praticamente inexistindo nas

³⁴⁵ CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Cad. Pesq. n 37. São Paulo, 1981, p. 6. Disponível em: [Repensando a família patriarcal brasileira. | Cadernos de Pesquisa \(fcc.org.br\)](http://www.fcc.org.br/cadernos-de-pesquisa) Acesso em: 14/05/2021.

³⁴⁶ Idem, p. 6.

³⁴⁷ CANDIDO, Antonio. **The Brazilian Family**. In: SMITH, Lynn & MARCHANT, Alexander (eds.). Brazil: Portrait of half a continent. New York: The Dryden Press, 1951, p. 299.

áreas urbanizadas³⁴⁸. Para Candido, parte da ruralidade brasileira ainda persistente se deve à essência patriarcal da família que não evoluiu, cujos traços mais evidentes estão presentes em comportamentos domésticos modernos, nos grandes centros, e seu contrário em lugares ainda carentes de modernidade.

[...] a tendência é de rápida transformação no que resta da organização patriarcal, emergindo os seguintes traços: igualdade de status por parte de homens e mulheres; uma participação cada vez maior das mulheres nas atividades remuneradas; o aumento do controle da natalidade; aumento no número de desquites, e de casamentos com desquitados; diminuição da autoridade paterna e conseqüente diminuição das distâncias dentro da família; um enfraquecimento dos laços de parentesco e, conseqüentemente, uma mudança da família extensa para o grupo conjugal. Outras características, no entanto, são vigorosamente preservadas: tolerância ao adultério discreto por parte do homem; intolerância ao adultério por parte da mulher; e um violento tabu contra a perda da virgindade por parte das mulheres, mesmo nos centros mais urbanizados. O sentido de propriedade que o homem brasileiro de qualquer classe tem em relação à esposa é preservado quase integralmente, manifestando-se nos ciúmes (os tradicionais ciúmes ibéricos) e, principalmente, por aquela importância decisiva atribuída à castidade pré-marital - uma sólida representação coletiva que ocorre em todos os grupos, entre todas as classes, e só cede em circunstâncias de miséria³⁴⁹.

Ao questionar Freyre e Candido sobre ampliar para o restante do país um modelo de família que existiu, de fato, mas em determinados pontos, notadamente nos espaços que tinham destaque econômico, Corrêa conclui que os dois assumiram “o olhar de seus habitantes – os senhores brancos e suas famílias³⁵⁰”, homogeneizando o modo de vida dos dominantes, obscurecendo todas as outras formas, que ainda teriam a pecha de descender daquela, caso

³⁴⁸ Informação contestada amplamente por Raymundo Faoro, cuja análise vai abordar exatamente a capacidade das muitas famílias brasileiras, cuja matriz existencial está justamente na atividade política, em sobreviver ao longo dos séculos no Brasil. O autor entende que a formação e manutenção da elite no país é a fiadora da longevidade dos clãs políticos há muito estabelecidos, retribuindo, sempre, não com favores, mas com articulações que têm dupla função: retribuir a fiação e solidificar a presença desses clãs políticos. Ver mais em: FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2004.

³⁴⁹ No original: the tendency is toward a rapid transformation in what remains of the patriarchal organization, the following traits emerging: equality of status on the part of men and women; a greater and greater participation of women in gainful activities; the increase of birth control; increase in the number of desquites, and of marriages with desquitados; decrease of paternal authority and a consequent diminution of distances within the family; a weakening of the bonds of kinship and consequently a change from the extended family to the conjugal group. Other traits, however, are vigorously preserved: tolerance for discreet adultery on the part of the male; intolerance of adultery on the part of the woman; and a violent taboo against loss of virginity on the part of the females, even in the most urbanized centers. The sense of proprietorship which the Brazilian man of any class has in relation to his wife is preserved almost integrally, manifesting itself in the jealousy (the traditional Iberian jealousy) and, principally, by that decisive importance attributed to premarital chastity – a solid collective representations which occurs in all groups, among all classes, and gives way only under circumstances of destitution and misery. CANDIDO, Antonio. **The Brazilian Family**. In: SMITH, Lynn & MARCHANT, Alexander (eds.). Brazil: Portrait of half a continent. New York: The Dryden Press, 1951, p. 304.

³⁵⁰ CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Cad. Pesq. n 37. São Paulo, 1981, p. 9.

viesses à baila. Com isso, continua a autora, mesmo através de um aparente enaltecimento da “plebe”, como pode ser constatado em “Casa-Grande e Senzala” e “Sobrados e Mucambos”, principalmente, mas também em “The Brazilian Family”, o resultado entregue, e bastante assimilado, foi a cronologia familiar do “povo brasileiro”³⁵¹.

3.2 O macho patriarcal

Enveredando também pela ótica da contestação do legado patriarcal, a historiadora Eni de Mesquita Samara destaca a emergência de novas demandas, de indivíduos que tinham suas subjetividades suprimidas, como “os segmentos marginalizados, a mulher, a família, a vida íntima e a sexualidade³⁵²”, passaram a figurar nos estudos historiográficos, rompendo a timidez de décadas da disciplina na temática familiar. Samara afirma, ainda, que ter rompido o hiato possibilitou que novos protagonistas pudessem comprovar a combatida ideia de família patriarcal como precursora universal da composição social brasileira, uma caminhada sem direito a retorno, pontua³⁵³.

Em outro texto, Samara levanta um argumento, que é bastante significativo para esta pesquisa, que diz respeito ao que existe por trás da ideia de família patriarcal, justamente o *patriarcalismo*. A autora afirma que sustentar a ideia de família, tal qual os precursores da ideia o fizeram, escondia o objetivo principal da iniciativa: escamotear o machismo, este, sim, presente nos mais diversos tipos de relações sociais estabelecidas no país, de vistas outras, ou seja, manter o homem enquanto o centralizador da vida, tudo o mais girando em sua órbita.

A sociedade que aí se formou era uma mescla de raças e origens diversas e mais difícil de ser controlada, apesar das tentativas da igreja e da Coroa portuguesa. [...] Nessas paragens, não era fácil para os poderes constituídos, tentar fixar os padrões impostos pela colonização, que não eram seguidos pela maior parte da população³⁵⁴.

³⁵¹ CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Cad. Pesq. n 37. São Paulo, 1981, p. 11.

³⁵² SAMARA, Eni de Mesquita. **A mulher e a família na historiografia latino-americana recente**. Revista Anos 90. n° 1, 1993, p. 34. Disponível em: [A mulher e a família na historiografia latino-americana recente | Samarra | Anos 90 \(ufrgs.br\)](http://www.samarra.org.br/anos90/1993/01/034.html) Acesso em: 28/04/2021.

³⁵³ Idem, p. 36.

³⁵⁴ SAMARA, Eni de Mesquita. **O que mudou na Família Brasileira?** (Da Colônia à Atualidade). Ver. Psicologia da Universidade de São Paulo. v. 13, n° 2, 2002, p. 33. Disponível em: [O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade | Psicologia USP](http://www.psicologia.usp.br/revista/13_2/033.html) Acesso em 30/04/2021.

No entendimento de Samara, muito além do debate sobre se a família patriarcal ainda se sustenta ou não, é considerar o papel machista que permaneceu intacto durante todos os séculos de constituição do país. A autora pondera que, a despeito das transformações ocorridas, fazendo alusões ao papel do engenho, do fim da escravidão, o estabelecimento do colonato, o início da industrialização e a conseqüente urbanização de muitas cidades brasileiras, “a vida continuou girando em torno da família e que a legislação reforçou, uma vez mais, o privilégio masculino³⁵⁵”.

A historiadora Ângela Mendes de Almeida, estudiosa da questão familiar, não faz coro ao grosso das críticas feitas a Freyre, preferindo destacar a “mentalidade patriarcal” como a grande contribuição freyreana para se pensar as relações criadas e mantidas no Brasil. Almeida pensa que para além das merecidas críticas que a ideia de família patriarcal e nuclear merece, é no que existe por trás do conceito o que precisa ser melhor esmiuçado, pois “o modo de pensar e de agir que Freyre descreve no âmbito do ‘mundo da casa-grande e senzala’, imperceptivelmente estendido ao Brasil como um todo, está bem próximo, do conceito de mentalidade³⁵⁶”.

Almeida compreende que o comportamento autoritário reservado ao “macho-branco-proprietário” não é dele exclusivo, tendo se espalhado aos mais variados componentes familiares, eles sendo reconhecidos como tal ou não pelas análises que se debruçaram sobre o tema. A autora afirma que:

Trata-se de uma arquitetura mental em que a dominação e a submissão aparecem como “doce” intimidade, a valorização de algumas qualidades dos dominados pelos dominantes aparece e é sentida como confraternização, tudo isso contribuindo significativamente pra que não se apareça nem de longe uma equivalência entre seres humanos diversos que, neste caso, poderiam contrapor-se, mas se forje uma estrutura de comportamentos hierarquicamente tipificados³⁵⁷.

O historiador brasileiro Ronaldo Vainfas, concordando com Ângela Almeida, reforça a ideia de que a contribuição maior de Freyre, independente da forma como ela é vista, é o “patriarcalismo dominante”. Para o autor, é sabido que todo o arsenal montado para que se

³⁵⁵ SAMARA, Eni de Mesquita. **O que mudou na Família Brasileira?** (Da Colônia à Atualidade). Ver. Psicologia da Universidade de São Paulo. v. 13, nº 2, 2002, p. 35. Disponível em: [O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade | Psicologia USP](#) Acesso em 30/04/2021.

³⁵⁶ ALMEIDA, Ângela Mendes de. **Notas sobre a família no Brasil**. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de. (Org.). Pensando a família no Brasil: Da colônia à modernidade Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987, p. 41.

³⁵⁷Idem, p. 43.

encarasse a família brasileira como fruto fundamental da família patriarcal foi desmascarado faz tempo, seja por historiadores, seja por cientistas sociais de outras searas. Diferente de Mariza Corrêa, Vainfas prefere contemporizar o enorme alcance das ideias de Freyre, destacando que o próprio fez discretos e rápidos alertas sobre a existência de outros núcleos familiares aqui e alhures, embora tornasse robusta sua própria ideia de família, a patriarcal³⁵⁸, o que contribuiu sobremaneira para a massificação deste entendimento.

E quer-nos parecer, ainda, que a maior ou menor concentração de indivíduos, fosse em solares, fosse em casebres, em nada ofuscava o patriarcalismo dominante, a menos que se pretenda que, pelo simples fato de não habitarem a casa-grande, as assim chamadas “famílias alternativas” viviam alheias ao poder e aos valores patriarcais – o que ninguém seria capaz de afirmar seguramente³⁵⁹.

Vainfas, no entanto, prefere reforçar a ideia de “legado patriarcal”, como a grande contribuição freyreana para pensarmos não somente o conceito de família, mas também aquilo que percorre os afetos, os ódios, os sentimentos, enfim. É por meio da autoridade invisível, porém onipresente, que as relações são construídas, mantidas e perpetuadas, alcançando os mais diversos tipos de classe, indivíduos e espaços, conclui.

Já o historiador Sérgio Buarque de Holanda, bastante presente em análises sobre a identidade nacional, ao abordar o patriarcalismo, bastante consoante ao pensamento de Freyre, levanta um ponto, que anos depois Antonio Candido ampliará, que diz respeito ao papel da urbanização brasileira e o resultado desse fenômeno na estrutura da família patriarcal:

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera da influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje³⁶⁰.

O desequilíbrio apontado por Holanda diz respeito ao fenômeno urbano, como já salientei anteriormente, no seio de uma família que se pretendia arquetipo. No entanto, a família arquetípica flutuava em meio a muitas outras formas de organização, de modo que a

³⁵⁸ VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 109.

³⁵⁹ Idem, p. 113.

³⁶⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 159.

crise trazida pela urbanização não foi pontual, posto que o patriarcalismo não residia apenas no pretense modelo, mas jazia em inúmeras outras formas de convívio.

Um ponto de inflexão – para incrementar um debate já iniciado no primeiro capítulo, mas também para localizar a questão da família patriarcal em xeque – é trazido por Adriana Piscitelli, ao recordar uma demanda, promovida pela “segunda onda feminista”, que tinha como alvo o patriarcalismo enquanto categoria de análise. Segundo a autora, embora parecesse convidativo enveredar por essa seara, bastante em voga no meio acadêmico, até por conta da capacidade de mobilização que o tema poderia trazer às causas feministas para se avançar sobre determinados campos e espaços, não foi exatamente dessa forma que a coisa prosperou³⁶¹.

Pisticelli afirma que, para as feministas que encararam o desafio, se o patriarcalismo teve um início, poderia também ter um fim. No entanto, ela continua, o conceito foi trabalhado “no discurso e na reflexão acadêmica, sem que fossem trabalhados aspectos centrais de componentes, sua dinâmica e seu desenvolvimento histórico³⁶²”. O resultado disso, pondera, foi o esvaziamento do conceito de patriarcalismo, com a contribuição significativa masculina, que acabou nomeando alguma coisa que fazia referência à opressão sofrida pelas mulheres. A guinada, conclui, passou a ser a emergência do conceito de gênero, que passou a englobar novos indivíduos, incluindo os homens, e o surgimento de novas demandas, coincidindo com a encruzilhada que a família patriarcal se encontrava.

Destoando de Piscitelli, mas mantendo a crítica, Heleieth Saffioti afirma que combater o patriarcalismo, sem nomeá-lo, é manter uma “ideologia patriarcal”, tateando às cegas contra um inimigo que já não se pensa invisível, presente no cotidiano de quem quer que seja, mas também nos corpos agredidos de muitas mulheres³⁶³ em lares identificados como “família”. No entanto, é em outra obra de Saffioti que me deterei. Ao ser convidada para escrever um livro no qual abordasse o patriarcalismo, mas voltado aos jovens, a autora, na introdução da obra, afirma que era uma boa oportunidade para trazer o frescor da juventude para um debate que também os oprimia, mesmo que eles não fizessem ideia de como isso ocorria, nem que ocorria.

³⁶¹ PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de & SZWAKO, José Eduardo (orgs.) *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 135.

³⁶² Idem, p. 135.

³⁶³ SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Dessa forma, Saffioti discorre em “O poder do macho” sobre os códigos e as leis não escritas – embora ela reconheça que há leis escritas, fazendo referência àquelas que o macho lançava mão, e ainda lança, para justificar o assassinato de uma companheira, enaltecendo a honra como motivação³⁶⁴ – que regem a vida das pessoas, antes escondida na ideia de “família patriarcal”. Segundo ela, o macho, ao ser alçado à liderança da família, acabou concentrando muito poder, acreditando que dele emanava o destino daqueles ao redor³⁶⁵.

No entanto, ela afirma que:

A sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens e mulheres que dominam outras mulheres, mulheres que dominam homens. Isso equivale a dizer que o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira³⁶⁶.

Saffioti destaca que o poder do macho está presente em todas as classes sociais, sendo manipulado por todos, mas sempre destacando que é no macho – e apenas por ele – que reside sua razão de ser. A autora sublinha aspectos que passam despercebidos, mas que explicam e muito como o viés patriarcal sobreviveu tanto tempo em nossa sociedade, embora não seja uma exclusividade brasileira. Destaca ainda que muito tempo foi perdido apontando na família a área de atuação destas engrenagens quando, na realidade, em silêncio, as estruturas do conservadorismo brasileiro eram solidificadas³⁶⁷.

Ao apontar as desigualdades de classe, da econômica a de gênero, como um importante fator propagador do patriarcalismo, Saffioti aponta para várias direções, indo de encontro a outros mitos criados, tal qual fizeram com a família brasileira. Uma destas direções, segundo a autora, como para comprovar em como o poder do macho se confunde na paisagem, atravessando as classes sociais, é o papel da esquerda progressista, mais especificamente do homem desta ala política.

³⁶⁴ Assassinar outra pessoa, alegando, para isso, a honra agredida, também foi usado como justificativa pelo então senador Arnon de Melo, pai do ex-presidente Fernando Collor de Mello – que acrescentou um L a mais ao sobrenome, orientado por uma numeróloga –, ao atirar num senador, e acertar outro, em sessão no plenário. Arnon foi inocentado pela morte do colega, na justiça, que acatou a justificativa. Ver: CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

³⁶⁵ SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987, p. 15.

³⁶⁶ Idem, p. 16.

³⁶⁷ Idem, p. 17.

A autora destaca o caso de um professor universitário, chefe de departamento, que fora acusado de assédio sexual por uma professora quando condicionou a permanência desta, na universidade, a favores sexuais concedidos a ele. A professora levou o caso à justiça, o que desencadeou a ida de outras mulheres, também vítimas dele. O professor foi condenado a indenizar as vítimas, mas não perdeu seu emprego na universidade, sendo, inclusive, mantido no cargo, agora com estabilidade.

O agressor, segundo Saffioti, era militante da esquerda, o que ilustra, a seu ver, o cruzamento de nichos. Assim, diz ela, “o poder do macho não é exercido apenas no seio dos grupos conservadores, estando também presente no interior dos contingentes progressistas e até mesmo radicais de esquerda³⁶⁸”. Este ponto levantado por Saffioti também é destacado por Reinaldo Arenas, escritor cubano, quando denunciou no livro autobiográfico “Antes que Anoiteça” os horrores que os homossexuais enfrentavam na ilha castrista.

Além de ter sido preso várias vezes, quase sempre sob a alegação de “ser praticante do homossexualismo”, e de ter sobrevivido a várias tentativas de assassinato, Arenas expôs o que nunca se escondeu em alguns regimes políticos socialistas: homossexuais não eram bem-vindos. Algo que o historiador estadunidense James Green destacou nas correntes socialistas internacionais e que era chamado, por parte da esquerda, de símbolo da “decadência burguesa” das classes médias e altas³⁶⁹.

Arenas não era antipático, de início, ao comunismo cubano, ao contrário. Ele via no novo governo uma possibilidade real de transformação positiva em Cuba. A percepção foi se transformando conforme os anos foram passando e a liberdade foi ficando cada dia mais rarefeita, incluindo aí a impossibilidade de viver sua homossexualidade. Um dos pontos mais emblemáticos relatados por Arenas foi quando algumas pessoas, ele incluído, além de outros homossexuais em fuga, se refugiaram na Embaixada do Peru, forçando a expulsão da ilha. Após dias de intensa negociação:

Quando Fidel mandou que fossem metralhadas todas as pessoas que já estavam há 15 dias sem comer, dormindo em pé, pois não havia espaço para deitar, sobrevivendo em meio aos próprios excrementos; diante daquele tiroteio que feriu muita gente, a resposta foi cantar o hino nacional. Temendo que tivesse início uma revolução popular, Fidel Castro e a União Soviética decidiram que era necessário abrir uma brecha e deixar sair do país um grupo dos mais dissidentes; era como fazer uma sangria num organismo doente. Num discurso desesperado e irado, junto com

³⁶⁸ SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987, p. 17.

³⁶⁹ GREEN, James: **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

García Márquez e Juan Bosch, que batiam palmas, Castro acusou todos aqueles coitados que se refugiaram na Embaixada do Peru de antissociais e depravados sexuais. Jamais esquecerei seu rosto de rato acossado e furioso, nem os aplausos hipócritas de Gabriel García Márquez e Juan Bosch, apoiando o crime contra os pobres prisioneiros³⁷⁰.

Arenas esclarece que nem todas as pessoas na Embaixada eram homossexuais³⁷¹, mas foi por causa de um grupo de homossexuais em fuga que outras pessoas, por motivos diversos, se uniram e invadiram o prédio. O autor relata outras situações dramáticas de fuga, que só foi conseguida, de fato, em 1980, ao imigrar para os Estados Unidos. O tempo de liberdade durou exatos 10 anos, quando Arenas pôs fim à própria vida num apartamento em Nova Iorque, não sabendo lidar com o fato de estar doente por causa da Aids.

No cenário brasileiro, é conhecido o fato de que não tivemos uma ditadura de esquerda, e sim de direita, mas que também foi implacável no combate à homossexualidade, muito embora a resistência tenha sido bem mais organizada, ainda que pequena³⁷². O que não quer dizer que a homossexualidade não tenha sido alvo dos machismos da esquerda. O cientista político Gustavo Santos destaca que os partidos políticos brasileiros, de maneira muito tardia, foram abrindo suas portas, discretamente, aos LGBTQIA+³⁷³.

Santos reporta que o machismo estava tão impregnado nos partidários do PT quando da organização da chapa que iria concorrer à primeira eleição democrática após o fim da ditadura, que o nome de Fernando Gabeira, histórico militante do partido, atualmente afastado da política depois de ter sido filiado ao Partido Verde (PV), cotado para ser vice na chapa presidencial com Lula, foi vetado por não ser “suficientemente viril”. Aliado a isso, a aproximação de Gabeira com a liberação da maconha também contribuiu para o rechaço, pois o partido temia que isso afastasse o eleitor conservador³⁷⁴.

³⁷⁰ ARENAS, Reinaldo. **Antes que anoiteça**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009, p. 331.

³⁷¹ Embora eu tenha citado o caso cubano, é possível encontrar outros embates de homossexuais contra o socialismo em “O fim do homem soviético”, livro já citado no primeiro capítulo, de Svetlana Aléksiévitch. Sobre a homossexualidade em outros regimes de exceção, independente do viés político, ver: OKITA, Hiro. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. São Paulo: Ed. Sundermann, 2007.

³⁷² QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

³⁷³ SANTOS, Gustavo. **Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 21, Brasília, setembro-dezembro de 2016, pp. 147-186. Disponível em: [SciELO - Brasil - Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo](#) Acesso em: 01/06/2021.

³⁷⁴ Idem, p. 158.

O autor ainda sustenta que as frestas abertas aos homossexuais e às mulheres, nos partidos de esquerda, acabou ocorrendo não por mudanças de mentalidade, mas pela emergência de novas demandas, o que acabou forçando os partidos a se abrir. A presença da então deputada federal pelo PT, Marta Suplicy, – que é reconhecida como uma das grandes aliadas da causa LGBTQIA+ junto ao Congresso Nacional, embora tenha pulado para fora do barco quando do impeachment da então presidenta Dilma Rousseff e, estranhamente, tenha ficado muito à vontade ao lado da direita – foi fundamental para uma mudança na percepção do partido, embora relativamente tímida.

Um fato importante nessa discussão diz respeito ao papel dos partidos de direita, reconhecidos defensores de uma ideia de família em seu caráter mais tradicional, dos valores cristãos e da importância da virilidade na constituição dos homens, aliás, lemas do então candidato à presidência Jair Bolsonaro. O programa Profissão Repórter, da TV Globo, exibido no dia 09 de março de 2021, se concentrou sobre as candidaturas de mulheres pretas e pessoas trans nas eleições municipais de 2020. Dois extremos foram mostrados: o acolhimento de mulheres pretas por legendas como o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), de um lado, e o acolhimento de pessoas trans por partidos de diversos matizes, incluindo a esquerda, mas, principalmente, pelos partidos de direita ditos conservadores³⁷⁵.

Brenda Santunioni, mulher transexual, foi candidata a prefeita numa cidade de Minas Gerais. Ela, que estava terminando o mandato de vereadora, optou por voos mais altos, mudando, para isso, de partido. Ela afirma, na reportagem, que o partido de esquerda, no qual militava, não lhe dava a possibilidade de protagonismo, o que acabou acontecendo quando ela migrou para o Patriota³⁷⁶. O presidente regional do partido, em entrevista para a mesma reportagem, explicou o porquê de aceitar a filiação e candidatura de Brenda, ainda mais num município pequeno e com um visível verniz conservador. Segundo ele, é secundário, para o

³⁷⁵ De acordo com a reportagem “Arco-íris na urna”, da revista Piauí, de 23 de novembro de 2020, usando dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), nas eleições municipais de 2020 foram eleitas 30 pessoas trans para mandatos diretos (não contabilizam as candidaturas coletivas), sendo que destas, 11 foram eleitas por legendas de Centro, 16 de Esquerda e três de direita. Ver: <https://piaui.folha.uol.com.br/arco-iris-na-urna/>

³⁷⁶ Partido assumidamente de direita, conservador e religioso. Nasceu em 2011, primeiro como Partido Ecológico Nacional (PEN), depois mudando para o atual nome. De acordo com a jornalista Thaís Oyama, a alteração no nome do partido se deu por uma tentativa do presidente Jair Bolsonaro em se filiar ao partido, condicionando, para isso, a mudança para Patriota, alcunha pela qual ele chamava e ainda chama seus seguidores. O pedido, cumprido pelo partido, acabou se mostrando inútil, pois Bolsonaro acabou migrando para o também conservador Partido Social Liberal (PSL), pelo qual fora eleito presidente. Ver: OYAMA, Thaís. **Tormenta**: o governo Bolsonaro – crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

partido, quem Brenda é, sendo mais importante a quantidade de votos que ela é capaz de atrair. Mesmo com tal pragmatismo, Brenda não foi eleita³⁷⁷.

Após a marcante posição de Marta Suplicy, a partir de 2002, o PT passou a se abrir cada vez mais à emergência GLBT³⁷⁸. Durante a abertura da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBT), realizada em 2008, o então presidente Lula, primeiro chefe de Estado brasileiro a comparecer numa plenária do tipo, afirmou que “nunca antes na história do Planeta um presidente convocou uma conferência como esta, eu fico orgulhoso porque nós estamos vivendo no Brasil um momento de reparação³⁷⁹”.

A postura do presidente – e do partido por ele representado – sofreu uma guinada significativa. Antes disso, em 2004, o governo lançou o Programa Brasil sem Homofobia, que, dentre outros princípios, procurava criar mecanismos para combater a violência e a discriminação contra as pessoas não heterossexuais e não cisgêneras. Ao lançar uma série de recomendações³⁸⁰, o Brasil deu um passo importante no combate à homo-lesbo-transfobia, encarando tal iniciativa como uma política de Estado.

No entanto, algum tempo depois, como resultado do Brasil sem Homofobia, surgiu uma campanha chamada Escola sem Homofobia, com cartilhas e vídeos elaborados por ONGs, que tinham como objetivo principal possibilitar o diálogo, nas escolas, das orientações sexuais e também sobre sexualidades de forma mais ampla. Estas informações que agora menciono dizem respeito a tudo o que eu trouxe até aqui, pois os direitos que a comunidade LGBTQIA+ conseguiu ao longo dos últimos anos, principalmente nos governos do PT, a partir da crise política intensificada após as manifestações de junho de 2013, foram sequestrados.

Especificamente sobre o programa Escola sem Homofobia, um dos responsáveis pelo sequestro da pauta foi o jornalista Reinaldo Azevedo³⁸¹, então crítico ferrenho da esquerda

³⁷⁷ Mais informações, ver: ['Se parte da população LGBT acha que eu não os represento, tanto faz', diz candidata trans de MG | Profissão Repórter | G1 \(globo.com\)](#)

³⁷⁸ A sigla está colocada na forma como era usada no período.

³⁷⁹ O discurso proferido na abertura pode ser consultado aqui: [Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura da I Conferência Nacional de Gays, L \(presidencia.gov.br\)](#)

³⁸⁰ CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

³⁸¹ O material original foi postado no site da revista Veja em janeiro de 2012. No entanto, em julho de 2020, Azevedo fez uma atualização na qual retifica a informação postada 8 anos antes. Ver: [“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias... | VEJA \(abril.com.br\)](#)

brasileira, hoje convertido em baluarte da luta contra a opressão bolsonarista. O conjunto de ações contra a homofobia nas escolas ganhou a alcunha de “kit gay” e foi amplamente divulgada como uma tentativa de destruição da “família brasileira”.

Nesse embalo, o então candidato Jair Bolsonaro se apossou da proposta fantasiosa do “kit gay”, acrescentando alguns penduricalhos³⁸², e partiu para cima do candidato de oposição, Fernando Haddad, erroneamente tachado por Bolsonaro como o grande responsável pelo “kit”. É bem verdade que Haddad era ministro da Educação quando da elaboração do material que seria disponibilizado nas escolas brasileiras, mas o conteúdo em si do material nunca foi alvo de escrutínio³⁸³. O que se criou, talvez por uma série de frustrações acumuladas, foi uma paródia em defesa da família cristã e heterossexual.

A compra da ideia de “kit gay” por parte significativa da população brasileira acabou dando a vitória eleitoral a Bolsonaro e, de quebra, fragilizou a participação do PT no cenário nacional e ainda tentou – e continuam tentando – estigmatizar mais ainda a comunidade LGBTQIA+. Ao aceitar o discurso de tentativa de destruição da família brasileira, boa parte do eleitorado escancarou seu familismo patrimonialista, o mesmo que Sérgio Buarque de Holanda afirmou ser a grande contribuição brasileira ao mundo, matéria-prima do polissêmico e enigmático “homem cordial”.

O filme “Baixio das Bestas”, inicialmente debatido no início desta seção, pode agora ser melhor analisado, uma vez que muito do que é mostrado na película, faz parte da vida cotidiana de muitas pessoas Brasil afora. A exploração sexual que o avô impingia a Auxiliadora – na parte final da obra ficamos sabendo que além de neta, a garota é filha dele – de modo a ganhar dinheiro, além de também usufruir sexualmente do corpo dela, é sustentado por ele com o argumento de que Auxiliadora, por ser neta, filha e mulher, é sua propriedade, pois assim sempre foi por aquelas bandas – a região Nordeste do país – e deve continuar sendo.

As práticas sexuais da maioria das personagens são pautadas na bestialidade, já identificados no título da obra. As prostitutas do vilarejo anseiam pela chegada do anoitecer

³⁸² Dentre os acréscimos, foram incluídos a “mamadeira de piroca”, a cartilha de como “se homossexualizar”, a “cristofobia”, além da implantação da ideia de “ditadura gay” no país.

³⁸³ A então presidenta Dilma Rousseff, muito pressionada pela bancada evangélica e também pelos debates contrários à ideia em diversos segmentos da sociedade, decidiu suspender a confecção e envio dos materiais às escolas. Após isso, as ameaças de criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para abordar tal assunto, cujo objetivo principal era enfraquecer ainda mais a presidenta, foram dissolvidas. Ver: [G1 - Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro - notícias em Educação \(globo.com\)](#).

que é quando os clientes chegam e as vilanias sexuais dos machos são liberadas. Espancamentos e submissão são constantes às mulheres de Baixio, evidenciando a separação entre o dominador e o dominado. Nem o empalamento, conhecida prática de tortura, de uma prostituta, consegue aplacar os instintos dos filhos dos usineiros do lugar. A fúria de um deles só consegue uma momentânea calma quando, tendo em punho um revólver, ele consegue estuprar a então virgem Auxiliadora.

O diretor Cláudio Assis, ao reforçar as nuances de Heitor, o avô, como o macho que manda, se assemelha ao “patriarcalismo enquanto ideologia”, destacado por Heleiteh Saffioti, pois o poder do macho paira acima das instituições, sendo por elas, aliás, legitimado. Em Baixio, o vilarejo que empresta nome ao filme, vemos um microcosmo da vida que se pensa, ainda, distante e não mais dominante. Os machos, personagens centrais no universo de Auxiliadora, são autoritários e determinam os rumos das vidas de mulheres e homens não viris.

Nessa direção, quando da chegada das primeiras universidades ao Brasil, ainda no período Colonial, nos diz o crítico literário Alfredo Bosi, em “Dialética da Colonização”, o macho já induzia os rumos das vidas das mulheres da elite e também dos filhos pouco viris. Os cursos de medicina, engenharia e direito eram destinados aos homens. Conforme o tempo foi passando e as mulheres foram reclamando o direito de estudar, os pais as direcionavam para cursos mais condizentes com suas condições, entenda-se, a delicadeza, o cuidar. Assim, a pedagogia e demais licenciaturas acabaram sendo os cursos que abrigariam mulheres e filhos não viris³⁸⁴. Bosi ainda pontua que a esses cursos outros se somaram, sendo possível perceber que embora ainda seja massivo o número de mulheres e “homens não viris” em alguns deles, a realidade se transformou. É bastante comum, ele continua, que os cursos tenham rompido o machismo que os sustentou, mesmo que tal transformação seja, ainda, lenta.

Em “Baixio das Bestas”, assim como destacou Bosi, às mulheres é determinado um rumo, que por sua vez difere do rumo dos homens. Auxiliadora transita no binômio “casa-rua” determinado pelo avô-pai, assumindo posturas diferentes. Ora sendo a garota que faz os serviços de lavagem de roupa e também o sexual, ao ser despida diante de homens que se

³⁸⁴ O autor usa o termo homossexual uma única vez, preferindo, nas demais vezes, identificá-los como “não viris”. Embora não seja explicado, talvez tenha passado a impressão, a Bosi, de que nem todos eram, de fato, homossexuais. Ver: BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 333.

masturbam enquanto a observam; ora sendo trancafiada em casa, sofrendo abusos moral e sexual por parte do avô-pai.

Não tendo muita opção diante das vicissitudes que a vida lhe mostra, Auxiliadora vive num universo com o avô-pai, pois a mãe fugira de casa, delegando à filha a função de objeto sexual que era sua. Após a morte do avô-pai, Auxiliadora acaba assumindo um papel para o qual fora treinada desde sempre: virou prostituta num bar nos arredores de Baixio.

3.3 “Em casa tinha mais gay que hétero”

Dentro de um ônibus da linha “Canudos – Praça Amazonas”, entre constrangida e excitada, Cléo Ferreira folheava revistas masculinas de nu frontal. No entanto, não eram as imagens com falos e nádegas que tiravam sua tranquilidade. Segundo Ferreira, sua presença no mundo, durante praticamente toda a infância, foi um idílio com poucas e acentuadas quedas ao inferno terreno, estas causadas por escolhas erradas do pai.

Dos percursos feitos no “inferno”, conseguiu sobreviver com a onipresente ajuda da mãe. Semelhante a Dante, quanto este acorda no Inferno e de lá consegue sair com a providencial aparição de Virgílio, que o pega pelas mãos e o encaminha para os portões menos amedrontadores, representados pelo Purgatório. Usufruindo o idílio de voltar a ter dinheiro, saindo da pobreza na qual sua família fora jogada pelo pai, as percepções, sua e dos outros, eram uma só: Cléo era uma menina. Ela não sabe precisar, sobre as impressões alheias, se eram verdadeiras, ou fruto da não beligerância familiar.

Com o passar da infância, Cléo foi solidificando a imagem que tinha de si, de menina, de mulher em formação, de “garotinha com ar angelical da família”. Tal imagem passou a sofrer algumas trincas quando Ferreira passou a ter contato com a revista que trazia homens despidos em cujo recheio também vinham reportagens sobre assuntos desconhecidos por ela até então: homossexualidade. “O que era ser homossexual?”, Cléo se perguntava. Ela afirma que nunca tinha ouvido falar sobre o assunto e que em casa jamais isso fora ventilado. A maçã, representada pela homossexualidade detalhada na revista, fora mordida por Cléo e o paraíso que ela vivia até então, passou a sofrer com a claridade vinda de fora. Agora, diferente de Dante, Cléo transitava entre o inferno da dúvida sobre si e o purgatório de ser iluminada por uma verdade que não conhecia.

Durante bastante tempo, o roteiro foi seguido de maneira pouco alterada: Cléo comprava a revista masculina numa banca de revista no centro comercial de Belém, dava voltas em ônibus, para ter tempo de ler todo o conteúdo, e, antes de descer, despachava o exemplar embaixo de algum banco do veículo. Ao relembrar essa prática, Cléo afirma que embora não tivesse consciência, à época, o chão de certezas que ela havia criado para si, com a ajuda involuntária da família, havia ruído. Ela confessa, entre risos, que a imagem de “mulher cis, mulher mesmo, mulher, mulher, sabe?” que pensava de si não existia. Ela estava enganada, conclui.

No entanto, mesmo diante das fissuras na própria percepção, Cléo manteve as aparências. Continuou performando, em casa, a sempre delicada pessoa que eles se acostumaram. Até aquele momento, ninguém havia rompido a película que haviam criado para Ferreira. A única a ter consciência, diz, fora ela. Até o momento em que encontrou alguns amigos, que provocaram e testemunharam a expulsão de Cléo daquele paraíso:

Eu me sentia sempre menina, mas tinha alguma coisa que não tava se encaixando direito. Ao longo do tempo, com as minhas amizades, lendo, ouvindo as coisas, eu comecei a me encaixar na categoria de gay. A única categoria que tinha naquela época era de gay. Eu não tinha ouvido falar na categoria de travesti, de transexual. Não tinha assunto sobre isso. Era gay, era gay, só gay. Aí os meus amigos, que na época não me conheciam direito, começaram a me observar melhor e disseram que pensavam que eu era uma menina, mas que agora sabiam que eu era um menino, que eu era gay. Eu achava que eu era uma menina. (Cléo Ferreira, Belém, 2020).

A partir deste momento, Cléo começou a observar o entorno de outra forma, incluindo a percepção que a própria família tinha dela. Por que não a censuravam? Por que era tratada como uma menina se, como ela descobrira, não era verdade? Estas perguntas pululavam na cabeça da então jovem. No entanto, como já pontuado no segundo capítulo, especificamente no momento em que Cléo é apresentada, a protagonista lança mão, sempre que pode, de esquecimentos involuntários.

De acordo com Halbwachs, a memória é uma consciência virtual ladeada por lembranças e, uma vez as lembranças sendo ativadas, o que chega ao indivíduo são evocações. Assim, quando evocadas, as lembranças não se mostram íntegras, o que o autor classifica como “memória seletiva³⁸⁵”. Nesse sentido, Cléo mostra o que lhe aparece. Talvez por ter demorado a assimilar a “condição de gay” que lhe fora apresentada, ela selecionou outros

³⁸⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

aspectos da memória em família, priorizando dois aspectos: a relação conflituosa entre os pais e a relação amorosa e cúmplice dela com a mãe.

O pai possui um lugar sem muito destaque nas recordações de Cléo, embora ele esteja presente em todos os momentos por ela lembrados, quase sempre com o viés da dubiedade. Fora ele, por exemplo, o responsável pela derrocada financeira da família, muito por conta da assiduidade em cassinos clandestinos, além de ser contumaz frequentador de outras camas, fato que causou grande aflição em casa, principalmente na mãe.

Sempre que se recorda dos dois, Cléo faz esforço para não demonizar o pai, relatando as vicissitudes dele com certo desdém, deixando para a mãe as palavras mais carinhosas e os olhos emocionados. No entanto, as reservas de Cléo para com o pai se concentram, basicamente, na forma como ele conduzia o casamento, fato que causava na mãe grandes infortúnios. Em relação a ela, Cléo, não houve traços de rechaço por conta da pessoa que ela sempre fora, mesmo que aquela pessoa não conseguisse se encaixar em alguma definição.

Tempos depois, após o término de um casamento com um homem com o qual se radicara na cidade de Recife, Pernambuco, Cléo voltava para casa. Esta parte, aliás, além de ser pouco explorada pela protagonista, ainda foi aventada para destacar outro aspecto envolvendo o pai. De acordo com ela, após sair de casa para se casar e morar em Recife, num primeiro momento, e depois na cidade do Rio de Janeiro, voltou para casa solteira e mais feminina, fato que não passou despercebido por ninguém, nem pelo pai, que quase nunca se manifestava sobre isso.

Quando eu cheguei em casa, ficou aquela discussão do meu pai com a minha mãe: e agora, o que a gente diz, que é nossa filha ou nosso filho? Aí a mamãe dizia pro papai: mas parece uma mulher, como a gente vai dizer que é homem? [gargalhadas]. Era uma coisa, assim, interessante, sabe? (Cléo Ferreira, Belém, 2020).

Essa observação feita pelos pais, de acordo com Cléo, foi a única vez que o assunto fora abordado e facilmente assimilado por eles. Se houve conflitos sobre a sexualidade dela, em casa, não virou pauta extensa por parte de nenhum membro da família. Ferreira credits isso a dois fatores bem mais abrangentes. O primeiro dizia respeito ao sempre tenso relacionamento entre o pai e a mãe, o segundo sobre alguns irmãos, o que acabou favorecendo o desabrochar de Cléo.

Além do vício em jogos, Clemente, o pai, tinha relacionamentos extraconjugais, o que provocou muito dissabores em casa. Cléo afirma que a mãe era uma “mulher das antigas, daquelas que suportam tudo, mas não rompem o casamento, pois assim ela foi criada”. A matriarca, assim, além de trabalhar arduamente para que os sete filhos não passassem necessidade, ainda precisava lidar com a infidelidade do marido e as consequências deste ato quando era confrontado pela esposa, quase sempre acabando em agressões físicas, relembra Cléo.

O pai, sempre que fora descoberto com alguma mulher, era emparedado pela esposa, que além de perdoar as investidas dele, antes era agredida fisicamente, com alguns socos e enforcamentos, por parte dele, e tapas e puxões de cabelo por parte das amantes. Cléo diz se lembrar de ter visto isso ocorrer algumas vezes, pois sempre que a mãe saía para concluir algum flagra, era levada junto, sem precisar porque a mãe não prescindia da presença dela, alegando que talvez fosse muito pequena para ficar sozinha em casa, ou porque a mãe queria impingir mais vergonha ao pai, levando uma filha para confirmar a traição.

Para os outros, diz Cléo, a família dela era tida como perfeita, pois eram vários filhos, todos estudando, a mãe dona de casa e o pai funcionário de uma escola muito bem postada socialmente. Internamente, as fissuras eram cada vez mais evidentes, seja pelo casal que vivia às turras, seja pelos filhos que começavam a desabrochar e ter consciência de quem eram.

A mamãe sempre carregou aquela questão de a mulher tem que ficar com o homem até... doa o que doer, aconteça o que acontecer, ela não pode abandonar a família. O papai tentou matar a mãe estrangulada, né? Então, pra ti ver, a mamãe teve várias razões pra poder se separar do papai, várias. Mas nunca se separou, até a morte, ela ficou com meu pai. (Cléo Ferreira, Belém, 2020).

Por outro lado, Cléo afirma que os filhos, sobrevivendo a essa realidade conflituosa, foram levando a vida de acordo com as regras ditadas pelos pais. Assim, quando Clemente chegava do trabalho, os filhos, já banhados e alimentados, sentavam no chão enquanto ele tirava as meias, num gesto que Cléo classifica como “tradicional e respeitoso”. Além disso, durante as principais refeições, como almoço e jantar, todos deviam comer em silêncio e no mesmo horário.

No momento em que relata essas passagens, Cléo afirma não ter trauma algum da criação que tivera, que seria absurdo afirmar algo nesse sentido, pois, diante de inúmeras situações que conhece de outras pessoas, não faz sentido dizer que é uma pessoa traumatizada

com o que viveu dentro de casa. Ela destaca que teve uma família, que apesar dos percalços, era unida. “Eu tenho que agradecer a família que eu tive”, sentencia ela.

O agradecimento feito por Cléo reside, segundo ela, no resultado, hoje em dia, do que os pais plantaram. Ela, que possui duas graduações, é funcionária pública estabilizada, além de todos os irmãos também possuírem formação superior, terem bons empregos e levarem uma vida confortável. De acordo com Cléo, muito desse sucesso no presente é creditado à renúncia pessoal da mãe, que nunca desistiu do projeto familiar.

Dos sete filhos, excluindo o que morrera ainda bebê, são três mulheres lésbicas, um homem gay e Cléo, mulher trans. “Em casa tinha mais gay que hétero”, brinca Cléo, ao recordar de como os conflitos envolvendo os pais sublimaram essas demandas dos irmãos e a dela também. Após a morte da mãe, ela diz que muitos desses potenciais problemas foram se desfazendo no ar, pois o pai, em idade avançada, já não era mais aquele de antes. Clemente, por conta da maturidade e também com a perda da esposa, mostrou-se mais benevolente, se abrindo ao afeto dos filhos e convivendo pacificamente com as diferenças.

Tendo encontrado um equilíbrio familiar satisfatório para todos os envolvidos, Cléo, já formada e estabelecida como funcionária da UFPA, intensifica as incursões pela militância política. “Tenho uma concepção socialista, um pouco ortodoxa, mas só um pouco”, ela diz ao fazer referência sobre o espectro político no qual atua. Fundindo luta política por melhorias salariais e ativismo LGBTQIA+, ambas na universidade, Ferreira acabou solidificando aproximações com nomes proeminentes no âmbito acadêmico, como os então reitor e pró-reitora de administração, Alex Fiúza e Iracy Gallo, respectivamente.

Da amizade com Gallo, que algum tempo depois se estreitaria mais por conta do governo do estado, sob responsabilidade do PT, Cléo transita com certa desenvoltura pelos quadros do partido. Na imagem a seguir, ao lado de um amigo professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e do então senador petista Lindbergh Farias, é possível constatar que Cléo faz uso diário dessa proximidade com políticos. Em suas redes sociais, marcada com escassez de fotografias suas, não é por acaso postar uma imagem com algum medalhão do partido. A capilaridade social que uma imagem dessa traz é significativa para se refletir sobre a influência que ela buscou para colocar em prática suas próprias ideias de militância LGBTQIA+.



Imagem 13: Prof. Flávio, Lindbergh Farias e Cléo.
Fonte: Acervo pessoal de Cléo Ferreira.

Em paralelo, a partir de 2007, com a chancela de Fiúza e Gallo, Cléo inicia conversas para a criação de um grupo de estudos de sexualidade na UFPA. Ela afirma que a ideia não surgira do nada, mas sim de um amadurecimento acadêmico angariado por trocas de ideias com outras lideranças em congressos pelo Brasil e também com o grupo, já constituído, Colcha de Retalhos, da UFG. Dessa forma, Cléo estabeleceu uma parceria com Samuel Souza Junior, então estudante do curso de Direito e os dois partiram em busca de outros estudantes que topassem a ideia. Eu era um deles.

Havia estudantes universitários de vários cursos da UFPA, da meteorologia, passando pela administração, chegando em Letras, curso que na época eu cursava, com habilitação em língua francesa. Desse período, quero lembrar, ainda era permitido que alguém cursasse mais de um curso em universidades públicas, de modo que em paralelo, além de Letras, também passei por Geografia e Saúde Pública. Formávamos um pequeno e barulhento grupo. Como ainda estávamos iniciando, não tínhamos um lugar específico. Nossas reuniões iniciais ocorriam no auditório do instituto no qual Cléo trabalhava e, depois, no auditório da reitoria, nas tardes de sábado.

Além de não ter um lugar fixo, nosso grupo não tinha um nome. Assim, após intensas deliberações, e com sugestões dadas pelos membros, o nome do grupo idealizado por Cléo e

Samuel fora batizado de Movimento Universitário em defesa da Diversidade Sexual – Grupo Orquídeas, ou, simplesmente, “Orquídeas”. Assim, ainda no ano de 2007, já com um nome com o qual pudéssemos nos identificar e uma camisa com a logomarca do grupo, partimos para a cidade de Goiânia. Lá, durante a 5ª edição do ENUDS, fora lançada a proposta para que a UFPA recebesse o evento no ano seguinte.

Cléo diz que havia um acordo verbal com o reitor Alex Fiúza para que a universidade recebesse o evento, pois era do interesse de todos que a diversidade sexual fosse pauta para deliberações, e a UFPA queria estar nele. Assim, após intensa disputa com a Universidade Federal da Bahia, UFBA, a 6ª edição do ENUDS ocorreria na Amazônia, fato, aliás, que não passou incólume quando as chamadas para o evento foram lançadas no ano seguinte. O encontro universitário de diversidade sexual só havia saído do eixo Centro-Sul uma vez, para o Recife, então era importante aquele deslocamento geográfico.

Estive na vitória da UFPA como sede do evento para 2008, mas não estive presente quando ele foi executado. Por discordância, principalmente política, me retirei do grupo. Assim como eu muitos também saíram, e outros entraram, naturalmente. Nesse ínterim, a presença de Cléo, no grupo, começou a sofrer mudanças de rumo. Quando Iracy Gallo fora convidada para ser Secretária de Educação no governo de Ana Júlia Carepa (2008-2011), Cléo passou a ser assessora-executiva da pasta, sendo a primeira mulher transexual no cargo.

Ao se licenciar da universidade para assumir um cargo no executivo estadual, Cléo também passou a ser figura rarefeita no grupo que ela havia idealizado. Embora estando presente quando o ENUDS ocorreu na UFPA em 2008, Cléo havia perdido espaço. Ao falar desse período, ela evoca momentos de mágoa não exatamente com o grupo que ela ajudara a fundar, mas com a militância de maneira geral.

Por três vezes fui quase impedida de subir no trio da Parada LGBTQIA+, ouvindo muitos desaforos e agressões verbais de uma chamada liderança do Movimento mesmo com toda uma história de militância, de ter sido a primeira transexual a fazer parte da administração superior de uma Universidade pública, UFPA, de ter sido a primeira assessora transexual da Seduc (2008/2009) e ter sido a idealizadora da Portaria 016/2008 que garantiu dignidade e cidadania a travestis e transexuais com uso do nome social na matrícula em mais de 1.200 escolas públicas do Pará. De ter sido perseguida pelo Polícia do Exército e da Aeronáutica na ditadura. E muito mais. Por diversas vezes passei por agressões psicológicas e deboches que partiam das chamadas “lideranças” LGBTQIA+. Ser socialista, ser comunista, ser humano, ser gente é praticar e viver plenamente o discurso (Cléo Ferreira, Belém, 2021).

Ferreira não nomeia o que ela afirma ter sofrido, embora fique claro. Algumas laudas atrás embocei algumas considerações sobre o espaço reduzido que pessoas trans têm nas legendas brasileiras. Há um discurso contundente por uma suposta diversidade, mas o mesmo discurso não sobrevive durante muito tempo. As legendas, notadamente as de viés esquerdista, criam uma agenda LGBTQIA+, é fato, mas o protagonismo muitas vezes é negado. Não por acaso, a vereadora mais votada da história de Belo Horizonte, em 2020, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), a professora trans Duda Salabert se retirou do PSOL, partido no qual era filiada, acusando-o de “transfobia estrutural³⁸⁶”.

Por sentir a transfobia diariamente, mesmo que velada em muitos casos, Cléo intensificou a luta por inclusão de pessoas trans, trabalhando para a aceitação do nome social nas escolas públicas do estado do Pará. A evasão escolar de pessoas trans, diz Cléo, não poderia ser quantificada, pois nunca se deram a esse trabalho, mas ela sabia que era um número expressivo. Após conseguir ajudar na criação da portaria que autorizava o uso do nome social, Cléo ainda permaneceu alguns meses no cargo. Após deixá-lo, em 2009, volta para a UFPA e tenta regressar ao Orquídeas.

Hoje, não tenho informações dos feitos do grupo. E em determinado tempo ainda indaguei o meu retorno e a reativação do grupo, quando me disseram que eu teria que ter autorização de não sei quem, sei lá. Eu fui a idealizadora do Grupo. Não se pode negar autores de ideias, mas muitos negam. E eu me orgulho muito de ter idealizado o grupo. As vezes leio uma ou outra dissertação ou reportagens que membros LGBTs do movimento, ou não que fazem citações como que o grupo Orquídeas foi idealizado e criado por um grupo de alunos e pelo movimento LGBT. Outras vezes leio que a Portaria 016/2008 foi fruto do Movimento, etc. Fazer o quê não é mesmo? Hoje tenho conhecimento de coletivos LGBTs diversos na UFPA. Uns mais bem aquinhoados pela atual Administração Superior. Outros nem tanto, estão à margem, o que discordo frontalmente (Cléo Ferreira, Belém, 2021).

Não é possível afirmar muita coisa sobre a receptividade fria que Cléo diz ter recebido do grupo que ela, de fato, ajudou a criar. No entanto, somando-se à acusação feita por Duda Salabert em relação ao PSOL, é possível criar algumas possibilidades. Quando da criação do grupo, não me recordo de muitas pessoas trans fazendo parte. Além de Cléo, havia uma estudante de Psicologia e uma de Letras. Tenho conhecimento de que apenas a de psicologia permaneceu. O número reduzido de pessoas trans num grupo que apregoa a diversidade sexual

³⁸⁶ Ver: [Ex-candidata Duda Salabert acusa PSOL de transfobia e sai do partido \(correioabraziliense.com.br\)](https://correioabraziliense.com.br)

pode ser creditado a dois fatores básicos: a exclusão das pessoas trans da educação formal, nas suas mais diversas modalidades e a dificuldade de protagonismo nos grupos que existem.

Um caso específico sobre isso foi analisado por mim, num trabalho recente, que versa sobre a recusa do nome social, mas também sobre não permitir que pessoas trans tenham suas subjetividades respeitadas num ambiente público cuja regra continua sendo majoritariamente cisnormativa³⁸⁷. Além disso, Cléo critica o fato de ter seu protagonismo apagado e sua voz silenciada dentro da militância LGBTQIA+. “Unidos somos mais fortes”, diz Cléo sobre se sentir excluída dos debates no quais, acredita, poderia ser ainda muito útil.

Atualmente, Cléo é secretária do programa de pós-graduação de Geografia. Suas manifestações políticas, muito por conta do ambiente físico restrito causado pela pandemia, ocorre nas redes sociais. No Facebook, posicionamentos contrários ao presidente Bolsonaro são corriqueiros, assim como pautas de cunho mais específico sobre a visibilidade trans. No WhatsApp, as mesmas postagens aparecem, sendo constantemente alimentadas no início de cada dia. Em ambas, Cléo não tem o hábito de postar fotografias. Quando questionada sobre essa escassez, é enfática: “Não gosto, nunca gostei”.

3.4 As filhas de Oxóssi

“A família da travesti são outras travestis”, disse Maria Antonieta ao erguer o copo de cerveja para brindar a confraternização na qual, além dela, estavam Samantha Carrara, outras travestis e eu. Antonieta não bebe, não fuma mais e afirma nunca ter consumido drogas ilícitas ao longo da vida. Das drogas, diz, “sou apenas fornecedora, tu sabes”. Fizera o brinde para responder a um questionamento meu sobre os familiares dela e de algumas outras que ali estavam.

Quando saíra da casa da tia, com quase 15 anos de idade, após uma violenta briga, Maria Antonieta se refugiou no terreiro de Dona Chiquinha, mãe de santo que a aceitou em sua morada. Desta estadia, deu-se o encontro com Olga, a travesti que frequentava o terreiro. Em questão de dias, as duas rápido estabeleceram uma amizade que duraria anos, sendo

³⁸⁷ VASCONCELOS, Osvaldo; TUANNI, Bárbara. **Um nome, uma escola, um adeus**: a trajetória de Ana Luísa Paredes e os embates para existir. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 14, n. 22, 9 jul. 2021. Disponível em: [Um nome, uma escola, um adeus: | Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades \(ufrn.br\)](https://www.ufrn.br/bagoas/estudos-gays/generos-e-sexualidades/um-nome-uma-escola-um-adeus/).

interrompida quando da morte de Olga. “Oxóssi, meu pai, orientou Dona Chiquinha, a mãe que a vida me deu, e assim eu não afundei. E por eles eu conheci minha outra mãe, a Olga. Melhor que de sangue, né?”. A família exortada por Antonieta contava ainda com a participação de Samantha Carrara. Esta, depois de ter sido adotada por Olga, se transformou na caçula.

O “Bar do Didi”, local onde a confraternização ocorreu, fora fechado por Antonieta para o festejo anual das travestis que para ela trabalhavam. O bar, localizado nas proximidades do terminal rodoviário da capital paraense e de hotéis baratos, tinha outros ao redor, de modo que a gritaria de alguns frequentadores, na direção do bar no qual estávamos, era intensa. Era a quarta vez que eu participava do evento. A anfitriã aproveitava a oportunidade para fazer um balanço sobre suas atividades econômicas, presentear as mais obedientes e lucrativas e para fazer doações àquelas que por algum motivo de saúde estavam impossibilitadas de sair de casa.

Especificamente naquela comemoração, na virada de 2017 para 2018, segundo Antonieta, havia mais doações que premiações. O número de travestis adoentadas, que estavam sob sua proteção, tinha crescido muito. Aids, problemas respiratórios, câncer, facadas, drogas, enumerou ela sobre os problemas de saúde que algumas meninas de sua grande família enfrentavam. Após Olga partir, fora ela, Maria Antonieta, a comandante da nau de travestis. Depois de firmada a amizade, Antonieta e Olga passaram a trabalhar juntas. Inicialmente, Olga pedira a ela que fizesse um levantamento financeiro dos empreendimentos e anotasse tudo num caderno. O objetivo, conta Antonieta, era provar que ela tinha organização e capacidade de pensar rápido.

A bicha dizia que era palerma das ideia e outros papos, sabe, mas queria mesmo era me testar. Não deitei, tá sabendo? Fiz tudinho o que ela pediu. Era a minha chance de sair da merda. Eu sabia que era minha chance. Eu não tinha nada, nadinha. Me agarrei naquilo, viado, e não soltei. A bicha era muito boa de coração, mas também era muito escrota com as viçosas, retranqueiras, sabe? Vai vendo. Eu queria mesmo, como é que diz mesmo, eu queria sair da merda, é isso. (Maria Antonieta, Belém, 2017).

Assim, seguindo as orientações de Olga, Antonieta foi aprendendo a organizar as finanças, o dia a dia da casa onde moravam e, de quebra, a fazer contatos. Era final de 1982 e Antonieta tinha completado, meses antes, a maioridade. Insistia com Olga para ter silicone no corpo, alegando que trabalharia dobrado para ter o corpo transformado. No entanto, a patroa

alegara que os anos de batalha haviam lhe apurado os sentidos e que ela, Antonieta, não levava jeito para a prostituição. Aquilo não era algo que combinava com ela.

Após as primeiras negativas, Antonieta não desistiu. Continuou trabalhando, guardando o dinheiro que ganhava, sempre no intuito de poder transformar o corpo. Certa vez, após acreditar que Olga havia esquecido o assunto, fora surpreendida pela patroa com a possibilidade da transformação, logo seguida de um aviso: “A senhora não serve pra ser puta, bicha”. Ao questionar Olga sobre esse raciocínio, levou como resposta: “Raposa não tem amizade com galinha. A senhora é raposa. E ainda tem lábio leporino”, lembra Antonieta.

Meu lábio de cima era cortado. Nem dá pra ver, né? Olha aqui mais de perto. Viu? Sabe por que não tem? Dinheiro, viado. Eu nem tinha vergonha daquele negócio. Achava que era diferente e eu gostava. Mas minha voz era uó. A bicha [Olga] dizia que eu ia afastar os clientes falando fanhosa [gargalhadas]. Mas o que me deixou encafifada mesmo foi ela dizer que eu não nasci pra ser puta. E a vagabunda tava certa, sabia? Na hora não entendi, mas era tudo verdade [gargalhadas]. Pelo menos a cara de puta eu tenho, né? (Maria Antonieta, Belém, 2017).

Houve um acordo entre Olga e Antonieta. Por ele, ficou estabelecido que quando Samantha, a caçula, fizesse 18 anos, as duas poderiam começar com o silicone. No entanto, lembra Antonieta, havia duas condições. A primeira, era de que ela, Antonieta, não desgrudasse da caçula; a segunda, que Antonieta pensasse seriamente sobre a possibilidade de virar empresária no mercado do sexo e não prostituta. “Putá é puta, patroa é patroa”, lembra Antonieta.

A diferença de idade entre Antonieta e Samantha era de três anos, logo, quando a primeira fez 18 anos, a segunda tinha completado 15. Dentro da lógica da prostituição entre travestis, não há muito rigor quanto ao estabelecimento de idade para exercer tal prática. Há os mais diversos tipos de faixas etárias, sendo perfeitamente possível encontrar jovens recém-chegadas à adolescência, também conhecidas como “travesteens³⁸⁸”. Logo, achando vantajoso, Antonieta aceitou o acordo e alimentou o sonho de ter silicone, contando os dias e meses para o tão chegado momento.

No entanto, ela recorda, Olga não dissera todo o plano. Mais tarde, ela descobriu, o objetivo era que Antonieta assumisse uma célula para Olga, inicialmente em São Paulo. Mas,

³⁸⁸ DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

assegurou Olga, o silicone estava mantido, e a proteção para Samantha também, com o acréscimo de que ela, além de “plastificada, siliconada e não hormonizada”, seria empresária, braço direito, sócia. Excitada com a possibilidade em ser, de uma só vez, siliconada e patroa, fez Antonieta aceitar, mais uma vez, o plano da chefe.

Quando o tão sonhado dia de ir para São Paulo chegou, Antonieta foi procurar Dona Chiquinha. A filha queria saber se Oxóssi e ela estavam de acordo, se ela deveria ir mesmo. Ao receber o aval, Antonieta assimilou mais algumas recomendações de Olga para com Samantha, e as duas partiram para uma longa estadia na pauliceia. De acordo com os conselhos de Olga, sexo somente com preservativo, nada de silicone líquido, não usar drogas ilícitas, não tomar hormônio, não sustentar homem e, mais importante, lembra Antonieta, não se apaixonar.

Era novembro de 1985. Depois de mais de três dias num ônibus, Antonieta e Samantha desembarcaram na capital paulista. Apesar da afeminação, ainda não eram travestis, lembra Antonieta. “A gente era duas bichas, ela [apontando para Samantha] muito mais afeminada, muito mais”. De acordo com as duas, bem como outras travestis que pesquisei no bairro do Reduto, em outra oportunidade³⁸⁹, ainda faltava o mais importante para poder dizer que eram travestis: silicone.

Ter feito a viagem de ônibus foi, no início, uma incompreensão para as duas, mas fizeram exatamente o acordado com Olga. No futuro elas entenderiam, dissera a patroa. Já em São Paulo, as duas foram encontrar uma travesti amiga de Olga. “Eu tava vivendo um sonho, viado, um sonho. Agorinha, quando te conto esse negócio, parece que tô revivendo”, destaca. Samantha, por sua vez, sempre tida como a preferida de Olga, quase nunca sofria com as reprimendas da mãe adotiva. Nem de longe lembrava o garoto que dormia sob as barracas de feira na capital paraense.

Com longos cabelos escuros presos num rabo de cavalo, vestido de cor não identificada e sapatilhas, Samantha vivia mais uma experiência numa cidade estranha, mais fria que a sempre quente Belém. “Eu não consigo lembrar da cor do vestido e eu nunca tinha esquecido,

³⁸⁹ VASCONCELOS, Osvaldo; CAL, Danila; MOKARZEL, Marisa. **Tinha travesti brincando de “pira”**: Construção Simbólica de Hierarquias e Territorialidades na Prática da Prostituição. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 46 - 58, jan. / jul. 2016. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7641/Artigo>.

te juro”, lamenta. Sua excitação não era maior que a de Antonieta. Sua grande apreensão, relembra, era sobre a impossibilidade de não ser desejada após a transformação.

Eu tenho tanta gratidão com minha mãezinha [Olga], que Deus a tenha. Eu sinto tanto a falta dela. Outro dia, lá em casa, eu posso jurar que senti o cheiro do perfume dela. Corri pra acender uma vela pra iluminar o caminho da minha mãe. O cheiro dela, menino, eu senti o cheiro dela. [chora e é abraçada por outras travestis]. Eu não ouvi minha mãe e tomei no cu. Ela dizia assim: “a minha princesinha vai deixar os homens no chão”, e eu dizia que era verdade. Eu acreditei mesmo que os homens ficariam nos meus pés. Eu acreditei nisso. Acreditei. (Samantha Carrara, Belém, 2017).

Graças aos contatos e ao dinheiro de Olga, Antonieta e Samantha adentraram o ano de 1986 com silicone em prótese nos seios e mais alguns procedimentos cirúrgicos. No entanto, o resultado não foi muito bem assimilado por ambas. Enquanto Samantha se sentiu realizada, “muito mais mulher do que eu pensava”, conta, Antonieta se frustrou. Segundo ela, não foi exatamente com os procedimentos, mas com a anatomia do seu próprio corpo. Aos poucos, ela recorda, foi compreendendo os conselhos de Olga de que não nascera para se prostituir.

Suas formas, muito masculinas, se sobressaíam mais que qualquer tentativa de intervenção estética que tinha à disposição na época. Suas pernas, como se tivessem se escondido durante anos de seus olhos, passaram a ser vistas como eram, arqueadas, boleadas para fora, formando um arco pela metade. As costas eram muito grandes e seus movimentos, considerados “bruscamente masculinos”. Assim, em seu entendimento, todos esses “defeitos” seriam corrigidos pelas cirurgias e pelo silicone, como se este último, principalmente, tivesse o efeito mágico de feminilizar ao menor contato.

Cafuçu, viado, isso mesmo [concordando com outra travesti], era cafuçu³⁹⁰ mesmo. Menino, eu tava lutando contra esse caralho de corpo de caboco do meio do mato. Por mais que eu fosse feminina, ficava uma coisa estranha. Não era a mesma coisa que ela [aponta para Samantha], mulher natural, sem esforço nenhum. Eu era uma pedra bruta, sabe. Quer dizer, continuo, né? Pode falar na minha cara, não ligo mais, eu tenho dinheiro, é o que importa [gargalhadas]. A única coisa que eu consegui resolver com cirurgia foi meu lábio de cima que era partido, melhorei a voz também, mas continua grossa, né? Enfim, Deus me colocou no mundo pra ser rica e não mulheríssima. (Maria Antonieta, Belém, 2017).

³⁹⁰ Esta expressão designa o homem rústico, másculo, sem qualificação profissional. É considerada uma derivação aportuguesada do termo “lumberjack”, tradução literal de “lenhador”. Pode ser usado para diminuir determinado indivíduo, embora seu uso esteja mais associado para rotular o homem com o qual se tem determinado fetiche sexual.

A partir das díspares percepções sobre os resultados obtidos com as cirurgias e com o silicone, Antonieta e Samantha continuaram os planos traçados em Belém. Olga se mantinha presente, por telefone e também por meio dos funcionários que tinha em São Paulo. Seis meses depois, foi ao encontro das pupilas. Segundo Antonieta, a patroa nem se deu ao trabalho de disfarçar a alegria ao ver Samantha torneada, com curvas bem delineadas, cabelos caindo pelas costas, cada vez mais feminina. Ao se virar para encarar Antonieta, dissera: “Eu te avisei que isso era marmota”.

Após assimilar a decepção, Antonieta decidira que a melhor coisa a ser feita era se aperfeiçoar na carreira de empresária de travesti. Já plenamente familiarizada com as regras estabelecidas, passou a fiscalizar, na rua Major Sertório, no centro paulistano, as apadrinhadas de Olga, fazendo questão de ser incisiva na cobrança dos pedágios. Rápido pegou jeito para a coisa e sua fama de “durona” se alastrou. A única que escapava do seu rigor era Samantha, que continuava gozando do privilégio de ser a filha preferida da patroa.

De acordo com os planos de Olga, a expansão dos negócios englobava, ainda, enviar as duas para a Europa, Antonieta para articular o envio de travestis genuinamente brasileiras para o ávido mercado europeu, e Samantha para servir de vitrine do empreendimento. De acordo com Antonieta, os contatos europeus da patroa estavam tendo problemas e ela precisava de alguém da sua inteira confiança para ampliar o mercado. Ela, Antonieta, fora a escolhida para ser a representante dos negócios naquele continente.

Partindo desse entendimento, Antonieta e Samantha se prepararam para a viagem internacional, a primeira de muitas que ambas fariam. Saíram do Rio de Janeiro no dia 10 de fevereiro de 1988, com escala em Casablanca, no Marrocos, e destino final em Bucareste, capital romena. A escolha da rota, segundo Antonieta, era para fugir das fiscalizações. Embora, naquele período, a Europa ainda fosse relativamente tranquila para a entrada de travestis, diz Antonieta.

De Bucareste, as duas viajaram de trem para Varsóvia, na Polônia, e de lá para Berlim, na Alemanha, o restante do caminho, até Barcelona, feito por estradas, em caminhões que faziam parte do esquema de Olga. Este percurso, segundo Antonieta, foi o único que ela seguiu ao enviar travestis durante todo o tempo que trabalhou nesse tipo de negócio, mesmo após a morte da patroa. As únicas vezes em que viajou ao continente europeu seguindo a rota

comercial, saindo do Brasil, com escalas eventuais em Lisboa e Madri, foi para passear, afirma.

Menino, a Samantha não tinha problema nenhum. Nunca teve, nunca teve. Os caras olhavam pra ela e viam uma mulher de verdade, até a voz da demônia é de mapô [mulher]. Se ela viajasse em voo direto, não ia ter babado, sabe. A gente fazia o círculo maior por causa de mim e também quando eu enviava as outras meninas, né? Só uma vez eu mandei meninas sozinhas. Eu já viajei pra Europa mais que presidente da República. Geralmente, eu ia com elas, pra não ter bronca, a patroa matava um se desse caô. (Maria Antonieta, Belém, 2019).

Nessa primeira vez na Europa, as duas moraram em Barcelona, na Espanha. Antonieta logo se familiarizou com os contatos de Olga, anotando tudo o que achava importante, principalmente a diversidade de moedas em tempos de inexistência do Euro, a moeda da União Europeia (UE), lançada a partir dos anos 2000. Assim, sua primeira missão foi aprender a converter as pesetas espanholas, as liras italianas, os marcos alemães e os francos franceses, principalmente.

Em sua primeira viagem internacional, Antonieta ficou clandestinamente em Barcelona por sete meses. Parte deste tempo foi usado para conhecer os outros contatos da rede, não somente em Barcelona, mas em outras cidades europeias, que ela percorria de trem, sempre com algum parceiro de trabalho. Nas noites em que se dava folga, aproveitava para sair com Samantha e, juntas, exploravam a noite “fedorenta e com cheiro de sexo” da capital catalã³⁹¹, afirma Antonieta.

Foi durante os sete meses em Barcelona que Antonieta conheceu Sambueza, uma mulher cis paraguaia, prostituta, pela qual se apaixonou. “Sou uma travesti hétero³⁹²”, reforça. Embora tenha se imiscuído com homens desde a mais tenra infância, Antonieta diz nunca ter se encaixado na orientação de homossexual. Mas, curiosamente, a relação mantida com Sambueza foi o único “relacionamento heterossexual” duradouro, confessa.

³⁹¹ A cidade de Barcelona passou pelo processo de gentrificação, ou seja, foi bastante modificada, mantendo características históricas, resultando num acelerado processo de valorização imobiliária e turística, principalmente, por conta da realização dos jogos olímpicos ocorridos em 1992. Antes, porém, a cidade era conhecida pelo elevado nível de criminalidade, sujeira, prostituição e pobreza. Ver: [Berço da era moderna: Barcelona depois dos jogos olímpicos \(correiobraziliense.com.br\)](http://Berço da era moderna: Barcelona depois dos jogos olímpicos (correiobraziliense.com.br)).

³⁹² Embora eu vá abordar aspectos semelhantes no capítulo seguinte, quero frisar que Antonieta não se via enquanto “mulher de verdade”. Ante ao meu questionamento sobre se dizer hétero, ela respondia que se mantinha pênis e não era aceita como mulher, então mantinha vivo o homem que residia nela juntamente como a travestilidade que mostrava e, como ela se apaixonou por uma mulher cis e viveu essa relação, completava o raciocínio se classificando desta forma.

Da parceria com a namorada paraguaia surgiu a dupla “Gal & Mercedes”, uma formação que unia as cantoras Gal Costa e Mercedes Sosa, brasileira e argentina, respectivamente. Antonieta relembra que como não tinha tino para a prostituição, aproveitou que a namorada, além dos programas, fazia “bicos” de dublagem num pequeno bar nas margens do mar Mediterrâneo. Foi neste bar, recorda, que elas passaram a se apresentar em dupla, dublando sucessos das duas cantoras.

Eu dublava “Meu nome é Gal” e “Índia”. Sambinha [Sambueza] dublava “Gracias a la vida” e “Chichiarita”, depois a gente dava uns migué [enrolava] com uns samba, eu metia um carimbó no meio, ela umas coisas do Paraguai. Me lembro que a gente tinha figurino, eu usava uma peruca de cabelo liso, bem pretinho, parecendo uma índia mesmo. E quando eu dizia “yo soy del Amazônia”, viado, quando eu falava isso, era a senha. Aqueles macho tudo queria ouvir a gente dublar. Uma vez eu disse pra Samanthinha: “bicha, a senhora precisa dizer que é da Amazônia, esse é o seu trunfo. Diz que é da Amazônia, viadinho, fala assim: ‘sou da Amazônia, caralho, tenho cu com gosto de tucupi’ [gargalhadas]. (Maria Antonieta, Belém, 2019).

Samantha, por sua vez, não simpatizava muito com a ideia de se declarar amazônica. Afirma que se sentia uma nativa europeia, andando pelas ruas, recebendo olhares dos homens, sendo desejada. Ela recorda que como nunca tivera, até aquele momento, a obrigação de trabalhar, “levava uma vida de patricinha europeia, bebendo, dormindo, dando pra europeu gostoso”, lembra. O choque de realidade veio assim que a primeira estadia de Antonieta chegou ao fim e ela teve de retornar para a cidade de São Paulo.

Devidamente familiarizada com o funcionamento de “exportação de bicha” do Brasil para a Europa, conta Antonieta, e trazendo na mala um grande amor, a paraguaia Sambueza, houve a separação entre Samantha e Antonieta. Era chegado o momento de cortar os laços de proteção e permitir que ambas seguissem seus caminhos. “Não demonstrei, né? Bicha forte não demonstra, mas eu sabia, viado, eu sabia que era roubada. Aquela bicha [Samantha] é chave de cadeia”. Assim, Antonieta e a namorada voltaram ao Brasil e Samantha permaneceu em Barcelona.

Meses após ter ficado sozinha na Espanha, Samantha já havia acumulado uma quantia significativa de pesetas. O enriquecimento, pensou, era questão de tempo. Com o objetivo de encurtar o caminho à fortuna, decidiu que era a hora de deixar Barcelona para trás e ir para um lugar no qual pudesse ser mais cortejada. A cidade escolhida foi Madri, a capital espanhola. Nesta cidade, após um início vacilante, Samantha começou a fazer o nome. Usando a recomendação de Antonieta, passou a ventilar o epíteto “made in Amazon”, rapidamente

sendo conhecida, entre travestis e clientes, como a “Transamazônica”, trocadilho entre a rodovia que corta a região e sua identidade de gênero trans... da Amazônia. O sucesso de Samantha foi meteórico.

[depois de alguns minutos olhando para o chão] foi meu ponto mais alto. Foi meu ponto mais alto. Olhando pra mim agora ninguém diz, né? Eu mesmo, mano, eu mesmo me olhando não consigo me reconhecer nas lembranças. Parece que foi um sonho, um sonho lindo. Eu era a travesti mais cara e mais gostosa de Madri, sem hormônio nenhum no corpo, só prótese [silicone], carne e uma pica dura pra comer europeu. Uma travesti afeminada que fez dinheiro sendo ativa, vê se pode, mano [risos]. (Samantha Carrara, Belém, 2017).

As notícias vindas do Brasil, no início dos anos 1990, eram as mais sombrias possíveis. Não era diferente na Europa, recorda Samantha. A epidemia de Aids seguia fazendo vítimas fatais e simbólicas pelo caminho. Dentro da prostituição, o golpe foi mais duro, pois o medo mantinha-se à espreita. No entanto, diz Samantha, após o choque advindo com as mortes, ao menos na Europa, o retorno às calçadas foi veloz e fervilhante. “Parece que os macho tavam preso e quando saíram era putaria direto”. Samantha afirma que somente no ano de 1991, no Brasil, perdeu quase todas as travestis que conheceu quando lá esteve para fazer as cirurgias estéticas. “Ou foi assassinada, ou foi a tia [Aids]”, afirma.

Além das mortes por conta da epidemia, havia as mortes nas ruas e calçadas, por tiros, pedradas, facadas. Essa era a vantagem do Brasil para a Europa, pois no primeiro a morte de travestis era concluída sem cerimônia, enquanto no velho continente, ao menos nas “ruas e calçadas a gente não morre assassinada³⁹³”. Não ser assassinada em público não minimiza o estigma que as travestis enfrentavam/enfrentam na Europa, lembra Samantha.

Em São Paulo, paralelo ao desastre causado pela Aids, outra tragédia amedrontava as travestis: um assassino em série cuja marca registrada era, além de matar, atirar no olho esquerdo da vítima. O jornal Folha de São Paulo, em edição de 30 de novembro de 2011, trazia o caso à tona por conta de mais uma detenção do assassino³⁹⁴. Pouco tempo após ter feito as primeiras vítimas, Carlos Letang, então policial da Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA), fora preso. Enquanto cumpria a pena de 18 anos, se formou em sociologia, virou pastor e estagiava num escritório de advocacia.

³⁹³ ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A princesa**: a história do travesti brasileiro na Europa escrito por um dos líderes da Brigada Vermelha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 87.

³⁹⁴ Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/12107-ex-pm-e-presos-suspeito-de-matar-travesti.shtml>

Depois de ter cumprido 1/3 da pena, foi posto em liberdade. No entanto, menos de três meses depois, voltou a matar travestis, usando o mesmo método de antes, fato que facilitou a investigação empreendida pela polícia. Letang foi preso e logo em seguida expulso da corporação. Além dos processos por homicídios, o ex-policial ainda enfrenta outros processos por conta de ter feito parte do comboio que invadiu o presídio do Carandiru, resultando no massacre de 111 detentos. Letang, aliás, foi o último policial condenado por essa invasão, tendo recebido, por este crime, 624 anos de prisão³⁹⁵. Os outros policiais que participaram da invasão haviam sido condenados em julgamentos anteriores.

Sambueza, a namorada paraguaia de Maria Antonieta fora vítima de Carlos Letang. Confundida com uma travesti, Sambueza é considerada, oficialmente, a quinta vítima do matador em série. Além da namorada, Maria Antonieta ainda perdeu três travestis que foram vítimas do assassino. Amargurada, Antonieta volta para Belém, ficando aos cuidados de Olga, a esta altura já mostrando os primeiros sinais da contaminação pelo vírus da Aids.

Percebendo que a situação era delicada, Antonieta decide que não era o momento de vacilar, assumindo, ao contrário do que imaginara, os cuidados pela saúde de Olga, de Dona Chiquinha, já bastante idosa, e dos negócios da patroa. Nesse ínterim, Samantha, que não mais dera notícias da Europa, caiu em relativo esquecimento por parte de Antonieta, que preferiu acreditar que a irmã estivesse bem. Em verdade, Samantha estava bem, apesar das notícias que lhe chegavam. Depois de ter deixado Madri para trás e de ter permanecido alguns meses em Paris, Samantha decidiu que moraria na Itália, escolhendo o local que Olga havia decidido anos antes.

Em Áquila, cidade relativamente próxima a Roma, capital italiana, Samantha fixou residência. Havia gostado do clima, das pessoas, da hospitalidade. Nesta cidade era tratada como uma “autêntica mulher”, lembra. “Não tinha esse olhar de lado, sabe, eu era tratada normal”, continua. Em território italiano soube das notícias vindas do Brasil, com exceção do estado de saúde da mãe adotiva. Não sabe precisar se foi poupada por Antonieta ou por pedido da mãe.

De acordo com o planejamento traçado por si, não havia possibilidade para retornar ao Brasil. Seguiria trabalhando pelas ruas de algumas cidades italianas, nunca ficando mais de três meses num só lugar, como forma de manter acesa a novidade que representava. Ainda

³⁹⁵ Ver: [O matador de travestis - ÉPOCA | Tempo \(globo.com\)](#).

consoante aos planos, pensava em juntar uma boa quantia, arrumar um marido europeu, casar e fixar residência. Conseguiu manter a meta durante alguns meses. Até que os planos começaram a desandar, exatamente quando quebrara um dos mandamentos preconizados por Olga: não se apaixonar.

Eu ainda lembro de tudo. Quando eu vi o Tarik a primeira vez... [longa pausa]. Ele tinha quase dois metros de altura, cabeça raspada, muito branco, um macho lindo. Já tava encerrando minha batalha naquele dia, tava apenas conversando com as bichas, fazendo hora. Resolvi parar no boteco que eu costumava ir, tomar uma dose antes de ir pra casa e pronto. Eu tava sentada, bebendo minha dose. Ele tava sozinho na mesa na minha frente. A gente se olhou e puta que pariu. Era ele, mano, era ele. Não me lembro se eu pisquei pra ele, se eu chamei ele, mas ele veio pra minha mesa. Eu não entendia o que ele falava, não era italiano, não era espanhol, na hora eu não sabia. Peguei ele pela mão e levei pra minha casa. Fiz sexo com aquele macho durante horas, mesmo cansada de batalhar a noite toda. Eu deitei com aquele homem e depois disso fui pro paraíso. Tarik era da Bósnia. Tava fugindo da guerra. Ficou morando comigo. (Samantha Carrara, Belém, 2019).

O homem pelo qual Samantha se apaixonou era soldado do exército da Iugoslávia e havia desertado quando recebera ordens para bombardear vilarejos na então região autônoma da Bósnia e Herzegovina, da qual ele descendia. Além desta região autônoma, faziam parte da Iugoslávia a Croácia, Sérvia, Montenegro, Macedônia, Eslovênia e Kosovo³⁹⁶. Estas nações ficaram durante décadas sob a tutela rígida do comandante comunista Joseph Tito e, após a morte dele, foram se rebelando pela independência, em conflitos sangrentos.

Envolvida pelo afeto que sentia por Tarik, Samantha diz que quebrou mais uma recomendação da mãe: não sustentar homem. Compadecida da situação do namorado, tentou maternalmente, suprir as ausências que ele sentia naquele momento pós-deserção. Em suas lembranças, o jovem estava atormentado com as notícias vindas da Iugoslávia e que passava o dia todo em frente à televisão. Ela afirma que o rapaz pouco saía de casa, postado em frente ao aparelho de tv, absorvendo as informações que eram transmitidas, tentando mostrar para Samantha, que ainda não sabia ler nesse período, o horror do que acontecia em sua terra natal.

³⁹⁶ O historiador Robert Service compreende, além dos que citei, mais outras regiões que se consideravam autônomas, aumentando, dessa forma, o número de conflitos. Faz, ainda, um interessante debate sobre “nação” e “Estado”, na mesma linha, talvez por ela influenciado, embora não cite diretamente, de Eric Hobsbawm. Service chama os povos sob a tutela de Joseph Tito de “nações em cárcere” que se inflaram em busca de liberdade tão logo o líder iugoslavo morreu e o socialismo soviético perdeu influência. Acrescenta, também, o belicoso governo de Slobodan Milošević, responsável, julgado e condenado no tribunal de Haia como um dos maiores genocidas do século XX. Ver mais em: SERVICE, Robert. **Camaradas**: uma história do comunismo mundial. Rio de Janeiro: DIFEL, 2018. Ver ainda: REIS FILHO, Daniel Aarão. **Uma revolução perdida**: a história do socialismo soviético. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. Ver também: HOBSBAWM, Eric. **A questão do nacionalismo**: nações e nacionalismo desde 1780. Lisboa: Terramar, 2004.

Segundo Samantha, ao longo dos meses, Tarik e ela foram esboçando formas de comunicação para além do idioma corporal. Juntando frases soltas e tentativas de fazer o companheiro aprender gírias em português, os dois começaram a estabelecer algum diálogo. E, desse modo, Samantha foi tendo conhecimento, diretamente da fonte representada pelo namorado bósnio, sobre a religião muçulmana, a proferida por ele, sobre “ódios seculares” de determinado povo em relação a outro e, principalmente, sobre o nacionalismo.

Paralelo à vida que levava nas ruas, Samantha afirma que o companheiro foi estabelecendo contatos com outros desertores. Aos poucos, a vida dela se dividiu em ganhar dinheiro nas ruas, a vida de casada e frequentar reuniões secretas em Roma nas quais se debatiam a situação do conflito bósnio que já avançava para o segundo ano. Para Samantha, a vida que sonhou estava, dia após dia, se materializando. A família que sempre desejou estava acontecendo e creditava isso ao jovem Tarik, que a aceitava do jeito que ela era, nunca, segundo ela, colocando em xeque a sua identidade de gênero.

Eu era a senhora Molson [sobrenome do companheiro] em todo lugar, pra qualquer amigo que ele me apresentava. Ele dizia assim: “This is my wife, Mrs Molson”, e depois dizia no meu ouvido o que ele tinha contado, né? Eu não entendia. Depois uma bicha amiga minha me confirmou que wife era esposa e eu chorei de emoção. Meu homem me chamava de wife. Toda vez que eu ouvia wife eu sentia vontade de chorar, sabe. Na rua, na televisão, na boca de qualquer pessoa, se alguém dizia wife, eu lembrava dele me chamando de wife, esposa, né? (Samantha Carrara, Belém, 2019).

No primeiro semestre de 1994, Samantha iniciou uma derrocada que culminou na quebra de mais um mandamento preconizado pela mãe adotiva: não usar drogas. Antes de sair para mais um dia nas calçadas de Roma, ela diz que arrumou a casa, fez sexo com o marido antes de ir parar em outros corpos, seguindo um acordo entre eles, e preparou a janta. Deu um beijo no companheiro e saiu para mais uma noite de trabalho como tantas outras.

Ao retornar, já amanhecendo, passou na padaria e comprou pães, hábito que ela diz não ser dela. “Levei pão. Quando saí da padaria achei estranho eu levar pão, parecia estranho”, recorda. Assim que abriu a porta, levou o primeiro de muitos sustos. Inicialmente, achou que tinha entrado na casa errada. Deu alguns passos para trás para observar se era a mesma casa, mesmo sabendo que era. Ela afirma que foi correndo por cada cômodo, procurando os conteúdos, os móveis, as coisas que ela tinha comprado para dentro de casa. Não havia sinal algum de vida ali dentro, a não ser ela.

Samantha afirma que saiu gritando, pedindo ajuda, querendo alguma explicação. Perguntava, ainda, pelo companheiro, dizendo que ele poderia estar em perigo. Em momento algum, ela lembra, pensou que ele seria o responsável por tudo aquilo. Não existia espaço para culpá-lo por algo, ela destaca. No dia seguinte, deitada no chão da sala vazia, Samantha foi recuperando a razão e concluindo que fora vítima de um golpe dado pelo companheiro. Embora não conseguisse acreditar no que estava diante de si, concluiu que era o momento de levantar e procurar resolver aquilo tudo. Com a mesma roupa usada nas calçadas na noite anterior, pois não tinha mais outras, retornou ao batente disposta a lutar. Recomeçar não era exatamente uma novidade em sua vida, no entanto, Samantha já não era a mesma e o golpe sofrido veio do homem que havia sido o destinatário do amor que ela guardara para alguém.

Alheia ao que acontecia no Brasil, com a própria família, Samantha enveredou pela heroína, inicialmente para se manter em pé e suportar o frio das madrugadas italianas, o mesmo frio que ela nunca havia reclamado. Ela afirma que como sempre foi procurada pelos clientes, não precisava estar seminua nas calçadas como muitas costumavam fazer. Mas, como aquele momento era extraordinário, Samantha “liberou geral, geralzão mesmo”, diz. Sufocada pela tragédia afetiva, pela solidão e pela perda de tudo o que conseguira até ali, incluindo alguns milhares de dólares, que ela afirmava possuir dentro de um cofre no quarto do casal, Samantha sucumbiu.

Os dias, semanas e meses se passaram e notícia alguma de Tarik chegava. Além da completa ausência do companheiro, ainda teve de suportar o escárnio de outras travestis que aproveitaram o momento para destilar o desprezo que sentiam pela “Transamazônica”. Conseguindo pouco dinheiro, pois os clientes que antes a procuravam por causa do corpo bem delineado, da beleza indígena e da sempre disponível ereção, começaram a rarear, muito por conta da magreza excessiva que ela exibia e também do mal cheiro que seu corpo exalava. Samantha começou a experimentar um tipo de inverno muito particular.

Comecei a usar heroína com os moradores de rua na Via Ápia [estrada de Roma]. De noite dá tudo o que não presta ali. E eu tava muito miada. Eu não entendia e até hoje não entendo o que rolou, sabe. Durmo e acordo com um homem lindo, meu macho mesmo, e quando volto do trabalho não tenho mais nada. E depois disso é como se ele tivesse sido engolido pela terra. Sumiu [chorando]. Faz mais de 20 anos, mano, tu sabe, e eu não consigo ter raiva dele. Só queria saber por quê? Tu me perguntou se eu acho que ele me amou. Vou te dizer. Ele queria ajudar a libertar o povo dele, ele queria ser livre junto com o povo dele, tá sabendo, e a gente precisa fazer isso aqui no Brasil também, e agora a gente tem a oportunidade com o Bolsonaro. Acho que ele me amou, mas o amor pelo povo dele foi mais forte. Mas ele me amou, né? E a grande lição que ele deixou pra mim foi amar o meu país, ser patriota, ser brasileira com orgulho. (Samantha Carrara, Belém, 2019).

Após o consumo excessivo de drogas, principalmente heroína, Samantha não conseguiu mais pagar o aluguel do sobrado no qual morava, foi despejada e passou a intercalar horas de sono em praças e viadutos na periferia de Roma. Ela afirma que quem conheceu Samantha Carrara, a Transamazônica, a travesti com sabor de tucupi, não a reconhecia mais. Ela diz que se não fosse por uma travesti do Maranhão, que havia chegado à Europa havia pouco tempo pelas mãos da irmã, Maria Antonieta, ela teria morrido em Roma, pois, ressalta, já tinha desistido de viver.

A travesti maranhense Sarah Spinelli, ao constatar que aquela que estava diante de si era a famosa Samantha Carrara, rápido entrou em contato com Antonieta, que por sua vez, montou uma operação para resgatar a irmã. Enquanto a ajuda não chegava, Sarah acolheu Samantha em sua casa, atendendo ao pedido de Antonieta. Aguardando a chegada da irmã, Samantha experimentou as primeiras sensações da abstinência. Não conseguia se alimentar, suava muito e passou a ter alucinações. Ela diz que “gritava por Tarik” em vários momentos ao longo do dia. Interpelava Sarah, a anfitriã, por Tarik, querendo respostas, obtendo dela apenas silêncio e um sorriso de compaixão.

Quando a ajuda, enfim, chegou, duas semanas após o alerta dado por Sarah, veio materializada na presença de Maria Antonieta. Ela foi ao encontro de Samantha, ordenada por Olga, que exigiu que ela fosse buscar a irmã. De volta ao Brasil, tiveram de permanecer alguns meses em São Paulo, pois Samantha adoecera. Alguns gânglios no pescoço, febre intermitente e tosse seca a levaram ao Hospital Emílio Ribas. Após meses internada tratando uma tuberculose, foi liberada. Não mais teria motivo para se sentir sozinha. Segundo o médico que lhe dera alta hospitalar, Samantha teria a companhia do vírus da Aids.

Não foi necessariamente com surpresa que Samantha reagiu ao diagnóstico. Ela sabia dos riscos que corria, levando a vida que levava, seja na prostituição, seja no uso contínuo de drogas injetáveis, como a heroína. Ela reflete que, de certa forma, talvez tenha buscado por isso, não sabendo calcular os riscos, desiludida por tudo o que Tarik a fez passar. Ao contar para Maria Antonieta sua nova condição de soropositiva, foi surpreendida pela frieza da irmã: “Agora a família tá completa: mamãe, tu e eu. Tudo positiva”.

Em questão de meses, após o regresso para Belém, Antonieta teve de lidar com o falecimento de Dona Chiquinha. “Sou bruta, mano, é da minha natureza”, ela diz sobre não

ter sucumbido aos últimos revezes. Com a partida da mãe de santo que a acolhera e o definhamento de Olga, Antonieta assumiu de vez os negócios. A postura, afirma, mudou e passou a ser do jeito que ela entendia como certo. A partir daquele momento, Samantha havia perdido sua condição de filha predileta e também o dinheiro que recebia mensalmente. Antonieta decidira que Samantha precisava ganhar dinheiro “pra deixar de ser burra pra homem”, recorda.

Menino, tu me conhece, tu sabe que eu não admito bicha fuleira. E essa zinha aí é uma fuleira da pior espécie. Do que adianta ser linda e ser burra? Nem linda é mais, né? Virou chacota do que já foi um dia. E tudo por causa de quê? De homem. A bicha é burra. Quando eu disse pra Olga que ela ia ganhar dinheiro com o cu dela de novo na pista nossa mãe não falou nada. Pergunta pra ela [Samantha permanece de cabeça baixa]. Essa bicha foi só decepção (Maria Antonieta, Belém, 2017).

A relação das duas irmãs, após o retorno da Europa, foi marcada pela tensão. Quando as conheci, em 2004, Olga já havia falecido fazia alguns anos e Antonieta havia se transformado em autoridade numa parte do bairro do Reduto na qual um grupo de travestis se prostituía. Havia cobrança de pedágios, porcentagem sobre venda de drogas, além do agora mais secreto envio de travestis para países europeus. Samantha, mesmo tendo de lidar com a antipatia da irmã, que lhe acusava de ter “perdido a galinha dos ovos de ouro”, em referência ao falecimento de Olga, permaneceu ao lado dela. A Transamazônica, depois de ter sucumbido na Europa, não conseguiu mais ter o corpo escultural que lhe fez a fama.

Desiludida por tantas perdas, Samantha me procura para fazer um pedido pessoal. Ela gostaria de saber mais da doença, queria mais explicações sobre quanto tempo de vida ainda teria. Envergonhada por não saber ler, tinha medo e vergonha de procurar atendimento. Fui com ela num grupo de acolhimento para pessoas que vivem com HIV. No grupo, durante as primeiras reuniões semanais, permanecemos em silêncio. Até que Samantha resolveu se pronunciar. Diante de pessoas que possuíam o mesmo vírus que ela, disse que só chegou ali por causa da minha ajuda e que não queria morrer “desse negócio”. Como em todo grupo que busca auxílio mútuo, Samantha foi adotada por aquelas pessoas. Fazia muito tempo que eu não a via tão leve.

Por ter parado de tomar os remédios várias vezes, Samantha encontrou dificuldade em encontrar uma combinação antirretroviral que lhe ajudasse. Mas encontrou. Ela manifestava uma intensa vontade de recomeçar. Os anos passaram e Samantha continuava firme no projeto

de ser uma nova pessoa. Como havia deixado de se prostituir, passou a aceitar encomenda de doces e salgados, além de cortar cabelos masculinos na sala do pequeno barraco no qual morava nas margens do canal Tucunduba, na fronteira dos bairros do Guamá e Terra Firme, periferia de Belém.

Em 2012, Samantha me procura novamente para dizer que vai embora de Belém. Segundo ela, recebera uma proposta de emprego no canteiro de obras da usina hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, no Pará. Quando questionei sobre o que ela faria, de fato, naquele lugar, Samantha diz que um rapaz que ela cortou o cabelo lhe dissera que estavam recrutando pessoas para trabalho pesado e que pagavam bem. Além disso, continua, ela estava passando por problemas financeiros e não queria mais pedir ajuda para Antonieta. Sobre essa conversa, notei que fisicamente Samantha estava diferente. Perguntei o que estava acontecendo.

Ele disse que só aceitam homem lá no canteiro. Coloquei atadura pra disfarçar as peles [ela havia retirado o silicone] e agora tô usando essas roupas. Olha meu cabelo como tá. Eu não te disse que vou recomeçar? Eu vou recomeçar, mano. Confia em mim. A vida faz a gente fazer tanta coisa, né? (Samantha Carrara, Belém, 2012).

Samantha havia cortado o cabelo. Os longos fios pretos e lisos que me acostumei a ver não existiam mais. Para disfarçar, colocou um boné. Ainda deu tempo de dizer que se eu quisesse poderia chamá-la de “Seu Getúlio”, pois era assim que ela seria chamada lá no canteiro de obras. Por conta de uma pretensa imparcialidade que o pesquisador tenta cultivar, controlei minha vontade de lhe pedir para não ir. Aquela situação toda estava estranha, mas não me atrevi a questionar, pois tive receio de parecer inconveniente. Ela partiu para Altamira dias depois. Só fui ter notícias de Samantha em 2015, quando estava no mestrado e procurei Antonieta para participar da pesquisa. E foi ela, a irmã mais velha, quem me atualizou sobre a situação.

Eu te falei que aquela bicha não tinha mais jeito. Ela tava de namorico com um cara e foi esse cara que estimulou ela a ir embora. Ele era do exército, tinha dado baixa e tava liso [sem dinheiro]. O que ele conseguia arrancar da lesa era mixaria. E conseguiu esse emprego lá em Belo Monte e chamou a gala seca pra ir com ele porque ela é escada de homem, né? A bicha ficou sumida por quase dois anos e resolveu me ligar pedindo dinheiro. O tal cara achou o trabalho ruim e se mandou pro garimpo no Suriname e deixou a bicha sozinha. E ela achava que ele tava apaixonado por ela [gargalhadas] (Maria Antonieta, Belém, 2015).

Assim como procurei Antonieta e fiquei sabendo das novidades, procurei Samantha logo em seguida. No início, ela se mostrou arredia, pois já sabia que eu havia conversado com Antonieta. Me apressei em dizer que eu não era a pessoa mais adequada para julgar algo que ela tinha feito. E que eu estava muito feliz em revê-la. Ela rápido se desarmou e iniciamos uma longa conversa. Expliquei meus novos planos de pesquisa e ela, tal qual a irmã, decidi que também participaria. Samantha tocou no assunto Altamira muito rapidamente e só para confirmar o que a irmã havia dito. E finalizou com uma frase já conhecida por mim: “sou viciada em homem”.

Alguns meses depois, Samantha pediu minha ajuda para estudar. Queria se matricular e aprender a ler e escrever. O aniversário dela estava chegando e ela queria se presentear com uma matrícula. Na época, eu trabalhava numa escola noturna voltada para educação de jovens e adultos e foi fácil conseguir uma vaga para ela nas séries iniciais para pessoas não alfabetizadas. Não fui professor dela, mas nos víamos diariamente pelos corredores da escola. Meses depois de ter iniciado a vida escolar, após os 50 anos de idade, Samantha começa a interpretar um dos papéis mais lindos que já vi um adulto representar: aquele que descobre o formidável mundo da leitura e da escrita.

Encantada com a capacidade adquirida em relação ao próprio nome, Samantha o escrevia em vários pedaços de papel e me mostrava, sempre fazendo questão de separar em sílabas. Agora, diz, ela sabia escrever o próprio nome. Ainda no campo das descobertas escolares, Samantha me faz uma pergunta: “travesti escreve livro de histórias?”. Momentaneamente, fiquei sem saber o que responder. Eu não entendia o que aquela pergunta significava, embora fosse objetiva e clara.

Respondi perguntando o porquê da pergunta. Ela abre a mochila e me mostra duas folhas de papel. Na primeira havia alguns parágrafos e na segunda a cópia da capa do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus. Ela dizia que era uma atividade que a professora havia passado e que numa das páginas que ela tinha em seu poder continha alguns parágrafos da obra. A professora havia comentado para a turma que Carolina havia sido uma mulher preta e favelada e que havia escrito aquele livro. E foi essa informação que fez Samantha elaborar a pergunta que me fez.

Eu não sabia como responder aquele questionamento. O livro de Amara Moira³⁹⁷ só fora lançado um ano depois, de modo que não pude usá-lo como resposta. Mas lembrei que travestis tinham sido representadas na literatura e citei alguns exemplos para ela, como a personagens trans Timóteo Menezes, de Lúcio Cardoso, alguns contos de Caio Fernando Abreu³⁹⁸, pensei em citar Silviano Santiago³⁹⁹, Cassandra Rios⁴⁰⁰ e Marcelo Pedreira⁴⁰¹, mas não fui adiante. Samantha já havia entendido que não havia travestis autoras de literatura, ao menos não que eu conhecesse. Havia personagens e mesmo estas eram marginalizadas, literariamente abjetas⁴⁰². Quis saber por que ela tivera aquele pensamento.

Eu tava ouvindo a professora falar e me veio na cabeça. A mulher que escreveu aquele livro é preta, é da favela, mas ela fez aquele livro, né? E a gente tava falando dela na escola. Pensei que a gente podia tá falando de um livro de travesti, né? Mas eu viajei na maionese. Conheço várias travesti que num sabe ler e escrever, igual eu, então a gente não vai fazer livro, imagina (Samantha Carrara, Belém, 2015).

Samantha conversou casualmente, como se tivesse contando uma frivolidade, mas fiquei extremamente tocado com aquele raciocínio. Ela havia encontrando, no pouco que ouviu sobre Carolina, uma conexão. Não pude aprofundar, naquela ocasião, meus próprios pensamentos, pois Samantha perguntou se eu poderia ler aquele livro para ela. Como ela havia mostrando genuíno interesse pela obra, aceitei. Calhou que no dia marcado ela estava em companhia de Antonieta, de modo que fiz a leitura para as duas. Dei liberdade para elas me interromperem sempre que alguma palavra não fosse assimilada. A primeira vez que isso aconteceu foi na frase: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis⁴⁰³”. “Soezes”, foi a dúvida de Samantha.

³⁹⁷ MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

³⁹⁸ Os contos que faço referência são “Sargento Garcia”, de Morangos Mofados, e “Lixo e purpurina” e “Creme de Alface”, de Ovelhas Negras. Embora de obras originalmente diferentes, as três histórias podem ser encontradas na coletânea com todos os contos do autor gaúcho. Ver: ABREU, Caio Fernando. **Contos Completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

³⁹⁹ SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

⁴⁰⁰ RIOS, Cassandra. **Uma mulher diferente**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

⁴⁰¹ PEDREIRA, Marcelo. **A inevitável história de Letícia Diniz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

⁴⁰² Além das obras que citei anteriormente, é interessante lembrar o caso da travesti Cintura Fina, figura que existiu e foi colega de Hilda Furacão, no livro homônimo. Embora negra, na adaptação para a tv, foi interpretada por um ator branco. Além desta obra, há dois livros atuais que possuem personagens trans, mas que resvalam em estereótipos. O primeiro é o penúltimo livro de Chico Buarque e o segundo o penúltimo livro de João Silvério Trevisan. Em ambos as personagens trans são pobres e precisam da prostituição para sair da miséria. Ver: DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo: Geração Editorial, 2008. Ver também: BUARQUE, Chico. **Essa gente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Ver ainda: TREVISAN, João Silvério. **A idade de ouro do Brasil**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2019.

⁴⁰³ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993, p. 14.

Já Antonieta aproveitou e disse: “Ela não deita pra homem, igual eu, menino, essa aí é das minhas”.

Nossos encontros para leituras do livro de Carolina duraram meses. Lembro de ter comentado com elas que Carolina, embora tivesse escrito aquele livro, ainda sofria com desconfianças sobre a real autoria da obra⁴⁰⁴. Para o público que consome literatura, no início, ela foi uma grande novidade, afinal de contas uma mulher preta e favelada narrando seu dia a dia era algo extremamente exótico, muito mais por conta da surpresa de que pessoas como ela pudessem ter a ousadia de saber ler e, ainda por cima, escrever. O livro de Carolina, escrito como se fosse um diário, é narrado numa linguagem acessível, direta e com alguns deslizes ortográficos mantidos pelo editor. Como catadora de papel, a autora lia tudo o que aparecia pela frente, fato que ela repete várias vezes na obra.

Outro ponto no livro de Carolina acabou sendo, por acaso, motivo de discórdia entre as irmãs. Na obra, Carolina fala sobre os políticos brasileiros, que só visitam a favela quando é ano eleitoral. Vendem todos os tipos de sonhos aos pobres e depois desaparecem. Ela, no entanto, diz que político não se cria com ela, pois a realidade da favela nunca mudou por causa de frases de efeito e não será depois das visitas deles que isso vai acontecer. Quando passávamos por esse ponto da obra, Samantha começou a falar. Disse entender perfeitamente a lógica de Carolina, pois no Brasil a corrupção acaba com a vida das pessoas. Permaneceu nesse ponto durante alguns minutos até ser interrompida por Antonieta que confrontou a irmã. “Deixa aparecer um macho corrupto de pau duro na frente dela pra ver se esse papo de indignada dura muito tempo. Isso é vagabunda de sangue, menino”.

Após finalizada a leitura, comprei dois exemplares do livro e dei de presente a elas. Fiz Samantha prometer que, agora que ela já havia iniciado a formação de palavras, que tentasse ler o livro de Carolina em alguns momentos, que não perdesse a vontade de querer aprender. Promessa feita, prosseguimos com a pesquisa do mestrado. Dois anos depois, já tendo defendido a dissertação e iniciado os esboços para esta pesquisa, entramos, todos nós num processo confuso no país. Estávamos em 2018, finalizando o governo Temer, que havia

⁴⁰⁴ Quando cursei a disciplina “Literatura francófona”, no curso de Letras/Hab. Ling. Francesa, a professora Maysa Navarro fez, pela primeira vez esse comentário sobre a obra de Carolina, fato que tempos depois constatei em diversos autores que dela falam. Navarro fez esse comentário depois de uma exaustiva leitura de “La vie de Gargantua et de Pantagruel”, de Rabelais. Segundo ela, ainda haveria desconfiança no futuro se realmente teríamos lido aquele livro no idioma nativo do autor. De acordo com Navarro, algumas ações são consideradas privilégios de determinadas pessoas, como a autoria e a leitura. Neste segundo ponto ela também estava certa.

confabulado para o impeachment de Dilma Rousseff, e se agigantava a figura de Jair Bolsonaro.

Estou voltando a este ponto, já debatido neste capítulo, pois toda a atmosfera que alguns autores chamavam, e alguns ainda chamam⁴⁰⁵, de “polarização política”, acabou envolvendo as irmãs e provocou uma fissura tão significativa que separou as duas para sempre. Como boa parte da sociedade brasileira caiu no canto da sereia de Bolsonaro, que vendeu a imagem de “outsider”, de “nova política”, mesmo fazendo parte do establishment há quase 30 anos, a mesma sinfonia acabou seduzindo Samantha.

As irmãs, assim como muita gente, acabaram escolhendo um lado. Samantha fincou lugar ao lado de Bolsonaro e Antonieta ao lado de Haddad. Conforme o dia da eleição se aproximava, mais belicoso se tornava o clima entre elas. Samantha não fora a única a defender voto no capitão, mas foi a única que enfrentou a irmã. Poucos dias antes do segundo turno, como que antevendo a derrota, Antonieta dissera para um grupo de travestis, no “bar do Didi”, grupo, aliás, no qual estava Samantha.

Vocês, bichas, vão tudo tomar no cu. A nossa vida já era fácil, caralho? Não era fácil. Mas a gente não tava tão fodida. Agora vem um filho da puta não sei de onde e fala de viado, de preto, de mulher [chorando]. Eu sou preta, caralho, eu sou preta. Eu sou travesti e sou preta. Vou morrer por causa disso? Eles querem matar a gente. E vocês querem falar pra mim de corrupção? Vocês assaltam clientes, caralho. Aquela ali [aponta para Samantha] é a mais corrupta de todas e agora vem dizer na minha cara que o Bolsonaro vai mudar a vida de todo mundo. Viado burro, tapete de homem, e quer falar de corrupção. Vou dizer pras bolsominia tudo: bolsominia não vai se criar comigo e não quero mais papo com bolsominia (Maria Antonieta, Belém, 2018).

Na hora, achei que Antonieta estava sendo rígida por conta do momento, da emoção que tudo aquilo estava causando em todos nós. Mas ela falava sério. Segundo confissão de Samantha, a irmã havia expulsado as declaradamente “B17” e deixado somente as que pensavam como ela e as que não querem saber de se envolver no assunto. Após aquele evento, Antonieta e Samantha não se falaram mais. No final de 2019, quando fomos gravar uma entrevista para esta pesquisa, Samantha me disse que estava passando por problemas financeiros e que havia dias que não tinha o que comer. Ela disse também que fora pedir ajuda

⁴⁰⁵ AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

para a irmã, mas obtive como resposta “vai pedir comida pro teu presidente”, lembra Samantha.

Durante os mais de 15 anos de amizade com Antonieta, jamais a vi tendo alguma atitude politicamente engajada, de modo que o comportamento que ela adotou durante a eleição presidencial de 2018 me surpreendeu. Imagino que muitos, Brasil afora, contra ou a favor de Bolsonaro, tenham se descoberto inflamados. Os ataques do então presidente eram tão diretos e amplos que as ditas minorias, ou “maiorias minorizadas⁴⁰⁶”, como acertadamente prefere Lilia Schwarcz, acabaram reagindo e percebendo que muitos dos direitos que haviam conquistado de forma árdua ao longo dos anos, corriam o iminente risco de evaporação. Esta é uma leitura apressada, mas que pode jogar alguma luz sobre o comportamento de Antonieta. Quando fiz alguns questionamentos sobre a fala acima, ela, muito aborrecida, disse apenas: “não sou burra e nem cega”.

Sensibilizado pela situação de vulnerabilidade na qual Samantha se encontrava, me comprometi em ajudar. A partir daquele momento, em novembro de 2019, ficou acertado que eu doaria a ela uma cesta básica por mês. Alguém pode dizer que rompi uma barreira entre pesquisador e sujeito, mas, nessa altura da vida acadêmica, já não tenho mais os pudores que me impedem de ajudar alguém em situação de vulnerabilidade, principalmente quando sinto muita gratidão por esse alguém. Minha vida acadêmica tem muita contribuição de Samantha, não seria justo eu lhe negar ajuda naquele momento, mesmo discordando politicamente dela.

Os planos estabelecidos entre ela e eu, de ajuda alimentícia, acabou esbarrando na pandemia que surgiria meses depois. Nos quatro primeiros meses eu marquei um horário com Samantha num supermercado e ela levava a cesta. A partir de março de 2020, aquele encontro não fora mais possível. Entendi que duas pessoas no supermercado era arriscado, então eu compraria e faria a entrega. No final de março, após a pandemia ter sido decretada, comprei a cesta e fui deixar na casa dela. Comprei mais alguns produtos de higiene pessoal e deixei algum dinheiro. Ela me agradeceu, como sempre fez, com um longo abraço. No dia 08 do mesmo mês, Samantha telefonou para dizer que a irmã havia sido contaminada e estava internada num pronto-socorro da capital. Dois dias depois, no dia 10, Samantha ligou novamente para dizer que Antonieta havia partido.

⁴⁰⁶ Ver: [Maiorias minorizadas: a democracia no Brasil como ‘mal-entendido’ | Nexo Jornal](#).

No último dia de abril, comprei novamente a cesta básica e outros produtos e parti para a casa de Samantha. Ao chegar, logo notei que era questão de tempo a contaminação dela. Ela estava sentada numa pequena escada de madeira, sem máscara, conversando com algumas mulheres que também não se protegiam. Conversamos rapidamente, entreguei as encomendas e, pela primeira vez, recusei o abraço. Argumentei que aquela atitude não era recomendada por conta do momento pelo qual passávamos. Ela compreendeu e nos despedimos à distância. Na noite do dia, 01 de maio, feriado, Samantha ligou dizendo que estava com muita falta de ar. Fiquei de ajudá-la assim que amanhecesse. Quando liguei para o celular dela no dia seguinte, as chamadas se acumulavam. Soube, momentos depois de ter ido à casa dela, que haviam chamado uma ambulância na madrugada, mas que até aquele momento não havia chegado. Samantha morreu em casa.

Não tive coragem de entrar na casa dela, pois havia muitas pessoas. Aglomeração, naquele momento, ainda mais aqui no nosso estado, era muito arriscado, pois estávamos, junto com o Amazonas, enfrentando um caos sanitário sem precedentes, com hospitais recusando pacientes com covid, ambulâncias que nunca chegavam, frigoríficos que acondicionavam os muitos corpos vitimados pelo vírus e vala comum nos cemitérios. Entrei no carro sem saber o que fazer. Eu não conseguia compreender como uma pessoa que dois dias antes estava na minha frente, sorrindo, agora estava morta. Àquela altura, todos nós, creio, não sabíamos como lidar com o nascente e duradouro caos. Tanto Antonieta quanto Samantha tiveram a situação agravada por conta da imunodepressão que ambas compartilhavam, além de outras particularidades, de modo que o coronavírus se transformou numa significativa gota d'água transbordante.

Voltei para casa entristecido e preocupado com meu próprio bem-estar. Fiquei pensando no abraço que recusei. Na hora achei que talvez eu tivesse sido grosseiro em recusar. As duas irmãs – que haviam tido uma relação em boa parte tensa, que se intensificou durante o período eleitoral e se rompeu de vez quando o presidente Bolsonaro fora eleito – partiram sem se perdoar. A fissura escancarada pela política brasileira foi maior que os laços que as duas cultivaram por anos.

3.5 Primeira-dama do morro

O frio na barriga denunciava apenas para si a ansiedade que sentia naquele momento. Por fora, a serenidade de quem havia treinado durante dias e dias para estar ali. Era o primeiro ensaio geral na quadra da escola de samba e Magda, acompanhada pelo marido, o franzino, mas temido, Lanhoso. Ele, líder no morro do Urubu, era um dos patrocinadores da escola de samba e sua esposa, a estonteante Magda, desfilaria como passista na Marquês de Sapucaí cujo samba-enredo não seria mais adequado: “Eu prometo (ajoelhou, tem que rezar)”.

Ao primeiro rufar dos tambores, Magda foi saracoteando pela quadra, exibindo sorrisos, malemolência e curvas sinuosas de um novo corpo todo patrocinado pelo marido. Era a primeira vez, após uma série de procedimentos cirúrgicos, que ela exibia o resultado do investimento. Por ordens de Lanhoso, afilara o nariz, as maçãs do rosto, colocara silicone nos seios, nas nádegas e retirara costelas para afinar a cintura. Como Magda já era naturalmente feminina e retraída, o que foi confundido com “educação de mulher”, a transformação, embora abrupta, não foi traumática.

Depois que eu subi o morro, desci poucas vezes. Algumas era pra desfilhar no carnaval, algumas pra ir fazer cirurgia. Tirando isso, não saía pra mais nada. Eu vivia no morro quase o tempo todo. Assim que eu subi, o Lanhoso [Lanhoso] pediu pra me ver nua. De cara. Quer dizer, não na frente dos outros, né? Ele me levou pra casa dele e me beijou, depois disse pra mim tirar a roupa. Fiquei nuazinha. E ele foi falando que ia mandar colocar silicone ali, bem ali e bem ali. Nunca falou do meu pinto. Nunquinha. [risos] Eu disse pra você que não ia falar isso, lembra? Não posso falar disso dele. Nem tá mais aqui pra se defender. Mas ele pegava lá, tá? Não vou mais falar disso. [longa pausa] E eu na minha. Nem sabia o que era silicone [risos]. No mundo que eu vivia, as coisas eram simples, né? Eu tava na praia, com o pai, com o Iansã [barco] e a vida era isso. Eu nem pensava que homem podia virar mulher, nada disso. Quando ele disse que eu era a princesa dele, que era pra mim colocar silicone, que eu ia ser a mulata do coração dele, eu fui deixando. Você me perguntou se eu queria ser aquilo, se eu queria silicone. Não sei. Você queria ter ido pra escola quando era criança? Os pais mandam as crianças. Comigo foi assim. Ele queria, eu deixei. (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

Embora Lanhoso tenha sido o homem mais amoroso que a vida tenha apresentado a Magda, enquanto ela não virou “a mulata do coração dele”, não foi apresentada à comunidade do morro do Urubu. Do momento em que foi levada da casa de Dona Herculana para o topo do morro, meses se passaram. Nesse ínterim, apenas os homens da confiança dele, sempre armados, tinham acesso ao ainda garoto sem nome e sem silicone. O nome Magda, embora já estivesse presente nas conversas do casal, só passou a ser oficialmente proferido quando, diante do marido, externamente uma mulher se materializou.

A mulata desejada por Lanhoso, segundo Mariza Corrêa, tem origem na ambiguidade. Segundo a antropóloga, por um lado a mulata é assimilada a cheiros e gostos, como o manjeriço, o cravo, a canela, a baunilha, a mandioca, o alecrim. Nesse sentido, da mulata se extrairia o bom cheiro, o bom gosto. Por outro lado, continua Corrêa, a mulata seria algo indesejável, a infertilidade materializada, pois sua existência e nome derivariam do cruzamento entre éguas e jumentos⁴⁰⁷, sua continuidade tendo um fim de linha obrigatório.

A construção da mulata, destaca Corrêa, embora também contemple o homem, o faz de maneira restrita, pois o sexo masculino, quando exortado, é para destacar a “passividade sexual”, ou seja, a equiparação entre a mulher mulata e o homem mulato, associado à afeminação e à passividade, sexual ou não. A autora afirma que a ambiguidade da mulata diz respeito, primeiro, ao carnaval, à periferia, ao cotidiano do cidadão comum, que a enxergam como um retrato do país, algo genuinamente brasileiro; segundo, pelo viés dos discursos médicos, que destacam a masculinidade e a heterossexualidade do homem branco, deixando todo o resto, sempre negativo, para as demais paletas de cores, em cujo epicentro da degeneração sexual se encontra a/o mulata/o⁴⁰⁸.

Então, durante os meses em que teve seu vai-e-vem restrito ao barraco no alto do morro, Magda foi transformada – ou se transformou – em dona de casa. Passava boa parte do dia arrumando, passando, cozinhando. Quando o companheiro retornava das andanças, sempre acompanhado de homens armados, todos sentavam à mesa, e eram servidos por Magda, sorridente e prestativa. Sempre havia tempo, recorda, para retirar os tênis e fazer-lhe massagens enquanto, entre uma dentada e outra nalgum pedaço de carne, dizia que mataria fulano de tal por conta de alguma dívida. Matar foi um verbo, destaca Magda, que rápido aprendeu que era conjugado com seriedade, com extrema seriedade, nunca sendo usado ao léu.

Conciliando as funções de dona de casa, Magda, sempre no intuito de agradar o companheiro, descobriu que tinha um raro talento de pensar rápido com os números. Embora não tenha sido alfabetizada – e ainda hoje não foi –, enquanto estava sozinha em casa, ela revirava os cadernos que ele deixava sobre a mesa. Não compreendia as letras que haviam, mas notava que alguns números ali não batiam. Não sabia explicar como tinha chegado àquela

⁴⁰⁷ CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Campinas: cadernos pagu, 1996, p. 38. Disponível em: [Sobre a invenção da mulata | Cadernos Pagu \(unicamp.br\)](http://www.unicamp.br/cadernospagu) Acesso em 10/06/2021.

⁴⁰⁸Idem, p. 40.

constatação. No mesmo dia, horas mais tarde, enquanto estava sozinha com Lanhoso, explicou a ele o que tinha descoberto. Segundo ela, ele pegou os cadernos e refez os cálculos que ela tinha apontado e, para surpresa de ambos, Magda estava certa.

Assim, além de dona de casa, Magda passou a fiscalizar os cadernos da contabilidade do tráfico. Nos momentos mais delicados da nova tarefa, descobriu, inclusive, que havia um déficit considerável de determinada “boca”, fato que logo foi comunicado ao marido que, por sua vez, fez caça às bruxas. “Eu não sabia que tava me metendo em roubada”, diz Magda. O ovo da serpente iniciara a chocagem.

Com o tempo, Magda foi apreciando a família que tinha. Um homem que chamara de marido e os seguranças armados dele. No geral, não havia muita turbulência nessa rotina. E quando havia alguma coisa fora da ordem, mudava de casa, pois o companheiro possuía várias pelo morro. Numa delas, recebeu a visita do homem que transformaria seu corpo, o cirurgião plástico. Amigo e cliente de Lanhoso, o médico, segundo Magda, era contumaz apreciador da cocaína que o marido comercializava. Aparecia com certa frequência, mas nunca tinha sido apresentada a ele e, como já havia percebido, enquanto o marido não trazia alguém até ela, não havia necessidade de cumprimentar ninguém.

“Quero o corpo da Watusi em Magda, fica esperto, doutor”, foi a ordem dada por Lanhoso ao médico, segundo Magda. Watusi, ela saberia tempos depois, era uma artista brasileira conhecida por sua cor, pelo corpo delineado e pela beleza, além do talento. Assim, meses depois, entre um bisturi e outro, o arquétipo saía da abstração e ganhava materialidade. Magda, a passista, desfilava no coração do líder do morro do Urubu. Encantando com os resultados, Lanhoso convocou uma festa na favela para apresentar a esposa.

Magda escolheu, para o dia da festa, uma calça branca, que aderiu em suas curvas, um bustiê preto de costa nua, saltos altos, brincos longos, cabelo preso em rabo de cavalo. “Essa é a Magda, a primeira-dama do morro do Urubu”, disse Lanhoso, sob gritos e vivas da comunidade. Tão logo Magda entrou, foi recebida pelos presentes, acarinhada, chamada de musa. Segundo ela, ainda hoje tem dificuldade para assimilar aquele carinho todo com tudo o que veio depois.

Após esse baile inicial, muitos outros surgiram e Magda não ficou mais restrita ao espaço doméstico. O marido fazia questão de exibir a esposa, levando-a a todos os lugares, além de permitir que ela agregasse outras mulheres na laje enquanto se bronzeavam. Um

homem orgulhoso da esposa que tinha. Ela, por sua vez, compartilhava da mesma euforia. Os bailes aconteciam e, invariavelmente, lá estava Magda ao lado do marido. O ponto mais alto, relembra Magda, foi no carnaval de 1987, quando a escola da comunidade, Caprichosos de Pilares, apresentou o tema “Eu prometo (ajoelhou, tem que rezar)”. Foi a estreia de Magda na ala das passistas. “Foi a glória pra ele”, diz ela sobre o que isso significou ao marido.

Entretanto, após os anos de euforia e carnaval, Magda experimentou uma amarga ressaca. O ovo da serpente, que ela não sabia que havia descoberto quando passou a fazer a fiscalização nos livros de contabilidade do tráfico, se quebrou. Numa madrugada no início de 1990, nas proximidades do carnaval, Magda acordou com gritos e intenso barulho de tiros. Olhou ao redor e viu o corpo do companheiro ensanguentado e coberto de tiros. Mal conseguia entender o que estava acontecendo. Havia muitas pessoas por perto. Pensou estar num pesadelo, pois:

Foi tudo rápido. Eu acordei e olhei pro lado, na cama, e ele tava ali cheio de furo no peito. Tava nu do meu lado. Eu também tava nua. Eu gritei e um cara me pegou pelo cabelo e saiu me arrastando pra fora. Os cara tavam tudo armado, os cara que eu conhecia, que vivia ali comigo, eu não entendia. Foram me arrastando pelas ruas. Minha bunda ardia porque tava arrastando no chão. Me jogaram... [longo silêncio] Me jogaram na frente de um bar e me chutavam, pediam pra eu rezar porque eu ia morrer naquela hora mesmo. Tinha gente gritando pra não atirar em mim. Os cara me chutando. Eu já nem sentia mais dor, sabe. Só lembro que quando eu acordei eu tava no Souza Aguiar [hospital]. Fiquei muito tempo lá, meses. Toda quebrada. Só uma pessoa foi lá e pra dizer que eu não podia voltar pro morro, que os cara me expulsaram, que se eu voltar eu ia morrer. (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

O morro do Urubu havia sido invadido por uma facção rival do complexo do Lins⁴⁰⁹, que rivalizava com Pilares nos pontos de tráfico de drogas. De acordo com Luciana, a pessoa que acolheu Magda – que aparecerá mais adiante neste texto -, havia a disputa óbvia pelos pontos de comércio de drogas e armas, mas também havia a relação entre Lanhoso e Magda. Segundo ela, era motivo de zombaria que um traficante temido por sua crueldade, fosse casado com uma “mulher de pinto”. Magda não quis entrar nesse ponto, nem quando foi confrontada com a declaração de Luciana, alegando que desconhecia qualquer zombaria a esse respeito.

A recusa de Magda pode, sem maiores prejuízos à análise em questão, buscar refúgio numa curiosa percepção de Judith Butler acerca da “melancolia especificamente

⁴⁰⁹ Um aglomerado de bairros, mas Magda faz referência ao bairro de Lins de Vasconcelos, localizado na zona Norte da cidade, próximo a Pilares.

homossexual⁴¹⁰, que diz respeito à perda do objeto heterossexual, no outro, como também dentro de si. Levando em consideração que Magda simplesmente desconhece, ou prefere desconhecer, recusas por parte dos outros em relação a si, bem como ao relacionamento empreendido, tal percepção é, num primeiro momento, trazida à tona. Logo, pensando essa parte da vida de Magda, é possível inferir que há uma opção por não reconhecer que a névoa de julgamentos que envolvia o casal contribuiu para que houvesse o desfecho em questão, culminando com o banimento dela da comunidade.

Após longos meses internada no hospital municipal, Magda teve alta. Teve também um diagnóstico da sua situação. Cortes profundos no rosto em virtude dos inúmeros chutes, seis dedos dos pés decepados, um pedaço da parte superior do lábio arrancada e um problema crônico na perna direita que ficara com fratura exposta. Ela afirma que quando saiu do hospital ficou sentada na calçada sem saber para onde ir, bem como tentando entender o que a médica havia falado sobre não ter mais dedos, perna torta para sempre, faltando um pedaço do lábio. Dormiu por alguns dias dentro do cemitério do Caju⁴¹¹, pois não tinha para onde ir.

Após muito refletir, Magda decidiu procurar uma cabeleireira que trabalhara para ela quando ainda era “primeira-dama do morro do Urubu”, no bairro de Vila Valqueire, Zona Oeste carioca. Um dado que precisa ser considerado aqui e que acabará ditando muito da forma como Magda encarará a vida, diz respeito às percepções que as pessoas têm dela após a intensa violência física sofrida. A nova aparência física de Magda não passa incólume por quem por ela cruza. E as reações, ela diz, quase sempre são de horror. Reação que ela rápido compreendeu ao sair do Cemitério do Caju e ir para a Vila Valqueire. No ônibus, os olhares de horror se misturavam com nojo, pena e medo, como ela relata. Magda, que foi marcada pela injúria bem antes de saber quem era, agora era sentenciada como um monstro. Ou uma monstra, palavra que ela estoicamente assumiu para si, no feminino, e ressignificou.

Mancando pelas ruas da Vila Valqueire, procurando, perguntando a quem vencia o horror inicial que sua aparência evidenciava, Magda buscou por Luciana, a cabeleireira. Ao encontrá-la, afirma, a primeira coisa que disse foi “não me abrace”, uma vez que já havia internalizado a monstruosidade que os olhares alheios lhe acusavam. Chorou, pediu água e um pouco de comida. Nas palavras de Luciana:

⁴¹⁰ BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

⁴¹¹ Cemitério São Francisco Xavier, bairro do Caju, RJ.

Meu coração se partiu quando vi ela. Eu já sabia da confusão toda, mas achava que ela tinha morrido. Ninguém falou mais dela depois disso. Eu fico nervosa ainda hoje, você acredita? Isso tem quase trinta anos e eu ainda lembro como se fosse hoje. Ela não pediu pra morar aqui, mas eu sabia que ela queria isso. Disse que tava dormindo dentro do cemitério do Caju, você acredita? Não, não. É um ser humano. Deixei ela morando aqui comigo. Sou nordestina e sei o que é sofrer na pele na cidade grande. E ela me ajudava muito quando era primeira-dama. É um ser humano, você entende? Eu não podia. Agora a gente tá aqui ainda hoje, você acredita? Ainda hoje. (Luciana, Rio de Janeiro, 2018).

Após buscar a amiga cabeleireira, Magda aceitou o convite para morar com ela, desde que trabalhasse para ajudar nas despesas. Acordo feito, ela passou a ser secretária de Luciana, ajudando na contabilidade do salão de beleza, voltando a exercer umas das funções de quando era primeira-dama do morro do Urubu e que acabou contribuindo para a destruição do seu casamento.

Em nossa primeira conversa para esta pesquisa, após nosso primeiro encontro num baile de carnaval na avenida Presidente Vargas, na cidade do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2017, Magda me mostrou uma fotografia tirada no carnaval de 1987. Ela segura, com as mãos levemente trêmulas, um porta-retratos desgastado, no qual é possível ver um corpo negro, esguio, coberto de purpurina, colar de pedrarias cobrindo o colo, tapa-sexo dourado. Ao contar sobre esse desfile, eternizado na fotografia amarelada, Magda mostra um raro sorriso de dentes manchados de nicotina. Ao apresentar a fotografia para mim, ela quis mostrar, sustentando entre os dedos, a prova de que um dia já foi “uma linda mulher”.

Magda sente um indisfarçável prazer ao mostrar a fotografia de quando era musa da escola de samba Caprichosos de Pilares, de quando a fotografia mostrava toda a sinuosidade de um corpo milimetricamente pensado para ser escultural. E foi escultural, como ela faz questão de enfatizar. Mas, também de acordo com ela, aquele corpo pertence ao passado, pertence a quem fez dele realidade, o então companheiro assassinado ao seu lado enquanto dormiam mais um sono como tantos outros. Atualmente, Magda prefere deixar o corpo, as lembranças dele, no passado.

Quando conheci você falei pra você o que eu era, você lembra? Lembra? Eu sou isso aqui que você tá vendo [me encara com lágrimas nos olhos]. Essa pessoa da foto sou eu também, mas essa aqui, que tá aqui, é uma monstra. Era isso que as pessoas falavam que eu era depois que fiquei manca, depois que perdi um pedaço do beijo, depois desses buracos na cara toda. Elas têm medo de mim até hoje. Até hoje. Me acostumei, sabe. Elas podem ficar com medo, nem ligo mais. Elas ficam comigo na cabeça delas. É assim que me vingou. Fico na cabeça delas, lá dentro, sabe, lá dentro.

Agora tô velha, sem silicone nos peito, uma monstra baranga. Mas eu era linda, você viu na foto, né? (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

A aparência que Magda faz referência, não diz respeito somente ao aspecto físico logo após a tentativa de homicídio⁴¹² por ela sofrida, com as marcas visíveis em seu corpo e rosto, mas também aos ganhos que a idade trouxe. No momento das entrevistas, ela afirmava estar com “cinquenta e poucos anos”, jamais sendo taxativa. Houve um ganho considerável de peso quando há relação com o período da fotografia citada, além de outros problemas relacionados à idade. “Sou uma monstra idosa”, sentencia entre melancólica e pensativa.

As entrevistas realizadas com Magda foram todas feitas na presença de Luciana. No início, achei que era por uma questão de cuidado, pois Magda não me conhecia direito. A partir da segunda entrevista as duas confessaram que o tempo que permaneceram juntas, desde o momento em que Magda foi pedir ajuda a ela, acabou aproximando as duas. A proximidade foi tanta que elas iniciaram um relacionamento. Por motivos pessoais de ambas, o enlace não é conhecido por quase ninguém. Luciana afirma que é algo muito bem resolvido entre elas e isso é suficiente.

A gente se gosta, você tá me entendendo? A Magda me ajudou muito, muito mesmo. Quando ela apareceu depois de ter sido expulsa do morro, eu tava sozinha fazia pouco tempo. Meu marido era muito violento e me batia sempre. Eu pensava em reagir, sabe, mas eu tinha vindo do Nordeste e lá não tinha nada pra mim. Bem ou mal, ele era uma pessoa que eu conhecia. Fui levando. Ele me chamada de “árvore seca”. Nunca consegui segurar uma gravidez. Na última vez que eu fiquei grávida, ele me deu um chute na barriga e disse que não adiantava de nada porque era a quinta vez e eu não tinha capacidade de segurar um filho. Aquilo foi a gota d’água pra mim. Peguei a faca e furei ele no braço, com vontade, você tá me entendendo? Furei mesmo. Disse que se ele não fosse embora de casa, eu mataria ele com vontade mesmo. Ele foi embora e semanas depois a Magda apareceu aqui (Luciana, Rio de Janeiro, 2017).

Assim, tanto Luciana quanto Magda foram se aproximando. No início, Magda assumia uma atitude subserviente para Luciana, considerando que era o comportamento que deveria assumir ante alguém que havia lhe estendido a mão. Além disso, ser subserviente foi a atitude que Magda sempre teve em relação a todos aqueles que mantiveram contato mais próximo com ela. Foi assim com o pai, com Herculana, com Lanhoso, então, ela concluiu que deveria

⁴¹² Magda nunca fez referência a isso de maneira explícita, mesmo quando eu questionei de maneira direta. O que ela narra em relação ao que aconteceu é identificado como “lição”.

ser assim com a amiga também. Magda diz que foi Luciana quem lhe “colocou um freio”. Como já havia sido muito humilhada, a amiga entendeu que Magda deveria ser, a partir daquele momento, uma nova pessoa.

O relacionamento em si começou a surgir de maneira natural, diz Magda. As duas não sabem precisar quando começaram a perceber que nutriam sentimentos uma pela outra. Quando perguntei para Magda como ela se sentia quando se olhava no espelho, Luciana emendou: “Já perguntei isso pra ela também”. Magda se manteve em silêncio. Constrangido, tentei mudar de assunto, falando sobre o churrasco que as duas me ofereceram e que assava no quintal delas, mas Magda interrompeu:

Eu não sei o que eu sou. Eu tive um pai, eu sei onde eu nasci, eu tive o Lanhoso e agora tô com a Lu. Mas eu sei o que você quer saber. Eu não sei o que eu sou, não sei. Me chamavam de bicha, depois de travesti, depois de mostro, mas ninguém nunca me perguntou quem eu sou. Só quem fez isso foi a Lu e agora você. Eu não sei responder isso, mas eu acho bonito vocês perguntarem isso. É como se jogassem uma luz em mim e alguém aponta: olha, ela existe. Eu era bicha porque diziam que eu era. Eu era travesti porque diziam que eu era. Eu era monstro porque diziam que eu era. Eu não acho importante eu ser alguém. Eu acho importante eu existir aqui e você me olhar e conversar comigo. É isso que eu acho (Magda de Valqueire, Rio de Janeiro, 2018).

Nesse ponto da narrativa, preciso adiantar uma pauta que será abordada no capítulo seguinte. A construção de discursos sobre as identidades, profundamente influenciado pelo surgimento das ciências médicas, acabou criando uma estrutura sólida de diferenciação entre aquelas consideradas “normais” e as consideradas “abjetas”, “desviantes”. Quando conheci Magda, para além do medo que ela sentia de ser rejeitada por mim por conta das agressões físicas que sofreu no corpo e rosto, havia desconfianças da minha parte sobre quem ela era. Ao ouvir os relatos dela, fui tentando encaixar as histórias, mas percebi, em dado momento, que o que eu estava fazendo era reproduzir nela os mesmos discursos médicos que analisarei mais adiante.

Magda não precisa, realmente, dizer a mim e a quem quer que seja, quem ela é. E nem ter obrigação de ser alguém “encaixável” em alguma categoria. Ela viveu e vive a vida, a despeito das demandas que a ela direcionavam, de acordo com a métrica temporal que ela mesma estabeleceu como adequada. A minha busca por tentar enquadrá-la foi justamente por eu ter sido treinado, principalmente na academia, para fazer isso. De acordo com esses

ensinamentos, eu precisaria pegar as subjetividades dela e direcionar para algum postulado já estabelecido e apresentar como um resultado pronto.

Em outra frente, também cometi a imprudência de achar que, por não ter sido registrada e nem ter ganhado um nome ao nascer, Magda precisava providenciar documentos. Lembro de quando ouvi essa parte da história dela, rápido me apressei em lhe informar sobre um ônibus da justiça itinerante que ajudava pessoas na emissão de documentos⁴¹³. Ela respondeu que anos atrás já havia pensando nisso, mas depois deixara de lado. O interesse havia perdido importância. Insisti que iria com ela, pois minha estadia na cidade ainda duraria algumas semanas. Ela deixou a possibilidade no ar.

Tempos depois, pesquisando sobre a situação de pessoas sem documentos no Brasil, me deparei com alguns trabalhos, como o da jornalista Fernanda da Escóssia, que abordava, em particular, justamente o ônibus da justiça itinerante. Em suas pesquisas, Fernanda, tal qual eu, ficou impressionada com o elevado número de brasileiros sem qualquer tipo de documento. Tal situação, caracterizada, tecnicamente, como “sub-registro”, possui uma gama de explicações, embora tenha uma raiz mais evidente: a pobreza. Enveredando, inicialmente, pela questão técnica, Fernanda descobriu que os dados, mesmo contabilizados de forma tardia, englobavam apenas crianças sem documentos, não existindo, em absoluto, informação alguma sobre adultos não registrados⁴¹⁴.

Assim, os registros oficiais trabalham apenas com estimativas, e elas dizem que há milhões de brasileiros sem qualquer tipo de documento. No entanto, especificamente sobre o Brasil, a certidão de nascimento é considerada o documento fundante da cidadania, aqui encarada como aquela que liga o indivíduo ao Estado⁴¹⁵. Sem ela, afirma Roberto DaMatta, é impossível adquirir qualquer outro documento, como o CPF, ou a Carteira de Identidade, por exemplo. A reflexão do autor foca na importância que o Estado brasileiro deposita na produção de documentos como forma de manter um controle populacional, atitude que ele considera global, posto que os demais países, por diferentes meios, também o fazem.

⁴¹³ O ônibus ainda hoje estaciona, toda sexta-feira, na Praça Onze, no Centro do Rio de Janeiro, e recebe centenas de pessoas em busca de documentos. Ver: DA ESCÓSSIA, Fernanda. **Invisíveis**: uma etnografia sobre identidade, direitos e cidadania nas trajetórias de brasileiros sem documento. 146 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, 2019.

⁴¹⁴ Idem, p. 12.

⁴¹⁵ DAMATTA, Roberto. **A mão visível do Estado**: notas sobre o significado cultural dos documentos na sociedade brasileira. Anuário Antropológico/99: 37-64. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

Mas, de maneira paradoxal, continua DaMatta, o Estado deixa de registrar milhares de brasileiros e parece não fazer muita questão de sanar o problema. Primeiro por uma questão econômica, pois mais registrados demandam mais direitos, e aí se funde com uma questão jurídica, pois a cidadania oferecida pelo Estado mostra-se precária⁴¹⁶. Essa perspectiva também é abordada por Fernanda da Escóssia. Segundo ela, ao deixar de ter acesso aos documentos ofertados pelo Estado, o indivíduo passa a ser invisível e acaba não se reconhecendo enquanto sujeito de direitos⁴¹⁷.

A realidade das pessoas sem documentos, no Brasil, passou a sofrer sensível alteração quando o programa Bolsa Família foi significativamente ampliado no primeiro mandato do presidente Lula. Fernanda afirma que como para ter direito ao recurso financeiro era preciso documentos, muitas pessoas que não os possuíam e nem tinham pressa para tê-los, começaram uma jornada na burocracia estatal. A essa busca, a autora chama de “urgência de legibilidade”, pois ela entende que o que o motivou a ir em busca dos serviços públicos foi justamente a impossibilidade de acesso sem documentos⁴¹⁸.

No entanto, mesmo sabendo que para ter acesso aos serviços públicos mais básicos, como se matricular numa escola, ou se beneficiar de um tratamento de saúde mais prolongado⁴¹⁹, Magda manteve a recusa de não procurar se registrar. Ao longo das nossas conversas, pude entender melhor a escolha dela. Os documentos não foram importantes para ela durante boa parte da vida, de modo que não eram, aos olhos dela, algo que demandasse algum esforço. Desse período, a única coisa que realmente a magoara foi o pai chamá-la de “garoto”. “Podia ter dado qualquer nome, qualquer um, né?”, lamenta.

Mas, ao se relacionar com Lanhoso e receber dele um nome, essa lacuna, segundo Magda, foi preenchida. Ela afirma gostar do nome, ainda mais que foi dado por alguém que ela afirma ter amado muito. Nesse ínterim, questionei sobre o fato dela fazer referência a si no feminino, ao que ela responde: “é só uma forma de falar, você pode continuar usando ela,

⁴¹⁶ DAMATTA, Roberto. **A mão visível do Estado**: notas sobre o significado cultural dos documentos na sociedade brasileira. Anuário Antropológico/99: 37-64. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002, p. 46.

⁴¹⁷ DA ESCÓSSIA, Fernanda. **Invisíveis**: uma etnografia sobre identidade, direitos e cidadania nas trajetórias de brasileiros sem documento. 146 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, 2019, p. 37.

⁴¹⁸ Idem, p. 38.

⁴¹⁹ Tanto a matrícula de uma criança nas séries mais elementares, quanto atendimentos de urgência nos serviços públicos de saúde podem ser feitos sem que o indivíduo tenha algum tipo de documento. As escolas não podem recusar a matrícula de crianças que ainda não tenham documentos, mas podem colocar restrições quanto aos jovens e adultos que não os possuam. No caso dos serviços de saúde mais prolongados, como tratamento de doenças crônicas, esse direito, por exemplo, é impossibilitado para a pessoa sem qualquer identificação.

eu posso ser ela também”. Ao compreender melhor as demandas de Magda, passei a entender suas subjetividades da forma como ela me mostrava. Ao mesmo tempo, passei a assimilar a pergunta-título do ensaio de Mariza Peirano: “De que serve um documento?”.

A autora, no mesmo sentido de Roberto DaMatta, questiona o entendimento do Estado de cidadania, argumentando que o indivíduo faz usos e abusos da ideia dada e pode, no extremo, se recusar a aceitar aquele documento que o qualifica enquanto um “sujeito legal”. No entanto, Peirano também argumenta que é muito difícil, para um indivíduo plenamente estabelecido nessa relação “documento-Estado” se livrar dos simbolismos advindos daí⁴²⁰. Só consegue questionar com mais veemência o estabelecimento dessa conexão, ironicamente, aquele que foi colocado à margem da legalidade estatal, ou seja, os frutos do sub-registro.

Dentre todos os dilemas resultantes do sub-registro apontados no trabalho de Fernanda da Escóssia, um em especial se encaixa na única reclamação direta de Magda. Não ter qualquer tipo de contato com alguém da família, além de não ser registrada, de não ter um documento no qual apareça um nome, aquele que talvez ela se identificasse, impedem Magda de fazer uma “recuperação da trajetória familiar⁴²¹”. Esse é o ponto no qual é possível ouvir de Magda que não ter documentos, independente dos vários significados que eles possam ter, lhe prejudica. Segundo ela, se “o papel de nascimento” [certidão de nascimento] existisse, era possível investigar sobre as origens dela. Ao declarar que essa querela não possui solução, Magda aperta a mão de Luciana, que neste momento tenta esconder as lágrimas, e reafirma para mim que “pelo menos eu tenho a Lu e a gente é uma família”.

Neste capítulo, inicialmente, pretendi analisar a formação da família no Brasil. Para isso, tentei estabelecer conexões entre os que primeiro a analisaram, os cientistas sociais, com os historiadores. Após isso, como forma de demonstrar que a ideia se construiu sobre muitos hiatos, mas com um fundo comum, o machismo, procurei elaborar os diversos entendimentos que se tem sobre família e intercalei com a formação familiar de quatro protagonistas desta pesquisa. Penso ter conseguido, no geral, um entendimento mais amplo sobre como elas

⁴²⁰ PEIRANO, Mariza. **De que serve um documento?** In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, César (orgs.). **Política no Brasil: visões de antropólogos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2006, p. 34.

⁴²¹ DA ESCÓSSIA, Fernanda. **Invisíveis: uma etnografia sobre identidade, direitos e cidadania nas trajetórias de brasileiros sem documento**. 146 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, 2019, p. 43.

construíram os laços familiares e de que forma eles foram moldando a visão delas sobre si e sobre aqueles que com elas cresceram. Nessa perspectiva, no próximo capítulo abordarei a constituição das subjetividades que elas pensam para si e também aquelas que pensaram para elas.

4 Experiências médicas: doentes, loucos e macacos.

*Ela tem cara de mulher
Ela tem corpo de mulher
Tem jeito
Tem bunda
Tem peito
E o pau de mulher!⁴²²*

Timóteo Menezes era ignorado dentro de casa. Filho do meio de três irmãos, herdeiros de uma família aristocrática em decadência, ele vivia a maior parte do tempo isolado no próprio quarto, saindo poucas vezes. Lá dentro, intercalando penumbra e escuridão, tinha o *hábito* de trajar farrapos de roupas femininas, ostentando em braços, dedos, orelhas e pescoço as joias que a falecida mãe deixara de herança. Ainda que o comportamento do irmão do meio fosse o menor dos “problemas”, pois havia uma miséria financeira e moral muito mais urgente ocupando a mente dos demais familiares, era inegável o fato de que ele, Timóteo, era trancafiado no quarto para não manchar ainda mais a reputação da família Menezes.

O personagem em questão, fruto da imaginação do escritor brasileiro Lúcio Cardoso, fora livremente inspirado no próprio autor, como ele afirma numa das passagens do livro “Diários⁴²³”. “Crônica da Casa Assassinada”, livro no qual Timóteo, espécie de alter ego do autor, está inserido, é um romance epistolar, composto não de missivas trocadas entre pessoas, mas de cartas, trechos de diários, bilhetes e testemunhos dos personagens, bem como de pessoas que conviveram com eles, organizados pelo narrador, que não faz parte da história.

Embora Timóteo não seja o protagonista, é nele que se concentram passagens fundamentais da narrativa, como o medo que os demais membros sentem de que o exterior veja o irmão trajando roupas femininas e sustentando uma afeminação que lhes causaria constrangimentos, além de que, paradoxal e principalmente, e explícito no próprio título da obra, é o medo de descobrirem que a casa-grande, na qual habitam, já está morta, embora todos ali dentro estejam, materialmente, vivos. Como resposta aos que perguntam por Timóteo, os demais preferem dizer que é louco, e que por conta disso vive isolado no próprio quarto. Ele, por sua vez, explicando sua condição a Nina, sua cunhada, diz:

⁴²² “Mulher”, composição e interpretação de Linn da Quebrada.

⁴²³ CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Organização de Ézio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 43.

Quero erguer para os outros uma imagem da coragem que não tive. Passeio-me tal como quero, ataviado e livre, mas aí de mim, é dentro de uma jaula que o faço. É esta a única liberdade que possuímos integral: a de sermos monstros para nós mesmos⁴²⁴.

Ao referir-se a si como monstro, internalizando a ojeriza que a família sente pelo fato do herdeiro do meio ser “diferente” daquilo que ela esperava, Timóteo subverte o local no qual fora trancafiado. Ao invés do comportamento “fora da norma” de Timóteo ser trazido para a luz, posto que era um incômodo no lar, a família decidiu que não tocar no assunto era a melhor solução e, para evitar quaisquer reverberações, classificá-lo como louco seria mais efetivo e menos “desumano”. Então, encerrá-lo num quarto e acreditar que a loucura tinha se apossado daquele corpo foi a escolha que os irmãos julgaram certa. Logo, dando vãs ao *status* conferido pela família, Timóteo torna-se ainda mais excêntrico, encontrando na loucura que lhe fora dada a liberdade para poder viver o que sempre foi: travesti.

Na mesma trilha monstruosa sinalizada por Timóteo, mas em outro contexto, o filósofo trans espanhol Paul B. Preciado fora convidado a falar para uma plateia de 3.500 psicanalistas que se encontrava reunida para uma jornada que ocorreu na “L’École de la cause freudienne”, em Paris. O autor diz que “para alguém que foi diagnosticado como ‘doente mental’ e ‘disfórico de gênero’ pelo discurso da psicologia normativa, não é trivial nem simples falar com a assembleia⁴²⁵”. Mas ele aceitou o convite e foi. Antes, contudo, Preciado precisou recorrer a Franz Kafka. Mesmo se considerando subversivo desde sempre, o autor confessa ter sentido algum receio ante o público de nobres cientistas do comportamento. Assim, ele diz:

[como] eu me sinto um pouco solitário deste lado do palco, [permitam-me] correr e subir nos ombros do mestre de todas as metamorfoses, o melhor analista dos excessos que se escondem atrás da fachada da razão científica e da loucura que leva o nome comum de saúde mental⁴²⁶. (Tradução minha).

⁴²⁴ CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. São Paulo: Companhia das letras, 2021, p. 78.

⁴²⁵ No original: Para alguien que ha sido diagnosticado como ‘enfermo mental’ y ‘disfórico de género’ por el discurso de la psicología normativa no es banal ni resulta sencillo hablar ante lá asamblea. PRECIADO, Paul. B. **Yo soy el monstruo que os habla**: Informe para una academia de psicoanalistas. Barcelona: Editorial Anagrama, 2020, p. 9.

⁴²⁶ No original: [como] yo me siento un tanto solo de este lado del estrado, [déjenme] coja carrerilla y salte para los hombros del maestro de todas las metamorfoses, del mejor analista de los excesos que se esconden bajo el tejado de la razón científica y de la loucura que torna el nombre compartido de salud mental. Idem, pp. 16-17.

Dessa forma, Preciado se alia a Pedro Vermelho, o macaco-homem/homem-macaco cientista, criado pelo escritor tcheco, e confronta os postulados acadêmicos. O discurso do filósofo é construído tendo o de Vermelho por modelo. Na história de Kafka, um macaco se insere na academia, aprende o idioma e as técnicas dos doutos e, ao se transmutar para o universo humano, decide reunir as autoridades científicas para lhes dizer sua própria visão sobre a evolução humana. A crítica de Kafka ao conhecimento dito científico resvala num ponto que Preciado considera essencial: por que a academia precisa chancelar e discursar sobre vidas que não se inserem na lógica que ela considera natural?

No entanto, diferente do pensamento kafkiano, Preciado não generaliza a academia quando decide confrontá-la. A ideia do pensador espanhol é fazer com que os discursos médicos, em especial as ciências psi – psicologia, no geral, e a psicanálise, em particular, além da psiquiatria –, fiquem em silêncio, pois ele, o nomeado monstro, quer falar. O autor decide que é chegado o momento de fazer os cientistas postuladores ouvirem o que ele tem a dizer sobre sua própria condição. E não é como um homem trans que Preciado decide se apresentar.

Pedro Vermelho, o “ex-macaco no mundo dos humanos⁴²⁷”, depois de ser capturado por caçadores, é mantido preso numa jaula minúscula. Enquanto reflete sobre as possibilidades de fuga, Pedro chega à conclusão de que a liberdade não pode ser um fim em si, pois nada pode ser feito com ela. A liberdade, conclui, não lhe servirá, pois ela é idílica demais para ser concreta. Dessa forma, Pedro abre mão de ser livre e prefere *uma saída*, essa, sim, possível. Assim, através do mimetismo, o ex-macaco passa a viver humanamente entre os humanos.

Ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo. Fiscaliza-se a si mesmo com o chicote; à menor resistência, flagela-se a própria carne. A natureza do macaco escapou de mim frenética, dando cambalhotas, de tal modo que com isso meu primeiro professor quase se tornou ele próprio um símio, teve de renunciar às aulas e precisou ser internado num sanatório. Felizmente saiu logo de lá⁴²⁸.

Tal qual o ex-macaco kafkiano, Preciado afirma ter aprendido com os professores que teve, lendo os postulados da psicanálise, da psiquiatria, da biologia, para poder dizer a eles, naquela conferência, que nada daquilo por eles preconizado servia, pois diante da perspectiva

⁴²⁷ KAFKA, Franz. **Um relatório para a academia**. In: KAFKA, Franz. Um médico rural. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 69.

⁴²⁸ Idem, p. 73.

científica ele nunca seria um homem. O filósofo indaga a academia não somente para criticar as certezas, mas também saber o porquê de criá-las.

[...] alguém que viveu como mulher até os trinta e oito anos de idade, tendo primeiro se definido como uma pessoa de gênero não binário, depois se incorporou ao mundo dos homens sem se assentar completamente nesse gênero – porque para ser reconhecido como um verdadeiro homem, eu teria que ficar calado e me misturar ao magma naturalizado da masculinidade, sem nunca revelar minha história dissidente ou meu passado político⁴²⁹. (Tradução minha).

De acordo com Preciado, quando ele nasceu, numa cidade católica da Espanha, deram a ele o gênero feminino. Conforme os anos foram passando, ele foi percebendo que havia todo um arsenal, muitas vezes invisível, para que aquele gênero se encaixasse cada vez mais a ele e satisfizesse todos ao redor. No “circo do regime binário heteropatriarcal”, diz Preciado, “as mulheres desempenham alternadamente o papel da bela e da vítima, e como eu também não era e não me sentia capaz de ser, *deixei de ser mulher*⁴³⁰”. Para o autor, ao deixar de ser mulher, ele criava uma estratégia fundamental de feminismo, esvaziando de sentido aqueles ataques que sofria do heteropatriarcado.

No entanto, Preciado continuava tentando entender algo de fundamental importância e que acabaria estando presente em toda a trajetória dele: por que nomear o corpo e suas práticas? Tendo sido nomeado mulher logo ao nascer, o autor espanhol já tinha conhecimento sobre o que ser mulher pudesse significar, mesmo não estando de acordo. Transitando entre o interdito de gênero, ou “não-binarismo”, como ele prefere, o autor passa a fazer uso de testosterona em gel. Preciado decide que a partir daquele momento será “pirata do gênero⁴³¹”, pois ele entende que os hormônios sexuais não devem ser regulados pelo Estado. Usar testosterona proporciona a Preciado uma miríade de sentidos, que vai de conhecer a regulação

⁴²⁹ No original: [...] alguien que vivió como mujer hasta los treinta y ocho años empezó primero por definirse como persona de género no-binario y se incorporo después al mundo de los hombres sin instalarse completamente em él – porque para ser reconocido de verdad como um hombre yo debería callarme y fundirme em el magma naturalizado de la masculinidad, sin revelar nunca ni mi historia dissidente ni mi pasado político. PRECIADO, Paul. B. **Yo soy el monstruo que os habla**: Informe para una academia de psicoanalistas. Barcelona: Editorial Anagrama, 2020, p. 22.

⁴³⁰ No original: [...] em el circo de régimen binário heteropatriarcal a las mujeres les corresponde el papel de la bela y de la víctima y yo no era ni me sentía capaz de ser ninguna de las cosas, *dejé de ser una mujer*. Grifo do autor. Idem, p. 27.

⁴³¹ PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

masculina, passando pelo papel do Estado enquanto controlador biopolítico, chegando ao *éthos* do dispositivo masculino.

Ao entrelaçar Timóteo Menezes, o personagem “amalucado e travestido”⁴³² da obra de Lúcio Cardoso, e Paul B. Preciado, o “pirata do gênero”, pretendi pavimentar o percurso que farei ao trazer para o debate as construções históricas da travestilidade e da transexualidade, sem esquecer, no entanto, da hetero e da homossexualidade. O cenário, embora pareça amplo, e, sob determinadas perspectivas é, acabou, via discursos científicos, alçando uma delas, a heterossexualidade, ao papel de protagonista, delegando às demais os papéis de antagonista e coadjuvante ao mesmo tempo.

Neste capítulo, num primeiro momento, analisarei a patologização da homossexualidade e sua associação com a loucura. Neste ponto, utilizarei os apontamentos de Michel Foucault e Jorge Leite Jr. Na segunda parte, analisarei as criações das categorias travesti e transexual, tendo como base Berenice Bento e Jorge Leite Jr. Por fim, na parte final do capítulo, trabalharei com as narrativas de três interlocutoras.

4.1 Os *doentes atemporais*

De acordo com Michel Foucault, a partir do século XIX, quando a sociedade europeia começa a intensificar sua urbanização, são lançadas as ideologias, via psiquiatria e psicanálise, que patologizariam a homossexualidade e por assimilação, alçariam a heterossexualidade como o modelo ideal. O pleno desenvolvimento da medicina foi preponderante, segundo o autor, para que reverberações dela pudessem cercar os novos cidadãos, como a psiquiatria, a sexologia e a psicanálise, que por sua vez lançaram as bases que substituiriam as confissões feitas aos padres, então sentinelas das práticas sexuais, passando a ditar normas e condutas que teriam, no século seguinte, uma aceitação de proporção nunca vista⁴³³.

A patologização da homossexualidade⁴³⁴ não se deu de forma isolada, afirma Foucault. A loucura foi a ela associada e, quando conveniente, devidamente separada. A conveniente

⁴³² CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. São Paulo: Companhia das letras, 2021, p. 149.

⁴³³ FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Apresentação de Vladimir Safatle. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 78.

⁴³⁴ O autor usa os termos “sodomita” em vários momentos, esclarecendo, a partir de determinado ponto da obra, que homossexualidade ainda não era um termo conhecido e nem deveria ser usada como sinônimo de homossexual. Há, ainda, a oscilação entre “sodomita” e “perverso”, que ele esclarece como sendo considerado

separação entre loucura e homossexualidade dependia muito da origem do corpo em litígio. A questão classista era fundamental ao se pretender emplacar o binômio em determinado indivíduo. Assim, Foucault faz, acerca da dualidade loucura/homossexualidade, uma separação cronológica dividida em quatro momentos.

Sobre o momento (1), na Idade Média, quando o louco era considerado um visionário, um homem inteligente, ao qual muitos recorriam para pedir conselhos e visões. O autor discorre sobre a capacidade que era atribuída ao louco de transitar entre outras realidades e trazer de lá as boas novas ou preconizar sobre cuidados que deveriam ser tomados para se evitar sofrimento. Sobre o momento (2), no Renascimento, quando o status do louco sensivelmente é alterado, passando ao campo do esotérico, dotado de outra realidade, resultado do furor e da paixão. Aqui, diferente do momento anterior, o louco é afastado, paulatinamente, para o campo da penumbra, tendo suas ações ou questionadas, ou consideradas exageradas.

Sobre o momento (3), na Idade Clássica (séculos XVI, XVII), quando a filosofia moderna, centrada na figura do filósofo René Descartes tem seu início, a loucura passa a ser sinônimo de erro e o louco dotado da desrazão. Especificamente nesse ponto há uma ruptura, diz o autor, pois a loucura, antes ouvida, agora é silenciada do ponto de vista filosófico e criminalizada do ponto de vista institucional⁴³⁵. De acordo com Foucault, o racionalismo da nova era:

A época em que pela última vez se queimam os sodomitas é exatamente a época em que desaparece, com o fim da “libertinagem erudita”, todo um lirismo homossexual que a cultura da Renascença havia perfeitamente suportado. Tem-se a impressão de que a sodomia, outrora condenada pela mesma razão que a magia e a heresia, e no mesmo contexto da profanação religiosa, só é condenada agora por razões morais⁴³⁶, junto com a homossexualidade. É essa que se torna, agora, a circunstância maior da condenação – somando-se às práticas da sodomia, ao mesmo tempo que nascia, com relação ao sentimento homossexual, uma sensibilidade escandalizada [...]. A

sinônimos para quem os proferia. Em relação à loucura, o autor a substitui, em vários momentos, pelo termo “furioso”, lembrando que quando um indivíduo era internado, esse era o termo usado, deixando a dúvida entre doente e criminoso no ar.

⁴³⁵ FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Apresentação de Vladimir Safatle. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 133.

⁴³⁶ O historiador Paul Veyne faz observações interessantes sobre a prática da sodomia no Império Romano. Há uma criteriosa separação entre o escravo que poderia – e era – ser penetrado pelo seu senhor, prática vista como “inocente”, como destaca Veyne; e os homens livres que se deixavam sodomizar, seja por outros livres ou escravos. Se deixar penetrar, destaca o historiador francês, era moralmente repreensível no homem livre, sendo aceitável ao escravo. No entanto, não havia nada, nesse contexto, mais indigno que um homem romano praticar sexo oral em outro homem, livre ou não. A felação, destaca Veyne, é tão subalterna no universo romano que os acusadores evitavam proferir o nome como que para não se sujar. Ver: VEYNE, Paul. **A homossexualidade em Roma**. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

homossexualidade, à qual a Renascença havia concedido liberdade de expressão, vai doravante ser posta sob uma capa de silêncio e passar para o lado do proibido, herdando as velhas condenações de uma sodomia ora dessacralizada⁴³⁷.

Ainda em relação a este momento, o filósofo francês destaca o aspecto dessacralizante também da loucura, pois sua aura esotérica deu lugar ao “escândalo e ao crime”. É nesse momento, afirma o autor, que a homossexualidade e a loucura passam a ser a face da mesma moeda, pois ambas se desviavam da “normalidade clássica”. A nova definição de loucura e, por conseguinte, de loucos, serviu para que essas pessoas fossem banidas da vida pública, encarcerados e torturados em prisões ou hospitais.

Sobre o momento (4), do século XVIII em diante, quando o confinamento do louco passa a ser encarado como uma desumanidade, posto que a loucura não mais era um crime, mas uma “doença individual”. A partir desse momento os loucos são colocados aos cuidados médicos. Deles são retiradas as correntes de ferro e a eles são dados os remédios. O louco passou a falar, tendo como interlocutor, o psiquiatra⁴³⁸.

A transformação do louco, afirma Foucault, foi tamanha, que de condenado ao silêncio e à clausura, ele passou a ser o “último objeto do saber”. Ou, mais especificamente:

[...] no meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há, de um lado, o homem de razão que delega para a loucura o médico, não autorizando, assim, relacionamento senão através da universalidade abstrata da doença; há, do outro lado, o homem de loucura que não se comunica com o outro senão pelo intermediário de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade. Linguagem comum não há; ou melhor, não há mais [...] a constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, estabelece a constatação de um diálogo rompido, dá a separação como já adquirida [...] e enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia a troca entre a loucura e a razão. A linguagem da

⁴³⁷ FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Apresentação de Vladimir Safatle. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 89.

⁴³⁸ Idem, p. 145.

psiquiatria, que é monólogo⁴³⁹ da razão sobre a loucura, só pode estabelecer-se sobre um tal silêncio⁴⁴⁰.

O autor acusa os discursos jurídico, médico e científico de se apropriarem da homossexualidade tendo como finalidade o controle social e a higienização, mas com o intuito primordial de produzir poder e dele lançar mão sempre que a norma for ameaçada, corrigindo ou eliminando o desviante do convívio social. Dessa forma, Foucault aponta a sexualidade enquanto dispositivo, uma vez que dentro dela há uma gama de práticas e ideologias que a colocam nessa posição. Por esse dispositivo, ele compreende uma miríade não homogênea de discursos científicos, religiosos, morais e filosóficos, que normatizarão o que é falado e o que não é falado sobre os comportamentos sexuais⁴⁴¹.

Para sintetizar o raciocínio sobre as aproximações entre loucura e homossexualidade, e também para jogar luz ao *hermafroditismo*, Foucault apresenta o caso de Herluline Barbin. Na apresentação do livro, no qual o diário de Herculine é anexado, o autor francês faz uma pergunta crucial para que se entenda o porquê de ele afirmar que o século XIX foi o século das pessoas hermafroditas. “Precisamos *verdadeiramente* de um *verdadeiro* sexo^{442?}”, questiona. Em seguida, Foucault sentencia que a busca que as sociedades empreendem pelo “verdadeiro sexo” está calcada numa suposta “realidade dos corpos e a intensidade dos prazeres⁴⁴³”.

Ao apontar os anseios das sociedades em buscarem a verdade última do sexo, Foucault destaca que a pessoa hermafrodita só passou a ter sua unicidade sexual exigida por conta dos

⁴³⁹ Esta frase de Foucault sintetiza o enredo do romance “Sérgio Y. vai à América”, do diplomata brasileiro Alexandre Vidal Porto. Na obra, narrada em primeira pessoa, o psicanalista Armando começa fazendo um balanço (positivo) da carreira e da vida afetiva. No entanto, ao receber um e-mail da mãe de um ex-paciente – o Sérgio do título –, informando sobre o falecimento do filho, ele descobre que talvez sua carreira de eminente psicanalista não foi tão exitosa. Ao investigar o motivo da morte de Sérgio, Armando nada encontra. Só após intensificar a busca, o psicanalista descobre que Sérgio havia passado a se chamar Sandra. Armando fica em choque ao descobrir que o jovem que o procurou anos atrás, para falar-lhe sobre a tristeza que sentia, não era exatamente um jovem rico e com melancolia acentuada causada pelo excesso de ócio, como julgara o psicanalista. Armando começa a compreender que, embora sua função fosse ouvir e decifrar os problemas daquele jovem, não conseguiu nem chegar perto dos dramas daquele garoto de 17 anos, que anos depois assumiria ser transgênero, se chamaria Sandra e que morreria ao cair de uma sacada em Nova Iorque. Ver: PORTO, Alexandre Vidal. **Sérgio Y. vai à América**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁴⁴⁰ FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Apresentação de Vladimir Safatle. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 151.

⁴⁴¹ Idem, p. 158.

⁴⁴² FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 1. Grifos do autor.

⁴⁴³ Idem.

postulados médicos e judiciais que se popularizaram a partir do século XVIII, pois “durante séculos, admitiu-se simplesmente que ele tivesse os dois⁴⁴⁴”. Como forma de turbinar o binômio loucura/homossexual, os saberes científicos, continua Foucault, acrescentaram o caso de Herculine com o objetivo de justificar os pesares emocionais que uma pessoa louca/homossexual/hermafrodita pode ser vítima, finalizando que somente eles, através da medicalização e domesticação dos corpos, via biopolítica, podem ajudar na libertação de corpos em desalinho.

Não obstante, a ideia de que se deve ter um verdadeiro sexo está longe de ser dissipada. Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública, a ideia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais. Somos, é verdade, mais tolerantes em relação às práticas que transgridem as leis. Mas continuamos a pensar que algumas pessoas dentre elas insultam “a verdade”: um homem “passivo”, uma mulher “viril”, pessoas do mesmo sexo que se amam... Nos dispomos talvez a admitir que talvez essas práticas não sejam uma grave ameaça à ordem estabelecida; mas estamos sempre prontos a acreditar que há nelas algum “erro”⁴⁴⁵.

O “erro” destacado por Foucault, quando direcionado para o caso de Herculine, diz respeito ao fato dela ter sido criada como menina, mas que, após as características sexuais secundárias começarem a aparecer, como a voz grave, os pelos no rosto e os braços musculosos, o caso ter sido levado a julgamento e a justiça ter decidido que ela deveria ter somente um sexo, e não dois. A espetacularização do caso, muito por conta da visibilidade das ciências psi, destaca Foucault, foi tamanha que Herculine, após escrever um diário relatando suas impressões sobre os eventos, e sobre a imagem que ela tinha a respeito de si, tirou a própria vida.

Ao trilhar o caminho aberto por Foucault, o antropólogo brasileiro Jorge Leite Jr. destaca que uma vez instituído o discurso médico sobre as práticas sexuais, foram nomeadas as patologias, categorizadas as identidades e estabelecido o que se entendia por normal. No entanto, Leite Jr. faz uma importante ponderação a respeito não da origem primeva das identidades sexuais, mas de um ponto em comum: o hermafrodita. Segundo o autor, tal qual Foucault, ao longo de sua viagem pelos séculos, o hermafrodita passou pelo mundo mágico,

⁴⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 1.

⁴⁴⁵ Idem, pp. 3-4.

pelo fantástico, pelo esotérico, mas foi na doença que ele, paradoxalmente, encontrou, além do estigma, longevidade.

Leite Jr. afirma que quando o hermafrodita perdeu a aura esotérica que possuía – após o surgimento das ciências psi –, ele foi para “longe dos deuses” e ganhou as alcunhas de “filho da modernidade, da medicina e da ‘ciência sexual’”. Não mais um prodígio da natureza, mas um ‘desvio’ desta⁴⁴⁶”. Reiterando a ideia de Foucault, Leite Jr. destaca que ao patologizar o hermafrodita, as ciências psi institucionalizaram, de quebra, a busca pelo verdadeiro sexo, a definição sempre precisa de “quem é homem e quem é mulher”, sem os ‘perigosos’ riscos de interpretações equivocadas⁴⁴⁷”.

Assim, continua Leite Jr., nascia o “hermafrodita psíquico”, dele derivando uma gama extensa de “perversos sexuais”, incluindo aí a travesti e, no século seguinte, a/o transexual. Nesse período, continua o autor, há a institucionalização da heterossexualidade enquanto norma, bem como o seu equivalente, à margem da norma, a homossexualidade.

Assim, a “perversão” delineia-se como uma doença, e a “perversidade” como um vício [...] os tais “perversos” ou “pervertidos” com suas atitudes “extremas e estranhas” são vistos pelos médicos e as nascentes ciências da psique ora como ridículos, ora como monstros. O importante a ressaltar neste caso é que novamente um jogo de oposições é evocado, dividindo os tais sujeitos em vítimas e malfeitores. [...] Como no período, o chamado *homossexual* mostra-se um dos grandes “perversos” da ciência, pois encarnava justamente o máximo da interiorização do questionamento sobre os limites entre masculino e feminino. Rapidamente, o conceito de heterossexual vai deixando de ser associado à patologia e firmando-se como seu oposto sadio e normal.⁴⁴⁸

Nesse sentido, Leite Jr. destaca que as bases para o que deveria ser considerado normal, o verdadeiro sexo, foram lançadas e difundidas. Ao mesmo tempo, enquanto o que era considerado “desvio da norma”, a homossexualidade, e os derivados do “hermafrodita psíquico”, as travestis e transexuais, por exemplo, estigmatizadas pelos saberes instituídos, eram amplamente aceitas enquanto “perversidades sexuais”, compulsoriamente adoentadas.

Entretanto, ao longo dos séculos XIX e XX, destaca Leite Jr. paralelo à solidificação das bases da heteronormatividade, houve um aprofundamento do estigma no nível dos considerados “pervertidos”. Conforme as homossexualidades e identidades de gênero

⁴⁴⁶ LEITE JR. Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 26.

⁴⁴⁷ Idem, p. 27.

⁴⁴⁸ Idem, pp. 93-94. Grifo do autor.

discordantes da norma foram sendo cada vez mais negativizadas, foi possível notar tentativas de prevalência de algumas sobre outras, sempre levando em conta o ideal normativo da heterossexualidade.

Peter Fry, analisando a categorização homossexual, afirma que durante as décadas de 1970/1980, mais importante do que ser identificado como homossexual ou heterossexual, é ser identificado como “ativo” ou “passivo”, sendo este último o peso a ser carregado pelo homossexual de fato, ficando o ativo a gozar de certo prestígio, posto que é o penetrador. O autor ainda salienta que essa lógica foi muito mais clara nas camadas populares, pois as camadas superiores já flertavam com o modelo “homossexual-homossexual⁴⁴⁹” importado da Europa, restando o modelo “ativo-passivo”, “bicha-bofe”, para a periferia dos países em desenvolvimento⁴⁵⁰.

A perspectiva de Pierre Bourdieu, ao refletir e refutar o caráter “transgressivo” dado às práticas homossexuais via heteronorma, ratifica as observações anteriores, argumentando que:

[...] o homossexual é feminino porque participa de uma relação sexual só permitida a uma mulher. Neste sentido, vai contra à natureza. Transgride esse limite que os Romanos conheciam muito bem: se bem que a homossexualidade ativa com um escravo era tolerável, enquanto que a relação passiva era, evidentemente, monstruosa. Na realidade, "contra a natureza" significa apenas: contra a hierarquia social. Assim, enquanto o dominador é conduzido como tal, está tudo bem. Mas se você adotar as práticas contrárias é provável tornar-se dominado, então nada está bem⁴⁵¹. (Tradução minha).

⁴⁴⁹ O trabalho de Fry, realizado na cidade de Belém, na década de 1970, priorizou pessoas das camadas populares e a visão dele tem este mote como parâmetro. No entanto, no mesmo período, a antropóloga Carmem Dora Guimarães pesquisou relações afetivas de homossexuais mineiros radicados na zona sul carioca que diferiam muito do exposto por Fry. Enquanto no primeiro havia uma hierarquização sexual tendo por base a matriz heterossexual, na segunda foi percebido que os homossexuais de origem mais abastada, por influência das mudanças vindas de fora, buscavam uma relação afetiva mais igualitária, ou seja, homossexuais buscavam ter relações com outros homossexuais e não com homens assumidamente heterossexuais que performavam enquanto sujeito ativo na prática sexual. Ver: GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

⁴⁵⁰ FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

⁴⁵¹ No original: l'homosexuel est féminisé parce qu'il entre dans une relation sexuelle qui ne convient qu'à une femme. En ce sens, il est contre nature. Il transgresse cette frontière, que les Romains connaissaient bien: si l'homosexualité active avec un esclave était tolérable, toute relation passive était évidemment monstrueuse. Contre nature, cela veut dire en fait: contre hiérarchie sociale. Aussi longtemps que le dominant se conduit en dominant, ça va. S'il adopte les pratiques par lesquelles il est susceptible de devenir dominé, ça ne va plus. BOURDIEU, Pierre. **La transgression gay**. Entretien avec Catherine Portevin et Jean-Philippe Pisanias, *Télérama* n°2535, 1998. Disponível em: [Pierre Bourdieu, entretien: La transgression gay. 12/08/98 \(homme-moderne.org\)](http://www.pierrebourdieu.org/entretiens/la-transgression-gay-12-08-98) Acesso em: 15/07/2021.

Ainda nessa linha de raciocínio, o sociólogo Michel Misse aprofundou a análise estendendo o foco para as mulheres, tão vítimas quanto os homossexuais, notadamente os afeminados. A profunda discussão dos verbos “dar” e “comer” levam-no a afirmar que os termos são “prisões linguísticas” nas quais homossexuais e mulheres são confinados a fim de servir para espoliações várias dos detentores da masculinidade dominante, sendo o homossexual passivo e/ou afeminado, a vítima mais massacrada, pois renunciou sua masculinidade, feriu um símbolo, indo assemelhar-se ao feminino, secularmente posto à deriva do respeito. Prescindir o falo, segundo o autor, numa sociedade machista e dominante, e ser sodomizado, é algo digno de escárnio, fato que leva muitos homossexuais, ainda hoje, a adotar posturas que reproduzam a heteronorma, mesmo que a postura adotada não represente aquilo que se é e que se quer ser. Por outro lado, aos que insistem em manter a postura desafiadora, em afrontar a masculinidade dominante com feminilidades, sofrem sanções várias, desde as físicas até às “mortes sociais”⁴⁵².

Nesse sentido, o historiador turco Thomas Laqueur, procurando explicar as origens do ostracismo feminino ante o masculino, baseado nos estudos do filósofo e médico anatomista Galeno de Pérgamo, nos diz que desde o período aristotélico até meados do século XVII, acreditava-se que o corpo da mulher era o inverso do corpo do homem, descrevendo, inclusive, de que forma esse pensamento era imaginado, pois o pênis, tal qual o conhecemos, seria, na mulher, invertido, caracterizando, portanto, um corpo imperfeito, inferior ao homem. O autor aponta o calor como referência, pois, dependendo da quantidade, o corpo alcançaria a perfeição, isso sendo possível e visível no homem, ao contrário da mulher, que em virtude do pouco calor corporal, teria seus órgãos genitais masculinos pouco desenvolvidos, internos. Ou, mais especificamente:

O que nós pensaríamos serem construções sociais com carga ideológica de gênero – que os homens são ativos e as mulheres passivas, os homens contribuem com a forma e as mulheres com a matéria para a geração – eram, para Aristóteles, fatos indubitáveis, verdades “naturais”. O que nós pensaríamos serem fatos básicos de diferença sexual, por outro lado – os homens têm um pênis, as mulheres uma vagina – eram, para Aristóteles, observações contingentes e filosoficamente pouco interessantes sobre a espécie⁴⁵³.

⁴⁵² MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo do estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: NECVU/IFICS/UFRJ, 2007, p. 39.

⁴⁵³ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos até Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p. 71.

Dessa forma, tem-se uma hierarquização do sexo, na qual o homem, possuidor de um corpo plenamente desenvolvido, estaria no ápice, e a mulher, imperfeita, abaixo, agregando, ainda, marcadores sociais que a acompanhariam até os dias atuais, desaguando naquela/le que ficou à margem, a/o homossexual. Paralelo a isso, Richard Parker, esmiuçando a cultura homossexual brasileira, preconizou que desde a abertura nacional rumo à economia global, no início da década de 1990, foi possível olhar para além do modelo proposto por Fry, pois o contato, mesmo que nascente, da cultura homossexual vigente no Brasil com a cultura homossexual dos outros países, seja através das revistas, jornais, programas de televisão e da novíssima internet, possibilitou as trocas de experiências musicais, ideológicas, de vidas⁴⁵⁴.

O país, diz Parker, caminhava a passos largos rumo à urbanização, mesmo que desordenada, pois a migração rumo às grandes cidades levou muitos homossexuais a abandonar as pequenas e médias cidades, indo fixar residência nas metrópoles, exercendo um estilo de vida impraticável nas suas cidades de origem. O autor ressalta o passado patriarcal, simbolizado pela onipresente agricultura de *plantation*, na qual as mulheres e os homossexuais não tinham oportunidades – antes bem mais que hoje - de exercer sua plenitude, uma vez que o machismo, característica significativa do Brasil agrário, se propagou absoluta por séculos⁴⁵⁵.

4.2 Rogéria, a travesti da família brasileira.

Após muitos anos de vida acadêmica dedicados às travestis, um nome sempre lembrado por elas continuou presente: Rogéria. A conhecida travesti brasileira, artista multifacetada que continuava em evidência, pairava sobre várias travestis que faziam parte das minhas pesquisas. Maria Antonieta, por exemplo, tinha um álbum no qual colecionava recortes de jornais e revistas, com fotos e notícias daquela que ela considerava ser “a maior travesti de todas”. Alertado por Antonieta, que me perguntou se eu já havia conhecido Rogéria pessoalmente, neguei com algum embaraço. Rogéria, para mim, era uma estrela inalcançável. Antonieta insistiu dizendo que não custaria nada mandar um e-mail, percorrer as redes sociais da artista, tentar encontrar alguma brecha.

⁴⁵⁴ PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002 Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 39.

⁴⁵⁵ Idem, p. 51.

Eu havia concluído o mestrado e me preparava para o processo seletivo do doutorado e as ideias ainda me pareciam difusas quanto ao que eu pensava para o projeto. Com os questionamentos de Maria Antonieta em mente, fiz uma busca no Facebook e encontrei vários perfis sobre Rogéria. Dias depois, solicitei amizade no perfil “Estrelíssima Rogéria Astolfo Barroso Pinto”, e logo em seguida enviei a seguinte mensagem no Messenger da mesma rede social:

Querida Rogéria,

me chamo Osvaldo Vasconcelos, sou de Belém, no Pará. Pesquiso travestis desde que iniciei a vida acadêmica, no início dos anos 2000, de modo que não sei fazer outra coisa.

O motivo do meu contato, primeiro é para dizer que tua imagem pulula minhas recordações pessoais, pois minha mãe sempre fala em ti, então sempre te imaginei como uma conhecida, alguém próximo a mim, além da tua onipresença na mídia. O outro motivo é para dizer que as meninas que fazem parte da minha pesquisa te enxergam como um modelo de sucesso e inspiração. Aliás, é por causa da insistência de uma delas, que estou aqui te escrevendo.

Maria Antonieta me disse que se eu criasse coragem pra te escrever, era para eu dizer que ela, desde criança, nos confins da Amazônia, já queria ser igual tu, linda, talentosa e carismática. Estou te repassando o recado dela. Por fim, querida, quero saber se existe a possibilidade de nós conversarmos. Estou com algumas ideias para o doutorado, dentre elas a experiência do envelhecimento – por favor, não me entenda errado – para as travestis, e como elas sempre recorrem a ti, pensei em te entrevistar. Talvez pode ser um bom chamariz para a pesquisa e, com certeza, será um prazer para mim e, principalmente, para as meninas.

Finalizo dizendo que estou mais calmo. E tô torcendo para que respondas.

Beijo, querida⁴⁵⁶. (Osvaldo Vasconcelos, via Facebook, 2017).

Para a minha surpresa, horas depois recebi uma mensagem em resposta ao meu contato inicial.

Caríssimo Osvaldo

Eu tenho dificuldade com a tecnologia, então me perdoe pelo jeito de digitar. Estou felicíssima em saber que me conhecem na Amazônia, lugar maravilhoso. Meu Deus, olha como são as coisas. Eu inspiro as bichas lá da Amazônia!!!! Manda um beijo para as travestis maravilhosas do seu lugar, querido. Eu já falei pro meu empresário que eu vou aceitar seu convite pra uma entrevista tá. O Alexandro Haddad é meu empresário e ele tá aqui comigo enquanto escrevo isso. Eu cobro pra dar entrevista, mas como é pra uma pesquisa da universidade e vc foi um fofo e as travestis me adoram, eu vou fazer, tá. ***** esse é meu número de telefone. Pode ligar que o haddad vai organizar tudo. Beijos caríssimo⁴⁵⁷. (Rogéria, via Facebook, 2017).

⁴⁵⁶ A mensagem foi enviada no dia 08 de janeiro de 2017.

⁴⁵⁷ Resposta enviada por Rogéria horas depois.

Fiquei exultante de alegria e rapidamente comentei com Maria Antonieta e as outras meninas sobre o que havia acontecido. No dia seguinte, mandei uma mensagem, via WhatsApp, para o número que ela havia fornecido. Alexandre Haddad, o empresário, confirmou que aquele número era de Rogéria e que ele filtrava as mensagens que ela tinha acesso. Confirmou ainda que fora ela mesmo que teve o primeiro contato com a mensagem que mandei pelo Facebook e insistido com ele para me responder, ressaltando ao empresário “que era uma pesquisa da universidade” e que era “importante para ela” me responder.

Ainda havia resquícios de incredulidade em mim, não afeito a trocar mensagens com celebridades. Haddad me pediu que entrasse em contato após às 18 horas, pois Rogéria dormia bastante e nesse horário ela estaria disponível para conversar comigo. Por volta das 18h30, do dia 17 de janeiro de 2017, Rogéria mandou um áudio a mim pelo WhatsApp, que reproduzo abaixo:

Osvaldo, meu querido maravilhoso! [gargalhadas]. Pode acreditar que aqui é a Rogéria, também conhecido como Astolfo, quem está falando. Mande um beijo para a sua mãe. Haddad me disse que está tudo acertado para a entrevista. Vai ser aqui no meu apartamento, em Copacabana. Traga tudo, a câmera, o maquiador, e pode perguntar qualquer coisa que a tia Rogéria responde [gargalhadas]. (Rogéria, Rio de Janeiro, 2017).

A minha felicidade foi imensa e continuava a mesma após a enésima audição. Respondi a ela que eu estava muito grato pela disponibilidade e, principalmente, generosidade dela para comigo e com minha pesquisa. Rogéria respondeu, em outro áudio, que já tinha sido muito ajudada no início da carreira dela, que sempre cultivou a generosidade porque foi assim que a atriz Fernanda Montenegro agiu com ela, sendo generosa ao dar conselhos e dicas sobre como estar em cena, passagem, aliás, que o biógrafo de Rogéria, Marcio Paschoal, destacou no livro que fora lançado poucos meses antes do início do meu contato com ela. No terceiro áudio, Rogéria aborda outro motivo que a estimulou a contribuir com a minha pesquisa.

Vou te dizer uma coisa, caríssimo Osvaldo. Eu fiquei muito emocionada, muito emocionada mesmo, quando você me falou da bicha que tem um álbum de fotografias e reportagens a meu respeito. Aquilo me tocou profundamente. Estou há décadas na vida artística e mesmo assim ainda me comove saber que uma bicha dos confins da Amazônia me conhece e se inspira em mim. Eu fico muito feliz por servir de inspiração e quero agradecer a você por ter me falado sobre isso. Muito obrigada, caríssimo. (Rogéria, Rio de Janeiro, 2017).

Ainda trocamos mais duas mensagens de áudio acertando os detalhes para a entrevista que fora marcada para o dia 28 de julho do mesmo ano, quando eu passaria as férias na cidade carioca. Tudo devidamente acertado, tratei de organizar os detalhes do projeto que eu submeteria ao processo seletivo do doutorado. No entanto, no dia 13 de julho, após sentir intensas dores, Rogéria fora internada. Desde o início da internação, mantive contato com Alexandre Haddad, que se mostrava muito preocupado com o quadro da artista, a esta altura já diagnosticada com infecção urinária.

Nesse ínterim, Haddad me informou que a entrevista agendada corria o sério risco de ser cancelada. Tudo dependeria dos próximos dias. De fato, após permanecer duas semanas internada, a entrevista com Rogéria fora cancelada e provisoriamente transferida para dezembro ou janeiro do ano seguinte. Estávamos confiantes na recuperação dela. Reorganizei meu planejamento, alterei as datas já acertadas com o operador da câmera que filmaria a entrevista e com a maquiadora. Rogéria teve alta hospitalar no dia 27 de julho, véspera da data que estava agendada para mim.

Contudo, na segunda semana de agosto, ela teve piora no quadro de saúde e voltou a ser internada. O quadro inicial de infecção urinária havia se desdobrado para problemas cardíacos e, devido à idade da atriz, a situação se agravou. No dia quatro de setembro, menos de um mês após a segunda internação, Rogéria faleceu. Fui tomado por uma imensa tristeza. Maria Antonieta ligou e se mostrou muito abalada. Devido ao fato de eu ter comunicado a muitos amigos e familiares sobre a entrevista que eu faria com a atriz, após a divulgação da morte recebi muitas mensagens. Fui tomado pelo desânimo.

Retirei Rogéria do meu projeto inicial, fiz algumas alterações, e após um primeiro revés, fui aprovado no doutorado. O motivo de Rogéria ter aparecido aqui, não da forma como eu imaginei, foi para ilustrar a importância que a figura exuberante dela representa para muitas pessoas, travestis ou não, país afora. Rogéria certamente não foi a primeira travesti brasileira, mas com certeza foi uma pioneira, fato que deve ter contribuído para o despertar de muitas subjetividades espalhadas por aí, como aconteceu com Maria Antonieta. Entretanto, Marcio Paschoal, faz uma ponderação, sobre o ponto destacado por mim:

A verdade era que Rogéria representava o lado bom, a realização pessoal, a vitória de uma latente minoria e o respaldo social trazido pela realização artística e fama advindas. Mas, e se ela fosse feia, desajeitada e malsucedida artística e

financeiramente, teria sido assim? A reação de sua família e de todo mundo seria menos tolerante? Deve-se ter noção do outro lado da história para alguns deles: marginalizados, sem opção de emprego fixo, ridicularizados, escória social, vítimas do preconceito e da violência – seja por assassinato ou mesmo suicídio – e da ausência de afeto nas relações pessoais. Fica óbvio que, sem o glamour e o sucesso, o caminho da superação a se trilhar não é assim tão simples. Astolfo conseguiu que sua Rogéria sobrevivesse e se sobressaísse num país paradoxalmente despreparado para isso. Mais do que fama e admiração, ou justamente por meio delas, conquistou o respeito de toda uma sociedade. Ou de boa parte dela⁴⁵⁸.

As ponderações de Paschoal são significativas para se pensar sobre as pessoas trans que não conseguem chegar ao mínimo de reconhecimento social e respeito. No entanto, pegando a trilha deixada por Adriana Piscitelli, ao refletir sobre as categorias de articulação, também conhecidas como interseccionalidades, é possível inferir que o resultado de determinada demanda precisa levar em consideração as variáveis que atravessam as realidades⁴⁵⁹. Um contraponto é dado pela professora Jaqueline Gomes de Jesus, ao jogar luz, tal qual Luiz Mott já havia feito⁴⁶⁰, sobre a história apagada de Xica Manicongo, hoje considerada a primeira travesti brasileira⁴⁶¹.

Nos diz Jaqueline que Xica, natural do Congo, foi traficada para o Brasil. Ao nascer recebera o nome de Francisco. Uma vez já adulta, trajava roupas femininas e ostentava sua feminilidade, sofrendo, por conta disso, inúmeras repreensões. Xica Manicongo permaneceu durante séculos apagada na história brasileira, não fosse o antropólogo Luiz Mott, continua Jaqueline, ter encontrado uma documentação inquisitorial do Brasil Colônia, na Torre do Tombo, em Lisboa⁴⁶². Após sofrer inúmeras perseguições, ser acusada de sodomia e ameaçada de morte, Xica Manicongo abriu mão de sua identidade e voltou a performar Francisco.

⁴⁵⁸ PASCHOAL, Marcio. **Rogéria**: uma mulher e mais um pouco. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016, pp. 98-99.

⁴⁵⁹ PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274. Disponível em: [Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras | Sociedade e Cultura \(ufg.br\)](https://www.sociedadecultura.org.br/interseccionalidades-categorias-de-articulacao-e-experiencias-de-migrantes-brasileiras) Acesso em: 02/07/2021.

⁴⁶⁰ O artigo de Luiz Mott aborda as relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia. Embora não haja o protagonismo de Xica Manicongo, ela é citada e exortada como uma vida insistentemente apagada da história. Ver: MOTT, Luiz. **Relações Raciais entre homossexuais no Brasil Colônia**. São Paulo, USP, 1992, v 35, pp. 180-182, Revista de Antropologia. Disponível em: [Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial | Revista de Antropologia \(usp.br\)](https://www.revistaantropologia.org.br/relacoes-raciais-entre-homossexuais-no-brasil-colonial) Acesso em 02/07/2021.

⁴⁶¹ JESUS, Jaqueline Gomes de. **XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA**. Redoc: Rio de Janeiro v. 3 n.1 p. 250 Jan/Abr. 2019. Disponível em: [XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA | Jesus | Revista Docência e Ciberultura \(uerj.br\)](https://www.docenciae.org.br/xica-manicongo-a-transgeneridade-toma-a-palavra) Acesso em 01/06/2021.

⁴⁶² Idem, p 3.

Ou seja, enquanto Rogéria é, oficial e por merecimento, tachada, por ela e pelos outros, como “a travesti da família brasileira”, muitas outras foram apagadas da história, seja por racismo, seja por violência de gênero, ou vários desses elementos em combinação. O que não tira o mérito de Rogéria ter chegado tão longe. A reflexão feita pelo biógrafo da artista é pertinente e talvez fosse algo que ela mesma refletisse com ele ou com outras pessoas no dia a dia. O fato é que a vida de uma pessoa trans, ao longo da vida brasileira, é marcadamente permeada por dissabores.

Jorge Leite Jr., fazendo uma genealogia dos termos “travesti” e “travestismo”, quando assemelhados ao uso sexual e erótico de apropriação de indumentárias femininas e também como categoria “clínica nova”, afirma que ambos os termos surgem em 1910, na obra de um médico e psicólogo alemão, Magnus Hirschfeld, considerado um dos fundadores da sexologia⁴⁶³. A análise recorre, ainda, ao histórico brasileiro do travestismo, já analisado por João Silvério Trevisan, quando homens heterossexuais, vestem-se com roupas femininas para pular o carnaval, mas também ao ser travesti propriamente dito⁴⁶⁴. A aceitabilidade dessas pessoas durante muitos anos respeitou a lógica festiva, sendo o carnaval o seu ápice, mas que, no recolhimento de confetes e serpentinas, eram afastadas do convívio e das vistas sensíveis da sociedade.

Nessa perspectiva, James Green, ao citar o Código Penal de 1890⁴⁶⁵, afirma que os homens que se travestiam com roupas femininas para pular o carnaval, possuíam o direito de transgredir essa lei somente durante esta festividade popular, pois, passado este período, aqueles que insistissem em tais práticas, poderiam ser abordados pela polícia, inclusive com a real possibilidade de detenção. E são justamente nesses hiatos, nas pulsações dos meses não registrados, na prática da prostituição nas ruas e avenidas, onde os corpos são modificados e as identidades são construídas e negociadas, que também centralizaremos a análise.

Aníbal Guimarães, ao problematizar o surgimento da travesti, no Brasil, enquanto identidade de gênero, destaca o aspecto de inferioridade desse grupo não somente na

⁴⁶³ LEITE JR. Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 110.

⁴⁶⁴ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2011.

⁴⁶⁵ O Código Penal Republicano de 1890, em seu artigo 379, versava como crime o ato do travestismo, ou mais especificamente: “[...] tomou o travestismo ilegal ao proibir ‘disfarçar o sexo, tomando trajos impróprios de o seu e trazê-lo publicamente para enganar’”. Ver: GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 57.

sociedade brasileira⁴⁶⁶, mas também no universo homossexual. Em virtude do ambiente político e repressivo das décadas de 1960/70, afirma o autor, muitas travestis migraram para o teatro, encontrando aí uma forma de exercer uma afeminação que noutros ambientes seria condenável, quiçá, violentamente reprimido. Essas “fugas” rumo a ambientes que as aceitem, logo, as reconheçam, já são caminhos rumo aos embates que serão travados em ambientes menos receptivos, como por exemplo, a família, o local de trabalho⁴⁶⁷. As manifestações artísticas são, historicamente, simpáticas aos homossexuais, como afirma Didier Eribon, pois muitos fazem da arte uma extensão de suas vidas miseráveis, percebíveis na quantidade significativa de homossexuais em qualquer nível artístico, geralmente, caracterizado pelo êxito⁴⁶⁸.

Entretanto, mesmo o teatro brasileiro sendo receptivo às travestis, Guimarães destaca o aspecto “separatista” que existiu entre elas, possuidoras de uma afeminação transgressiva e potencialmente incômoda aos ditames normativos, e os homossexuais cis que preferiam se encastelar no comportamento heterossexista. Ao lado de muitos segmentos da sociedade, como os declaradamente homofóbicos e a Igreja, por exemplo, os homossexuais assumidos e/ou masculinizados, condenavam abertamente o comportamento da travesti, tido como caricato e bizarro⁴⁶⁹.

A separação entre a travesti do mundo artístico, ou “travesti-artista⁴⁷⁰”, como prefere Fábio Henrique Lopes, e as demais travestis e homossexuais cis, também foi percebido por Marcio Paschoal, o biógrafo de Rogéria. Ele destaca, e é citado por Lopes, que a travesti-artista vai construindo uma respeitabilidade, tendo a disciplina como norte. Ao criarem um limite entre elas, as travestis-artistas, e as outras, abre-se um significativo ponto de inflexão na receptividade, por exemplo, que Rogéria teve durante muito tempo no país, adentrando lares e sendo muito querida, enquanto muitas outras jazem em esquinas das metrópoles.

⁴⁶⁶ O autor concentra sua pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, mas entendemos que essa metrópole foi e continua sendo uma inspiração para muitas pessoas de lugares distantes do país, portanto, estendemos os sentidos dados pelo autor às demais cidades principalmente no tocante à construção da identidade travesti, intimamente ligada aos movimentos artísticos, especificamente o teatral. Ver: GUIMARÃES, Aníbal. **Todas as mulheres do mundo**: a construção do corpo travesti no Brasil das décadas de 1960 e 1970. In: BRASIL: Ministério da Saúde. *Transsexualidade e Travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015, p. 89.

⁴⁶⁷ Idem, p. 101.

⁴⁶⁸ ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 78.

⁴⁶⁹ GUIMARÃES, Aníbal. **Todas as mulheres do mundo**: a construção do corpo travesti no Brasil das décadas de 1960 e 1970. In: BRASIL: Ministério da Saúde. *Transsexualidade e Travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015, p. 107.

⁴⁷⁰ LOPES, Fábio Henrique. **VISIBILIDADES DA EXPERIÊNCIA TRANS! CORPOS, IDADES E IMAGENS**. SocioPoética - Volume 1 | Número 17, 4 junho a dezembro de 2016.

Para aumentar ainda mais esse fosso que separou as travestis do meio homossexual, continua Aníbal Guimarães, a questão silicone foi fundamental. Alterar o corpo, na maioria das vezes de maneira rudimentar, via “bombadeira”, tendo como finalidade uma aproximação àquilo que se entende por ideal feminino, aliado ao fato de que muitas travestis declaradamente não pretendiam se desfazer do pênis, foi crucial para que a ala homossexual minimamente tolerada pela sociedade⁴⁷¹ passasse a institucionalizar uma hierarquia dentro da categoria homossexual, delegando às travestis, à época, o último lugar da subalternização⁴⁷².

4.4 O close certo de Roberta

A jornalista Marília Gabriela quer saber: “De onde veio o seu sobrenome?”. Roberta responde: “Eu estava atravessando uma rua em Ipanema, no Rio de Janeiro, e um carro passou por mim. Tava o Caetano Veloso e um amigo dele da Revista Close. Posei pra capa da revista e acabou que ficou sendo meu sobrenome: Close⁴⁷³”. Se, por um lado, Rogéria representa a ícone travesti para o país, no outro lado está a ícone transexual Roberta Close. Tanto Rogéria quanto Roberta foram alvo do consumo midiático e formaram um exótico produto tipo exportação.

Não somente Rogéria e Roberta, mas muitas outras travestis e transexuais, além das transformistas⁴⁷⁴ eram consumidas pelo ávido mercado televisivo brasileiro. Além dos programas de auditório, havia, no caso de Rogéria, participações em novelas e filmes; já com Roberta, as revistas a disputavam, “todo mundo queria um pedaço meu, queria ver o que tinha

⁴⁷¹ Richard Miskolci faz um alerta acerca dos homossexuais que são “tolerados” numa sociedade heterossexista. O comportamento masculinizado, a cor da pele, preferivelmente branca, e um alto poder de compra são requisitos fundamentais para que haja essa tolerância. Ver: MISKOLCI, Richard. **Discreto e fora do meio** - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. cadernos pagu. n. 44, 2015.

⁴⁷² GUIMARÃES, Aníbal. **Todas as mulheres do mundo**: a construção do corpo travesti no Brasil das décadas de 1960 e 1970. In: BRASIL: Ministério da Saúde. *Transexualidade e Travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015, p. 115.

⁴⁷³ A entrevista completa, originalmente feita ao programa de Marília, o “De frente com Gabi”, no SBT, pode ser conferida no vídeo disponível na plataforma YouTube: [\(423\) De Frente com Gabi - Roberta Close \(25/05/1998\) | SBT Vídeos - YouTube](#) Acesso em: 05/07/2021.

⁴⁷⁴ Uma observação importante sobre a transformista é que elas ficaram famosas no Brasil muito por conta de um programa do apresentador Sílvio Santos, no SBT, que possuía um quadro no qual essas pessoas performavam, com poucas roupas e muito rebolado, músicas de cantoras da música pop. Há certa semelhança com a “drag queen”, especificamente na dublagem, embora seja inadequado comparação nesse sentido. Outra importante observação é feita pela antropóloga de origem venezuelana Marcia Ochoa. Ela nos diz que “transformista” é como a travesti que se prostitui pelas ruas de Caracas, capital daquele país, é conhecida. Ver: OCHOA, Marcia. **Ciudadanía perversa**: divas, marginación y participación en la “localización”. In: MATO, Daniel (coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil em tiempos de globalización*. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, pp. 239-256, 2004.

por baixo⁴⁷⁵”. A curiosidade do público por Roberta era tamanha que somente para revistas voltadas para o público masculino ela posou nua mais de quatro vezes, sendo que ao menos uma delas teve edição esgotada.

De *travesti* "pé de chinelo" a um dos maiores símbolos sexuais do país, Roberta Close foi manchete em inúmeras edições do "Notícias populares", principalmente em 1984, quando despontou de vez para a grande mídia. Em maio daquele ano, Roberta Close havia quebrado barreiras ao ser o primeiro *transexual* a posar nu para a Playboy, num ensaio que vendeu 200 mil exemplares em três dias, um feito até então inédito na história da publicação. Houve rumores de que Paulo Maluf - que era deputado pelo PDS e candidato a presidente da República - pedira a um de seus assessores que lhe comprasse um exemplar da revista, pois estava interessado numa matéria sobre presidenciáveis, onde seu nome fora citado. Mas a tentativa foi em vão, a edição havia se esgotado das bancas⁴⁷⁶. (Grifos meus).

Roberta Close era um fenômeno. No entanto, como deixei frisado no trecho anterior, havia uma confusão sobre como classificar Roberta. Ela era travesti ou transexual? O jornal Notícias Populares, em edição ainda na década de 1980, trazia duas fotos de Roberta na capa, com as pernas cruzadas, e a manchete: “A mulher mais bonita do Brasil é homem: vira a cabeça dos maridos e mata as esposas de ciúmes”. Contudo, como já havia sido alertado por Michel Foucault e Jorge Leite Jr. no início deste capítulo, as transformações do hermafrodita, ao longo dos séculos, via discursos científicos, acabou criando as categorias “travesti” e “transexual”, a primeira mais antiga que a segunda.

Em várias entrevistas, inclusive na citada com Marília Gabriela, Roberta afirma que a chamavam de travesti, mas ela se via como uma mulher, logo, classificada como “mulher trans”. No entanto, em 2015, em entrevista ao apresentador Augusto Liberato, o Gugu, Roberta Close revela que “sim, eu nasci hermafrodita⁴⁷⁷”. A revelação não é necessariamente nova, pois já havia sido feita no livro autobiográfico⁴⁷⁸ que a artista lançara em 1998 e cujo lançamento resultou na entrevista para a jornalista Marília Gabriela que, por sua vez, não tocou no assunto.

⁴⁷⁵ Trecho retirado da entrevista dada à jornalista Marília Gabriela, cujo link foi disponibilizado anteriormente.

⁴⁷⁶ O trecho foi retirado de reportagem do jornalista Luiz Carlos Ferreira, do jornal Folha de São Paulo. Disponível em: [F5 - Saiu no NP - Roberta Close passa a perna em Miss Brasil - 28/05/2014 \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/f5/saiu-no-np-roberta-close-passa-a-perna-em-miss-brasil-28/05/2014). Acesso em: 29/06/2021.

⁴⁷⁷ A entrevista completa pode ser conferida no vídeo que está disponível na plataforma Youtube: [423 ▶▶▶ \[ENTREVISTA | 20/05/2015 GUGU - Roberta Close fala pela primeira vez depois de dez anos - YouTube\]](https://www.youtube.com/watch?v=423...) Acesso em: 28/06/2021.

⁴⁷⁸ RITO, Lúcia. **Muito prazer, Roberta Close**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Muito pelo fato de que a revelação inicial fora feita num livro, o que já implica, para a época, pouco alcance de público, não houve uma repercussão tão grande, além de não ter sido explorada pelas entrevistas que a artista deu ao divulgar a obra. No entanto, no ano de 2015, o assunto veio à tona. A esta altura, o nome “hermafrodita” já havia sido substituído e popularizado por “intersexo⁴⁷⁹”, embora não seja necessariamente um termo novo na origem, mas passara a ser na utilização.

Ao preferir não abordar o assunto, Roberta confirma que não o fez por conta do estigma que o hermafrodita traz consigo. Na entrevista ao apresentador Augusto Liberato, ela afirma que não queria ser vista como um monstro, pois era assim que as pessoas a veriam se ela tivesse falado sobre sua situação anos antes. O objetivo de concentrar doença e loucura num só corpo, como fizeram com o hermafrodita, já destacado por Foucault, e depois as reverberações desse arquétipo para as pessoas trans, como frisou Jorge Leite Jr. foi fundamental para que as identidades daí advindas tivessem o estigma sempre consigo.

Roberta diz ainda que “nascera hermafrodita”, mas que não queria ser chamada de travesti, nem de hermafrodita, pois “independente de qualquer coisa, sempre me senti uma mulher”. Observação parecida também foi feita por Fernanda Farias de Albuquerque, no livro “A princesa”. No entanto, em diversas passagens da obra, Fernanda ora faz referência a si como mulher trans, ora como travesti, embora ela faça uma demarcação entre as travestis, que ela considera “perigosas e masculinas”, e as trans, mais “femininas e discretas, mulher mesmo⁴⁸⁰”. Não por acaso, no subtítulo da obra, originalmente publicada em Roma, o termo “travesti” aparece, antecedido pelo artigo indefinido masculino “um”, o que não ocorreu na versão italiana. Nos vários estudos que analisaram travestis, até determinado período, usou-se artigos masculinos para se referirem a elas. Os exemplos são diversos.

⁴⁷⁹ Neste trabalho, como já deve ter sido notado, utilizo “hermafrodita” respeitando a escolha dos autores que assim o denominam. No entanto, os mesmos autores, principalmente Jorge Leite Jr. destacam que existe um conhecimento sobre o intersexo, mas que o processo de estigma sobre o hermafrodita foi calcado justamente na constante substituição de termos com o intuito de manter uma certa soberania dos autores dos discursos sobre a categoria. Um exemplo disso é a recente apropriação, por parte da biomedicina, que tomou a iniciativa de renomear e preconizar recomendações sobre as pessoas intersexo. Ver: RODRIGUES, Rejane & FARIAS, Francisco. **QUANDO O CORPO INDECIDÍVEL NÃO TEM VEZ: INTERSEXUALIDADE E PRÁTICAS MÉDICAS NA FRANÇA DOS SÉCULOS XIX E XX**. Revista *Ártemis*, vol. XXX nº 1; jul-dez, 2020. pp. 211-234. Disponível em: [Vista do Quando o corpo indecível não tem vez: intersexualidade e práticas médicas na França dos séculos XIX e XX \(ufpb.br\)](https://www.ufpb.br/revista/2020.1/intersexualidade-e-praticas-medicinas-na-franca-dos-seculos-xix-e-xx) Acesso em: 09/07/2021.

⁴⁸⁰ ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A Princesa**: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 147.

4.5 Travestis e Transexuais: experiências.

Ao longo dos anos, notadamente a partir da década de 1990, como é possível observar no trabalho de Neuza Maria de Oliveira, uma dissertação de mestrado defendida em meados dos anos 1980, que depois foi publicada em livro, as travestis já se confundem com os cenários das grandes metrópoles nacionais. No caso de Oliveira, o Pelourinho, na cidade de Salvador⁴⁸¹. Um trabalho pioneiro e histórico sem dúvida, mas que encarava as travestis como imitação da mulher, além de sempre se referir a elas no masculino. Talvez, no período, ainda não tivessem se questionado sobre como a/o Outra/o gostaria de ser identificado.

O antropólogo Hélio Silva, considerado, junto com Neuza Oliveira, pioneiro nos estudos de travestilidades no Brasil, publicou três trabalhos sobre o tema, sendo que o terceiro foi a fusão dos dois primeiros. Sua pesquisa sobre as travestis que vivem na Lapa carioca é considerada um marco etnográfico, sob o ponto de vista dos estudos pós-coloniais, uma vez que a fala dos indivíduos foi priorizada. Silva buscou em seus estudos a construção do feminino na travesti, a forma como esse “nascimento” ocorria, desde a escolha de um esmalte, batom, peças de roupa, silicone, até o posicionamento da travesti em dada esquina.

Silva é referência, inclusive, na análise da distribuição espacial das travestis nos locais de prostituição, no caso específico, o boêmio bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, que, dentre outras orientações, demarcava a questão financeira dos clientes. Um passo importante foi dado no intuito de compreender o universo desses indivíduos, é verdade, mas há lacunas que não foram preenchidas, tais como o passado familiar, as relações de amizade marcadas por disputas e afetos.

No entanto, tal qual Neuza Oliveira, ainda permanece a pecha masculina no trato às travestis, com um agravante, no caso de Silva. Ele sabe que elas são chamadas no feminino, como ele mesmo deixa claro, mas prefere usar, ao longo do trabalho, sempre o masculino ao se referir a elas: “Mencionam a filha e sobrinha advogada, cujo retrato enfeita a parede da sala de depilação. Tratam as travestis sempre no feminino: ‘Olha como a perna dela é bonita. Agora vai ficar bonita, vai poder ir à praia⁴⁸²’”.

⁴⁸¹ OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Dama de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994.

⁴⁸² Como já destacado, o trabalho citado de Hélio Silva é uma fusão dos dois trabalhos iniciais. Atente-se ao fato de que a forma como ele se refere a elas era feito no início dos anos 1990, mas que não foi revista quando da

Ainda nesse grupo, estão o livro do fotógrafo e psicanalista Hugo Denizart sobre as travestis cariocas. Em fotografias ousadas e inusitadas, Denizart conseguiu fazer um instigante trabalho, unindo fotografia, entrevista e análise. A obra fora lançada um ano após o surgimento do coquetel antirretroviral, que por sua vez foi e é de fundamental importância na transformação da Aids em doença crônica, logo, passível de tratamento. No entanto, no momento de lançamento da obra, as travestis – ou, como Denizart chama na obra, “os travestis” – ainda eram vistas como “modelo macabro de visibilidade na Aids⁴⁸³”.

Outros autores, que não necessariamente priorizaram a travestilidade como foco principal em suas pesquisas, falaram sobre elas, insistindo no masculino, ou criando algumas teorias sem amparo na realidade delas. Néstor Perlongher, antropólogo argentino radicado no Brasil, em seu importante e sempre presente “O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo” assim se refere às travestis: “[...] outras formas de prostituição homossexual, tanto da exercida pelo travesti – que cobra do macho por sua representação artificial da feminilidade [...] perturbadoras excitações do fetiche⁴⁸⁴”. Além de João Silvério Trevisan, como já frisado anteriormente.

Por outro lado, após os anos 2000, outros autores, de diferentes áreas, passaram a levar em consideração a forma como as travestis se referiam a si mesmas, não deixando mais que suas visões, marcadas por um quê de machismo, falassem sobre elas. Nesse sentido, apenas para marcar temporalmente, há os já citados trabalhos de Larissa Pelúcio e Tiago Duque, Don Kulick⁴⁸⁵, Pedro Paulo Sammarco Antunes⁴⁸⁶, Marcos Benedetti⁴⁸⁷, Rafael França⁴⁸⁸, Mônica Siqueira⁴⁸⁹, dentre outros não menos importantes.

Por outro lado, quando se olha para os estudos de mulheres trans, é possível perceber que o feminino sempre é respeitado, independente do momento em que tais pesquisas são

publicação desta obra citada, em 2007, permanecendo a mesma forma de tratamento. Ver: SILVA, Hélio. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 60.

⁴⁸³ DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica: travestis no Rio de Janeiro – Erotic engineering: transvestites in Rio de Janeiro**. Edição bilíngue. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997, p. 57.

⁴⁸⁴ PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 44.

⁴⁸⁵ KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

⁴⁸⁶ ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Annablume, 2013.

⁴⁸⁷ BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

⁴⁸⁸ FRANÇA, Rafael. **As aparências enganam?: a arte do fazer-se travesti**. Curitiba: Appris, 2015.

⁴⁸⁹ SIQUEIRA, Mônica. **ARRASANDO HORRORES! UMA ETNOGRAFIA DAS MEMÓRIAS, FORMAS DE SOCIABILIDADE E ITINERÁRIOS URBANOS DE TRAVESTIS DAS ANTIGAS**. 530 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Curso de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.

feitas. No entanto, diferente das travestis que de maneira incipiente começam a escrever sobre si, como os casos de Luma Andrade⁴⁹⁰, Megg Rayara de Oliveira⁴⁹¹, Thiffany Odara⁴⁹², Amara Moira⁴⁹³ e Luísa Marilac, em coautoria⁴⁹⁴, na transexualidade, de mulheres e/ou homens, já é possível encontrar diversas obras autobiográficas ou de pesquisa acadêmica, bem além dos estereótipos criados por Robert Stoller e companhia.

Berenice Bento, uma das autoridades em transexualidade no Brasil foi e ainda é uma das que mais produzem sobre o assunto. Desde os fundamentais “A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual” e “O que é transexualidade?”, Bento foi consagrada como uma das que pavimentaram os caminhos para que se pudesse ampliar os estudos na temática⁴⁹⁵. Os vários destaques na obra acadêmica de Bento dizem respeito ao seu amplo arsenal de análise, desde o corpo em si, passando pelos debates sobre a cirurgia de redesignação sexual, até a “gambiarra legal⁴⁹⁶” que circunda a autorização, via Estado, para que pessoas possam ter seus nomes e gêneros alterados nos documentos oficiais.

No entanto, antes de Bento, já havia vozes trans solitárias reclamando audição. Anderson Herzer, homem trans⁴⁹⁷, no livro póstumo “A queda para o alto⁴⁹⁸”, que contou com a ajuda providencial de Eduardo Suplicy para ser publicado, mostra os infernos pelos quais passou, da infância traumática, passando pelas constantes internações em centros de ressocialização de menores de idade, na cidade de São Paulo, até o fatídico desfecho que

⁴⁹⁰ ANDRADE, Luma. **Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa**. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2015.

⁴⁹¹ OLIVEIRA, Megg Rayara de. **Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e gênero**. Salvador: Editora Devires, 2020.

⁴⁹² ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação**. Salvador: Editora Devires, 2020.

⁴⁹³ MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

⁴⁹⁴ MARILAC, Luísa & QUEIROZ, Nana. **Eu, travesti: memórias de Luísa Marilac**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

⁴⁹⁵ Ver: BENTO, Berenice: **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Salvador: Editora Devires, 2017. Ver também: BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

⁴⁹⁶ BENTO, Berenice. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal**. Revista Contemporânea. v. 4, n. 1 p. 165-182 Jan.–Jun. 2014.

⁴⁹⁷ Herzer se via enquanto homem, assim vivia e era aceito pelas demais internas da Febem, instituição na qual passou alguns anos, entre idas e vindas. No entanto, sua identidade de gênero era sistematicamente atacada pelos funcionários da Febem, pela polícia e pela imprensa. O jornal O Globo, por exemplo, em edição de 10 de outubro de 1982, trazia no suplemento dominical, além do nome de registro de Herzer, a seguinte manchete: “Em livro póstumo, o depoimento de amor e desespero da jovem travesti, ex-interna da Febem”.

⁴⁹⁸ Há, ainda, o filme chamado “Vera”, inspirado no livro de Herzer, do diretor Sérgio Toledo. Ana Beatriz Nogueira, atriz que interpretou Herzer, ganhou o urso de prata de melhor atriz no prestigiado Festival de Cinema de Berlim.

culminou em seu suicídio⁴⁹⁹. João Nery, também homem trans, possibilitou que a temática fosse ampliada tendo sua vida esmiuçada para que outras/os, pudessem se identificar.

Nery, aliás, foi uma das vozes trans que mais se dedicou à ampliação do debate da transexualidade no país, englobando, inclusive, as travestis, que têm no livro “Velhice transviada” participação fundamental. Na obra “Viagem Solitária”, Nery perpassa pelos conflitos internos e familiares que sua “inadequação corporal” provocou, descrevendo os inícios das mudanças no corpo, passando pelos amores e pelas aventuras sexuais, e seus percalços, e sua aceitação dentro de casa⁵⁰⁰. Antes de morrer, em 2018, Nery ainda mostrava o vigor que sua voz poderia alcançar em prol das pessoas trans – travestis, mulheres e homens trans.

No espaço acadêmico, para além das importantes contribuições de Berenice Bento, estão as pessoas trans que estão falando muito sobre si. O caso da já citada Jaqueline Gomes de Jesus, mulher trans preta, professora universitária, transfeminista. O de Sofia Favero, descrevendo o pouco explorado espaço das crianças trans, usando, para isso, sua própria história de vida⁵⁰¹. Além de Paul B. Preciado.

Do jornalismo há dois importantes trabalhos sobre pessoas trans. Um foca no mercado de trabalho, o mesmo que comumente costuma rechaçar a presença de pessoas “inconformes às regras”, e que, por conta disso, acabam ficando excluídas. Com prefácio de Jaqueline de Jesus, o livro aborda histórias de vida de pessoas trans que resistiram e conseguiram conquistar lugares no mercado de trabalho formal⁵⁰², embora seja conhecido o árduo percurso de pessoas trans por essa seara, principalmente de travestis.

Ainda no jornalismo, há o importante trabalho de Fabiana Moraes, “O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”. Nesta obra, vencedora de vários prêmios, Fabiana enveredou por um espaço estranho a si, como ela deixa claro, mas que não a impediu de penetrar para descobrir as dificuldades que a protagonista daquele trabalho enfrentaria para conseguir ser reconhecida enquanto a mulher que era. Acompanhando a vida de Joicy, Fabiana foi ao sertão pernambucano descobrir como era a

⁴⁹⁹ HERZER. **A queda para o alto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

⁵⁰⁰ NERY, João. **Viagem solitária**: memórias de um transexual 30 anos depois. Rio de Janeiro: Leya, 2011. Ver também: NERY, João. **Velhice transviada**: memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

⁵⁰¹ FAVERO, Sofia. **Crianças trans**: infâncias possíveis. Salvador: Editora Devires, 2020.

⁵⁰² VASCONCELOS, Paloma. **Transresistências**: histórias de pessoas trans no mercado formal de trabalho. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2018.

vida de uma transexual na Caatinga⁵⁰³. Do humilde salão de beleza do qual Joicy é proprietária e única funcionária, passando pelas dificuldades de traslado entre o interior e a capital, Recife, Fabiana e Joicy foram adentrando no árido espaço do Ambulatório de Transexualidade, serviço criado pelo SUS em 2008, para acompanhamento de terapias hormonais, atendimento psicológico e cirurgia de redesignação sexual.

A aridez que Fabiana identifica no laboratório instituído pelo SUS diz respeito ao acolhimento dispensado a Joicy. De acordo com ela, a cabeleireira recebera um telefonema do hospital dizendo que havia chegado a vez dela de fazer a cirurgia. Uma vez lá, havia outras mulheres trans que também fariam a cirurgia e tanto as trans quanto o atendimento em si do hospital foram indiferentes a Joicy, pois, na visão deles, ela não tinha a feminilidade suficiente para ser considerada uma mulher trans, muito menos de fazer uma cirurgia daquela natureza. É com esse mote que Fabiana vai traçando a recepção dispensada a Joicy, ex-lavradora da Caatinga, com modos abruptos e performatividade incompatível ao que muita gente considera feminino.

Berenice Bento expõe uma diferenciação cultivada por muitas mulheres trans sobre uma feminilização diferente daquela verificada nas travestis. Segundo Bento, as travestis são estereotipadas pelas mulheres trans quase da mesma forma como a sociedade, de maneira geral, as encaram. A feminilidade das travestis, de acordo com Bento, é vista como exagerada, bruta, vulgar, com traços masculinos evidentes⁵⁰⁴, tal qual Fabiana Moraes percebeu na forma como as outras mulheres trans notavam Joicy:

[...] quem nasce com pênis e se assume mulher precisa usar brincos, maquiagem e curvas para ser entendido como uma. Já as nascidas com corpo feminino, se quiserem mostrar sua identificação com o gênero masculino, precisam abrir mão de qualquer signo de feminilidade. Quem não adere a tais signos termina passando certa desconfiança, como se não houvesse uma “vontade” real de mudar de sexo. Foi o que aconteceu com a própria Joicy: sem ostentar aquilo que é socialmente atrelado ao feminino, ela passou três, e não dois, anos realizando a terapia obrigatória a quem vai se submeter à mudança de sexo⁵⁰⁵.

⁵⁰³ MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

⁵⁰⁴ BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 55.

⁵⁰⁵ MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015, p. 47.

Coadunar corpo e performance dentro da lógica heteronormativa é uma prática que percebemos, reforçamos e reproduzimos em algum momento da vida, exatamente da mesma forma que as outras mulheres trans exigiram de Joicy. Bento também destaca algo parecido, ampliando estratégias de convencimento para corpos em realinho. Nos diz ela que se o imaginário social que pensa a mulher como compreensiva, bondosa, paciente e passiva; o homem como ativo, racional e competitivo, se esperará exatamente os mesmos comportamentos de homens e mulheres trans. Bento ainda frisa que esse entendimento, inclusive, é dominante em médicos e profissionais da saúde mental que lidam com as/os transexuais⁵⁰⁶.

De acordo com Jorge Leite Jr., o impasse interno entre travestis e mulheres trans tem origem antiga e polissêmica. O autor concorda com Berenice Bento sobre o entendimento que muitas mulheres trans têm da feminilidade das travestis, classificando-as como “indiscretas e não naturais”. Além disso, continua Leite Jr., há o imaginário criado entre travestilidade e prostituição/criminalidade. Por outro lado, diz o autor, as travestis também reforçam impressões das mulheres trans, afirmando que “é comum travestis se referirem às transexuais como sendo ‘loucas’, em uma estratégia de destronamento⁵⁰⁷”, acreditando piamente “que não são mulheres de verdade”, algo que também já sustentei em outro trabalho⁵⁰⁸.

Um dos pontos destacados por Leite Jr. diz respeito à confusão que os conceitos de travesti e transexual ainda possuem, constantemente sendo mesclados, mesmo com cada vez mais informações sobre elas. O autor sustenta que ambas herdaram, principalmente a travesti, o estigma que nasceu com a instrumentalização do hermafrodita, nos séculos XVIII e XIX. Para ele, havia certa receptividade ao encarar os dois conceitos como “monstros sexuais⁵⁰⁹”, com declarada má vontade para com as travestis. Dessa forma, sustenta Leite Jr., o polo mais negativo, representado pelas travestis, serviu como um fator diferenciador entre as próprias

⁵⁰⁶ BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 21.

⁵⁰⁷ LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 214.

⁵⁰⁸ VASCONCELOS, Osvaldo; VIEIRA, Manuela; CAL, Danila. **Sou fêmea, sou mulher**: a trajetória de Sandra Flor, transexual e prostituta, rumo ao ideal feminino. Revista Periódicus. n. 7, v. 1 maio.-out. 2017 p. 313-326. Disponível em: [Sou fêmea, sou mulher: a trajetória de Sandra Flor, transexual e prostituta, rumo ao ideal feminino | Vasconcelos | Revista Periódicus \(ufba.br\)](#)

⁵⁰⁹ LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 213.

pessoas que se identificam enquanto pessoa trans, ou seja, enquanto travesti ou mulher/homem trans⁵¹⁰.

Como o discurso sobre a transexualidade possui uma aura mais “higiênica”, forjado nos laboratórios e consultórios da Europa e dos Estados Unidos e ainda pouco disseminado popularmente em suas especificidades teóricas, pode-se afirmar que o termo “transexual” possui um capital linguístico mais valorizado que o termo “travesti”, podendo mais facilmente ser convertido em capital social e, desta forma, sendo capaz de abrir ou fechar portas segundo a maneira que a pessoa se auto-identifica ou é identificada. Assim, apresentar-se ou ser apresentada como “transexual”, em especial se vier acompanhada de uma “feminilidade burguesa”, confere um aumento de capital simbólico associado a esta pessoa, que adquire especial valor quando, em ambientes onde os capitais econômicos dos sujeitos envolvidos são próximos, esta forma de distinção pode ser um passaporte para a transição entre os grupos sociais⁵¹¹.

Nessa perspectiva, Leite Jr. destaca que em determinados países a travesti é identificada como “transexual secundário”, pois, em associação com a transexual primária, o grande impasse está na recusa em se “desfazer” da sua genitália⁵¹². Esta ponderação nos leva de imediato ao questionamento de Foucault, que sinalizei nas primeiras páginas deste capítulo: “Precisamos verdadeiramente de um sexo verdadeiro?”. Na continuidade do capítulo, agora com as narrativas de três interlocutoras, voltarei a adentrar nesta diferenciação suscitada por Leite Jr. e também no questionamento foucaultiano.

Os limites entre “ser travesti” ou “ser transexual”, aponta Leite Jr., nas quais a identidade travesti, histórica e supostamente, é a mais conhecida, perpassam dois universos, por vezes conflitantes, representados pela rigidez dos discursos científicos, de um lado, e a flexibilidade intencional da cultura de massas, de outro⁵¹³. Tal cenário, em fusão, cria um imaginário permeado de meias-verdades, mitos e folclores cujos objetivos, principalmente aos envolvidos, é diminuir – e, se possível, erradicar – o estigma de si e jogar para o Outro, aumentando, assim, a fissura entre ambos até que chegue ao ponto, talvez idílico, de que as diferenças entre eles sejam tão autoevidentes que não suscitem mais debate.

Dessa forma, continua Leite Jr., em muitos casos, “assumir-se como travesti ou transexual era muitas vezes uma questão situacional”, como é o caso de muitas interlocutoras desta pesquisa. A identidade de gênero de algumas, tão consoante à mobilidade preconizada por Butler, se confundia com orientação sexual. E, como destaca Leite Jr., assumir uma ou

⁵¹⁰ LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 214.

⁵¹¹ Idem, p. 215.

⁵¹² Idem, p. 199.

⁵¹³ Idem, p. 24.

outra, dependia de onde se estava, com quem se estava e qual a finalidade de abordar tal assunto. O resultado, quase sempre uma miscelânea, é consequência também dos embates que foram travados quando os fenômenos Rogéria e Roberta Close foram alçados ao estrelato.

Quando Rogéria começou a se destacar, as travestis já gozavam do pesado estigma que carregam ainda hoje. No entanto, como já destacado por Márcio Paschoal, na biografia da artista, e por Fábio Henrique Lopes, analisando algumas travestis-artistas “das antigas”, ou “primeira geração⁵¹⁴”, havia um claro movimento em separar as “travestis-artistas” das outras travestis que jaziam nas esquinas, vendendo a matéria-prima representada por seus corpos. O movimento duplo de ressaltar a experiência artística e ao mesmo tempo invisibilizar as experiências das outras, das marginalizadas, foi e ainda é um dos grandes embates travados entre travestis, artistas ou não.

De todo modo, a imagem da “travesti-artista” vingou e encontrou em Rogéria, mas também em Divina Valéria, Jane Di Castro, Camille K, Fujika de Holliday, Eloína dos Leopardos, Marquesa e Brigitte de Búzios⁵¹⁵, um arquétipo no qual se agarrar. Não por acaso, as travestis, artistas ou não, são atravessadas por um marcador que, bem manuseado, acaba tendo resultados diferentes. Leite Jr. destaca que a palavra travesti, de origem francesa, atravessou os séculos com a pecha de “mascaramento”, “ambiguidade”, “incerteza e, no limite, da representação de uma mentira⁵¹⁶”.

Por outro lado, continua Leite Jr., o inverso aconteceu com as transexuais. Quando o país passou a se familiarizar com a palavra “transexual”, foi na figura de Roberta Close que o termo encontrou significado. O autor diz que no início Roberta era chamada de “travesti”, mas mais por conta da pouca familiaridade que a palavra “transexual” transmitia. Outro ponto destacado por Leite Jr. diz respeito ao fato de que mesmo dentro da ideia que se tinha de transexuais no período, Roberta também não se encaixava, pois não cabia no padrão que o discurso médico tinha de pessoas com “transtorno mental”, como a transexualidade era

⁵¹⁴ LOPES, Fábio Henrique. **SUBJETIVIDADES TRAVESTIS NO RIO DE JANEIRO, INÍCIO DA DÉCADA DE 1960.** ALOMA DIVINA. *Revista TransVersos*, [S.l.], n. 14, p. 52-69, jan. 2019. ISSN 2179-7528. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39328/27593>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁵¹⁵ Todas as citadas fizeram parte do documentário “Divinas Divas”, de 2017, dirigido pela atriz e diretora Leandra Leal. Um dado importante, abordado na película, é justamente a diferenciação que estou debatendo, entre as travestis-artistas e as travestis não-artistas. Todas as que aparecem no filme são ou foram atrizes do teatro.

⁵¹⁶ LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam:** a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 200.

identificada na época⁵¹⁷, cujas características, segundo a psiquiatria, era “profunda infelicidade, a *tendência à automutilação e ou autoextermínio*”⁵¹⁸.

Inicia-se então uma discussão nacional via mídia e cultura de massas sobre o status social, conceitual e, conseqüentemente, terminológico desta modelo e pessoas afins. Roberta Close era de classe média, sem nenhum tipo de associação com o mundo da prostituição ou da marginalidade; as matérias da mídia sobre ela apareciam em revistas, jornais e programas de TV voltados para a parcela da população com bom poder aquisitivo e nas seções cultura, lazer ou colunas sociais, não nas páginas policiais entre criminosos e drogados. Roberta encarnava perfeitamente os valores morais e estéticos de beleza e feminilidade esperados de uma “verdadeira” mulher burguesa, e não se parecia em nada com o estereótipo da figura da travesti do imaginário social da época, ou seja, um homem grotescamente vestido de mulher.

A visibilidade positiva que as transexuais ganharam com o surgimento do fator Roberta Close, embora não pareça, acabou, mesmo que negativamente, propiciando o debate das travestilidades, mais por conta da luta delas, há décadas, o que vai ao encontro da “resistência e atuação” que pontua a historiadora Joan Scott ao reforçar que as “experiências invisibilizadas” não são exterminadas, como a fazem parecer, ou querem acreditar os fazedores de invisibilidades⁵¹⁹. Neste ponto, Scott e Edward Thompson se somam, pois ambos reforçam que não há outro meio, senão pela experiência que, homens e mulheres – e demais identidades de gênero, arrisco – se encontram com as relações produtivas, com as necessidades, suas e do outro, e interesse geral. Thompson destaca, ainda, que a classe só é definida quando os sujeitos vivem sua própria história⁵²⁰, ou seja, tanto travestis quanto transexuais, ao terem contato com experiências, negativas ou não, se descobrem, via pensamento, enquanto ser social.

Nesta perspectiva, levantada pelos dois historiadores, Berenice Bento destaca o valor inestimável da experiência, ressaltando que as vivências do indivíduo não podem ser dissociadas da “cadeia de significado que antecede o sujeito”⁵²¹. A autora destaca que quando

⁵¹⁷ Depois de 28 anos na categoria de “transtorno mental”, a transexualidade deixa de ser considerada uma patologia, passando, agora, no Código Internacional de Doenças (CID) 11, a se encaixar em “incongruência de gênero”. Embora seja uma mudança importante, é preciso ressaltar o papel estigmatizador dos discursos médicos/ciências psi na construção de identidades inconformes, como destaca Berenice Bento. Ver: BENTO, Berenice. **O processo de revisão do DSM-5: gênero é uma categoria cultural ou de diagnóstico?** In: BENTO, Berenice. **Transviad@as: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

⁵¹⁸ LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011, p. 207. [Grifos do autor].

⁵¹⁹ SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Proj. História. São Paulo, (16), fev. 1998, p. 303.

⁵²⁰ THOMPSON, Edward. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 130.

⁵²¹ BENTO, Berenice. **A politização das identidades abjetas**. In: BENTO, Berenice. **Transviad@as: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 280.

essa dissociação é feita, separando experiência singular e os eventos que existiram antes do sujeito, como costuma acontecer com as preferências dos discursos médicos/ciências psi, “não há muita alternativa para além da patologização”. Bento, por fim, ressalta a importância de se “inserir as narrativas em uma perspectiva histórica mais ampla para retornar ao próprio sujeito da fala” e deixar que ele, e somente ele, sujeito, possa “atribuir significados para suas existências⁵²²”.

4.7 Um rio chamado Renata

O nome “Renata Rios Hair Stylist” está grafado em letras levemente onduladas e inclinadas para a direita, quase deitadas, imitando uma cabeleira sendo levantada por um forte vento. O “Rios”, além de constar na fachada do salão de beleza cuja propriedade pertence a Renata, também é usado em outras ocasiões de cunho mais íntimo. Foi dado por uma cunhada que, espantada com a altura de Renata, afirmou que ela parecia um “rio amazônico”, assim, “Rio” virou uma alcunha familiar. Dado no singular, foi acrescido de um “s”, “pra ficar mais gay”, destaca Renata.

O salão de beleza que agora Renata encabeça teve suas origens ainda no início da juventude, em meados da década de 1980, em Belém. Logo após o primeiro contato com as travestis que se prostituíam na avenida Assis de Vasconcelos, nas margens da praça da República, Renata retornou outras vezes até lá, fazendo questão de estabelecer amizade com aquelas pessoas. Ela afirma que queria “saber como elas tinham deixado o peito daquele jeito, como deixavam a bunda grande, os quadris”. Aos poucos, sem perceber, Renata foi construindo a imagem que projetou para si, não para aquele momento, mas para o futuro.

Depois de uma breve passagem pela cidade de Santarém, no Pará, na qual também manteve contato com uma travesti que, segundo Renata, era a única por aquelas bandas. Durante a curta temporada na região Oeste do estado, foi com Mangueira, a travesti santarena, que Renata deu os primeiros passos nas brincadeiras de carnaval e na sociabilidade de modo geral. Ainda nesse período e na companhia de uma travesti, ela afirma que mesmo “muito afeminada”, mantinha as roupas masculinas, o cabelo cortado e demais “hábitos masculinos”.

⁵²² BENTO, Berenice. **A politização das identidades abjetas**. In: BENTO, Berenice. Transviad@as: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 281.

Ao retornar a Belém novamente, talvez cultivando em si alguma mudança, recebe de uma irmã o estímulo para fazer um curso profissionalizante de cabeleireiro no período da tarde, já que estudava apenas pela manhã. “Rolou identificação com o curso”, diz Renata. As habilidades com penteados e cortes surpreendeu não somente ela, mas a professora que ministrava o curso. Rápido Renata foi alçada ao posto de preferida e, por conseguinte, ajudante. No término do curso, por problemas pessoais, Renata substituiu a professora, passando, a partir daquele momento, a ser a professora assistente. O certificado, por conta disso e também para mantê-la “presa ao curso”, foi postergado, afirma. “Fui receber o rolinho de papel”, diz, “meses depois”. Embora contrariada, Renata permaneceu no curso e aumentou o acervo de especialidades.



Imagem 14: Certificado de Cabeleireira.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

O certificado é exibido no salão de beleza de Renata ainda hoje, figurando acima de um aquário com cinco peixes, três alaranjados e dois azuis, cujos nomes Renata não quis mencionar, exibindo após a negativa, um longo sorriso misterioso. O certificado é, para Renata, muito mais que um papel, é a confirmação de que ela possui algum talento e pode comprovar. Pensando nisso, comemorou o recebimento do certificado com festa, como pode ser notado na imagem a seguir. Ao resgatar das lembranças esse período, Renata chora. Inconformada pela altura, que sempre considerou excessiva, pela timidez e pela afeminação, Renata tinha medo do futuro. Imaginava o que seria dela se os pais morressem, com quem ficaria morando. O medo de ser convidada a se retirar de casa, inicialmente um fantasma que só ela alimentava, passou a se materializar.



Imagem 15: Festa de formatura do curso de cabeleireira.

Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Talvez por temer esse desfecho, especula Renata, preferiu direcionar sua afeminação, “sempre natural”, destaca, para a sobriedade da discrição. “Eu já apanhava na rua por ser afeminada, embora discreta, imagina se eu desmunhecasse”, diz. Quando Renata relembra das agressões físicas das quais era vítima na rua, sempre por conta da afeminação, o tom de voz, calmo e levemente grave, oscila. No entanto, ainda sobre a afeminação, ela diz: “Eu pensava: isso é estranho [afeminação] porque mulher não anda assim. [Mulher] é sempre bem comportadinha, mais delicada”.

O ponto destacado por Renata, já debatido neste capítulo, sobre os atributos que as pessoas trans, travestis e transexuais, precisam ter para ostentar ser “homem/mulher de verdade”, fazem parte de uma complexa rede de performances, detectadas por Judith Butler, sempre colocadas em prática pela matriz heterossexual, de modo a justificar o gênero no qual se nasceu e, de quebra, ratificar a orientação sexual, como se os dois, gênero e orientação, fossem equivalentes⁵²³.

Marcio Paschoal, embora tenha se mostrado compreensivo às origens socioeconômicas de muitas travestis, mas também para se mostrar consoante ao discurso de

⁵²³ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Rogéria, de quem ele fazia a biografia, mostrou-se bastante conservador quanto às possibilidades de se viver o gênero:

[...] há quem diga que os homens assediam *os* travestis justamente pela existência do pênis. Se quisessem uma mulher total não procurariam homossexuais, e sim mulheres de verdade. O desejo de se tornar fêmea e obter prazer com uma vagina também pesavam, embora tal efeito não fosse garantido. [...] Rogéria, desde bem novinha, tinha uma certeza: não se mutilaria de jeito nenhum⁵²⁴.

A posição de Rogéria sobre o próprio pênis é bastante conhecida, ideia difundida pela própria, com raízes muito diversas, como fica evidente ao longo da biografia. No entanto, uma das explicações reside justamente quando a artista percebeu que ao se contrapor à ideia de cirurgia de redesignação sexual, primeiro para si, e, por conseguinte para outrem, não avançava para um território que não “era seu de origem” e, de quebra, angariava aliados e fãs. Em depoimento a Paschoal, Rogéria diz: “Sabe por que eu não faço esse tipo de operação? Porque ninguém vira mulher mesmo, a cabeça é sempre homossexual⁵²⁵”.

A explicação de Rogéria sobre não fazer a cirurgia, mesmo que tenha sido vista como um engodo, exemplificava a situação de Renata Taylor. A feminilidade que ela afirma ser natural, embora discreta, não conseguia se assemelhar com o que ela via no espelho. “A imagem errada”, que ela afirma ter a seu respeito, se somou ao fantasma da expulsão de casa. Renata era identificada pelos outros e também por si como homossexual, mas, ela reitera, o “meu eu não era de gay, era de mulher”. Em paralelo, dentro de casa, os conflitos começaram a surgir. O namorado de uma irmã, descaradamente homofóbico, diz Renata, passou a interferir na harmonia do lar. Influenciada pelo namorado, continua Renata, ameaçou: “Olha, tu tens que te assumir, esses teus trejeitos...”.

Os fantasmas de Renata continuavam a assombrar, seja pela expulsão de casa, seja pelos ataques que sofria por conta do seu “jeito de ser”. No entanto, já com o certificado de cabeleireira, conseguiu um emprego num salão de beleza e, por conta disso, passou a cultivar amizades com homossexuais, além das travestis que já mantinha contato. O dono do salão, patrão de Renata, dava conselhos, explicando que não havia nada de errado com ela, que era natural ela ser quem era, que havia milhares de pessoas iguais a ela no mundo. Renata destaca

⁵²⁴ PASCHOAL, Marcio. **Rogéria**: uma mulher e mais um pouco. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016, p. 216. Grifo meu.

⁵²⁵ Idem, p. 216.

que foi o patrão, que ela chama de amigo, que estimulou o diálogo com a família. “Ele disse pra mim contar em casa e se eles me mandassem embora eu podia ir morar com ele”, relembra.

Renata convocou uma reunião familiar para confessar seu segredo. Antes, foi à casa de uma irmã com quem mantinha boa relação. Adiantou a ela o segredo. “Sou gay, mas não me sinto gay, ainda tá uma atrapalhada na minha cabeça, porque eu me sinto mulher”. Por fim, Renata ainda disse à irmã que se os pais a mandassem embora por conta do que diria a eles, pediria uma rede emprestada e a benção deles antes de partir. “Eu acho lindo”, diz Renata, chorando, “quando pai e mãe abençoam os filhos”. Em resposta, ouviu da irmã que era para ela pedir somente a rede, pois se ela fosse expulsa de casa, moraria na casa dela, pois “não é por que és diferente que vou deixar de te amar”, recorda Renata.

O drama de ser expulsa de casa não passou de um fantasma. Renata disse aos pais exatamente o que havia dito à irmã. Se os pais se chocaram, nada disseram. Ao contrário do que imaginou, os pais foram compreensivos e muito mais acolhedores do que ela foi capaz de imaginar. O pai, inclusive, disse que caso ela tivesse namorado, ou viesse a ter, que poderia levar em casa, exatamente como os outros filhos e filhas faziam. O outro fantasma, aquele que fazia Renata não se reconhecer no espelho, por outro lado, se agigantou e passou a assombrá-la mais ainda. Dessa vez, no entanto, Renata enfrentou. No seu entendimento, resolvido o problema mais delicado, sua relação com a família, os outros ela enfrentaria.

Sanado o conflito em casa, Renata, que já assinava as provas finais com o nome que escolheu para si, entendeu que precisava de um sobrenome. Inicialmente, o próprio nome fora reavaliado, pois queria ter o mesmo nome daquela que lhe inspirava: Roberta Close. Logo abandonou a ideia e decidiu por Renata. Quanto ao sobrenome, depois de refletir, escolheu “Tibiriçá”, que, segundo ela, é um cipó existente na Amazônia, conhecido por sua resistência⁵²⁶. E como ela se via “magra, alta e seca”, entendeu que era o mais adequado, afirma. Logo em seguida, para homenagear outra fonte de inspiração, escolheu outro sobrenome, dessa vez da atriz inglesa Elizabeth Taylor. Ainda houve espaço para mais um. Assim, Renata já tinha nome e muitos sobrenomes para chamar de seus para quando fosse a

⁵²⁶ Pesquisei a origem do nome “Tibiriçá” e não encontrei nada relacionado ao que ela afirma. O único registro consistente em relação ao termo diz respeito ao nome do líder indígena tupiniquim que existiu durante o período colonial brasileiro. Talvez nos recônditos da região amazônica o cipó seja conhecido por esse nome e também tenha esse significado que ela lhe atribui.

São Paulo: Renata Tibiriçá Taylor de Monte Carlo. “Só os imperadores, os reis, os nobres têm nomes tão longos, e eu me achava uma pessoa nobre”, explica.

Munida de informações sobre como poderia transformar o corpo com silicone e tendo juntado dinheiro com o trabalho no salão de beleza, Renata rumou, de ônibus, para a cidade de São Paulo. Nos primeiros dias, encantada com a grande metrópole, visitou monumentos e pontos turísticos, se hospedou em hotéis e fez outros passeios. Até que o dinheiro foi acabando e o silicone, muito caro. Ela destaca que sonhava em ter silicone em prótese, mas que havia se contentado com a possibilidade de usar somente o silicone líquido, mais barato que o primeiro. No entanto, na situação financeira em declínio, ambos foram se transformando em sonhos distantes.

Entre a chegada como turista a São Paulo e o encontro com a realidade indiferente do lugar, diz Renata, foi questão de dias. Já havia passado o tempo de turista. Agora, ela estava fazendo parte da cidade. Logo ela percebeu que, sem dinheiro, teria a prostituição como arma para sobreviver. Ela diz que se prostituir não estava em seus planos, mas que, naquela circunstância, era o que havia disponível.

No entanto, a altura continuou a ser um problema para Renata. Do alto de seus quase dois metros, sem salto, ela tinha dificuldade em encontrar um cliente que encarasse aquele “mulherão, quase um avião”, lembra. Outro fator, que se somou à altura, foi a inexistência de silicone, que a deixava em desvantagem com as outras colegas de calçada. Mesmo que o silicone tenha sido o principal motivo para sua ida a São Paulo, ter tido contato com a forma que ele era aplicado, fez Renata balançar. Ela afirma que viu algumas bombadeiras executando a tarefa e os gritos emitidos pelas travestis foi uma “experiência horrível”, destaca. Após isso, continua Renata, ter presenciado a morte de uma travesti durante a aplicação de silicone industrial, normalmente sem anestesia, foi a gota d’água para ela desistir por completo da iniciativa. Por força das circunstâncias, se agarrou aos pequenos seios que os hormônios que ela já tomava lhe deram.

Enterrada a ideia de ter silicone no corpo, Renata continuou tentando conseguir clientes nas calçadas paulistanas. O fracasso era diário. Ela relembra que sem silicone não conseguiria nada com as “mariconas⁵²⁷”. Outro fator que pesava bastante contra Renata era

⁵²⁷ Termo êmico usado por diversas travestis Brasil afora, além de ter aparecido em diversos trabalhos, muitos já citados nesta pesquisa, e é a forma como as travestis identificam os homens que as procuram para pagar por

que ela não era “bem dotada”. Muitos homens, quando a abordavam nas calçadas, a despeito da falta de silicone, eram atraídos pela altura dela, logo concluindo que embora não tivesse silicone, ela poderia ter um “pau grande”.

Às vezes eu saía pra fazer programa porque eu não tenho um dote e os homens que vão buscar as travestis, na rua... Primeiro porque eu não tinha silicone no meu corpo, não tinha seios. Eu já fui daqui [Belém] já tomando hormônios e os meus seios já estavam começando a crescer e eu já tava um ano tomando, mas é um processo lento, né? E eu não tinha aquele corpo escultural, mas, às vezes, os homens não querem o corpo escultural, eles querem um pênis, eles querem uma mulher de pênis pra se satisfazer. E quanto maior o pênis, mais dinheiro elas ganham. Quem tem o pênis grande faz programa todo dia, quem não tem o pênis grande passa fome. E foi o meu caso. Às vezes eu já entrava no carro [do cliente] e dizia “vamos, vamos, vamos sair daqui porque a polícia tá passando, a gente não pode ficar por aqui, vai dar problema”. Às vezes os homens me pagavam sem fazer programa comigo. Teve uma vez que eu tava na esquina aí passou um carro enorme. Aí ele perguntou quanto era meu programa. Aí eu disse “é tanto”. Aí ele disse: “Nossa! Por que tão barato?”. Aí eu disse: “Porque eu tô com fome”. [chorando]. “Eu não almocei nada ainda, eu tô com fome, por isso que eu tô fazendo programa barato”. Aí ele me deu dinheiro pra mim comer. (Renata Taylor, Belém, 2020).

Ainda em São Paulo, sofrendo por conta das ausências chamativas em seu corpo, Renata vai se arrastando pelos dias. Faz amizades com outras travestis, principalmente uma mais velha, pernambucana, que lhe paga almoço algumas vezes. E é por conta destas amizades, esporádicas, que Renata ensaia uma pequena passagem pelo “conto do suador”, prática que já analisei no segundo capítulo. Devidamente combinado com outras travestis, quando o cliente chegava para acertar um programa, várias travestis, Renata entre elas, abordavam o cliente e subtraíam o que conseguiam. Foi graças a essa atividade que ela conseguiu se manter mais algum tempo na capital paulista.

A cidade de São Paulo, tão árida a pessoas como ela, ainda mais num período de extermínio sistemático de travestis, contribuiu para o encerramento da passagem de Renata pela cidade. Tendo presenciado diversas formas de violências, contra os outros e contra si, além das inúmeras mortes por conta do uso artesanal de silicone que jazem em suas lembranças, Renata afirma ter entendido que a identidade de gênero “está na “minha cabeça, está dentro de mim, eu me sinto mulher desde criança. Então, eu não preciso passar por todo esse processo, saber se vai dar certo ou não”. Antes de retornar, Renata refletiu que aqueles sobrenomes não lhe haviam dado sorte. Excluiu metade deles e passou a assinar somente “Renata Taylor de Andrade”. Ainda quis colocar o “Rios”, apelido dado pela cunhada, mas

sexo. É preciso não confundir com o homem que ela identifica como namorado. A “maricona” paga, o namorado consegue isso pelo afeto.

ele ficou só no imaginário daqueles que lhe conhecem, não na certidão de nascimento retificada.

De volta a Belém, após passagem traumática por São Paulo, Renata retorna para a casa da família. É recebida calorosamente pelos pais e irmãos, já acostumados com as saias, vestidos e os nascentes seios dela. Preocupada com o uso indiscriminado que fazia dos hormônios, procura o serviço público em busca de um especialista. Ao conseguir, depois de certo tempo de espera, uma consulta com o endocrinologista, Renata volta a se deparar com a rejeição.

Quando eu cheguei lá [consultório] ele [médico] disse assim: “Eu sou endócrino pra mulher”. Ele não me deixou nem eu sentar na cadeira pra dizer o que eu queria. Fui dizendo em pé que eu queria um acompanhamento hormonal, que ele me orientasse, mas ele disse que não ia me dá esse acompanhamento e pediu pra mim sair do consultório dele. Eu tive que sair”. (Renata Taylor, Belém, 2020).

Com medo do contínuo preconceito, dos espancamentos e das humilhações, Renata toma uma decisão. A estadia não durou muito tempo e logo ela decidiu ir para a terra natal, Almeirim. Por lá permaneceu alguns anos, ficando famosa por seus talentos no ramo da beleza. De cabeleireira, passando por maquiagem e especialista em penteados, Renata floresceu na cidade na qual nascera. No entanto, dois eventos a ajudaram, de novo, mudar de cidade. O primeiro, foi uma facada que levara pelas costas, desferida por um homem que exigiu que ela lhe pagasse bebidas num bar. “Ele achou que pessoas como eu precisam pagar as coisas pra homem”, relembra. Antes disso ela já havia sofrido um profundo sangramento causado por uma pedrada enquanto passava pela rua.

O segundo evento, mais dolorosamente sentido, foi o falecimento da mãe, na manhã de Natal, em 2001. Acossada, Renata decidiu que era a hora de retornar para Belém, pois entendeu que o pai precisava dela. Se desfez das coisas que havia adquirido e retornou. Após a partida da mãe, já em Belém, Renata permaneceu alguns meses sem trabalhar. Foi uma escolha dela, logo revista quando o dinheiro guardado começou a escassear.

No entanto, no momento em que ela havia entrado em sintonia consigo mesma para viver sua expressão de gênero da forma que achou adequada, uma proposta de emprego, num salão de beleza, se transforma num dilema. Segundo Renata, a proprietária havia ficado satisfeita com os talentos dela, mas destacou que ela só seria contratada se parasse de usar roupas femininas, priorizasse as masculinas, “se comportasse como homem”, pois o salão “era

frequentado por senhoras de família”, lembra, além de ter de aceitar ser chamada não de Renata, mas de Naldo, último trecho do nome de registro dado pelos pais.

Desse período, Renata destaca que a patroa gostava de falar que “não dizia tudo isso por maldade, mas as pessoas que frequentam o salão não estão acostumadas com pessoas como ela”, recorda. Dessa forma, Renata passou anos camuflando sua identidade e performance de gêneros no local de trabalho para que pudesse ter o emprego. Mas, ao recordar essa passagem, destaca que foi aprendendo a lidar com gente como a antiga patroa, que jogava para o Outro o preconceito enraizado nela.

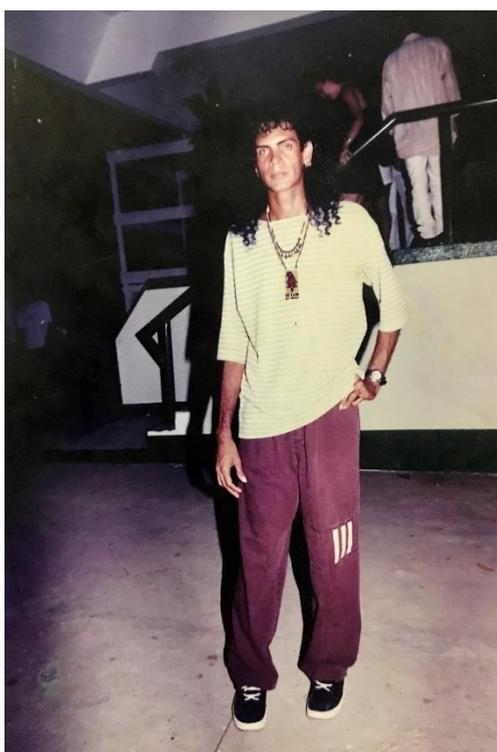


Imagem 16: No trabalho.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.



Imagem 17: No privado.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

Entristecida, mas ao mesmo tempo necessitada de dinheiro, passou a trabalhar de cabelo preso, a usar roupas masculinas mais folgadas, que ocultassem os seios duramente cultivados com o uso sem prescrição de anticoncepcionais, e a ser chamada de Naldo. Se sentiu forçada, portanto, em manter, no trabalho, o mínimo de masculinidade nas roupas, como pode ser percebido na imagem da esquerda; e na vida privada, imagem da direita, em conservar a feminilidade que cultivava. Ainda na imagem na direita, Renata está abraçada ao então marido, assassinado anos depois numa briga na rua.

A dualidade representada nas duas fotografias durou alguns anos, pois Renata permaneceu trabalhando neste salão bastante tempo. Em casa, após a morte da mãe, ela também assumiu sua parte nos cuidados do pai, já iniciando uma longa jornada adoentado. A casa da família, antes repleta de filhos e dos pais, após alguns anos, passou a ter excesso de ausências. Alguns casaram e foram embora, outros precisavam de mais espaço. O pai teve o estado de saúde agravado e, após muito resistir, faleceu. Este acontecimento, aliás, foi determinante para os rumos que Renata decidiu seguir.

Mesmo tendo sido autorizada pelos pais a ser quem quisesse, a usar as roupas que quisesse, Renata procurava não ultrapassar determinados limites que ela estabeleceu como corretos. Em casa, havia o uso ostensivo de saias e vestidos, mas nada “que fosse vulgar”, afirma. Além disso, ainda havia a condição de não se feminilizar imposta pela patroa. Assim, Renata, após a morte do pai, entendeu que aquele que ela mais respeitava não estava mais presente, então era chegada a hora de assumir sua condição “de mulher mesmo”.

A mudança, diz Renata, começou pelo salão de beleza no qual trabalhava. Ao chegar no trabalho, ela anunciou à patroa que não mais trabalharia ali e que, para não criar conflitos, disse ser muito grata pela oportunidade. Ela afirma que a patroa lamentou muito, alegando que “todos gostavam do teu trabalho, Naldo”. Em resposta, Renata diz que abriria o próprio salão de beleza em casa e que era somente por isso que estava partindo. Para mim, Renata confidenciou que tinha vontade de dizer algumas coisas para a patroa, mas que foi ensinada a não fechar portas, pois “nunca se sabe o dia de amanhã, né?”.

O salão “Renata Rios” foi aberto numa divisão da sala da casa dos pais, no bairro da Cremação, em meados dos anos 2000. Existe ainda hoje. Quase todas as entrevistas que fiz com Renata foram feitas nele. Além do sofá da entrada, há um grande aquário contendo vários peixes coloridos. Nas paredes, há uma mistura de fotos de modelos maquiadas, da proprietária e de campanhas publicitárias sobre respeito e igualdade de gênero. Numa dessas conversas sobre o sofá, Renata me mostrou algumas fotografias e narrou como ela deixara de ser uma travesti que usava roupas masculinas, pois precisava do emprego, e se transformou numa mulher trans.

Não que Renata tenha vergonha de ter sido travesti, ao contrário. Em suas falas ela faz questão de dizer “já fui travesti, eu comecei assim”, mas enfatiza que já naquela época tinha certeza que ainda não era “aquilo”, mas não sabia exatamente o que era. Ela afirma que não

tinha conhecimento sobre a transexualidade e embora seja admiradora de Roberta Close, achava que aquela *transformação* não era possível para ela. A desconstrução sobre o que é ser mulher foi sendo, paulatinamente, modificada. Muito dessa modificação só foi possível, diz Renata, quando ela passou a fazer parte dos movimentos sociais de diversidade sexual.

Renata afirma que sempre teve o senso de justiça muito forte e acredita que as pessoas precisam alimentar isso dentro de si. Foi esse mesmo senso que provocou um encontro inusitado. Ela afirma que um rapaz fora espancado após sair de uma boate no centro da cidade e que o movimento no qual ela militava resolveu fazer uma manifestação. Enquanto a imprensa noticiava o fato e Renata era entrevistada, em outro ponto da cidade a avó do rapaz assistia pela televisão. No outro dia, Renata fora chamada no antigo salão de beleza que trabalhava. A proprietária foi direto ao ponto: “Tu conhecias aquele rapaz que espancaram?”. “Não e isso não tem importância”, respondeu Renata. “Ele é meu neto”, por fim disse a ex-patroa.

Diante do constrangimento da avó do rapaz, Renata lembra que poderia ter tripudiado dela em razão das humilhações que passou, em razão de ter sua subjetividade abafada, de ter sido forçada a manter uma performance masculina quando, na verdade, buscava se livrar daquilo tudo. No entanto, mesmo magoada, ela disse para a ex-patroa que estava no protesto “para evitar que outras pessoas fossem espancadas por ser quem são”. Mas Renata sabia que ao fazer a defesa do neto espancado, ela devolvia com liberdade os sufocamentos que fora obrigada a suportar.

Após ter pedido demissão e iniciado os preparativos para abrir seu próprio salão de beleza, Renata passou a ostentar sua feminilidade em tempo integral, sem mais amarras, sem mais concessões. Quando ela pegou os álbuns de fotografias e recortes de jornais, fez questão de criar uma linha do tempo para ilustrar sua como a feminilidade foi sendo construída. Assim, nas duas imagens abaixo, Renata afirma que ainda tinha uns “traços machuda” misturados com uma acentuada timidez.



Imagem 18: Um domingo de lazer.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.



Imagem 19: Fantasiada para o carnaval.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

De acordo com Renata, os “traços machuda” dizem respeito a algumas características masculinas que ela julgava ter e que era uma questão de tempo perdê-los. Além disso, por se recusar a colocar silicone industrial e não ter recursos para financiar silicone em prótese, algumas protuberâncias corporais ainda não haviam “se feminilizado”. Quando perguntei como ela olhava essas fotografias hoje, é categórica: “Eu me amo, sempre me amei”. Fazendo referência à icônica frase de Simone de Beauvoir, contida no livro “O segundo sexo⁵²⁸”, Renata conclui: “Não tem uma filósofa que diz que não se nasce mulher, a gente se torna mulher? Pois então”. Mais importante que não lembrar o nome da autora da frase, é assimilar o entendimento que aquela mensagem transmite. Renata compreendeu.

Ao continuar a narrativa temporal por meio de imagens, Renata segura mais duas fotografias, uma em cada mão, e diz, orgulhosa, “olha no que eu me transformei, menino”. Ao dizer isso, Renata, que havia acabado de chorar ao comentar uma passagem triste sobre determinada situação familiar, alarga o sorriso de dentes levemente amarelados por conta da nicotina. Por algum motivo, ela nunca fumou na minha frente. Deixou para fazer isso, do lado de fora do salão, sempre que eu ia embora.

⁵²⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.



Imagem 20: Topless na ilha de Cotijuba.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.



Imagem 21: Batucada na beira do rio.
Fonte: Acervo pessoal de Renata Taylor.

A felicidade de Renata ao sustentar as duas fotografias acima foi para ressaltar que, tal qual Beauvoir havia concluído, ela havia deixado os “traços machuda” para trás e se transformado numa “delicada mulher alta”, como prefere dizer. Os seios, na imagem da esquerda, são frutos de anos ingerindo por conta própria os hormônios femininos. Poder usar sutiã, sentir o peso dos seios, tocá-los, se divertir com eles balançando ao correr, são prazeres que Renata confessa terem lhe dado muita satisfação. A fotografia com os seios de fora está neste trabalho por exigência dela. Ainda que os anos tenham passado, o amor por eles continua o mesmo, afirma. Ela destaca que “não perdia uma oportunidade de usar biquini cavado”, como evidente na imagem da direita. O corpo com curvas e seios, tão sonhado e esperado, finalmente havia virado realidade.

A felicidade que Renata evidencia ao me relatar sobre sua feminilidade não ficou somente na individualidade. Ela entendeu que deveria haver milhares de pessoas que não se conformavam com seus corpos, que eram pessoas reféns, que eram corpos amarrados. Pensando nisso, Renata decidiu, dentro do movimento homossexual no qual já atuava, diversificar suas lutas. A transgeneridade passou a ser uma pauta obrigatória aonde quer que fosse. Nesse intuito, ela começou a participar de dois grupos, que abarcavam dois temas que lhe interessavam diretamente: a transgeneridade e o meio ambiente.

Nas imagens abaixo, a publicidade das atuações de Renata em dois momentos diferentes. Num primeiro momento, o jornal Amazônia destaca a presença dela na ONG “Green Gays”, que está voltada para assuntos relacionados à sustentabilidade. E num segundo momento, o mesmo periódico faz uma reportagem sobre a atuação do Grupo de Resistência

de Travestis e Transexuais da Amazônia, GRETTA, nas manifestações que ficaram conhecidas como “jornadas de junho de 2013”.



Imagem 22: Nas colunas sociais.

Fonte: Amazônia Jornal.

6

AMAZÔNIA

GERAIS

BELÉM, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013

Apoio se espalha no mundo
Em Portugal, 3 mil seguem a onda

Em Portugal, lar de um grande contingente de imigrantes brasileiros, três cidades tiveram atos em apoio à recente onda de protestos pelo Brasil. Em Lisboa, onde ocorreu o maior deles, cerca de 2.000 pessoas (segundo a organização do evento) se reuniram na praça Luis de Camões às 17h (horário local), onde fica o consulado brasileiro. Sob a observação da polícia lusitana, os manifestantes cantaram o hino nacional em clima pacífico e levantaram cartazes. A maioria dos participantes levantava cartazes pedindo mais educação, saúde, e criticando a Copa do Mundo no Brasil. Pouco se falava do aumento da tarifa do transporte público nas cidades brasileiras. No Porto, cidade a cerca de 300 km de Lisboa, 300 pessoas se reuniram na Praça da Liberdade, tradicional local de manifestações na cidade. Em Coimbra, cerca de 500 pessoas, por volta das 15h (horário local), também fizeram um ato em apoio aos protestos no Brasil. O protesto ocorreu de forma pacífica e foi da Universidade de Coimbra até a praça da República, no centro de Coimbra.

Atos brasileiros em Florença e Londres

Na cidade de Florença (Itália), cerca de 200 manifestantes (segundo a organização do evento) se reuniram das 17h às 19h (horário local) na praça Strozzi, que fica na região central da cidade. De acordo com o estudante Natháia Bariani, uma das organizadoras do evento, o ato foi uma manifestação de apoio aos protestos ocorridos no Brasil depois da repressão da Polícia Militar em São Paulo, na última quinta-feira.

Londres - Com as cores do Brasil, pelo menos 1.100 pessoas participavam da manifestação em uma praça ao lado do parlamento, em Londres, na tarde de hoje, como forma de apoiar os protestos iniciados semana passada em São Paulo e em outras capitais brasileiras. Os integrantes do ato começaram a se reunir uma hora antes no local. Por volta das 17h, havia cerca de 700 pessoas, segundo um policial integrante da polícia metropolitana de Londres. Após as 19h, (15h de Brasília) havia entre 1.100 e 1.200 pessoas, ainda segundo a polícia local. Membros da organização do ato não souberam estimar o público. A manifestação estava marcada inicialmente para ocorrer na Trafalgar Square, mas, segundo os organizadores, a pedido da polícia, o local foi alterado para a Old Palace Yard.

NOVO PROTESTO É

MANIFESTANTES DEVEM OCUPAR A DOCA PARA MARCHAR ATÉ A ALEPA E PMB

Novos protestos devem ocorrer em Belém amanhã à tarde, seguindo a onda nacional de manifestações multitemáticas com o lema "Não é por R\$ 0,20, é por direitos". Entre os temas do próximo ato está o Passe Livre para estudantes. A primeira foi na segunda-feira, 17, com 13 mil pessoas (dado da Polícia Militar do Pará), interditando o sentido São Brás-Entroncamento da avenida Almirante Barroso e ocupando a pista incompleta do BRT. Dessa vez, o trajeto deve ser pela avenida Visconde de Souza Franco (Doca), seguindo até o palácio Antônio Lemos (sede da Prefeitura de Belém) e Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa). O prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho, até se colocou à disposição para dialogar com os manifestantes. Participantes do evento, totalmente organizado via Facebook, estimam que o protesto de amanhã terá milhares de pessoas e várias outras mobilizações ocorrerão em vários dias a seguir.

O diretor da União Nacional dos Estudantes do Pará (Une), Jorge Lucas Neves, 23 anos, avaliou o protesto de segunda-feira como muito positivo por ter sido pacífico e por todos os participantes terem expressado suas próprias pautas sem violência e de forma espontânea. Para ele, um dos ob-



■ Segundo a Polícia Militar, a manifestação de segunda-feira reuniu 13 mil nas ruas de Belém

jetivos é a população da própria zona de conforto e do comodismo para manifestar a indignação social em relação ao poder público. Ele ainda acredita na política brasileira, mas pede mais consciência e participação dos eleitores.

"Vamos mobilizar o povo de novo e despertar a vontade de fazer pressão para cobrar nossos direitos. Ninguém aceita mais ser desrespeitado com tanta corrupção e desvios de dinheiro público.

Estaremos conseguindo mostrar com todos e todos estarão mais atentos na hora de votar nas próximas eleições. E temos bons políticos", disse Lucas, adiantando que provavelmente os novos protestos deverão mostrar a diversidade de assuntos.

O movimento na capital paraense mostrou um desconhecimento geral da população pela demora na conclusão das obras do BRT, congestionamentos e um iminente aumento da tari-

ta de ônibus da Região Metropolitana de Belém, atualmente em R\$ 2,20. Os manifestantes aproveitaram para criticar problemas na saúde (30 bebês morreram recentemente na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará), educação, segurança pública e houve até menções à PEC 37, Copa do Mundo de 2014, corrupção política e à usina hidrelétrica de Belo Monte. Houve clamor também para Passe Livre para estudantes.



■ Mobilização pacífica da capital paraense foi elogiada

SEGURANÇA PÚBLICA JÁ PREPARA PLANEJAMENTO

O assessor de comunicação da Polícia Militar do Pará (PMPA), major Leno Carmo, adianta que quanto ao evento programado, inicialmente, para amanhã, já está em execução um novo estudo de situação e a coleta de dados por parte da inteligência. Assim que a análise da metodologia for concluída, será feito o novo planejamento.

O balanço final oficial sobre o quantitativo de pessoas segue em cerca de 13 mil, com 800 operadores de segurança pública, entre policiais militares e civis, bombeiros militares e agentes do Departamento de Trânsito do Estado do Pará (Detran-PA), Autarquia de Mobilidade Urbana de Belém (Amub) e Guarda Municipal de Belém (GMB). Previamente, a PM conversou com organizadores da manifestação e estabeleceu regras para que tudo corresse em segurança e as regras foram respeitadas.

Carmo observou que a corporação considerou o protesto de segunda-feira positivo, com a manutenção da ordem e a ga-

rantia da segurança em toda a extensão do evento. "Motivo pelo qual registramos também que a população paraense deu mostras de educação e civildade a todo o país em uma manifestação sem atos de vandalismo ou depredação ou mesmo atos de violência ligados ao protesto. Todos estamos de parabéns. Registramos apenas algumas ocorrências, sem conexão direta com o evento, mas fruto de questões corriqueiras como desordem e afins, sem registro de detenções", declarou.

"Como tem sido o nosso modo operandi, será feito um trabalho integrado envolvendo os órgãos estaduais de segurança pública e os órgãos parceiros da prefeitura de Belém e demais colaboradores; contudo, ainda não há data para sua conclusão. O certo é que as medidas que foram bem avaliadas serão reeditadas e, possivelmente, posteriormente, tudo isto, logicamente dependendo do levantamento feito para este novo evento", concluiu o assessor de comunicação da PM.

Imagem 23: Nos protestos.
Fonte: Amazônia Jornal.

Atualmente, Renata é vice-presidenta do GRETTA, além de atuar em estrita parceria com o Grupo Homossexual do Pará, GHP. Suas atuações políticas e sociais não se restringem mais à diversidade sexual. Na última eleição municipal, em 2020, concorreu pelo PSOL à uma das cadeiras da câmara. Aliado a isso, em suas redes sociais é bastante comum publicações sobre ações sociais que executa nas partes mais carentes do bairro em que mora, além de estar sempre pronta para ajudar alguma pessoa trans que fora expulsa de casa, fato que ela afirma ser, infelizmente, comum.

Não satisfeita em atuar em diversas áreas, Renata foi premiada, em 2019, como melhor diretora no Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, em São Paulo⁵²⁹. A boa atuação não está somente atrás das câmeras, mas também diante delas. Nas duas imagens abaixo, mais duas participações de Renata em campanhas publicitárias. Na primeira, na esquerda, Renata em campanha pelo dia internacional da mulher, realizada pela TV Liberal, afiliada da TV Globo no Pará, em 2021. Na peça, Renata divide espaço com Bruna Tavares, culminando num encontro de gerações trans para a comemoração de uma data tão importante para todas as mulheres.



Imagem 24: Renata e Bruna em campanha pelo dia da mulher.

Fonte: Ivam Henriques.

⁵²⁹ Ver: [Diretora trans paraense é premiada em festival de cinema de São Paulo | Cinema | Diário Online | DOL.](#)

Na próxima imagem, Renata participa, junto com outras pessoas, de uma campanha do governo do estado do Pará, sobre diversidade sexual. É bastante, comum, aliás, que ela faça parte de peças para a prefeitura de Belém, como para o executivo estadual. A história de perseverança e engajamento exitosos de Renata elevaram-na para o debate público. Ela aproveita essas oportunidades, destaca, para tentar ampliar o máximo possível os diálogos com a sociedade e também com o movimento homossexual. Para ela, ainda há muito “mal entendido” entre as pessoas trans e a sociedade como um todo e também em relação aos homossexuais cis. Ela assegura que sempre estará disposta a dialogar e mostrar que as pessoas trans “podem estar em todos os lugares, inclusive dentro da sua família”.



**AMOR NÃO TEM GÊNERO.
VIVA A DIVERSIDADE.**

Saiba mais em: www.pa.gov.br/diversidade
#amornãotemgenero

DIVERSIDADE
Eu respeito. E você?

O **Governo do Pará**, por meio da **Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos, Secretaria de Estado de Comunicação, Fundação Pro Paz e Cultura Rede de Comunicação**, convida para o evento de lançamento da campanha de Governo de combate à **LGBTfobia**, que contará com a apresentação da Cartilha de Cidadania LGBT do Pará, debate sobre a **LGBTfobia** e show da cantora e compositora **Lia Sophia**.

Data: 09 de maio, terça-feira

Hora: 17 horas

Local: Teatro Margarida Schivasappa (Centur)

Confirme a sua presença ao Cerimonial da Governadoria, o qual estará à disposição para prestar as informações complementares pelos telefones: **(91) 3248-1721 ou 3216-8841**



Imagem 25: Campanha sobre diversidade sexual.
Fonte: Governo do Pará.

4.8 A inesquecível voz da Miss

O então jovem calouro no curso de medicina veterinária, na antiga Faculdade de Ciências Agrárias (FCAP), atual Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), levava

uma vida tipicamente de classe média. Frequentava as aulas na faculdade e no restante do tempo trabalhava no escritório da empresa de transportes de carga que o pai era proprietário. Vivia confortavelmente, tendo como *infortúnios* apenas o estudo e o trabalho. A homossexualidade já não era um drama em si, posto que a mãe já sabia, de modo que ao jovem Charles bastava apenas manter a discrição até ali sustentada.

Um ano após ser aprovada no vestibular, relembra Beatriz, foi chamada para servir às Forças Armadas. Lotada no Núcleo de Preparação dos Oficiais da reserva (NPOR), em Belém, com passagem por Altamira, no interior do estado. A formatura, como pode ser percebido nas imagens abaixo, contam com os familiares. Na imagem da esquerda, Beatriz, então Charles, sozinho. Quando me mostrou estas fotografias, Beatriz deixou escapar que “queria sair correndo e tirar aquela roupa”, pois, já nesse período, sabia que aquela performance não lhe cabia.



Imagem 26: Na formatura de oficial
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini.



Imagem 27: Com a mãe na formatura.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini

As forças armadas, com nítida visibilidade ao Exército, são alvo de cobiça antiga por muitos jovens brasileiros, que as enxergam como uma chance mais ao alcance das mãos para sair da miséria na qual inúmeros estão inseridos⁵³⁰. Essa cobiça, em muitos casos, surge no seio da própria família, que imagina a instituição militar com um elevado status de nobreza, explicado pelo fato da trajetória política nacional ser entrecruzada com o desenvolvimento

⁵³⁰ CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (orgs.). **Antropologia dos Militares:** reflexões sobre pesquisa de campo. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

dos quartéis⁵³¹. E, não por acaso, a república, a forma de governo instituída ainda hoje no Brasil, foi orquestrada justamente pelos militares, pondo fim à trajetória problemática da monarquia brasileira. Um golpe dentro do golpe, em linguagem menos cifrada. O golpismo, logo, está no cerne da instituição, que, décadas depois, voltou às origens, retirou João Goulart do poder, e instaurou uma das mais sangrentas ditaduras já existentes na América Latina.

Beatriz, que pelas imagens anteriores parecia estar tão à vontade na farda idolatrada por muitos, afirma ter detestado a experiência militar. A convivência diária com muitos homens, que ela já evitava nos tempos de educação física no colégio Santa Catarina de Sena, já destacado no capítulo 2, causava-lhe alguns constrangimentos, como brincadeiras machistas, anedotas envolvendo sexo com mulheres e outros assuntos congêneres. Na imagem abaixo, diante do prédio do quartel no qual “tirava serviço”, Beatriz lembra que uma característica sua, evidenciada nesse período, exatamente diante deste prédio, se destacou: a voz.



Imagem 28: No pátio do Exército.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini

O “grito de arma”, comum entre militares, na voz de Beatriz ganhou um charme a mais, como ela destaca. Tendo a voz muito grave, ao gritar “Selva!” diante dos colegas, acabava, distraída e tristemente, reforçando uma masculinidade que ela afirma que a voz

⁵³¹ CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (orgs.). **Antropologia dos Militares**: reflexões sobre pesquisa de campo. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 71.

exalava. No entanto, ela lembra que acabou servindo para disfarçar sua própria orientação sexual e a ainda adormecida identidade de gênero trans. Beatriz não imaginava que a curta temporada na caserna marcaria tanto sua vida. Ao completar dois anos, pediu baixa do Exército, e retomou sua antiga vida na faculdade e no escritório do pai.

Ao reassumir a antiga rotina antes das Forças Armadas, Beatriz intensificou os estudos, sendo aprovada, pouco tempo depois, no concurso público da Secretaria Municipal de Saúde (SESMA), sendo lotada, logo em seguida, na Secretaria de Vigilância Sanitária. Já no novo emprego, ficou confortável para abandonar a faculdade de medicina veterinária, bem como o emprego no escritório do pai. No entanto, no mesmo período, estimulada pelos shows de transformistas que passavam nos programas do Bolinha e Sílvio Santos, Beatriz começa, timidamente, com amigos, a usar roupas femininas e a fazer dublagens.

Uma vez familiarizada com vestidos, saias, maquiagem e perucas, Beatriz concentra energias em concursos de beleza. Após algumas apresentações intimistas, em parceria com amigos, resolve se lançar no primeiro concurso, o Miss Brasil Gay, nas primárias Norte/Nordeste, o equivalente LGBTQIA+ do tradicional Miss Brasil⁵³². A experiência, lembra Beatriz, foi aterrorizante. “Foi horrível, eu tremia, tava super nervosa, não sabia desfilar. Eu pensava: ‘ah, vai ser super fácil...’. Chegou no dia eu tava totalmente... uma demônia”, brinca. Mas Beatriz não desistiu e após um início vacilante, resolveu se profissionalizar no transformismo.

Sempre em companhia de amigos, que também “se montavam”, Beatriz foi amalhando experiência, fazendo pequenas apresentações em boates de Belém, como a “Ego’s”. Em suas performances, fazia dublagem de cantoras pop, como Whitney Houston. O transformismo não amainou o desejo de continuar participando dos concursos de beleza. Ao contrário. Beatriz afirma que investiu nas duas frentes. Algum tempo depois, as vitórias

⁵³² Na verdade, o Miss Brasil Gay é mais restrito do que o nome indica. As candidatas eram, basicamente, pessoas trans ou homens gays cis que performavam *drag queen*. No entanto, recentemente, os tradicionais concursos cis, como o Miss Brasil, o Miss Mundo (que recebe as que ficam em segundo lugar nos concursos nacionais) e o Miss Universo (que recebe as primeiras colocadas em concursos nacionais), tiveram participações e vitórias de pessoas trans nos concursos tradicionalmente cis. Há os casos da Miss Nevada, Kataluna Enriquez, que disputou, em 2021, o título de mulher mais bonita dos EUA, a única sendo mulher trans. Ver: [Nevada pageant winner to become 1st transgender Miss USA contestant \(nbcnews.com\)](https://www.nbcnews.com/health/miss-nevada-transgender-winner-2021-rcna111111). No Brasil, Rayka Vieira, disputou, em 2020, o título do Miss Brasil Mundo, uma versão do Miss Brasil, a única trans entre as cis, concorrendo pelo estado de Goiás. Ver: [Rayka Vieira será a 1ª mulher trans a disputar concurso Miss Brasil - ISTOÉ Independente \(istoeh.com.br\)](https://www.istoeh.com.br/brasil/2020/06/18/rayka-vieira-sera-1a-mulher-trans-a-disputar-concurso-miss-brasil-istoeh-com-br/). O ponto mais alto, dentro do contexto analisado, é o caso de Angela Ponce, mulher trans que venceu o Miss Espanha e representou aquele país, no Miss Universo, em 2018. Ver: [F5 - Estilo - Transgênero vence Miss Espanha e vai disputar Miss Universo 2018 - 30/06/2018 \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/estilo/2018/06/30/f5-estilo-transgenero-vence-miss-espanha-e-vai-disputar-miss-universo-2018-30/06/2018/).

começaram a aparecer. Nas imagens a seguir, Beatriz aparecerá nos concursos do Miss Verão 2001 e o Drag 1, o último vencido por ela. Em outra imagem, “frame” retirado de um vídeo no YouTube, ela em seu primeiro desfile nas prévias regionais do Miss Brasil Gay. Outro concurso, vencido por Beatriz, mas sem fotografia, foi o Miss Pará Gay de 1998.



Imagem 29: Desfilando no Miss Verão 2001.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini



Imagem 30: Vencedora do Concurso Drag 1.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini



Imagem 31: Com outras concorrentes do Drag 1.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini



Imagem 32: Frame do desfile na prévia Norte/Nordeste do Miss Brasil Gay.
Fonte: <https://youtu.be/Sdi6fBO6nbk>

O período de transformismo vivido por Beatriz foi fundamental para as percepções que ela passou a ter sobre sua identidade de gênero. Já se sentia muito à vontade em mostrar a nascente Beatriz ao lado de Charles, deixando a noite para sua versão feminina, e o dia para a masculina, destaca. Um percalço do período foi o gasto financeiro que a rotina dos concursos de miss exigia. Beatriz, então, se profissionalizou na maquiagem, para fazer as suas e ganhar

um extra nos finais de semana, já que os dias eram ocupados por seus afazeres na Vigilância Sanitária. Na imagem a seguir, na segunda entrevista, gravada em vídeo, das cinco que fiz com Beatriz, fiz a união de quatro “frames” da longa entrevista. Enquanto a conversa acontecia, Beatriz se maquiava. A imagem que apresento é uma fusão do antes, do durante e do depois.



Imagem 33: Beatriz se maquiando.

Fonte: Osvaldo Vasconcelos.

Nesse ínterim, conheceu um italiano, via Facebook. Interagiram, flertaram e, meses depois, ele veio para o Brasil. Casaram, literalmente. Só assim para o rapaz poder permanecer em território nacional de maneira legal. Esta relação tem para Beatriz um significado especial. Não pelo casamento, não pelo homem, nem pelo ressecamento afetivo que matou o matrimônio anos depois. Foi o então companheiro italiano que conseguiu identificar o que Beatriz tentava ocultar. A tão abafada transição de gênero conseguiu um aliado.

Ele me questionou: “Tu tens certeza que não queres mais que isso [transformismo]?”. Eu respondi: “Eu tenho vontade, mas não tenho coragem”. Eu tinha muito medo, muito medo. Aí eu falava pra ele: “Eu vou me aplicar hormônio, mas eu vou ter o apoio de quem? Quem realmente vai me apoiar nisso? Eu vou fazer isso só?”. Eu tinha medo de silicone. Quer dizer, ainda tenho. Nunca coloquei e nem vou colocar. Depois que eu vi uma colega colocar nas nádegas, ao vivo, na minha frente, sem anestesia. Não, não, não. Tomo só hormônio mesmo. (Beatriz Santorini, Belém, 2019).

O casamento acabou, mas aquela conversa foi o empurrão que Beatriz precisava. Após isso, começou a intensificar a constância nas roupas femininas, deixou o cabelo crescer, fazia

as inspeções sanitárias nos supermercados, feiras, restaurantes, já como a travesti Beatriz Santorini. Prefere destacar que se houve algum preconceito, no trabalho ou na vida social como um todo, após a onipresença de Beatriz, não foi explícito. Em casa, lembra Beatriz, não houve rusga alguma. Ela destaca que os pais já estavam acostumados em vê-la de transformista, de modo que ao adotar a identidade travesti, foi mais fácil para que eles a aceitassem. A mãe destacou, lembra Beatriz, que a filha não fizesse alterações corporais das quais poderia no futuro se arrepender. A aceitação foi tamanha, diz Beatriz, que os pais estavam na boate Ego's quando ela ganhou o concurso Drag 1, inclusive dando carona para outras transformistas amigas de Beatriz.

Fazendo uso intensivo de hormônios, o corpo de Beatriz foi ganhando contornos. Os seios, principalmente, se avolumaram. Apenas uma coisa permaneceu inalterada: a voz. Ela destaca que, no caso dela, os hormônios não alteraram o grave da voz, fato que ainda hoje provoca muitas “situações engraçadas”. Ela relembra eventos, no trabalho, de quando ela chegava para as inspeções, bastante feminina, e, ao abrir a boca, “um trovão saía”. Diz ainda sobre como a voz a encobriu durante a maior parte do tempo no Exército. Inclusive, destaca, quando o assunto sobre a então homossexualidade de Charles veio à tona, na caserna, por conta de ter sido vista nalguma boate, acredita Beatriz, a dúvida continuou pairando entre os fardados exatamente por conta da voz.

Em algum momento após o surgimento do aplicativo de conversa instantânea WhatsApp, Beatriz foi inserida num grupo de militares contemporâneos seus. Ela afirma que interagia de maneira institucional, mas que, após a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, a situação no grupo, sempre marcada pela tensão, desavergonhou. Os colegas militares de Beatriz fantasiavam de jocosidade os comentários proferidos pelo presidente eleito sobre os LGBTQIA+ e os direcionavam para ela. Alguns, mais desinibidos, ante a imagem que ela usava no aplicativo – maquiada, penteada e com blusa rosa levemente transparente –, pediam para que ela mandasse mensagens de áudio, exatamente para poderem se divertir do contraste entre imagem e voz. Temendo um acirramento de ânimos, Beatriz se retirou e prometeu não retornar. Até hoje diz manter a promessa.

Ao decidir empreender a transição corporal após os 30 anos de idade, Beatriz revela não haver possibilidade de arrependimento. “Tudo foi pensado com cuidado, com bastante tempo”, destaca, embora, como ela mesma prefere enfatizar, “silicone, de nenhuma espécie, prefiro não ter”. A aversão ao silicone nem sempre foi total. Ao silicone industrial, sim, mas

não ao de prótese. Beatriz afirma que já desejou muito colocar próteses, mas que o amadurecimento a fez repensar muitas coisas. No bojo nas ponderações, Beatriz também elenca o próprio nome. “Beatriz Santorini foi pensado pra ser artístico”, afirma, “mas acabou ficando pra minha vida mesmo”. No entanto, ela destaca que, por uma série de fatores familiares e profissionais, ela é chamada por seu nome de registro em diversos ambientes, como em casa e no trabalho. “Não ligo mais que me chamem de Charles, mesmo eu sendo uma mulher, uma travesti na frente deles”.

Desde que passei me aceitar como travesti, eu nunca mais me vi com a imagem do passado, sou uma pessoa muito bem resolvida comigo, feliz e sinto que foi a melhor decisão que eu tomei, pq parecia que antes estava faltando algo em mim, que só se completava quando eu estava num palco ou em uma festa montada antigamente, hoje não! Hoje eu posso fazer minha maquiagem adequada ao trabalho e sair de manhã para ir trabalhar e não me importar com os olhares, com os julgamentos dos outros! Penso que se alguém se incomoda pelo fato de eu ser assim o prob é exclusivamente dela e não meu. Uma coisa boa foi que pessoas que se diziam minhas amigas se afastaram de mim depois que viram minhas fotos de cabelo longo, maquiada e usando roupas justas e femininas em ambientes que eles achavam que eu não iria usar. Ou seja vi que nunca foram minhas amigas de fato (Beatriz Santorini, Belém, 2021).

A única concessão que Beatriz diz fazer às pessoas é o nome. “Pode falar Charles, sim, e tu podes colocar na pesquisa que eu me chamo Charles também”. A concessão de Beatriz é tanta que nas duas redes sociais que a acompanho, Facebook e Instagram, o nome do perfil do primeiro é “Charles” e do segundo “Beatriz”. Entretanto, os conteúdos das postagens seguem duas linhas muito claras: o posicionamento político mais próximo da esquerda, com críticas ferrenhas ao presidente Bolsonaro e ao então prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho, do PSDB; e fotos com divulgação da segunda profissão que exerce, a de maquiadora.

Nas fotografias que semanalmente ela posta, a modelo é ela mesma. Nos dois exemplos abaixo, de momentos temporais diferentes, Beatriz aparece alimentando seus seguidores e, de quebra, divulgando o trabalho que lhe garante renda extra. Antes de nos conhecermos pessoalmente, nosso contato se deu por conta das redes sociais. Ao encontrá-la pela primeira vez, ela estava sem maquiagem e se antecipou: “não liga, tá, a Beatriz Santorini também é gente como a gente, em casa ela fica sem maquiagem”. Curiosamente, todas as fotos de Beatriz nas redes sociais, principalmente o Instagram, são maquiadas, exatamente como as imagens abaixo.



Imagem 34: Pose no estacionamento.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini.



Imagem 35: Divulgando maquiagem.
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Santorini.

Os shows de dublagens ficaram no passado, garante Beatriz. Vivendo uma fase mais tranquila, “uma velha que ama ficar em casa”, ela defende duas causas importantes para seu próprio bem-estar: manter distância segura dos homens e ficar em casa o máximo que puder. Por ter tido experiências amorosas não muito frutíferas, afirma ter perdido a capacidade de acreditar no amor dos homens que lhe acenam com gracejos. “De uns anos pra cá aprendi a me amar”, finaliza.

4.9 Transição balzaquiana

Após os inúmeros conflitos familiares, grande parte deles por conta da “situacional confissão da homossexualidade”, Symmy Larrat continuou com a mente e o corpo inconformados. Entre idas e vindas entre a casa da mãe e a do tio, muito próximas uma da outra no bairro da Marambaia, em Belém, foi levando a vida. Desde criança, seus pensamentos eram povoados por questionamentos internos de natureza então desconhecidas. E mesmo que tivesse claro para si o que sentia, não conseguia e nem tinha como explicar isso aos outros, muito menos em casa. Com o passar dos anos, no entanto, suas dúvidas foram, ao mesmo tempo, se explicando e se complicando.

Ao passar no vestibular, começou a vivenciar na UFPA outras experiências, a manter contato com outras pessoas, inclusive aquelas que ela identificava como homossexuais, fato que, em parte a ajudou na compreensão de muito do que sentia. Ainda na universidade, passou a atuar no Centro Acadêmico. Aos seus incômodos se somaram a luta política, que ali passou a frutificar. Talvez ela não tivesse consciência, pondera, mas ali, naquele momento, eram fincados os alicerces de algo que ela passaria a dedicar boa parte da vida: a militância no movimento político.

Eu vivia como homossexual, sempre acreditando que aquela orientação e aquele corpo que vivia não me representavam. O descobrir está associado ao que você conhece. Você não acha alguma que você não conhece, né? Então, eu sabia que existiam homens que gostavam de homens e mulheres que gostavam de mulheres e eu sabia que isso não me contemplava ainda. O ser gay não me contemplava. Eu sabia que eu não tava encaixada ali, mas eu não sabia o que era até saber que existia a transgeneridade. Então, quando eu descobri a Rogéria, a Roberta Close, aí, sim eu disse: “É isso aqui!”. Só que eu também dizia: “Eu não sou artista e eu não nasci linda”. Só que na época eu também não sabia que a Roberta Close, principalmente, tinha feito transições no corpo dela, cirurgias, hormônios etc. E pra mim, a Roberta Close é a mulher mais linda do Brasil. Eu achava que ela [Roberta Close] tinha nascido assim. (Symmy Larrat, Belém, 2019).

Symmy já conhecia a vida de travestis na rua e não queria ter aquele destino. Temia a violência, pois das agruras que muitas travestis passam, ela foi poupada por conta do conforto material que tinha em casa. Temendo tudo isso, Symmy assimilou que precisava continuar os estudos, se formar, trabalhar e pagar pela transição. Dessa forma, guardou dentro de si a identidade de gênero que já sabia ter, e continuou performando a identidade masculina. “Mas quem me conhecia percebia que tinha algo mais, né?”, resume.

Como “vivia como homossexual”, Symmy continuou performando Marcelo, na universidade, e em casa, principalmente. Nas imagens abaixo, Symmy, antes da transição, aparece em dois eventos familiares. Na primeira, da esquerda para a direita, estão o cunhado, a irmã, que várias vezes o defendeu das brincadeiras maldosas dos colegas na escola, e a mãe. Ainda é possível notar a imagem de Nossa Senhora, o que ilustra, diz Symmy, o catolicismo incrustado na família. Na segunda, com três tios.



Imagem 36: Com o cunhado, a irmã e a mãe.
Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.



Imagem 37: Com os tios.
Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

Sabedora de que o mercado de trabalho não aceitaria a transição que ela almejava, Symmy continuou mantendo a identidade de gênero abafada. Acreditando que jamais seria igual a Roberta Close, pois não tinha talento para ser cabeleireira, nem outros dons artísticos, acreditou que precisava se conformar “nesse quadrado”. Quando descobriu que era possível fazer as transições corporais, arriscou algumas tentativas.

No último ano da faculdade de comunicação, Symmy começou a “se montar” para fazer show, sempre na clandestinidade, encarando a atividade como tentativas iniciais para um salto maior, o salto que mudaria a grande inconformidade na qual se consumia. “Eu lembro

que as minhas amigas faziam aquelas maquiagens de drag e eu não gostava. Eu gostava do transformismo, pois tava mais próximo do que eu queria pra mim, na verdade”, relembra.

A comunicação, área na qual se formou, não abria portas a pessoas como ela. Nesse ínterim, conseguiu emprego de repórter policial no jornal Correio do Tocantins, em Marabá, interior do Pará. Ao ter contato diariamente com violências na cobertura jornalística e também por sua afeminação causar estranheza para a função que exercia, abandonou o emprego e voltou para Belém. Sempre que alguma possibilidade de trabalho surgia, ao constatarem que se tratava de uma pessoa que praticava o transformismo e era afeminada, o emprego deixava de existir

Sem opção diante do cenário que se mostrava, Symmy, já formada, começou a se prostituir. Ao adentrar no difícil mundo da prostituição de travestis, ela afirma que foi se transformando física e emocionalmente. Por dentro das entranhas da violência cometida contra pessoas trans que se prostituem, Symmy foi colecionando aprendizados. Neste momento, suas idas para as esquinas se davam enquanto transformista, pois ainda não havia iniciado a transição corporal. Symmy destaca que ter sido transformista a ajudou muito na transição, pois foi se analisando, refletindo se esse caminho era mesmo o dela, classificando como “um caminho sem volta”.

A experiência na prostituição não foi duradoura, mas deixou marcas profundas. Aliado à militância já exercida na universidade nos diretórios estudantis, Symmy acrescentou mais essa adquirida na noite. Dessa fusão floresceu o lado militante que a tornou mais famosa, não mais na cidade de Belém, mas no país como um todo. Já segura de si, procura novamente a mãe para continuar a conversa tida anos antes. Explicou que não se reconhecia naquele corpo masculino, que Marcelo não era um nome que a simbolizava e, por fim, disse que faria a transição de gênero e se assumiria uma pessoa trans. A mãe, desta vez mais atenta aos sentimentos da filha, acolheu e se prontificou a lutar ao lado dela.

Se sentindo mais segura, ainda mais com o apoio da mãe, Symmy deu início ao tratamento hormonal e, lentamente, Marcelo foi se transformando em lembranças, pedaços de saudade de um tempo em que Symmy vivia no anonimato do próprio corpo. A tão sonhada transição, tal qual Beatriz Santorini, ocorreu a partir dos 30 anos de idade, “bem balzaquiana mesmo”, graceja. A transição, reflete, requer tempo e cada pessoa tem o seu. Na imagem abaixo, Symmy Larrat, em plena transição, já uma ostensiva travesti.



Imagem 38: No início da transição corporal.
Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

Symmy destaca a baixa expectativa de pessoas trans no Brasil, entre 30 e 35 anos, e questionando se, aos então 41 anos, ela se enxerga como uma sobrevivente. Pondera sobre ter feito a transição a partir dos 30 anos, fazendo questão de deixar claro que outras pessoas trans iniciam muito antes, pois, por vários fatores, incluindo aí a expulsão de casa, essas pessoas acabam vivendo a transição de gênero sem muita informação, espoliadas, material e emocionalmente, o que as impede de conseguir uma formação pessoal e profissional mais robusta para que possam resistir às agressivas normas cisnormativas da sociedade.

Ela acusa o Estado de negar às pessoas trans o acesso a políticas públicas que possam tornar o conhecimento de si e, por conseguinte, da transição de gênero, algo mais “equânime, não igual”. Ela pondera que “por mais que tenha escola pra todo mundo, posto de saúde pra todo mundo, o acesso a esses serviços não se dá de forma igual”. Assim, Symmy questiona seu papel de sobrevivente, entendendo que outras pessoas trans passaram e passam por situações muito mais dramáticas quando comparadas as que ela passou.

Toda a experiência acumulada no ambiente familiar, na universidade, nas esquinas enquanto se prostituiu, se somaram às próprias demandas de Symmy enquanto trans. Muito por conta disso, ela profissionalizou sua militância e passou à trincheira na luta da causa das pessoas trans, principalmente. À frente da presidência do GRETTA, em 2012, grupo que

Renata Taylor ainda hoje faz parte, Symmy teve um importante papel. A atuação local, em consonância com o viés político no qual milita, foi fundamental para o estabelecimento de pontes. Os embates travados pelo GRETTA, como pode ser verificado ainda hoje na página do grupo no Facebook, é de atuação nos mais diversos segmentos sociais, embora a prioridade seja a transgeneridade.

O GRETTA é contemporâneo do governo petista no Pará. Foi durante o mandato de Ana Júlia Carepa que algumas vitórias importantes foram conseguidas, sendo a principal delas a portaria que possibilitou, nas escolas da rede pública estadual, o uso do nome social. É sempre importante frisar esse ponto, pois o Pará foi pioneiro ao defender uma iniciativa do tipo⁵³³, o que acabou gerando um benéfico efeito dominó sobre os outros estados, além de adoções similares na esfera federal. A proximidade de Symmy com o governo petista, seja com a governadora, seja com o então secretário da Casa Civil Cláudio Puty, nas imagens abaixo, acabaram favorecendo um importante capital social.



Imagem 39: Com a governadora.

Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

⁵³³ A então secretária de educação do estado, Iracy Gallo, numa conversa informal comigo, em 2018, contou detalhes sobre a elaboração da portaria. Segundo ela, durante uma passagem pelo Distrito Federal, ela teve conhecimento de uma iniciativa ainda não implementada por aquele governo. Lembrou também que Cléo Ferreira, sua então assessora-executiva, há muito insistia na mesma pauta. Então, por meio de uma junção de demandas, criou-se o projeto que logo foi transformado em portaria.



Imagem 40: Com o secretário da Casa Civil.

Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

Transitando com desenvoltura na esquerda paraense, tendo tido um ativismo na militância trans exitoso, além da hegemonia do PT no âmbito nacional, era questão de tempo para Symmy alçar voos mais altos. A governadora Ana Júlia e o secretário Cláudio Puty, presentes nas imagens anteriores, acabaram tendo destinos diferentes. Ela, após perder a reeleição, entrou numa espiral de derrotas eleitorais que dura até hoje. Ele foi eleito deputado federal por apenas um mandato e atualmente é secretário de Planejamento, na capital, na gestão de Edmilson Rodrigues, do PSOL. Mas Symmy, a despeito dos caminhos da esquerda local, mas por influência desta, deixou a esfera estadual e chegou na federal.

Em 2013, ao receber o convite para ser Coordenadora-geral de Promoção dos Direitos LGBT da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, na gestão da presidenta Dilma Rousseff, como pode ser visto na imagem abaixo, Symmy se tornou a primeira travesti a chegar num posto tão alto. Uma vez no cargo, ela buscou iniciativas que pudessem mitigar uma das maiores mazelas que acometem pessoas trans: a baixíssima expectativa de vida. Além de ressaltar, várias vezes durante as conversas que tivemos, que é uma “privilegiada na exclusão”, ou seja, que teve uma educação formal, que teve conforto material para seguir estudando, não consegue ser insensível à grande maioria “que não consegue passar dos 35 anos, porra!”.



Imagem 41: Então Coordenadora-geral da Promoção dos direitos LGBT.

Fonte: Marcello Casal Jr/Agência Brasil.

Mesmo chegando num posto tão alto, Symmy afirma que não se sentia inserida, ao contrário, se sentia excluída. “Quer dizer, ainda me sinto assim, né?”. O desabafo de Symmy vem de alguém que faz parte de uma minoria, “pois trans que estuda é minoria”. Ela ainda ressalta que só conseguiu chegar tão longe porque fez a “transição tardia”, ao contrário de “muita gente trans que mal tem o ensino fundamental porque a escola e ninguém da escola os querem lá”. Assim, ao assumir o novo cargo no governo Dilma, Symmy tinha planos ousados para problemas crônicos que afetavam a população trans.

Enquanto foi coordenadora, Symmy colocou em prática as vivências pessoais e também vividas com outras pessoas trans nas esquinas. Um dos objetivos do cargo que ocupava era a busca por políticas públicas que representassem a população agora conhecida como LGBTQIA+. E era, quando isso correu, em 2013, muito significativo que a coordenação fosse ficar justamente com uma pessoa trans. O sucesso da gestão logo se fez notar e o então prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, do PT, a levou para participar do governo municipal.

Após dois anos em Brasília, Symmy levantou voo mais uma vez. Agora, o destino foi a cidade de São Paulo. No governo municipal de Haddad, ela coordenou o Transcidadania. O projeto, em resumo, consistia no fortalecimento de atividades de inclusão social, profissional e educacional, reinserção e resgate da cidadania voltadas para travestis, mulheres e homens trans em situação de vulnerabilidade. Novamente, Symmy se notabilizou pela competência. A iniciativa de Haddad, considerada por aliados e detratores, como um avanço sem precedentes nos direitos humanos, passou bem longe de ser uma mera política governamental.

Do ponto de vista eleitoral, ainda mais num país que se descobre, assustado, como muito conservador, é muito comprometedor uma iniciativa do tipo. São poucos governantes que se interessam por pautas que passam ao largo da cor e das classes proeminentes. Não satisfeito, o então prefeito ainda fazia questão de visitar os espaços do projeto, de debater planos e metas, além de posar para fotos. Nas duas imagens abaixo, em contexto diferentes, Haddad aparece em meio a bandeiras da visibilidade trans, do orgulho LGBTQIA+ e de mulheres petistas, e Symmy Larrat, tal qual o ex-prefeito, sempre onipresente.



Imagem 42: Symmy e Haddad.

Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.



Imagem 43: Bendito fruto.

Fonte: Acervo pessoal de Symmy Larrat.

Após novo êxito à frente do Transcidadania, Symmy Larrat continuou em ascensão. Dessa vez, foi eleita, em 2017, presidenta da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT). Assim como quando assumiu a coordenação-geral de Promoção dos Direitos LGBT da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Symmy foi a primeira travesti a assumir a liderança da associação nacional. Esta, desde que fora fundada em 1995, teve apenas homossexuais cis na presidência⁵³⁴.

Ao assumir o cargo, defendeu a união pelos direitos de todos os sexualmente excluídos e frisou a importância de se combater a transfobia. O mandato de Symmy acabou coincidindo com a eleição de Bolsonaro e não é incomum vê-la, nas redes sociais ou entrevistas online, confrontando as políticas discriminatórias do governo. Novamente, revigorando posturas já assumidas no nível local, no Pará, Symmy estreita seus laços ideológicos aos da esquerda, fazendo importante resistência com as demais forças que se agigantam com o conservadorismo nacional. Em 2021, foi reeleita presidenta da ABGLT.

Dentre os objetivos deste capítulo foi compreender as construções das categorias travesti e transexual ao longo tempo e como nelas foi semeado o estigma. Foi possível perceber que, por meio da criação e difusão dos discursos médicos, estas identidades de gênero atravessaram o tempo ocupando sempre as margens, além de ter no hermafrodita uma matriz comum. Além disso, conforme as protagonistas desta seção foram desfiando os fios de suas vidas, foi possível perceber como as construções das subjetividades foram sendo feitas, numa intensa negociação consigo e com o exterior.

⁵³⁴ Ver: [Travesti é eleita presidenta da associação de entidades LGBTs - Vermelho](#).

Considerações Finais

Na década de 1960 havia, entre duas mulheres pretas, o oceano Atlântico, além de uma porção de terra significativa. Carolina Maria de Jesus estava de um lado, no Brasil, e Françoise Ega, na França, de outro. Ambas tinham coisas em comum. Eram mulheres. Eram mães. E eram, acima de qualquer coisa, pretas. As duas, no entanto, nunca se encontraram fisicamente. É muito provável que Carolina nunca tenha sabido da existência de Françoise. Mas Françoise soube que Carolina existia e dividiu com ela boa de uma vida de batalhas.

O primeiro contato das duas foi por meio da revista francesa “Paris Match”. Nela, Françoise soube que seria lançado, em francês, o livro de uma brasileira preta e favelada chamada Carolina. Havia, ainda, alguns trechos da obra e Françoise absorveu cada frase. Ao chegar em casa, Ega, que tinha o hábito de fazer anotações esparsas em cadernos, deu uma resposta a um questionamento de Carolina⁵³⁵: “Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs⁵³⁶”. É assim que, ainda sem saber, Françoise inicia um livro, que só será publicado um ano após sua morte.

Ao ter conhecimento, por meio de uma revista, que Carolina era preta e pobre e mãe solteira, e mesmo assim publicara um livro narrando seu cotidiano numa favela, além dos percalços enquanto catadora de papel, Françoise compreendeu, naquele momento, que mesmo estando separada por muitos quilômetros, as duas se pareciam, embora as condições sociais de ambas fossem um pouco diferentes. Ega era martinicana e emigrou para Marselha, na França, reproduzindo um caminho que muitos antilhanos ainda hoje fazem. Após casar com um conterrâneo que também havia se radicado naquele país europeu, Ega virou dona de casa e mãe de muitos filhos. O marido, militar, era o provedor e, mesmo com dificuldades, conseguiam levar a vida.

Mas ser preta e mulher e pobre foram as grandes conexões entre Françoise e Carolina. Instigada pelo livro da brasileira⁵³⁷, Ega começa a refletir sobre a situação das mulheres pretas

⁵³⁵ Em dado momento do livro “Quarto de despejo”, Carolina se pergunta se os pobres pretos têm o mesmo sofrimento no mundo todo.

⁵³⁶ EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. São Paulo: Todavia, 2021, p. 5

⁵³⁷ No livro, mistura de diário e missivas, Ega transforma Carolina em confidente. Uma das confissões é dizer que nunca lera o livro dela e que só tivera conhecimento a seu respeito por meio da revista Paris Match. Além disso, Ega diz que por ser preta e mulher e pobre, ela não precisa ler os livros de Carolina para saber o que ela sente na pele.

na França. Não satisfeita, ela diz ao marido que mesmo não precisando, vai procurar emprego de empregada doméstica.

De fato, há muitas moças que “são trazidas” para Marselha. Deixam as ilhas sonhando com um destino melhor. Eu as vejo, e é sempre igual, são compradas por um tempo determinado, ou quase isso. As patroas fazem como todas as suas amigas abastadas, têm uma empregada antilhana, mais flexível e mais isolada que a empregada espanhola de outrora. Nessa loteria, há quem tire a sorte grande e vá parar na casa de pessoas cheias de dignidade e humanidade. Há outras, e são a maioria, que se dobram ao jugo. Esta aqui me conta como, sob pena de sanção, é forçada a limpar as roupas íntimas da dona da casa. Outra come de pé. Outra é levada a um chalé na montanha e obrigada a buscar água na fonte, a qual encontra apenas depois de remover a neve com picareta. Meu marido resmungou: eu deveria ter ficado em casa. “Por que engrossar as fileiras desse gado humano?”, ele disse. É bem simples: nunca poderei falar sobre isso com conhecimento de causa se eu não souber do que se trata. Foi assim que voltei aos gestos ancestrais⁵³⁸.

Françoise Ega precisou de Carolina Maria de Jesus para conseguir transformar em palavras as suas inconformidades, além de duvidar do seu futuro literário, pois entre escritora e dona de casa há uma mulher⁵³⁹. Françoise se tornou uma mulher politicamente engajada, lutando cotidianamente, até morrer, vitimada por um infarto, dentro de uma igreja, contra a opressão que as mulheres pretas antilhanas sofriam nas cidades francesas. Para isso, ela pregava que sem ter conhecimento das experiências dos ancestrais e dos contemporâneos, o futuro corria o risco de escrever uma narrativa enviesada.

Trago, novamente, Carolina Maria de Jesus, como fiz de maneira rápida no capítulo 3, e por ao seu lado alguém que tanto aprendeu com ela, como Françoise Ega, para ilustrar todo um percurso de pesquisa. No mundo ideal, uma pessoa trans seria o arquétipo intelectual de outra pessoa trans que estivesse impossibilitada de estar naquela sintonia. Não estar em sintonia não quer dizer que nunca haverá sincronização. É claro que se houvesse, desde há muito, pessoas trans atuando diretamente nas decisões de poder, as realidades contemporâneas talvez fossem outras.

É claro também que existem pessoas trans desde há muito, mas tão longo quanto suas existências são seus apagamentos. Assim, muitos anos atrás, motivado por uma questão estritamente pessoal, eu vi numa travesti alguém não como um arquétipo corporal, ou

⁵³⁸ EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. São Paulo: Todavia, 2021, p. 10.

⁵³⁹ Na versão original do livro de Ega, ela faz um trocadilho entre “Femme de lettres” e “Femme de ménage”, escritora e dona de casa/empregada doméstica, respectivamente. O trocadilho está na palavra “Femme”, que quando é escrita separada significa “mulher”. Ver: EGA, Françoise. **Lettres à une noire**: récit antillais. Paris: Éditions L'Harmattan, 1978, p. 102.

subjetivo, mas como *uma vida que importa*. Muito tempo depois da morte dela, após ter sido transformada no avesso da “diva do SIDA⁵⁴⁰”, e de ter entrado na vida acadêmica, achei que eu poderia fazer alguma coisa com aquilo tudo. Dessa forma, na ausência de mundo ideal, fui ajudando a construir o mundo real.

Após essa primeira perda, que prefiro não nomear, tive de lidar com outras. Quando iniciei as primeiras pesquisas, perdi Rayssa Gorbachoff, vitimada também pela Aids. Ao chegar em sua casa, dias depois e sem saber o que ocorrera, ainda consigo lembrar da avó dela ao responder meu chamamento por Rayssa: “Raimundo morreu faz semanas já”. Tornei a perguntar por Rayssa. “Raimundo morreu faz semanas já”. Não quis perguntar uma terceira vez. Rayssa já havia morrido muitas vezes naquele curto diálogo⁵⁴¹. Perdi Josy Kimberly, também por causa da Aids, em 2015. No enterro de Josy, somente o namorado dela e eu. A família havia decretado o degredo dela da Ilha do Marajó muitos anos antes.

Wanda Waléria, uma das protagonistas da minha dissertação, também perdeu a luta para a Aids em 2018. Não sei se Wanda teve companhias no velório. Só soube da morte meses depois. Agora, mais recentemente, Maria Antonieta e Samantha Carrara, também foram embora. Em tempo de peste, é melhor usar a estratégia de outro personagem de Albert Camus. Ao se defrontar com aquilo que não compreende, Sr. Meursault prefere enfrentar o absurdo sendo... absurdo⁵⁴². Eu lamento ainda hoje as meninas terem partido sem antes serem reconhecidas como as pessoas gigantes que foram.

Nesse mundo real, como ficou evidente no capítulo 1, longas batalhas foram e ainda são travadas para que se consiga manifestar existências. A importância de se ter consciência das experiências, como refletiu Thompson, é de fundamental importância para um despertar de chamamentos. Por tais chamamentos, compreende-se pertencimento, reflexão, lutas não

⁵⁴⁰ Ela, talvez cansada e amedrontada, caiu no canto da sereia do pastor que dirigia a igreja evangélica na qual se refugiou quando o pânico apontou. Por meio dele, ela desistira do AZT, que na época era a única solução medicamentosa contra o vírus da Aids. Lhe prometeram que Jesus a salvaria do vírus. Assim, diferente da “diva do SIDA”, como Jean-Claude Bernardet chama as pessoas que fazem campanha de prevenção do HIV, ela permitiu que seu corpo fosse vencido. Sobre a expressão do autor ver: BERNARDET, Jean-Claude. **O corpo crítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 115.

⁵⁴¹ Não tenho muitas informações sobre o velório de Rayssa, mas algumas travestis me relataram que ela fora velada com roupas masculinas. Esse tipo de violência não é incomum quando a família recebe o corpo para ser preparado para o velório. Há um caso que provocou revolta, em Aracaju, capital de Sergipe, em 2021, quando fotos do velório da travesti Alana foram divulgadas e ela estava vestida com roupas masculinas. Ver: [Família enterra travesti como homem e causa revolta em Sergipe \(metropoles.com\)](#). Há, ainda, uma curta-metragem, de 2009, dirigido por René Guerra, chamado “Os sapatos de Aristeu”, que retrata o corpo de uma travesti tendo os cabelos cortados pela mãe, que também lhe veste o corpo com calça, camisa social e lhe chama, no velório, por Aristeu. Disponível em: [Os Sapatos de Aristeu \(The Shoes of Aristeu\) - by René Guerra - YouTube](#).

⁵⁴² Protagonista do romance “O estrangeiro”, de Albert Camus.

apenas de classes, mas de gêneros, de raças, de gerações. Como não havia mundo ideal, as primeiras lutas por experiências foram travadas por desbravadoras, como Xica Manicongo, Marsha P. Johnson, Sylvia Rivera, Brenda Lee, Claudia Wonder, Luana Muniz, Herzer, João Nery, Rogéria, Roberta Close, Indianarae Siqueira, dentre outras/os.

Mas os pioneirismos deixam marcas. Até chegar o momento do reconhecimento, muito já se caminhou para frente. Hoje estou falando delas, assim como vários outros pesquisadores também o fizeram. Mas antes de serem reconhecidas, estas pessoas foram esquecidas. Esquecer é um verbo que a memória sabe conjugar, como também foi evidenciado no capítulo 1. Assim, após anos de mãos dadas a elas, comecei a sentir alguns efeitos colaterais dos novos tempos. A sensação de ser intruso foi, inicialmente, molhando meus pés e, aos poucos, me cobriu as pernas e barriga e peito. Ainda hoje me constranjo um pouco, pois, às vezes, me sinto como se eu estivesse tirando a vez de alguém, por isso evito ao máximo me inserir, deixando para elas o protagonismo devido.

Agora, depois de tanto tempo reprimidas, elas podem caminhar sem o apoio que muitos de nós, pesquisadores, fomos. Aos poucos, vão surgindo os autênticos arquétipos, como Luma Andrade, como Megg Rayara, como Jaqueline de Jesus, como Tiffany Odara, como Amara Moira, como Sofia Favero, como Urias⁵⁴³, Linn da Quebrada, Liniker⁵⁴⁴, Pepita⁵⁴⁵, Laerte, Lea T⁵⁴⁶, Kika Sena⁵⁴⁷, Ruddy Pinho⁵⁴⁸. Com toda a certeza estou esquecendo de citar muita gente. Além dos arquétipos que ganham as páginas das revistas, dos jornais, aparecem na televisão, ou chegam ao seletivo grupo das/dos intelectuais universitários, há os arquétipos do cotidiano.

Estes, como ficou claro a partir do capítulo 2, são as vidas das pessoas anônimas, aquelas que compõem a massa dos cidadãos, aquelas que podem facilmente ser encontradas na fila do supermercado, na padaria, passando pelas ruas. São essas pessoas, que permitiram que suas vidas fossem expostas aqui nesta tese, que servirão, tenho certeza, de inspiração para muitas outras vidas trans que virão e que terão acesso aos trabalhos dos meus colegas, como eu tive, e talvez aos meus.

⁵⁴³ Cantora.

⁵⁴⁴ Cantora e atriz.

⁵⁴⁵ Cantora.

⁵⁴⁶ Modelo internacional.

⁵⁴⁷ Atriz e poetisa.

⁵⁴⁸ Escritora.

Ao longo de todos os anos aos quais eu me dediquei às travestilidades, e depois às transexualidades, em momento algum consegui me imaginar um especialista. Continuo não me imaginando. Não posso ser especialista em experiências alheias, mas posso ser um observador curioso, daqueles que preferem ajudar a montar o palco no qual os verdadeiros atores e atrizes encenarão seus papéis.

No capítulo 3, cuja abordagem priorizou a formação das famílias, precisei tornar o debate bastante amplo para tentar encontrar respostas para inquietações persistentes, como o machismo, o mandonismo, a intolerância, e que estão presentes ainda hoje. Isso é tão certo, que muitos dos crimes de ódio cometidos contra as pessoas trans, principalmente, refletem cotidianamente essas percepções. Além disso, a própria formação familiar vai ajudar a responder uma série de deficiências de muitas dessas pessoas, como a exclusão dos ambientes públicos, a falta de representatividade nas tomadas de decisões, a evasão escolar, que aos poucos começa a ser enfrentada, mas está longe de conseguir sanar muitas das barreiras existentes.

Além disso, e como consequência das lacunas citadas, a receptividade que as famílias darão às/aos suas/seus filhas/os trans responderá, em boa parte, pela forma como o restante da sociedade as/os acolherão. Isso foi demonstrado nos casos de Maria Antonieta, Samantha e Magda. Estes três casos em específico acabam por refletir inúmeras situações país afora. Uma vez excluídas do ambiente familiar, algumas pessoas trans acabam constituindo relações familiares com outras pessoas excluídas e juntas acabam se acolhendo. Mas não se pode perder de vista que há muitas perdas no percurso, principalmente na questão escolar. É sintomático disso o fato de eu ter encontrado, ao longo dos anos, travestis que não tinham sido alfabetizadas, algumas sem sequer ter sentado numa cadeira escolar.

Por fim, mas sem encerrar as consequências destes pontos destacados, há a ruptura precoce sobre a constituição de si. As subjetividades serão assimiladas e construídas, em muitos casos, nas ruas, na informalidade, sem se aprofundar nas consequências nos médio e longo prazos. Embora não seja uma regra, há casos de travestis, principalmente, mas também de mulheres trans que, ao investirem poucos recursos em silicone industrial, desconhecem em profundidade os danos à própria saúde, ainda mais quando se sabe que intervenções do tipo são praticamente irreversíveis. Num primeiro momento, o sucesso da aplicação, em muitos

casos, é conseguido, mas com o passar do tempo, em associação com outros fatores, haverá as sequelas físicas, como amputações, dores intermitentes e a morte⁵⁴⁹.

No capítulo 4, tentei apreender as construções das categorias travesti e transexual ao longo do tempo, ao menos do tempo das ciências médicas. Foi possível perceber que desde os surgimentos das primeiras percepções, houve uma equiparação entre doença e loucura, além de uma estreita relação com a homossexualidade. No bojo da discussão, foi possível perceber que, ao se categorizar os desejos, a heterossexualidade foi alçada à norma vigente, tendo como seu polo negativo a homossexualidade. No entanto, quando as ciências médicas e o saber jurídico se apropriaram dos discursos sobre os corpos, o hermafrodita, segundo Foucault e Jorge Leite Jr., acabou sendo considerado uma matriz aberrante da norma.

Em paralelo, a loucura, tão apreciada em outros momentos, foi encarcerada e junto dela acrescentaram os “desvios sexuais”. A partir desse momento, sobre o louco e o dissidente sexual, pairou uma grossa camada de silêncio. No entanto, os corpos fugidios resistiram e, por diferentes caminhos, foram deixando pegadas por onde passavam. Tais resistências não passaram incólumes pelos censores que, sempre que possível, procuravam os métodos corretivos e os aplicavam com extrema rigidez. De uma série de embates entre os seres considerados abjetos, algumas conquistas foram sendo amealhadas. Mas, para além da homossexualidade, inserida na lógica cisnormativa dos corpos em alinhamento com a norma, as pessoas trans continuaram em associação com a loucura, com a doença, com o silêncio.

Os embates se seguiram e algumas batalhas foram vencidas. As pessoas trans, que amargaram durante décadas o confinamento na categoria de “doenças mentais”, no código internacional de doenças (CID), conseguiram derrubar mais essa barreira. Ainda estão por lá, sendo medicalizadas e assistidas de perto, agora com um nome menos grotesco, mas tão estigmatizante quanto: “incongruência de gênero”. Na parte final do capítulo, tentei mostrar como a politização das pessoas trans é de fundamental importância para se alcançar mais vitórias, principalmente quando as protagonistas das lutas políticas são elas mesmo.

Eu espero ter realizado um trabalho minimamente à altura das pessoas que confiaram em mim para isso. Como destaquei uns parágrafos atrás, iniciei nesta seara há muitos anos,

⁵⁴⁹ PINTO, Thiago [et al.]. **Silicone líquido industrial para transformar o corpo**: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública 33(7), 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/CqPcZNpvnzwwsRfHbtLj4fM/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30/04/2021.

motivado por uma questão pessoal e considero que a tarefa está concluída. É claro que deixei muitas lacunas abertas, mesmo tentando solucioná-las, mas eu espero que os novos pesquisadores possam saná-las, torcendo, e torcendo muito, para que as/os responsáveis pelos novos trabalhos sejam pessoas trans. Nada mais justo que, além de protagonizar as pesquisas daqueles que se aliaram a elas, sejam pessoas trans as fazedoras de trabalhos acadêmicos, alargando ainda mais o caminho que algumas/uns já iniciaram.

Fontes

Fontes Escritas

ANÍBAL, Felipe. **Arco-íris na urna**. Seção Questões da Diversidade. Revista piauí, São Paulo, 23/11/2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/arco-iris-na-urna/> Acesso em: 05/07/2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. BOLETIM Nº 02/2020. **ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM 2020**. Disponível em: [boletim-2-2020-assassinatos-antra.pdf \(wordpress.com\)](boletim-2-2020-assassinatos-antra.pdf (wordpress.com)) Acesso em: 02/10/2021.

AVERY, Dan. **Nevada pageant winner to become 1st transgender Miss USA contestant**. NBC News, Out News. New York, 29/06/2021. Disponível em: [Nevada pageant winner to become 1st transgender Miss USA contestant \(nbcnews.com\)](Nevada pageant winner to become 1st transgender Miss USA contestant (nbcnews.com)). Acesso em: 30/06/2021.

AZAMBUJA, Marcos de. **Videla é a mãe**: memórias pouco diplomáticas. Revista piauí, Edição “História e Memória”, número 55, São Paulo, abril de 2011, s/n. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/videla-e-a-mae/> Acesso em: 10/08/2020.

AZEVEDO, Reinaldo. **“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino**: Esse rapaz sempre dando boas idéias... Revista Veja, São Paulo, 31/01/2012. Disponível em: [“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias... | VEJA \(abril.com.br\)](https://www.veja.com.br/kit-gay-preparado-pela-gestao-de-fernando-haddad-na-educacao-foi-o-primeiro-a-propor-transgeneras-em-banheiro-feminino-esse-razap-sempre-dando-boas-ideias...). Acesso em: 08/07/2021.

BARROS, Ernesto. **A ressaca moral dos cineastas Cláudio Assis e Lírio Ferreira**. Jornal do Comércio, Recife, 01/09/2015. Disponível em: [A ressaca moral dos cineastas Cláudio Assis e Lírio Ferreira \(uol.com.br\)](A ressaca moral dos cineastas Cláudio Assis e Lírio Ferreira (uol.com.br)). Acesso em 10/06/2021.

BOURDIEU, Pierre. **La transgression gay**. Entretien avec Catherine Portevin et Jean-Philippe Pisanias, Télérâma n°2535, 1998. Disponível em: [Pierre Bourdieu, entretien: La transgression gay. 12/08/98 \(homme-moderne.org\)](Pierre Bourdieu, entretien: La transgression gay. 12/08/98 (homme-moderne.org)) Acesso em: 15/07/2021.

CALAMANTE, André. **Ex-PM é preso suspeito de matar travesti**. Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, São Paulo, 30/11/2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/12107-ex-pm-e-presosuspeito-de-matar-travesti.shtml>. Acesso em: 03/04/2021.

COHEN, Nadia. **Amazônia proibida**: balseiras – sexo por óleo diesel. National Geographic, ano 12, nº 152, nov, 2012. Disponível em: <https://silo.tips/download/90-national-geographic-novembro-2012-balseiras-91> Acesso em 22/09/2020.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [004 \(saude.gov.br\)](004 (saude.gov.br)). Acesso em: 01/06/2021.

CORREIO BRAZILIENSE. **Berço da era moderna:** Barcelona depois dos jogos olímpicos. Turismo, 03/04/2015. Disponível em: [Berço da era moderna: Barcelona depois dos jogos olímpicos \(correiobraziliense.com.br\)](http://correiobraziliense.com.br). Acesso em: 09/07/2021.

COUTINHO, Natália. **Família enterra travesti como homem e causa revolta em Sergipe.** Portal Metrópole, Seção Brasil. São Paulo, 13/10/2021. Disponível em: [Família enterra travesti como homem e causa revolta em Sergipe \(metropoles.com\)](http://metropoles.com). Acesso em: 14/10/2021.

DE PAULA, Fábio Luís. **Transgênero vence Miss Espanha e vai disputar Miss Universo 2018.** Folha de São Paulo, Entretenimento. São Paulo, 30/06/2018. Disponível em: [F5 - Estilo - Transgênero vence Miss Espanha e vai disputar Miss Universo 2018 - 30/06/2018 \(uol.com.br\)](http://uol.com.br). Acesso em: 30/06/2021.

DIÁRIO ONLINE. **Diretora trans paraense é premiada em festival de cinema de São Paulo.** Diário Online, Entretenimento/Cinema. Belém, 25/11/2019. Disponível em: [Diretora trans paraense é premiada em festival de cinema de São Paulo | Cinema | Diário Online | DOL](http://diarioonline.com.br). Acesso em: 15/09/2021.

EL PAÍS BRASIL. **Brenda Lee, o anjo da guarda das travestis na luta contra a AIDS.** El País Brasil, São Paulo, 29/01/2019. Disponível em: [Trans: Brenda Lee, o anjo da guarda das travestis na luta contra a AIDS | Brasil | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](http://elpais.com). Acesso em: 09/06/2021.

ESTADO DE MINAS. **Ex-candidata Duda Salabert acusa PSOL de transfobia e sai do partido.** Política, Belo Horizonte, 22/04/2019. Disponível em: [Ex-candidata Duda Salabert acusa PSOL de transfobia e sai do partido \(correiobraziliense.com.br\)](http://correiobraziliense.com.br). Acesso em: 29/09/2021.

FERREIRA, Luiz Carlos. **Roberta Close passa a perna em Miss Brasil.** Folha de São Paulo, Entretenimento. São Paulo, 28/04/2014. Disponível em: [F5 - Saiu no NP - Roberta Close passa a perna em Miss Brasil - 28/05/2014 \(uol.com.br\)](http://uol.com.br). Acesso em: 29/06/2021.

G1 CE. **Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário.** G1, Fortaleza, 07/03/2017. Disponível em: [G1 - Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário - notícias em Ceará \(globo.com\)](http://globo.com). Acesso em: 02/10/2021.

GOVERNO DO PARÁ. **Portaria nº 16/2008, estabelece, que a partir de 02 de janeiro de 2009.** Disponível em: http://www.ioepa.com.br/pages/2008/04/14/2008.04.14.DOE_81.pdf. Acesso em 13/08/2020.

INDRIUNAS, Luís. **FHC inaugura obras em viagem ao Pará.** Folha de São Paulo. São Paulo, 14/06/1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc14069828.htm>. Acesso em: 20/09/2020.

INTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Somos menos desiguais.** 2013. Ano 10. Edição 77 - 07/10/2013. Disponível em: [Somos menos desiguais \(ipea.gov.br\)](http://ipea.gov.br). Acesso em: 12/08/2020.

ISTOÉ GENTE. **Rayka Vieira será a 1ª mulher trans a disputar o concurso Miss Brasil.** Seção Gente, Revista Istoé. São Paulo, 04/09/2020. Disponível em: [Rayka Vieira será a 1ª mulher trans a disputar concurso Miss Brasil - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://istoe.com.br). Acesso em: 30/06/2021.

NOGUEIRA, Carolina. **No mundo do cinema, mais uma garota interrompida**. Site AzMina, Caderno Cultura. São Paulo, 21/09/2015. Disponível em: [No mundo do cinema, mais uma garota interrompida - AzMina](#). Acesso em: 10/06/2021.

PALHETA, Nélio. **Governo Alacid Nunes (1966-1971): Fibra sintética matou indústria paraense**. Imprensa Oficial do Estado do Pará. Belém, 29/06/2015. Disponível em: http://www.ioepa.com.br/pages/2015/06/29/2015.06.29.DOE_2.pdf Acesso em: 18/08/2020.

PASSARINHO, Nathalia. **Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro**. G1, Seção Educação, Brasília, 25/05/2011. Disponível em: [G1 - Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro - notícias em Educação \(globo.com\)](#). Acesso em: 10/07/2021.

PORTAL DE RONDÔNIA. **Travesti é brutalmente morto a pauladas em Rondônia**. Portal de Rondônia, Ji-Paraná, 26/04/2021. Disponível em: [Travesti é brutalmente morto a pauladas em Rondônia – Portal de Rondônia \(portalderondonia.com.br\)](#). Acesso em: 02/10/2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Secretaria de Imprensa. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – GLBT**. Brasília, 05/06/2008. Disponível em: [Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura da I Conferência Nacional de Gays, L \(presidencia.gov.br\)](#). Acesso em: 11/06/2021.

PROFISSÃO REPÓRTER. **Se parte da população LGBT acha que eu não os represento, tanto faz', diz candidata trans de MG**. G1, Rio de Janeiro, 10/03/2021. Disponível em: [Se parte da população LGBT acha que eu não os represento, tanto faz', diz candidata trans de MG | Profissão Repórter | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 05/07/2021.

RIBEIRO, Aline. **O matador de travestis**. Reportagem Especial, Revista Época. Rio de Janeiro, 10/02/2015. Disponível em: [O matador de travestis - ÉPOCA | Tempo \(globo.com\)](#). Acesso em: 02/04/2021.

ROMA NEWS. **Transexual é agredida a pauladas por dois homens em Marituba**. Roma News, Belém, 18/04/2021. Disponível em: [Vídeo: transexual é agredida a pauladas por dois homens em Marituba - Portal Roma News](#). Acesso em: 02/10/2021.

RONDÔNIA AGORA. **Travesti é morta a pauladas em Porto Velho**. ROLNEWS, Porto Velho, 08/06/2020. Disponível em: [Travesti é morta a pauladas em Porto Velho - ROLNEWS](#). Acesso em: 02/10/2021.

SCHWARCZ, Lilia. **Maiorias minorizadas: a democracia no Brasil**. Coluna de opinião, Nexo Jornal. São Paulo, 08/09/2020; Disponível em: [Maiorias minorizadas: a democracia no Brasil como 'mal-entendido' | Nexo Jornal](#). Acesso em: 05/10/2021.

SECOM. **Cachoeira do Arari e Salvaterra recebem energia de qualidade**. Agência Pará, Belém, 03/04/2017. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/2482/> Acesso em: 20/09/2020.

VERMELHO. **Travesti é eleita presidenta da associação de entidades LGBTs**. Portal Vermelho: a esquerda bem informada, Seção Movimento Nacional. Brasília, 15/08/2017.

Disponível em: [Travesti é eleita presidenta da associação de entidades LGBTs - Vermelho](#). Acesso em: 12/10/2021.

Fontes Visuais

BAIXIO das Bestas. Direção de Cláudio Assis. Recife, PE: Parabólica Brasil, 2006. 1 DVD (120 min.).

OS sapatos de Aristeu. Dirigido por René Guerra. São Paulo: Preta Portê Filmes, 2009. Disponível em: [Os Sapatos de Aristeu \(The Shoes of Aristeu\) - by René Guerra - YouTube](#). Acesso em: 05/05/2021.

PROGRAMA Memória e Contexto. Tema: Travestis e Transexuais: Brenda Lee. Exibido no dia 16/04/2012. Disponível em: [Memória e Contexto: Travestis e Transexuais - 2/4 - YouTube](#). Acesso em: 28/06/2021.

PROGRAMA De frente com Gabi. Entrevistada: Roberta Close. Exibido no dia 25/05/1998. Disponível em: [De Frente com Gabi - Roberta Close \(25/05/1998\) | SBT Vídeos - YouTube](#). Acesso em: 05/07/2021.

PROGRAMA do Gugu. Entrevistada: Roberta Close. Exibido no dia 25/05/2015. Disponível em: [▶▶ \[ENTREVISTA \] 20/05/2015 GUGU - Roberta Close fala pela primeira vez depois de dez anos - YouTube](#). Acesso em: 28/06/2021.

QUE horas ela volta? Dirigido por Anna Muylaert. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2015. 1 DVD (112 min.).

Fontes Orais

ANTONIETA, Maria. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 04 mai. 2019.

ANTONIETA, Maria. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 21 mai. 2019.

ANTONIETA, Maria. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 10 nov. 2019.

ANTONIETA, Maria. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 12 jan. 2020.

CARRARA, Samantha. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 07 mai. 2012.

CARRARA, Samantha. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 10 jun. 2016.

CARRARA, Samantha. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 02 mai. 2019.

CARRARA, Samantha. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 10 jun. 2019.

CARRARA, Samantha. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 05 jan. 2020.

- FERREIRA, Cléo. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 01 abr. 2019.
- FERREIRA, Cléo. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 10 ago. 2020.
- FERREIRA, Cléo. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 18 ago. 2020.
- FERREIRA, Cléo. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 24 mai. 2021.
- LARRAT, Symmy. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 17 fev. 2019.
- LARRAT, Symmy. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 16 mar. 2019.
- LARRAT, Symmy. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 19 ago. 2020.
- LUCIANA. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 03 mar. 2018.
- LUCIANA. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 04 mar. 2018.
- SANTORINI, Beatriz. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 17 fev. 2019.
- SANTORINI, Beatriz. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 16 mar. 2019.
- SANTORINI, Beatriz. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 11 ago. 2020.
- SANTORINI, Beatriz. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 21 mai. 2021.
- TAYLOR, Renata. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 13 jan. 2019.
- TAYLOR, Renata. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 21 mar. 2019.
- TAYLOR, Renata. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 09 ago. 2020.
- TAYLOR, Renata. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 17 ago. 2020.
- TAYLOR, Renata. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Belém, 19 mai. 2021.
- VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 22 jan. 2017.
- VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 27 jan. 2017.
- VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 04 fev. 2017.
- VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 03 jul. 2017.
- VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 27 jul. 2017.
- VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 24 fev. 2018.

VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 25 jan. 2018.

VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 03 mar. 2018.

VALQUEIRE, Magda de. Entrevista concedida a Otto Vasconcelos. Rio de Janeiro, 04 mar. 2018.

Referências Bibliográficas

AB'SÁBER, Tales. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.

ABREU, Caio Fernando. **Contos Completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALBUQUERQUE, Fernanda de Farias; JANNELLI, Maurizio. **A Princesa**: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **Notas sobre a família no Brasil**. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de. (Org.). *Pensando a família no Brasil: Da colônia à modernidade* Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.

ANDRADE, Luma. **Travestis na Escola**: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2015.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Annablume, 2013.

ARANGUSUKU, Henrique Araujo; LARA, Maria Fernanda. **Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia**: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade. *Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.)* 39 (spe3), 2019. Disponível em: [SciELO - Brasil - Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade](#). Acesso em: 02/07/2021.

ARENAS, Reinaldo. **Antes que anoiteça**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ARENZ, Karl. **Anticabocismo**. *Revista de Estudos de Cultura*. Nº 03 | Set.Dez./2015, p. 29. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/4770> Acesso em: 17/09/2020.

AUGUSTO, Edyr. **Pssica**. São Paulo: Boitempo, 2015.

AUGUSTO, Edyr. **Belhell**. São Paulo: Boitempo, 2020.

AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BACH, Ana María. **Las voces de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

BACH, Ana María. **Género, estereotipos y otras discriminaciones como puntos ciegos**. In: BACH, Ana María (org.). Para una didáctica con perspectiva de género. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2015.

BACH, Ana María. **Epistemología, feminismo y los saberes de las gentes indígenas**. Descentrada 2 (2), e051, 2018. Disponível em: <http://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe051> Acesso em: 25/10/2020.

BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no pós-colonial**. Rev. Estud. Fem. vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000200018 Acesso em: 11/08/2020.

BARICKMAN, Barth. **E se a casa-grande não fosse tão grande?** Uma freguesia açucareira do Recôncavo Baiano em 1835. Afro-Ásia, 28/30, pp. 79-132, 2003, p. 79. Disponível em: [baric.p65 \(ufba.br\)](http://baric.p65.ufba.br) Acesso em: 10/05/2021.

BARROS, José Costa D'Assunção. **Os historiadores e o tempo: a contribuição dos Annales**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, 1º sem. 2018, p. 182. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/16344> Acesso em: 14/08/2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**: Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal**. Revista Contemporânea. v. 4, n. 1 p. 165-182 Jan.–Jun. 2014.

BENTO, Berenice. **A politização das identidades abjetas**. In: BENTO, Berenice. *Transviad@as: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 3ª Edição. Salvador: Editora Devires, 2017.

BENTO, Berenice. **O processo de revisão do DSM-5: gênero é uma categoria cultural ou de diagnóstico?** In: BENTO, Berenice. *Transviad@as: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice. **Prefácio**. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de & GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs). *História e Teoria queer*. Salvador: Editora Devires, 2018.

BERNARDET, Jean-Claude. **O corpo crítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BLOCH, Marc. **A apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

BLOOM, Harold. **Shakespeare**: a invenção do humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria prática** – precedido de Três Estudos de Etnologia. São Paulo: Editora Celta, 2002.

BRULON, Bruno. **Normatizar para normalizar**: uma análise *queer* dos regimes de normalidade na historiografia contemporânea da homossexualidade. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.). *História e Teoria Queer*. Salvador: Editora Devires, 2018.

BRUM, Eliane. **Mulheres de ouro**. In: ICASSATTI, Miguel (org.). Um sábado no paraíso do swing e outras reportagens sobre sexo. São Paulo: Panda Books, 2006.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas** – um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

BUARQUE, Chico. **Essa gente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BUTLER, Judith. **Críticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras: Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

CAL, Danila. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico**: política, poder e resistências. Salvador: EDUFBA, 2016.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica**. Belém: Ed. Açáí, 2011.

CANDIDO, Antonio. **The Brazilian Family**. In: SMITH, Lynn & MARCHANT, Alexander (eds.). *Brazil: Portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia**: ensaios. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Organização de Ézio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (orgs.). **Antropologia dos Militares**: reflexões sobre pesquisa de campo. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CELAN, Paul. **Poemas**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COACCI, Thiago. **Encontrando o transfeminismo brasileiro**: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. *História Agora*, São Paulo, n. 15, p. 134-161, 2014. Disponível em: [Encontrando-o-transfeminismo-brasileiro-um-mapeamento-preliminar-de-uma-corrente-em-ascensao.pdf \(researchgate.net\)](#) Acesso 01/05/2020.

COLLING, Ana Maria. **Dos silêncios da história ao desejo de liberdade**. In: SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Sociedade, História e Relações de Gênero*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CONNEL, Robert. **Políticas da masculinidade**. *Educação e Realidade*. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CORNEJO, Giancarlo. **A guerra declarada contra o menino afeminado**. Tradução de Larissa Pelúcio. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. *Cad. Pesq.* n 37. São Paulo, 1981, p. 6. Disponível em: [Repensando a família patriarcal brasileira. | Cadernos de Pesquisa \(fcc.org.br\)](#) Acesso em: 14/05/2021.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Campinas: cadernos pagu, 1996, p. 38. Disponível em: [Sobre a invenção da mulata | Cadernos Pagu \(unicamp.br\)](#) Acesso em 10/06/2021.

DA ESCÓSSIA, Fernanda. **Invisíveis**: uma etnografia sobre identidade, direitos e cidadania nas trajetórias de brasileiros sem documento. 146 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, 2019.

DAMATTA, Roberto. **A mão visível do Estado**: notas sobre o significado cultural dos documentos na sociedade brasileira. Anuário Antropológico/99: 37-64. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

DANTAS, Luísa. **E AS “CRIAS DE FAMÍLIA”, POR ONDE ANDAM?** Um estudo sobre projetos de vida, memória e trabalho de mulheres em Porto Alegre/RS. IV Seminário de Trabalho e Gênero - Protagonismo, Ativismo, Questões de gênero revisitadas, 2016. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/E_AS_%E2%80%9CCRIAS_DE_FAM%C3%8DLIA%E2%80%9D_POR_ONDE_ANDAM.pdf. Acesso em: 25/02/2020.

DAVI, Edmar. **Belíssima**: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti. Tese (Doutorado em Psicologia). 183f. Universidade de São Paulo, 2013.

DE LAURETIS, Teresa. **Gênero e teoria queer**. Revista Mora, Buenos Aires, 2015, p. 109. Disponível em: [Gênero y teoría <i>queer</i> | Mora \(uba.ar\)](http://www.mora.uba.ar) Acesso em: 10/05/2021.

DE LAURETIS, Teresa. **Queer Theory - Lesbian and Gay Sexualities**: An Introduction. Indiana University Press, 1991.

DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro – Erotic engineering: transvestites in Rio de Janeiro. Edição bilíngue. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997.

DIMENSTIEN, Gilberto. **Meninas da noite**: a prostituição de meninas-escravas no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1997.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**. São Paulo: IBRASA, 1996.

DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

ECKERT, Cornelia & ROCHA, Ana Luiza da. **O tempo na e da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

EGA, Françoise. **Lettres à une noire**: récit antillais. Paris: Éditions L'Harmattan, 1978.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. São Paulo: Todavia, 2021.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. **De homossexuais a LGBTQIAP+**: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora. Direitos em disputa: LGBTI+ - poder e diferença no Brasil contemporâneo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2004.

FARES, Josebel Akel. **A matintaperera no imaginário amazônico**. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLA-CORTA, Gisela Macambira (orgs.). Pajelanças e religiões africanas na Amazônia. Belém: Edufpa, 2008.

FARIA, Sheila de Castro. **História da família e demografia histórica**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAVERO, Sofia. **Crianças trans**: infâncias possíveis. Salvador: Editora Devires, 2020.

FELITTI, Chico. **Ricardo e Vânia**: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor. São Paulo: Todavia, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da "raça branca". V. 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Apresentação de Vladimir Safatle. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FRANÇA, Rafael. **As aparências enganam?**: a arte do fazer-se travesti. Curitiba: Appris, 2015.

FRANÇA, Rafael. **Montagens de si**: relações de amizade e experiências trans em Campos dos Goytacazes, 1990-2017. 341f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação de História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 52ª Edição. São Paulo: Global, 2013.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

GREEN, James & POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James. **Apesar de vocês**: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GREEN, James & QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

GUEDES, Leonildo. **SOCIABILIDADES RIBEIRINHAS, RECIPROCIDADE E MORALIDADE NO MARAJÓ**: A VIDA ENTRE BALSAS E BEIRAS. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

GUIMARÃES, Aníbal. **Todas as mulheres do mundo**: a construção do corpo travesti no Brasil das décadas de 1960 e 1970. In: BRASIL: Ministério da Saúde. *Transexualidade e Travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HARAWAY, Donna. “**Gênero**” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *cadernos pagu* (22): pp.201-246, 2004.

HARRIS, Mark. **Presente ambivalente**: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. *Sociedades Caboclas Amazônicas*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006.

HENRIQUE, Márcio Couto; MORAIS, Laura Trindade de. **Estradas líquidas, comércio sólido**: índios e regatões na Amazônia (Século XIX). *Rev. Hist. (São Paulo)* n°.171 São Paulo July/Dec. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-83092014000200049&script=sci_arttext Acesso em: 18/09/2020.

HERZER. **A queda para o alto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **A questão do nacionalismo**: nações e nacionalismo desde 1780. Lisboa: Terramar, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo**: aids, uma história de todos nós. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Apresentação**. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro, Metanoia, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA**. Redoc: Rio de Janeiro v. 3 n.1 p. 250 Jan/Abr. 2019. Disponível em: [XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA | Jesus | Revista Docência e Cibercultura \(uerj.br\)](#) Acesso em 01/06/2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Revista do programa de pós-graduação em ciências da Ufrn | dossiês | 8. Disponível em: [2150-Texto do artigo-6341-1-10-20121201.pdf](#). Acesso em: 10/05/2021.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Belém: Editora Cejup, 1995.

KAFKA, Franz. **Um relatório para a academia**. In: KAFKA, Franz. Um médico rural. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

KZAM, Áthila & PINTO, Lúcio Flávio. **Amazônia decifrada**. Belém: Edição dos autores, 2013.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos até Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEITE JR. Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA, Deborah de Magalhães; PERALTA, Nelissa. **Programas de transferência de renda em duas Unidades de Conservação na Amazônia brasileira e Sustentabilidade**. Novos Cadernos NAEA. v. 19 n. 2, p. 43-67, maio-agosto 2016, p. 51. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2379> Acesso em: 17/09/2020.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LLOSA, Mário Vargas. **O sonho do celta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LOPES, Fábio Henrique. **VISIBILIDADES DA EXPERIÊNCIA TRANS! CORPOS, IDADES E IMAGENS**. SocioPoética - Volume 1 | Número 17, 4 junho a dezembro de 2016.

LOPES, Fábio Henrique. **Cisgeneridade e historiografia: um debate necessário**. In: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.). História e Teoria *queer*. Salvador: Editora Devires, 2018.

LOPES, Fábio Henrique. **SUBJETIVIDADES TRAVESTIS NO RIO DE JANEIRO, INÍCIO DA DÉCADA DE 1960**. ALOMA DIVINA. Revista TransVersos, [S.l.], n. 14, p.

52-69, jan. 2019. ISSN 2179-7528. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39328/27593>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, v2, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MACRAE, Edward. **Os respeitáveis militantes e as bichas loucas**. In: Colling, Leandro (org.). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011.

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. **Eu, travesti**: memórias de Luísa Marilac. Rio de Janeiro, 2020.

MARTÍN, Alfredo Guillermo. **As sequelas psicológicas da tortura**. Psicol. cienc. prof. vol.25 no.3, Brasília, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300008
Acesso em: 19/09/2020.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos**: a justiça popular no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Possibilidades de diálogo**: classe e gênero. História Social. Campinas, SP, nº 4/5, 135-156, 1997/1998.

MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora**: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico. Outubro n.21, p. 83-117, 2º Semestre, 2013.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico**: a religião. Estud. av. [online]. 2005, vol.19, n.53, pp.259-274, p. 261. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000100016&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 19/09/2020.

MCGRATH, David. **Parceiros no crime**: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/109/163> Acesso em: 21/09/2020.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas. Por quem?** Belém: Cejup, 1997.

MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MILNER-GULLAND, Robin; DEJEVSKY, Nicolai. **Rússia e a antiga União Soviética**. Edição brasileira. Barcelona: Ediciones Folio, 2007.

MILSKOLCI, Richard. **Não somos, queremos** – reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria *Queer* e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun. 2009, p. 150-182, p. 151. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf> Acesso em: 12/08/2020.

MISKOLCI, Richard. **Discreto e fora do meio** - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *cadernos pagu*. n. 44, 2015.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo do estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: NECVU/IFICS/UFRJ, 2007.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** Monstrx Erratik, 2015. Disponível em: [PODE UM CU MESTIÇO FALAR?. “Eu não vou mais sentir vergonha de... | by Monstrx Erratik | Medium](https://medium.com/@monstrxerratik/pode-um-cu-mesti%C3%A7o-falar-4e1e1e1e1e1e) Acesso em: 28/01/2021.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORÁN, Emílio. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. São Paulo: Vozes, 1990.

MOTT, Luiz. **Relações Raciais entre homossexuais no Brasil Colônia**. São Paulo, USP, 1992, v 35, pp. 180-182, *Revista de Antropologia*. Disponível em: [Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial | Revista de Antropologia \(usp.br\)](https://revistas.usp.br/ra/article/view/180-182) Acesso em 02/07/2021.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Uma mãe leva a outra(?)**: práticas informais (mas nem tanto) de “circulação de crianças” na Amazônia. Vol. XVI, núm. 395 (8), 15 de marzo de 2012. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/3435>. Acesso em: 01/03/2020.

NERY, João. **Viagem solitária**: memórias de um transexual 30 anos depois. Rio de Janeiro: Leya, 2011.

NERY, João. **Velhice transviada**: memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Proj. História*. São Paulo, Dez/1993, p. 7. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763> Acesso em 12/08/2020.

OCHOA, Márcia. **Ciudadanía perversa**: divas, marginación y participación en la “localización”. In: MATO, Daniel (coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. São Paulo: Ed. Sundermann, 2007.

OLIVEIRA, Megg Rayara de. **Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil**. In: CAETANO, Marcio & SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara de. **Nem ao centro, nem à margem**: corpos que escapam às normas de raça e gênero. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Dama de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Robson Cardoso de. **Éguas e Caboclos**: as representações de uma paraensidade a partir de anúncios publicitários e vídeos compartilhados nas mídias sociais. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará, 2020.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

ORNAT, Marcio. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 279f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

OYAMA, Thaís. **Tormenta**: o governo Bolsonaro – crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: EdUFPA, 2010.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

PASCHOAL, Marcio. **Rogéria**: uma mulher e mais um pouco. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

PATAI, Daphne. **História Oral, Feminismo e Política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PEDREIRA, Marcelo. **A inevitável história de Letícia Diniz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PEIRANO, Mariza. **De que serve um documento?** In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, César (orgs.). **Política no Brasil**: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2006.

PELÚCIO, Larissa; MILKOLCI, Richard. **A prevenção do desvio**: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.1, pp.125-157, 2009. Disponível em: [A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das](#)

[sexualidades dissidentes | Pelúcio | Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana \(uerj.br\)](#) Acesso em: 28/04/2021.

PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado** – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2016, p. 126. Disponível em: [Pelucio o Cu de Preciado PDF | PDF | Teoria Queer | Estudos LGBTQIA+ \(scribd.com\)](#) Acesso em: 04/02/2021.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o mundo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERLONGHER, Néstor. **O que é Aids?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PINTO, Ivany; VIEIRA, Andréa. **Exploração sexual juvenil nas águas amazônicas e suas interfaces com a escola**. Revista Amazonida, Manaus, AM, vol. 03, n 02. p. 117–138, 2018, p. 117. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/amazonida/article/view/4508> Acesso em: 11/08/2020.

PINTO, Thiago [et al.]. **Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil**. Cad. Saúde Pública 33(7), 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/CqPcZNpvzwwsRfHbtLj4fM/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30/04/2021.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, Leila Mezam (org.) A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2002.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274. Disponível em: [Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras | Sociedade e Cultura \(ufg.br\)](#) Acesso em: 02/07/2021.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (orgs.) Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15, p. 12. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> Acesso em: 12/08/2020.

RITO, Lúcia. **Muito prazer, Roberta Close**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RODRIGUES, Rejane & FARIAS, Francisco. **QUANDO O CORPO INDECIDÍVEL NÃO TEM VEZ: INTERSEXUALIDADE E PRÁTICAS MÉDICAS NA FRANÇA DOS SÉCULOS XIX E XX**. Revista *Ártemis*, vol. XXX nº 1; jul-dez, 2020. pp. 211-234. Disponível em: [Vista do Quando o corpo indecidível não tem vez: intersexualidade e práticas médicas na França dos séculos XIX e XX \(ufpb.br\)](#) Acesso em: 09/07/2021.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo - quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. 372f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A mulher e a família na historiografia latino-americana recente**. Revista *Anos 90*. nº 1, 1993, p. 34. Disponível em: [A mulher e a família na historiografia latino-americana recente | Samarra | Anos 90 \(ufrgs.br\)](#) Acesso em: 28/04/2021.

SAMARA, Eni de Mesquita. **O que mudou na Família Brasileira?** (Da Colônia à Atualidade). Ver. *Psicologia da Universidade de São Paulo*. v. 13, nº 2, 2002, p. 33. Disponível em: [O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade | Psicologia USP](#) Acesso em 30/04/2021.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

SANTOS, Gustavo. **Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo**. Revista *Brasileira de Ciência Política*, nº 21, Brasília, setembro-dezembro de 2016, pp. 147-186. Disponível em: [SciELO - Brasil - Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo](#) Acesso em: 01/06/2021.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARMENTO, Rayza. **Feminismo, reconhecimento e mulheres trans***: expressões online de tensões. *Pensamento Plural*. Pelotas [17]: 129 – 150, julho-dezembro 2015. Disponível em: [Feminismo, reconhecimento e mulheres trans*: expressões online de tensões | Sarmento | Pensamento Plural \(ufpel.edu.br\)](#) Acesso em: 01/05/2020.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*. 20 (2): p. 71-99. Jul/dez, 1995.

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Tradução: Lúcia Haddad. Proj. História, (16), fev, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.

SERVICE, Robert. **Camaradas**: uma história do comunismo mundial. Rio de Janeiro: DIFEL, 2018.

SILVA, Arthur Narciso Bulcão da. **Magia e Inquisição**: o “mundo mágico” do Grão-Pará e Maranhão (1763-1769). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Amazonas, Manaus/AM, 2016, p. 34. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6289/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Arthur%20Bulc%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10/08/2020.

SILVA, Hélio. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Jaime; PACHECO, Agenor Sarraf. **Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina**. Horiz. antropol. vol.21 no.43 Porto Alegre Jan./June 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100129 Acesso em: 23/09/2020.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Considerações transfeministas sobre linguagem, imaginação e decolonialidade**: a identidade de gênero como categoria analítica. Cadernos de linguagem e sociedade. 21(2), 2020.

SIQUEIRA, Mônica. **ARRASANDO HORRORES! UMA ETNOGRAFIA DAS MEMÓRIAS, FORMAS DE SOCIABILIDADE E ITINERÁRIOS URBANOS DE TRAVESTIS DAS ANTIGAS**. 530 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Curso de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.

SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Edward Palmer Thompson e a tradição historiográfica marxista**. Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. n.25, pp. 65-76, jul/set. Belém: Universidade Federal do Pará, 1991.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TAÏA, Abdellah. **Aquele que é digno de ser amado**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

TAÏA, Abdellah. **Um país para morrer**. São Paulo: Editora Nós, 2021.

TERUYA, Marisa. **A família na historiografia brasileira**: bases e perspectivas teóricas. Revista Brasileira de Estudos de População / Associação Brasileira de Estudos Populacionais. – v. 32, n. 2 – Rio de Janeiro: Rebec, 2000. Disponível em: [A FAMÍLIA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA. BASES E PERSPECTIVAS TEÓRICAS | Teruya | Anais \(abep.org.br\)](https://www.abep.org.br/anais/2000/2/teruya) Acesso em: 08/05/2021.

THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VEYNE, Paul. **A homossexualidade em Roma**. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

VILLAS-BÔAS, Lúcia. **História, memória e representações sociais**: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. Cadernos de Pesquisa v.45 n, 156 p. 244-258 abr./jun. 2015, p. 248. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v45n156/1980-5314-cp-45-156-00244.pdf> Acesso em: 12/08/2020.

WEBER, Regina. **Fontes Cruzadas**. IX Encontro Estadual de História, promovido pela ANPUH/RS e realizado em julho de 2008 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/nph/arquivos/Regina%20Weber%20-%20Fontes%20Cruzadas.pdf> Acesso em 11/08/2020.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001.